

CATALISANDO PESQUISAS EM DIREITOS HUMANOS E JUVENTUDES SOB OLHARES DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Kessiane Goulart Silva
Mateus José dos Santos
(Org.)



**CATALISANDO PESQUISAS EM
DIREITOS HUMANOS E JUVENTUDES
SOB OLHARES DE ESTUDANTES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA**



**Secretaria de Estado de Educação
de Minas Gerais - SEE/MG**

Igor de Alvarenga Oliveira
Icassatti Rojas
Secretário de Estado de Educação

Fernanda de Siqueira Neves
Secretária de Estado Adjunta de Educação

Ana Costa Rego
Chefe de Gabinete

Kellen Silva Senra
*Subsecretária de Desenvolvimento
da Educação Básica*

Rosely Lúcia de Lima
Superintendente de Políticas Pedagógicas

Fabiana Benchetrit dos Santos
*Diretoria de Modalidades de Ensino e
Temáticas Especiais*

Rosália Aparecida Martins Diniz
*Coordenação de Temáticas Especiais e
Transversalidade Curricular*

Mara Letícia Carvalho de Souza Martins
Haline Cristina Ferreira Santos
Anne Caroline Ferreira Vaz
*Núcleo Gestor do Programa de Iniciação
Científica na Educação Básica (ICEB)*

**Universidade Estadual de
Montes Claros - Unimontes**

Wagner de Paulo Santiago
Reitor

Dalton Caldeira Rocha
Vice-Reitor

Ivana Ferrante Rebello
Pró-Reitora de Ensino

Rogério Othon Teixeira Alves
Pró-Reitor de Extensão

Maria das Dores Magalhães Veloso
Pró-Reitora de Pesquisa

Marlon Cristian Toledo Pereira
Pró-Reitor de Pós-Graduação

Cláudia Luciana Tolentino Santos
*Pró-Reitora de Planejamento, Gestão
e Finanças*

©Editora Unimontes

Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro
Editora Chefe

Conselho Editorial

Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
Ivana Ferrante Rebello
Leandro Luciano Silva Ravnjak
Luiz Henrique Carvalho Penido
Maria da Penha Brandim de Lima
Patrícia Takaki Neves
Tânia Marta Maia Fialho
Vanessa de Andrade Royo

Kessiane Goulart Silva
Mateus José dos Santos
(Org.)

Mara Letícia Carvalho de Souza Martins
Coordenadora da Coleção ICEB

CATALISANDO PESQUISAS EM DIREITOS HUMANOS E JUVENTUDES SOB OLHARES DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA



Montes Claros, 2025



EXPEDIENTE

Projeto gráfico e diagramação

Laura Silveira Fahel

Revisão linguística

Ana Cláudia Dias Rufino

Ângela Heloiza Benedito Buxton

Ana Márcia Ruas de Aquino

Impressão

Gráfica RB Flexo

Equipe Editorial

Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro

Ana Márcia Ruas de Aquino

Luana Pereira Santos

Simone Rosiane Corrêa Araújo

João Pedro Viveiros Ribeiro

Victor Hugo Alves Almeida

Andressa Suelen Gonçalves Figueiredo

Jônatas Lino Rodrigues

Maria Gabriela de Souza

C357 Catalisando pesquisas em direitos humanos e juventudes sob olhares de estudantes da educação básica [livro eletrônico] / Kessiane Goulart Silva, Mateus José dos Santos (org.). – Montes Claros, MG : Editora Unimontes, 2025. – (Coleção ICEB; 7 / coordenação Mara Letícia Carvalho de Souza Martins)
312 p. : il. ; E-book (PDF).

Vários autores.

Bibliografia.

Modo de acesso: world wide web

<http://www.editora.unimontes.br/index.php/ebook>

ISBN: 978-85-7739-737-2. (E-book).

1. Direitos humanos. 2. Educação em direitos humanos. 3. Pesquisa científica. I. Silva, Kessiane Goulart. II. Santos, Mateus José dos. III. Martins, Mara Letícia Carvalho de Souza. IV. Série.

CDD - 370.115

Elaborado por Biblioteca Central Professor Antônio Jorge / Roseli Damaso – CRB-6/1892

©Editora Unimontes

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

Montes Claros - Minas Gerais - Brasil, CEP 39401-089 - Caixa Postal 126.

www.editora.unimontes.br | editora@unimontes.br

Filiada à



VOLUMES DA COLEÇÃO ICEB

Volume 1: Africanidades confluentes na Educação Básica

Volume 2: Cultura, ancestralidade, tradições rurais e urbanas nas vivências de estudantes da Educação Básica

Volume 3: História e memória: o que as cidades têm a dizer sobre nós

Volume 4: As Minas são muitas: memória, patrimônio e cultura

Volume 5: Educação financeira, economias locais e mercado de trabalho: experiências da Educação Básica para a transformação social

Volume 6: Política e cidadania: vozes, experiências e reflexões das juventudes da Educação Básica mineira

Volume 7: Catalisando pesquisas em direitos humanos e juventudes sob olhares de estudantes da Educação Básica

Volume 8: Um convite para o diálogo: olhares de estudantes-pesquisadores sobre a diversidade

Volume 9: Vamos falar sobre saúde? Um olhar a partir de estudantes-pesquisadores da Educação Básica

Volume 10: Ciência e tecnologia da escola para a vida: caminhos da inovação e criatividade na Educação

Volume 11: Da escola para a vida: ciência e tecnologia em prol das comunidades e da sustentabilidade

Volume 12: Educação ambiental e mudança social: o enfrentamento à degradação do meio ambiente nas comunidades escolares de Minas Gerais

Volume 13: Gotas de mudança: um compromisso das escolas mineiras com o futuro hídrico

Volume 14: Raízes do futuro: experiências de sustentabilidade, conservação e tradição na Educação Básica

Volume 15: Caminhos para a sustentabilidade: experiências na Educação Básica em gestão de resíduos, reciclagem e inovação ambiental

Os textos que compõem os livros desta coleção derivam de ações pedagógicas e de atividades de pesquisas realizadas por estudantes e professores orientadores e tutores de escolas estaduais vinculados ao Programa de Iniciação Científica na Educação Básica do Estado de Minas Gerais. Seu conteúdo foi escrito de forma colaborativa entre os participantes, apresentando os resultados das atividades desenvolvidas sem refletir o ponto de vista do Estado de Minas, dos estudantes, dos professores envolvidos ou da Editora Unimontes, respeitadas as premissas para o desenvolvimento de pesquisas científicas. A reprodução é permitida para fins didáticos e informativos, com a devida indicação de autoria, sendo vedada qualquer utilização comercial ou com fins lucrativos.

PREFÁCIO

“A curiosidade é a primeira condição para a construção do conhecimento” (Fochi, 2021)¹. Com esse princípio em mente, ensinar torna-se um ato de empatia e inspiração, exigindo do professor a capacidade de despertar nos estudantes o prazer pela descoberta e o desenvolvimento do pensamento crítico e do questionamento ativo.

A melhor maneira de alcançar esses objetivos é através do *ensino por investigação*, uma metodologia que coloca os alunos como protagonistas de sua própria aprendizagem, aplicando métodos e práticas semelhantes às que os cientistas utilizam em suas pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento. É exatamente essa a proposta desta coleção: fomentar a curiosidade e abrir caminhos para uma educação baseada na pesquisa e na descoberta, divulgando atividades de pesquisas desenvolvidas por estudantes da Educação Básica de Minas Gerais.

Em *Ensino de Ciência por investigação*, Ana Maria P. de Carvalho (2013)² apresenta quatro etapas principais para o ensino investigativo: i) a delimitação de um problema para o início da construção do conhecimento; ii) a passagem da ação manipulativa para a ação intelectual na resolução do problema; iii) a tomada de consciência e iv) a construção de explicações. Nesse contexto,

1 FOCHI, P. S. A curiosidade, a intenção e a mão: o ethos lúdico do bebê. *Revista Humanidades e Inovação*, Palmas, v. 8, n. 68, p. 111-118, 2021.

2 CARVALHO, A. M. P. *Ensino de ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula*. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

o papel do professor é promover a interação dos alunos com os fenômenos, fatos e informações, permitindo que eles investiguem e levantem hipóteses, testando-as, e consigam concluir a investigação, chegando a constatações significativas que os levem a compreender, de forma aprofundada, o tema escolhido. Essa abordagem tira os alunos da passividade das aulas tradicionais e os coloca em busca de solucionar problemas, com auxílio do professor, ou dos professores, quando a abordagem adotada for interdisciplinar.

No ensino por investigação, o professor propõe e discute questões, ajudando seus estudantes no planejamento da pesquisa e na busca de evidências, bem como na elaboração de conexões entre estas e as explicações teóricas plausíveis, por meio de discussões. Para isso, os professores costumam elaborar sequências didáticas, que são atividades articuladas e ordenadas sobre um tema de interesse, ou vários, com a participação ativa dos alunos. Para ter sucesso, essa abordagem de ensino deve ter a participação ativa de todos os envolvidos, incluindo a escola e a família, valorizando os conhecimentos prévios dos alunos, entendendo suas dúvidas e utilizando conteúdos dinâmicos e interativos relacionados ao cotidiano.

O Programa de Iniciação Científica na Educação Básica (ICEB), criado pelo Governo do Estado de Minas Gerais, tem como objetivo intensificar o estudo e a reflexão sobre os Temas Contemporâneos Transversais, por meio da aplicação de metodologias científicas, possibilitando aos estudantes identificar e propor soluções para os problemas do seu contexto social, incentivando, apoiando, valorizando e dando visibilidade à produção e compartilhamento de conhecimentos e saberes, a partir da aplicação de metodologias que são empregadas na pesquisa científica. O ICEB busca levar para as escolas públicas uma experiência com a Iniciação Científica que já é desenvolvida nas universidades e centros de pesquisa do Brasil e do mundo, promovendo, dessa maneira, a formação científica de estudantes que ainda se encontram no Ensino Fundamental e Médio, desenvolvendo aptidões que eles poderão aplicar em diversas esferas da vida, incentivando, inclusive, a formação em nível superior.

Esta coleção de livros do ICEB é o exemplo do sucesso do Programa, que demonstra como o ensino por investigação pode trazer

vários resultados de extrema relevância para os estudantes, como o desenvolvimento de competências e habilidades de reflexão, resolução de problemas e construção de conhecimento; desenvolvimento de autonomia, senso crítico, questionamentos; desenvolvimento de responsabilidade, respeito às diferentes visões de mundo e cooperação. Além disso, nos livros, fica claro que o aluno aprende sobre ciência e como fazer ciência em todas as suas áreas. Com certeza, para os professores envolvidos, o Programa resultou em reflexões críticas sobre a sua própria prática pedagógica, estimulando o seu aprimoramento, proporcionando, ademais, novas experiências que estimulam sua continuidade com dedicação na docência, apesar dos desafios que se apresentam na atualidade.

O ICEB, aplicando o ensino investigativo em sala de aula, certamente atinge o resultado esperado e essencial do ensino para estudantes e professores, que é o de formar cidadãos informados e críticos, por meio do diálogo e da exposição de ideias entre toda a comunidade escolar, com impacto positivo para toda a sociedade, no que se refere ao desenvolvimento do respeito pelo pensamento divergente.

Esta coleção de livros reúne relatos de experiências bem-sucedidas que promovem a formação de indivíduos mais questionadores, reflexivos e com capacidade de enfrentamento de problemas do cotidiano. Estudantes, professores e toda a comunidade escolar envolvida nesses projetos tornam-se, por meio do ICEB, mais aptos a confrontar informações imprecisas amplamente difundidas e, ainda, se tornam agentes multiplicadores de conhecimento — construtores de uma sociedade brasileira mais consciente da importância do saber científico e dos saberes locais na tomada de decisões em diversas esferas da vida em sociedade.

Vida longa a programas como o ICEB, que valorizam o pensamento crítico e a construção de conhecimento em prol de uma sociedade mais justa e humana.

Viviane Alves Gouveia

ICB/UFMG



APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO ICEB

Esta coleção reúne um conjunto de 15 livros organizados a partir dos relatos de experiência produzidos no Programa de Iniciação Científica na Educação Básica, conhecido como ICEB, uma iniciativa da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG), que, desde 2017, integra a pesquisa científica no cotidiano escolar da educação básica.

O ICEB estimula a investigação científica nas escolas estaduais de Minas Gerais, envolvendo estudantes do Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA, sob a orientação de professores, formando Núcleos de Pesquisa. Esses núcleos exploram um dos dois eixos temáticos do programa: “Núcleos de Pesquisa e Estudos Africanos, Afro-Brasileiros e da Diáspora” (NUPEAAS) e “Territórios de Iniciação Científica” (TIC). O primeiro se constitui de espaços de fomento à educação para as relações étnico-raciais, abordando a história, cultura, produção científica e trajetória dos povos tradicionais, africanos e afro-brasileiros; o segundo, por sua vez, se relaciona a temas de interesse local e regional, correlacionados às diferentes áreas do conhecimento.

Ainda, os Núcleos de Pesquisa contam com o suporte e supervisão de professores tutores, professores efetivos da rede pública estadual

com formação *Stricto Sensu* que acompanham o desenvolvimento dos projetos, principalmente no aspecto da pesquisa e metodologia científica, oferecendo apoio aos professores orientadores, na condução e estruturação das pesquisas. De maneira indireta, os núcleos de pesquisa também contam com o apoio de professores curadores, também professores efetivos com formação *Stricto Sensu* que são responsáveis por organizar cursos de formação para os professores orientadores, assim como analisar os projetos sob o ponto de vista dos cuidados ao cumprimento das resoluções de Ética e Segurança em Pesquisa, indicando sugestões de melhorias e aprimoramento das pesquisas.

Nessa perspectiva, o ICEB busca oferecer um ambiente estimulante para que estudantes e professores possam explorar questões relevantes em seus territórios, criando possibilidades para que eles possam ser protagonistas na investigação e na busca de respostas em um processo crítico-reflexivo de (re)construção de conhecimento. Além de contribuir para o aprendizado acadêmico, o programa promove a valorização da ciência como ferramenta de transformação social, incentivando a inclusão de temas como diversidade cultural, sustentabilidade, direitos humanos e inovação. Assim, o programa fortalece a formação integral dos estudantes, preparando-os para serem cidadãos críticos e ativos, capazes de tomar decisões informadas e contribuir para o desenvolvimento sustentável da sociedade.

A coleção que ora apresentamos é composta por trabalhos desenvolvidos entre outubro de 2021 e dezembro de 2022, resultado de pesquisas conduzidas por estudantes e professores das 47 Superintendências Regionais de Ensino da SEE/MG. Cada volume explora e fomenta a curiosidade científica, a consciência social e ambiental, e a valorização cultural, oferecendo aos leitores uma rica diversidade de temas relevantes para a formação crítica e cidadã.

Os livros abrangem uma vasta gama de temáticas transversais, que vão desde a valorização das africanidades e a luta contra o racismo até a preservação do meio ambiente e a sustentabilidade. A coleção se inicia com o livro *Africanidades confluentes na Educação Básica*, apresentando a

história afro-brasileira no território mineiro, por meio de relatos científicos que abordam as suas culturas, identidades, resistências, memórias e tradições no processo de formação e identidade do povo brasileiro. Este volume é seguido por *Cultura, Ancestralidade, tradições rurais e urbanas nas vivências de estudantes da Educação Básica*, o qual promove uma imersão nas diversas manifestações culturais, religiosas, artísticas e comunitárias de raízes africanas e quilombolas no Brasil. Ambos os livros destacam a importância da preservação da memória, da identidade e da cultura como formas de resistência e valorização das heranças de nossos ancestrais.

Ainda na perspectiva de valorização da nossa história e identidade, os livros *História e memória: o que as cidades têm a dizer sobre nós* e *As Minas são muitas: memória, patrimônio e cultura* nos convidam a refletir sobre o legado histórico e as produções artísticas que moldam nossas comunidades em diversas localidades de Minas Gerais, destacando a importância da memória, da história e da preservação cultural. Ao mesmo tempo, eles trazem um convite à reflexão sobre como a história local, contada por seus próprios atores, pode enriquecer nossa compreensão crítica sobre o passado e nosso senso de pertencimento, bem como orientar políticas públicas voltadas à preservação do patrimônio cultural e ao desenvolvimento social.

Na sequência, temas relevantes, como a pobreza, a desigualdade social, os direitos humanos, a diversidade, e a inclusão também são abordados nesta coleção. Em *Educação financeira, economias locais e mercado de trabalho: experiências da Educação Básica para a transformação social*, reúne-se uma série de relatos que exploram as interseções entre educação, mercado de trabalho e desenvolvimento econômico em diferentes contextos de diversas localidades de Minas Gerais, convidando o leitor a uma compreensão prática de conceitos como educação financeira, empreendedorismo e sustentabilidade, oferecendo um panorama dos desafios e potencialidades enfrentados por diferentes regiões mineiras. Enquanto isso, o livro seguinte, *Política e cidadania: vozes, experiências e reflexões das juventudes da Educação Básica mineira*, nos proporciona um conjunto diversificado de experiências vivenciadas por estudantes mineiros da

educação básica voltados para a formação crítica, a cidadania e o direito à cidade, enfatizando o direito de todos ao acesso à cultura, ao lazer e a uma educação integral e de qualidade.

O exemplar *Catalisando pesquisas em direitos humanos e juventudes sob olhares de estudantes da Educação Básica* aborda relatos de experiência relacionados à educação em direitos humanos, ao engajamento social e aos impactos sociais da pandemia de Covid-19 na juventude, oportunizando uma visão ampla dos desafios enfrentados pelas juventudes e da importância de capacitá-las para serem protagonistas de suas próprias histórias e para construir uma sociedade mais justa e inclusiva. Ainda nessa vertente, a obra *Um convite para o diálogo: olhares de estudantes-pesquisadores sobre a diversidade*, nos oferece uma reflexão sobre como a educação pode ser um espaço de inclusão, empoderamento, respeito à diversidade e transformação social, abordando questões fundamentais que impactam diretamente a vida dos estudantes da educação básica e suas comunidades.

Continuando o percurso pela coleção, apresentamos obras que se destacam por abordar temas relacionados à ciência, à tecnologia, à saúde, ao meio ambiente e nossa responsabilidade socioambiental para com o desenvolvimento de nossa sociedade. O volume *Vamos falar de saúde? Um olhar a partir de pesquisadores estudantes da educação básica* reúne uma coleção de relatos que debatem os impactos da pandemia de Covid-19, os saberes científicos e tradicionais no cuidado com a saúde, bem como reflexões importantes sobre saúde mental e pública no ambiente escolar.

Os próximos dois livros são dedicados à ciência e à tecnologia, destacando a importância dessas áreas para o progresso da nossa sociedade e a atuação dos nossos estudantes pesquisadores como inovadores, adaptando-se diante dos desafios do mundo contemporâneo. Assim, o livro *Ciência e tecnologia da escola para a vida: caminhos da inovação e criatividade na Educação* é focado em relatos de experiências nas áreas das tecnologias digitais de informação e comunicação, gamificação e cultura maker. Nele encontramos trabalhos que discutem sobre os impactos educacionais

permeados por plataformas digitais, modelagem matemática e programação, sobre a gamificação como ferramenta pedagógica para o ensino-aprendizagem, sensibilização ambiental e para a redução da evasão escolar e sobre a inserção da cultura maker nas escolas, com criação de Fab Labs, biomateriais e uso da robótica. Já o volume *Da escola para a vida: ciência e tecnologia em prol das comunidades e da sustentabilidade* destaca trabalhos que relacionam ciência, tecnologia, sociedade e ambiente, apresentando relatos inovadores desenvolvidos pelos estudantes que buscam aproximar o conhecimento acadêmico-científico à vida cotidiana da sociedade, buscando contribuir para o desenvolvimento sustentável e o bem-estar social. Além disso, essas pesquisas se debruçam sobre a relação entre a ciência e dilemas éticos e sociais do nosso tempo e iniciativas que buscam investigar e melhorar as experiências de aprendizagem nas escolas, reforçando a importância da iniciação científica na trajetória estudantil.

A coleção avança para os últimos quatro livros, que apresentam relatos de experiência da educação básica versados na temática de meio ambiente e sustentabilidade socioambiental, destacando iniciativas para a preservação e melhoria da qualidade de vida nos ecossistemas.

O volume *Educação ambiental e mudança social: o enfrentamento à degradação do meio ambiente nas comunidades escolares de Minas Gerais* é focado em registros de experiências em ações de sensibilização e preservação ambiental, envolvendo uma variedade de temas relacionados à sustentabilidade e à biologia da conservação, como a Educação Ambiental, a implementação de hortas comunitárias, agricultura sustentável, a preservação e recuperação de áreas degradadas, a mineração responsável, a gestão dos recursos hídricos e os efeitos das atividades humanas no meio ambiente. A obra *Gotas de mudança: um compromisso das escolas mineiras com o futuro hídrico* reúne uma coleção de pesquisas relacionadas a soluções sustentáveis para resolver problemas de consumo e abastecimento de água potável, além de abordar a democratização da energia fotovoltaica e a educação ambiental como formas de preservação dos recursos naturais.

Em *Raízes do futuro: experiências de sustentabilidade, conservação e tradição na Educação Básica*, os relatos exploram experiências sustentáveis de valorização da biodiversidade local de comunidades mineiras e a conexão entre os saberes tradicionais e científicos, oferecendo-nos um rico conhecimento sobre o uso de plantas, a conservação da fauna e flora e a responsabilidade socioambiental. O exemplar é seguido por *Caminhos para a sustentabilidade: experiências na Educação Básica em gestão de resíduos, reciclagem e inovação ambiental*, que aborda uma coletânea estimulante de iniciativas de estudantes da educação básica para gestão de resíduos, reciclagem e inovação na construção de biodigestores para utilização de energias renováveis e o desenvolvimento de jogos e gincanas educativas, visando sensibilizar as comunidades escolares sobre o impacto dos resíduos no meio ambiente.

Assim, finalizamos a apresentação de nossa coleção, que aborda temas relevantes para a formação integral do ser humano, incentivando a reflexão sobre questões contemporâneas e históricas que permeiam nossa sociedade. Cada volume aqui exposto foi cuidadosamente organizado para não apenas apresentar o conhecimento científico de forma acessível, mas também mostrar esse saber contextualizado em realidades diversas, a partir dos olhares dos estudantes da educação básica mineira, proporcionando-nos um panorama crítico do mundo contemporâneo e refletindo a diversidade e a riqueza dos conhecimentos produzidos nas escolas estaduais de Minas Gerais. Esperamos que os trabalhos divulgados possam inspirar você, leitor, a atuar ativamente para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e sustentável.

Boa leitura!

Mara Letícia Carvalho de Souza Martins

Coordenadora da Coleção ICEB



APRESENTAÇÃO DO VOLUME 7

Com grande satisfação, apresentamos o livro *Catalisando pesquisas em direitos humanos e juventudes sob olhares de estudantes da Educação Básica*. Esta obra reúne uma coletânea de estudos e reflexões elaborados por estudantes de diversas escolas estaduais de Minas Gerais, que exploram a intersecção entre os direitos humanos e a vivência da juventude.

Na parte 1, intitulada “Educação em Direitos Humanos e Juventudes”, os capítulos discutem as problemáticas que afetam os jovens em diferentes contextos. Um estudo, por exemplo, revela as dificuldades enfrentadas pelos jovens de Taiobeiras/MG, enquanto outro analisa os direitos humanos na periferia sob a perspectiva de Norberto Bobbio. Além disso, são abordados temas contemporâneos, como alfabetização midiática, evasão escolar e realidades enfrentadas por adolescentes em diversas localidades.

A parte 2 enfoca o engajamento social e o protagonismo juvenil. Os textos exploram como os jovens, mesmo diante dos desafios impostos pela pandemia, buscam formas de se reaproximar, desenvolver habilidades e construir identidades. Aborda-se, por exemplo, o papel dos clubes de protagonismo na reaproximação dos alunos e a importância do diálogo na gestão de conflitos, destacando experiências enriquecedoras.

Na parte 3, analisam-se os impactos sociais da pandemia nos contextos educativos. Essa seção discute as consequências da pandemia na vida escolar dos jovens sob diferentes perspectivas, incluindo o isolamento social e a construção de projetos de vida que contemplem o empreendedorismo social. As reflexões apresentadas são fundamentais para compreendermos como a crise sanitária afetou a educação e a socialização dos jovens.

Este livro não apenas documenta as pesquisas realizadas pelos alunos, mas explicita a capacidade da juventude de refletir, questionar e buscar soluções para os desafios que enfrentam. Esperamos que esta obra inspire educadores, estudantes e toda a sociedade a valorizar e apoiar a voz dos jovens na construção de um futuro mais justo e equitativo.

Desejamos uma boa leitura!

Kessiane Goulart Silva
Mateus José dos Santos
Organizadores

SUMÁRIO

PARTE 1

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E JUVENTUDES

26 Os problemas que impactam as juventudes da cidade de Taiobeiras/MG: perspectivas dos estudantes da E. E. Oswaldo Lucas Mendes
Escola Estadual Oswaldo Lucas Mendes – SRE Araçuaí

34 Direitos humanos como base da democracia: um estudo sobre direitos e violações na periferia, sob a perspectiva de Norberto Bobbio
Escola Estadual Monsenhor Gustavo – SRE Montes Claros

50 Estudo sobre alfabetização midiática informacional e combate a fake news com nativos digitais
Escola Estadual Doutor José Marques de Oliveira – SRE Pouso Alegre

60 A escola a partir da perspectiva do aluno
Escola Estadual Lourdes de Carvalho – SRE Uberlândia

74 Persistir ou desistir? o problema da evasão escolar entre os jovens da “Menorzinha do Brasil”
Escola Estadual Amélia Passos – SRE São João del-Rei

90 Juventude em construção: refletir para crescer
Escola Estadual Parque São Jorge – SRE Uberlândia

100 Violência: quando a vítima é o educando
Escola Estadual Maurilo de Jesus Peixoto – SRE Sete Lagoas

108 O perfil dos estudantes do Ensino Médio em Almenara/MG: relato de uma vivência científica
Escola Estadual Laudelina Dias Lacerda – SRE Almenara

122 Engajamento e diversidade: um projeto de pesquisa e intervenção na realidade pós-pandêmica, na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida
Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida – SRE Poços de Caldas

136 As juventudes de Illicínea/MG: identidade, expressão, estilo de vida e acesso às manifestações culturais e esportivas na comunidade
Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida – SRE Varginha

PARTE 2

ENGAJAMENTO SOCIAL E PROTAGONISMO JUVENIL

152 Reflexões sobre os desafios do jovem em conciliar trabalho e estudos

*Escola Estadual Miguel José da Cunha
– SRE Janaúba*

164 Os clubes de protagonismo juvenil enquanto espaços para a reaproximação dos alunos entre si e com o ambiente escolar no período de pandemia e pós-pandemia

Escola Estadual Professor Arlindo Pereira – SRE Poços de Caldas

178 Coletivo raízes: ação social e (re)construção de territórios e identidades

Escola Estadual Doutor Antônio Batista do Nascimento – SRE Barbacena

186 Protagonismo juvenil: um estudo da perspectiva do jovem sobre a sua condição de agente

*Escola Estadual Professor Gastão Valle
– SRE Montes Claros*

202 O protagonismo juvenil em diferentes habilidades socioemocionais e discursivas nos gêneros textuais

*Escola Estadual Francisco Bernardino
– SRE Juiz de Fora*

216 Slam na escola: protagonismo e representatividade

Escola Estadual Cônego Braga – SRE Ouro Preto

228 A importância do diálogo na gestão de conflitos dentro do contexto escolar

Escola Estadual Cristiano de Souza – SRE Campo Belo

240 Redescobrimdo o aluno como sujeito de sua história na comunidade escolar

*Escola Estadual Pedro Inacio Nogueira
– SRE Carangola*

PARTE 3

IMPACTOS SOCIAIS DA PANDEMIA NOS CONTEXTOS EDUCATIVOS

254 Mensurando para transformar: produção de dados sobre o agravamento da crise sanitária no contexto social dos jovens do 9º, 1º e 2º ano da E. E. Padre Joãozinho

Escola Estadual Padre Joãozinho – SRE Ubá

266 Os impactos causados na vida escolar dos(as) alunos(as) do Ensino Médio durante o período da pandemia pela Covid-19

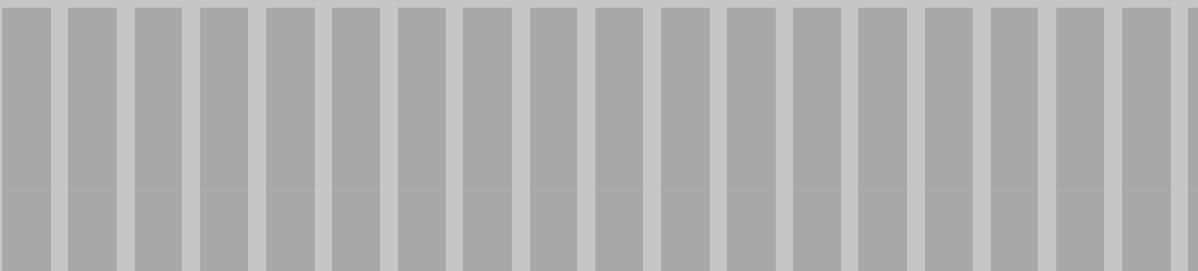
Escola Estadual Deiró Eunápio Borges – SRE Patos de Minas

276 Isolamento social e juventude: consequências e sentimentos em relação à escola

Escola Estadual Pedro de Alcântara – SRE Varginha

PARTE 1

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E JUVENTUDES



OS PROBLEMAS QUE IMPACTAM AS JUVENTUDES DA CIDADE DE TAIOBEIRAS/MG: PERSPECTIVAS DOS ESTUDANTES DA ESCOLA ESTADUAL OSWALDO LUCAS MENDES

Ana Júlia Silvério Pereira Santana¹, Célia Maria Pereira¹, Emanuelle Cristine Alves Santos¹, Felipe dos Santos¹, Gabriely Barbosa de Oliveira¹, Larissa Moreira Mendes¹, Madely Eduarda Silva Andrade¹, Natasha Gabriely Barbosa de Oliveira¹, Paulo Vitor Sousa Martins¹, Victoria Caroline Mendes de Jesus¹, Kenio Anderson Xavier Sena², Samira Xavier Machado³

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe estudar as juventudes diante dos contextos que intensificam os problemas sociais, como os vários tipos de violência, o desemprego e a precarização do trabalho; e as questões de saúde mental, refletindo problemas como a depressão e a falta de perspectiva de vida. Tendo em vista que são temas amplos e complexos, focalizamos nossas análises nas questões de saúde mental e alguns problemas sociais que

1 Escola Estadual Oswaldo Lucas Mendes (Taiobeiras/MG).

2 Orientador, Escola Estadual Oswaldo Lucas Mendes (Taiobeiras/MG), kenio.sena@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Doutor Agostinho da Silva Silveira (Minas Novas/MG), samira.xavier@educacao.mg.gov.br.

impactam as juventudes. Desse modo, a presente pesquisa objetivou investigar na literatura científica quais são os problemas sociais e os relacionados à saúde mental que impactam as juventudes, com recorte entre adolescentes de 12 e 19 anos. Este trabalho se constitui como uma revisão da literatura, de caráter descritivo, no qual identificamos, selecionamos, analisamos e avaliamos três trabalhos publicados entre 2005 e 2021 sobre a referida temática.

Quando fomos chamados para participar do projeto de Iniciação Científica na Educação Básica, não fazíamos a mínima ideia de onde começaríamos, e tivemos no início dificuldades para nos encontrarmos em meio a tantas pesquisas. Primeiro, fomos orientados a pesquisar na internet e em livros várias informações sobre o tema, o suficiente para nos direcionar um caminho. Portanto, cada um de nós buscou informações e pesquisas sobre o tema supracitado, inclusive sobre a responsabilidade do Estado e o papel da escola em proporcionar um ambiente acolhedor para os adolescentes.

Este projeto de pesquisa buscou atingir principalmente as juventudes entre 15 e 19 anos (adolescentes e jovens) do município de Taiobeiras/MG, observando os desafios e as perspectivas deste grupo. Mas, é importante compreender, que analisar este público específico não é limitar o público atingido. O projeto visou estudar pesquisas sobre as juventudes, entendendo a necessidade de leituras que foquem as diferenças e as diversidades desse público, para maior reflexão da realidade social do mundo em que vivemos. Pelo nosso olhar, enquanto adolescentes pesquisadores e pesquisados, o estudo compreende a perspectiva dos estudantes da Escola Estadual Oswaldo Lucas Mendes, sendo esta, a única escola de Ensino Médio gratuito de Taiobeiras/MG.

Taiobeiras é um dos 853 municípios do estado de Minas Gerais, está localizada na mesorregião Norte de Minas. Com base no último censo do IBGE⁴ possui, aproximadamente, 30 mil habitantes e seu IDHM⁵ é de

4 IBGE - Instituto de Geografia e Estatística - Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/taiobeiras/panorama>. Acesso em: 19 nov. 2022.

5 IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/taiobeiras/pesquisa/37/30255?tipo=ranking>. Acesso em: 19 nov. 2022.

0,670. Entre os problemas sociais e os relacionados à saúde mental que impactam as juventudes em nossa cidade podemos citar: precoce inserção no mercado de trabalho, desigualdade, preconceito, insegurança, depressão, transtornos alimentares, *bullying* digital e uso de bebidas alcoólicas para enfrentar essa realidade.

Há aqueles que definem que ser jovem é algo fácil, contudo, em muitas das vezes, não sabem como ajudar uma pessoa que sofre com transtornos psicossociais por se sentirem excluídos ou menosprezados pelos colegas de aula ou no ambiente de trabalho. Reconhecemos que essas diversas realidades impactam diretamente na aprendizagem e comprometem a comunicação e o comportamento, consequentemente interferem nas habilidades de interpretação da própria relação social, afetando também o comportamento emocional.

Durante nosso trabalho, identificamos e reconhecemos que muitas das vezes a exclusão acontece de forma indireta, como a falta de amparo do próprio município para desenvolver políticas públicas direcionadas a amenizar os problemas que impactam as juventudes. Ao pesquisarmos, identificamos que nossas experiências e convívio social com adolescentes ao nosso redor nos possibilitou uma maior aproximação com os temas analisados, assim, nos sentimos mais seguros para lidar e acolher as pessoas que estejam enfrentando algum dos problemas listados.

Ressaltamos ainda que é fundamental a busca de avaliação e acompanhamento profissional e psicológico. Observamos que muitos adolescentes apresentam resistência ao falar sobre os problemas vivenciados, por medo de julgamentos preconceituosos ou mesmo repressão.

2 DESENVOLVIMENTO

Para a realização do presente trabalho, foram selecionados três artigos publicados entre os anos de 2005 e 2021, organizados na Tabela 1 de forma breve com ênfase nos resultados obtidos.

Tabela 1: Síntese dos artigos científicos

Ano	Autores(as)	Título	Considerações finais
2005	Afonso, Carlos Manuel Peixoto.	Inclusão e mercado de trabalho - Papel da escola na transição para a vida adulta de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE)	Essa pesquisa reflete o essencial papel que a escola desempenha no acompanhamento escolar e na inserção de adolescentes com NEE no mercado de trabalho, bem como em suas relações sociais. Promovendo estratégias diferenciadas que atendam os aspectos específicos e fundamentais a um bom desenvolvimento pessoal e social. A escola deve preocupar-se em desenvolver estratégias que ultrapassem a diferenciação curricular e que se comprometa com o desenvolvimento de habilidades fundamentais à vida diária, oferecendo uma formação que amplie os horizontes e que sirva de base para consolidação de futuros adultos com NEE economicamente ativos, competências fundamentais e que respondam às expectativas da vida e atendam às exigências sociais e de comunicação.
2012	Tognetta, Luciene Regina Paulino; Bozza, Thais Cristina Leite.	<i>Cyberbullying</i> : um estudo sobre a incidência do desrespeito no ciberespaço e suas relações com as representações que os adolescentes têm de si	Esse estudo foca as análises em casos de <i>cyberbullying</i> que, embora aconteçam fora do ambiente escolar, repercutem e refletem no cotidiano escolar. O <i>cyberbullying</i> constitui uma nova realidade de violências.
2014	Oliveira, Rafael Alves de; Ferreira, Maria da Luz Alves.	Os caminhos de ida são mais desejados que os caminhos de retorno: um estudo de caso sobre migração dos jovens de Taiobeiras/MG	Esse estudo, focado na realidade social dos jovens de Taiobeiras, identifica o processo migratório como alternativa na busca de melhores condições de vida. Sendo assim, os jovens tendem a buscar oportunidades longe de seu lugar de origem. Nesse percurso, foram levantadas as dificuldades encontradas tanto para se manterem em outras cidades quanto os obstáculos relacionados ao retorno, uma vez que, com melhor formação e capacitação, não encontram espaço de atuação em Taiobeiras.

Fonte: Elaborado pelos autores

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo apresentado por Afonso (2005) permitiu uma reflexão sobre a essencial importância da Escola Estadual Oswaldo Lucas Mendes na construção de uma sociedade mais inclusiva e socialmente justa. Sendo essa escola a única de Ensino Médio gratuito de Taiobeiras, ela contribui de maneira significativa e expressiva para a formação socioeconômica do nosso município. Uma preocupação que deve centralizar-se na ampliação de horizontes e possibilidades para todos.

Já o segundo estudo selecionado, de Tognetta e Bozza (2012) contribuiu para nossas reflexões sobre as novas formas de violência e desrespeito que impactam o cotidiano escolar. Como mencionado pelos autores, o *cyberbullying* acontece fora do espaço escolar, mas impacta diretamente o convívio social na escola, uma vez que os adolescentes estão inseridos nesse contexto.

O último estudo selecionado (Oliveira; Ferreira, 2014), focaliza suas análises na realidade social dos jovens de Taiobeiras, identificando o processo migratório como um problema social de impacto significativo, provocado pela busca por melhores condições de vida e oportunidades educacionais. Nesse percurso, foram levantadas as dificuldades encontradas tanto para se manterem em outras cidades quanto os obstáculos relacionados ao retorno, uma vez que, com melhor formação e capacitação, não se encontram oportunidades de emprego em Taiobeiras.

Tal realidade nos permitiu refletir sobre nossas perspectivas futuras, uma vez que ambos os caminhos apresentam obstáculos sociais, nos quais demandam um amadurecimento psicológico e um olhar sensível do estado para promover políticas públicas direcionadas a essa realidade.

Com base nessa pesquisa, foi de fácil percepção que os adolescentes taiobeirenses necessitam de um acompanhamento psicológico para buscarem soluções e apoio para suas dificuldades. Foi possível observar, também, que é de suma importância que o poder público juntamente às escolas e à comunidade social promova encontros dialógicos, onde os

problemas sociais e os relacionados à saúde mental sejam abordados, considerando as perspectivas da nossa juventude, criando oportunidades para todos se manifestarem sem julgamentos ou repressão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos com nossa pesquisa que é central o trabalho desenvolvido na Escola Estadual Oswaldo Lucas Mendes, com iniciativas educacionais que proporcionem apoio e novos horizontes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais acolhedora. Os adolescentes precisam dessas pesquisas para melhor conhecer e lidar com o período da juventude, “racionalizando” experiências, vivências, sonhos e medos que circundam essa fase da vida sem perder o olhar empático sobre a própria vida, afinal, durante a fase de adolescência, cada um dos jovens estão vivenciando uma metamorfose.

Para amenizar os problemas identificados, compreendemos a necessidade de ampliação do edital SEE nº 2, de 19 de janeiro de 2022, que promoveu a contratação de psicólogos e assistentes sociais para atuarem nas escolas públicas de Minas Gerais. Reconhecemos a importância da iniciativa, sendo necessário pontuar que o programa ainda não alcança em totalidade todas as demandas observadas nas escolas.

REFERÊNCIAS

AFONSO, C. Inclusão e mercado de trabalho: papel da escola na transição para a vida adulta de alunos com NEE. *Saber (e)Educar*, Porto, n. 10, p. 53-66, 2005. Disponível em: <http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/720>. Acesso em: 14 dez. 2024.

OLIVEIRA, R. A.; FERREIRA, M. L. A. Os caminhos de ida são mais desejados que os caminhos de retorno: um estudo de caso sobre migração dos jovens de Taiobeiras-MG. *IV Congresso em Desenvolvimento Social*, Unimontes, 2014.

TOGNETTA, L. R. P.; BOZZA, T. C. L. Cyberbullying: um estudo sobre a incidência do desrespeito no ciberespaço e suas relações com as representações que adolescentes têm de si. *Nuances: estudos sobre educação*, v. 23, n. 24, p. 162-178, 2012. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nuances/article/view/1896>. Acesso em: 14 dez. 2024.

DIREITOS HUMANOS COMO BASE DA DEMOCRACIA: UM ESTUDO SOBRE DIREITOS E VIOLAÇÕES NA PERIFERIA, SOB A PERSPECTIVA DE NORBERTO BOBBIO

Andressa Caroline Nascimento Pereira¹, Gustavo Manoel Lopes Rodrigues¹, Nayara Gabrielle Alves Mendes¹, Rosana Soares Peres¹, Matheus Rodrigues de Moura², Gabriel do Nascimento Vieira³

1 INTRODUÇÃO

Noções como direitos humanos e democracia são noções básicas da nossa configuração política atual, e, mesmo assim, parecem ser negligenciadas por grande parte das pessoas, por vezes até por parte de pessoas do poder público. Discursos demagógicos dos mais variados tipos são evocados para dar soluções simplistas para problemas complexos que se desdobram por vários anos, quem sabe até séculos.

Nossa pesquisa, que foi alicerçada sobre alguns conceitos e noções propostas por pesquisadores da Filosofia do Direito, que

1 Escola Estadual Monsenhor Gustavo (Montes Claros/MG).

2 Orientador, Escola Estadual Monsenhor Gustavo (Montes Claros/MG), matheus.moura@educacao.mg.gov.br.

3 Tutor, Escola Estadual Levi Durães Peres Montes Claros/MG), gabriel.vieira@educacao.mg.gov.br.

circundam a teoria proposta por Norberto Bobbio, faz uma distinção entre democracia formal e substancial, abrindo espaço para a introdução da ideia de direitos humanos como porta de acesso a uma sociedade efetivamente democrática. Tendo em vista a demanda por explicações mais elaboradas e que possam proporcionar respostas satisfatórias, que evoquem o pensamento crítico, foram realizadas algumas atividades que destacamos na sequência deste relato.

Objetivamos com este trabalho realizar um estudo sobre a relação dos direitos humanos e a democracia. A partir desse objetivo geral, podemos elencar mais três objetivos específicos, dois de caráter puramente teórico e o último de âmbito prático: 1. Conceituar democracia e direitos humanos através de estudos filosóficos e historiográficos. 2. Explicar os conceitos de democracia (formal e substancial) e direitos humanos (e as suas “gerações”), sob a perspectiva do jurista italiano Norberto Bobbio. 3. Identificar, através de pesquisa na comunidade, situações em que a democracia se mostra como apenas formal, bem como situações em que os direitos humanos sejam violados.

2 DESENVOLVIMENTO

Procedimentos metodológicos

O presente relato de experiência corresponde ao período em que foram realizadas as atividades do Núcleo de Pesquisa da Escola Estadual Monsenhor Gustavo, pelo Programa de Iniciação Científica na Educação Básica (ICEB). O Núcleo de Pesquisa foi formado em 2021, sendo possibilitado pelo edital nº 09/2021 da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE-MG). Sendo assim, o núcleo iniciou suas atividades em outubro de 2021, estendendo sua atuação a todo o ano de 2022.

O núcleo de pesquisa é constituído de alunos da Escola Estadual Monsenhor Gustavo. A escola se localiza no bairro Santo Inácio, atendendo também a bairros vizinhos, predominantemente periféricos, como Santo

Amaro, Maria Cândida, Vila Telma e Cristo Rei. A escola se situa na cidade de Montes Claros, sexta maior cidade do estado de Minas Gerais, mas também marcada pela desigualdade social.

O trabalho, aqui apresentado, descreve a trajetória do núcleo que, apesar de perdas significativas, permaneceu até o final com um menor número de integrantes. Com o objetivo de prosseguir com a pesquisa e aprender juntos, tutor, orientador e discentes se empenharam na realização do projeto.

Este trabalho se divide em duas partes: a parte metodológica, em que foram passadas, aos estudantes, noções de metodologia científica; e a parte voltada à Filosofia do Direito, em que os alunos puderam ter acesso à evolução de noções, como direitos humanos e democracia. As noções supracitadas foram transmitidas aos alunos por meio de cinco aulas semanais, que se dividiram em três aulas presenciais e duas remotas, nas quais os alunos que tinham condições de estarem presentes fisicamente na escola se encontravam com o professor no laboratório de práticas da escola ou na sala de vídeo, a depender da necessidade. Os que não podiam estar presentes fisicamente participavam virtualmente, através do aplicativo *Google Meet*. Essa divisão de horários foi obtida através do consenso entre os alunos e o professor-orientador, nas primeiras reuniões.

Durante as reuniões, foram trabalhados e discutidos textos relacionados à Filosofia do Direito, em sua maioria artigos científicos, todos voltados à temática dos direitos humanos e da democracia. Esses artigos serviram de bibliografia secundária e possibilitaram um melhor entendimento da bibliografia primária. O eixo central do trabalho foi a noção de direitos humanos apresentada por Norberto Bobbio em *A era dos direitos* (2004) e a definição de democracia dada pelo mesmo autor em seu *Dicionário de política* (1998).

Nossa pesquisa foi produzida através do *método de abordagem dialético*.⁴ Segundo Lakatos e Marconi (2003), em *Fundamentos da*

4 Cf. Lakatos e Marconi, 1991, p. 106.

Metodologia Científica, o método em questão se expressa por quatro regras, a saber: a) ação recíproca, unidade polar ou “tudo se relaciona”; b) mudança dialética, negação da negação ou “tudo se transforma”; c) passagem da quantidade à qualidade ou “mudança qualitativa”; d) interpenetração dos contrários, contradição ou “luta dos contrários”.

O método de abordagem dialético foi empregado por ser o mais indicado para as análises sociais, principalmente as que se relacionam com as contradições sociais do nosso tempo, como é o caso da desigualdade social. O método consiste em fazer uma análise abrangente em que os aspectos do fenômeno ou realidade analisados se inter-relacionam, produzindo mudanças que chamamos de “luta dos contrários”.

Como procedimento metodológico, foram empregados dois métodos diferentes para dois momentos diferentes da pesquisa. Nos dois primeiros capítulos, que tratam de conceituação, história e evolução das noções de direitos humanos, foi utilizado o *método histórico*; que leva em consideração a gênese dos termos, conceitos e noções através de seu desenrolar na história, tendo como base a ideia de que estes surgiram e foram se transformando ao longo do tempo. Segundo Lakatos e Marconi (2003):

Partindo do princípio de que as atuais formas de vida social, as instituições e os costumes têm origem no passado, é importante pesquisar suas raízes, para compreender sua natureza e função. Assim o método consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época (Lakatos; Marconi, 2003, p. 106-107).

No terceiro capítulo, que trata do levantamento de dados sobre a efetivação dos direitos humanos, procedemos conforme o *método estatístico*; que se caracteriza por:

(...) fornecer uma descrição quantitativa da sociedade, considerada como um todo organizado. Por exemplo, definem-se e delimitam-se as classes sociais, especificando as características dos membros dessas classes, e após, mede-se a sua importância ou a variação, ou qualquer outro atributo quantificável que contribua para o seu melhor entendimento (Lakatos; Marconi, 2003, p. 108-109).

As técnicas de pesquisa utilizadas se diferem nos dois momentos da pesquisa. Na parte predominantemente teórica, foi realizada pesquisa bibliográfica. Esse tipo de pesquisa consiste na consulta de “fontes secundárias, abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico e etc.” (Lakatos; Marconi, 2003, p. 183).

Na parte empírica, predominaram técnicas de observação direta extensiva. “A observação direta extensiva realiza-se através do formulário, de medidas de opinião e atitudes e técnicas mercadológicas” (Lakatos; Marconi, 2003, p. 201). Mais especificamente, a observação direta se dá por meio de um questionário aplicado a um quantitativo de 100 alunos. “Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (Lakatos; Marconi, 2003, p. 201). O questionário foi construído a partir de três tipos de perguntas: perguntas de fato, perguntas de ação e perguntas de opinião.⁵

A parte da pesquisa, feita por meio de observação direta extensiva, pôde ser feita com agilidade por ter se apresentado na forma de um questionário aplicado pelo *Google Forms*. Por se tratar de perguntas pessoais, o questionário foi respondido de forma anônima, a fim de preservar o caráter ético da pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nas discussões sobre filosofia política, surgiu a dúvida, bastante recorrente em qualquer discussão do gênero: Será o Brasil um país democrático? Tentando responder a essa pergunta, nosso núcleo retornou ao material básico, o qual consultamos com frequência. Fizemos resumos, atividades

⁵ Cf. Lakatos e Marconi, 2003, p. 208-209.

e leituras do nosso livro didático, e nos deparamos com um controverso “sim e não”. Buscando entender a natureza paradoxal dessa resposta, analisamos ainda mais a fundo. Saindo do material didático e explorando bibliografias primárias sobre o tema, encontramos o filósofo base para o entendimento desta pesquisa, o jurista italiano Norberto Bobbio.

Obviamente, tivemos que traçar um percurso de ziguezague entre a bibliografia primária e secundária, visitando textos de autores, como Celso Lafer (1998), mas, também de Giuseppe Tosi (2016), Roberto Bueno Pinto (2010), Paulo Bonavides (2000) e Lilith Abrantes Belinho (2017). Nesse caminho, conseguimos compreender que o problema central que merecia a nossa atenção não era como responder um “sim e não” à pergunta, mas como seria possível que houvesse sim e não, o que produziria essa diferença, e como fazer com que a nossa sociedade se encaminhasse para muito mais próxima do sim do que do não. Assim, surgiu a hipótese de que a democracia só se realiza, substancialmente, na medida em que se fundamenta nos direitos humanos; fora isso, o que temos são apenas “leis que não pegam”, ou seja, texto jurídico “para inglês ver”.

O que relatamos, a seguir, são apenas tentativas de responder às questões que foram levantadas ao longo da pesquisa.

O que são democracia e direitos humanos?

A democracia surgiu na Grécia antiga de forma bem diferente do que temos hoje. Segundo a etimologia, a palavra democracia deriva dos radicais gregos *Demos* e *Kratos*, que significa poder do povo. Na sua versão grega, a democracia era direta, pois possuía um grau de participação direta maior do que a que temos hoje. Mas, nem por isso, deixaria de ter problemas. Todos os cidadãos podiam votar, mas nem todos os indivíduos naquela época eram considerados cidadãos.

Na Atenas clássica, povo designava apenas os nobres, com exclusão das mulheres, dos gentios e dos povos dominados, o que revela um governo aristocrático, desvinculado da ideia que expressa: o governo pertence ao povo (Guasque, 2020, p. 131).

Atualmente, a democracia é representativa e se estende a todos, mas de maneira indireta. Os ideais de isonomia e isegoria, valores fonte da democracia ateniense, não são interpretados da mesma forma. Temos candidatos que são eleitos para que tenhamos voz no parlamento e nos cargos do executivo. De qualquer forma, seguimos a constatação de Bobbio (1987) de que a democracia perfeita não existe, o que existe são tentativas de produzi-la. Essas tentativas, por sua vez, só existem na medida em que se afirmam os direitos mais básicos das pessoas; direitos que deveriam ser observados sob a ótica da razão e pertencer a todas as pessoas humanas. Nesse sentido, não existe democracia sem direitos humanos.

Segundo Belinho (2017), os direitos humanos nascem nas primeiras legislações como direitos do homem. Depois passam a ser chamados de direitos fundamentais e podem ser chamados, também, de direitos humanos. As mudanças de nomenclatura, portanto, se devem, no primeiro caso, pela confusão de gênero provocada pela expressão “direitos do homem”. No segundo caso, direitos fundamentais se referem aos direitos referentes à pessoa humana, já positivados nas constituições. E, no terceiro caso, se referem a uma diretriz mais abstrata que serve de base para a positivação dos direitos fundamentais, mas, que figura no âmbito do direito internacional,⁶ como *soft law*.⁷

Segundo Norberto Bobbio, “os direitos humanos nascem como direitos naturais universais, desenvolvem-se como direitos positivos particulares (quando cada Constituição incorpora Declaração de Direitos) para finalmente encontrar a plena realização como direitos positivos universais” (Bobbio, 2004, p. 30 *apud* Belinho, 2017, p. 9).

Os direitos humanos que já vinham sendo teorizados nas filosofias (como a kantiana, que defendia a liberdade e a maioria da humanidade através da racionalidade), encontram um ponto-chave na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789), produto da Revolução Francesa e

6 Cf. Belinho, 2017, p. 9.

7 Diretrizes, declarações e acordos que não figuram como lei, mas podem vir a se tornar lei.

do liberalismo que contrapunha a postura arbitrária do Estado, representada pelo absolutismo francês. Essa declaração defendia, em dezessete artigos, a liberdade do homem, o direito à vida e à propriedade.

Séculos mais tarde, diante das atrocidades cometidas pela Alemanha nazista e pelo URSS estalinista, o mundo vê a necessidade de uma reformulação dessas noções básicas de direitos com abstrações que se mostraram incapazes de proteger os considerados inimigos dos estados totalitários, concebendo assim, sob à ótica, de Hannah Arendt, os direitos humanos como o “direito a ter direitos”.⁸ Nesse contexto filosófico-histórico surge a DUDH (Declaração Universal dos Direitos Humanos), que conta com trinta artigos que garantem ao ser humano direitos similares aos da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, mas que incluem outros tipos de direito, como o direito à nacionalidade, direitos ligados à cultura, ao repouso, ao lazer, entre outros.

Aprofundamentos conceituais em democracia e direitos humanos

Como forma de tentar melhorar o entendimento sobre democracia e direitos humanos, esta seção do trabalho se dispõe a produzir uma explicação detalhada dos dois conceitos de forma a deixar claro a relação que se estabelece entre um e outro, mostrando que só existe democracia onde se respeitam os direitos humanos, e só há respeito aos direitos humanos onde existe a democracia.

O regime democrático, segundo a interpretação de Marilena Chauí (2011, p. 214-215) funciona baseado em três pilares: o *conflito*, a *abertura* e a *rotatividade*. A ideia de conflito é primordial na democracia, pois faz com que ela consiga abarcar as mais distantes ideologias políticas, abrindo sempre margem ao diálogo e à pluralidade de ideias. Quando falamos de abertura, queremos dizer que uma democracia só funciona bem na

⁸ Cf. Arendt, 2012, p. 330.

medida em que as informações, o conhecimento e a cultura chegam aos cidadãos. Ao passo que, ao apontarmos a noção de rotatividade, estamos falando da alternância dos cargos, da transitoriedade, da rotatividade.

Sobre o conceito de democracia, em seu *Dicionário de Política*, Norberto Bobbio, destaca as chamadas “regras de jogo”:

1) o órgão político máximo, a quem é assinalada a função legislativa, deve ser composto de membros direta ou indiretamente eleitos pelo povo, em eleições de primeiro ou de segundo grau; 2) junto do supremo órgão legislativo deverá haver outras instituições com dirigentes eleitos, como os órgãos da administração local ou o chefe de Estado (tal como acontece nas repúblicas); 3) todos os cidadãos que tenham atingido a maioridade, sem distinção de raça, de religião, de censo e possivelmente de sexo, devem ser eleitores; 4) todos os eleitores devem ter voto igual; 5) todos os eleitores devem ser livres em votar segundo a própria opinião formada o mais livremente possível, isto é, numa disputa livre de partidos políticos que lutam pela formação de uma representação nacional; 6) devem ser livres também no sentido em que devem ser postos em condição de ter reais alternativas (o que exclui como democrática qualquer eleição de lista única ou bloqueada); 7) tanto para as eleições dos representantes como para as decisões do órgão político supremo vale o princípio da maioria numérica, se bem que podem ser estabelecidas várias formas de maioria segundo critérios de oportunidade não definidos de uma vez para sempre; 8) nenhuma decisão tomada por maioria deve limitar os direitos da minoria, de um modo especial o direito de tornar-se maioria, em paridade de condições; 9) o órgão do Governo deve gozar de confiança do Parlamento ou do chefe do poder executivo, por sua vez, eleito pelo povo (Bobbio, 1998, p. 327).

As “regras”, enumeradas acima por Bobbio, dizem respeito ao caráter de representatividade das democracias e são chamadas também de procedimentos universais por serem comuns às sociedades que são consideradas democráticas. Mas, na descrição do verbete, Bobbio mostra a compatibilidade da democracia com as ideologias contrárias. Percebemos isso através da constatação feita por Bobbio de que os regimes democráticos são compatíveis tanto com noções liberais, como liberdade de expressão, associação e política, quanto com noções socialistas, como a valorização do trabalhador, o intervencionismo estatal e a participação direta de quem trabalha nos processos deliberativos da sociedade. Para o italiano, é crível que um liberalismo sem democracia não

seria considerado hoje um “verdadeiro” liberalismo, e um socialismo sem democracia um “verdadeiro” socialismo (Bobbio, 1998).

Cabe a nós, também, fazer a distinção que verdadeiramente nos importa sobre as formas de democracia, *formal* e *substancial*. Entendemos como democracia formal o conjunto de normas que estabelecem, juridicamente, o que é democracia. Dessa maneira, a democracia formal é apresentada como a lei no papel, mas que deve se efetivar na prática, o que abre espaço para a noção de democracia substancial. Essa relação entre democracia formal e substancial se dá no sentido em que há o dispositivo jurídico, e que esse dispositivo tem resultados práticos condizentes com o que se encontra prescrito no conjunto de normas que caracterizam o estado como democrático. Nesse sentido, Bobbio comenta que:

A primeira indica um certo número de meios que são precisamente as regras de comportamento acima descritas independentemente da consideração dos fins. A segunda indica um certo conjunto de fins, entre os quais sobressai o fim da igualdade jurídica, social e econômica, independentemente dos meios adotados para os alcançar (Bobbio, 1998, p. 329).

Sendo assim, percebemos, então, que existe uma diferença entre o que é formal e o que é substancial. Ou seja, o que preenche a forma, relativo aos fins, ou ainda ao *telos* da lei, é o que realmente interessa ao cidadão comum. Nesse aspecto, Bobbio conclui que, a “democracia perfeita – que até agora não foi realizada em nenhuma parte do mundo, sendo utópica, portanto, – deveria ser simultaneamente formal e substancial” (Bobbio, 1998, p. 329).

Quando se trata de direitos humanos, Bobbio, em seu livro *A era dos direitos*, trata de produzir uma descrição histórica dos direitos humanos, mostrando como eles foram definidos através de sua historicidade, discordando de outras teorias que fundamentam os direitos humanos no direito natural, seja pela via axiológica, seja pela via ontológica:

os direitos do homem constituem uma classe variável, como a história destes últimos séculos demonstra suficientemente (...). Não é difícil de prever que, no futuro, poderão surgir novas pretensões que

no momento sequer podemos imaginar (...) O que demonstra que não existem direitos por natureza. O que parece fundamental numa época histórica e numa determinada civilização não é fundamental em outras épocas e em outras culturas (Bobbio, 2004, p.19).

A teoria fundada por Bobbio, que é a que defendemos em nossa pesquisa, parte da ideia de que são os processos histórico/sociais que criam condições favoráveis ao consenso e à “proliferação dos direitos”. Sendo assim, na medida em que se manifesta uma demanda social, essa demanda exige a elaboração de um novo direito para que os direitos humanos, que já se encontram “estabelecidos”, possam ser respeitados. Essa teoria, além de descrever muito bem processos de regulamentação de direitos humanos (como a promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, realizada em resposta às atrocidades cometidas por regimes totalitários na Segunda Guerra Mundial), é compatível com a teoria geracional (a qual o próprio Bobbio ajudou a difundir).

A Teoria Geracional, elaborada pelo jus filósofo tcheco-francês Karel Vasak (1929-2015), produz uma classificação dos direitos em grupos ou gerações, não apenas pela sua “função” ou finalidade, mas também com o momento histórico o qual esses direitos surgem (Souza, 2021). Segundo a teoria vasakiana, os direitos de “primeira geração” são os direitos de liberdade civil e política. São relativos ao tempo em que os iluministas liberais reivindicam a liberdade de ir e vir, de manifestar opinião e de se posicionar politicamente, claramente, em oposição ao Estado absolutista. Os direitos de segunda geração são aqueles considerados como sociais, como direito a saúde, educação, previdência e trabalho. É fruto das reivindicações proletárias, dos movimentos socialistas. Os direitos de terceira geração, chamados direitos de titularidade coletiva, são os relacionados a bens que são necessários a todos para uma vida humana digna, como o direito a um meio ambiente preservado e em condições saudáveis. Claramente, esses direitos decorrem da demanda global pelo controle da crise climática que se aproxima, segundo conferências internacionais, como as de Estocolmo e Rio. Há, ainda, os direitos de quarta geração e de

quinta geração, sobre os quais os juristas ainda divergem, mas que são relacionados ao respeito ao patrimônio biológico, à segurança e à dignidade humana na internet. Todos decorrentes das demandas contemporâneas nesses novos espaços de atuação humana.

Independentemente de gerações de direitos, os aprofundamentos conceituais, aqui desenvolvidos, apontam para o ponto de convergência entre os direitos humanos e a realização de uma democracia dotada de substancialidade, tendo em vista que são esses direitos que asseguram a exequibilidade da democracia em suas diversas áreas. Portanto, só existe democracia jurídica na medida que o direito humano à igualdade é devidamente respeitado. Só existe democracia econômica na medida em que o direito de ser proprietário, tanto de bens quanto de sua própria vida, é respeitado. Só existe democracia política na medida em que se prioriza o direito de liberdade de escolha, sem censura e sem limitações ao direito de associar-se a outros, formando partidos, ou votando em representantes. E, sobretudo, só existe democracia social na medida em que o Estado provê os chamados direitos sociais ou ainda direitos humanos de segunda geração.

Direitos humanos na prática

Como forma de justificar a relevância do projeto, a terceira parte da pesquisa se ocupou em fazer um levantamento estatístico sobre o tema de nosso trabalho. Assim, conseguimos ter uma noção se existe uma cultura de respeito aos direitos humanos na comunidade, se os direitos humanos fazem parte dos interesses da comunidade, e se a comunidade tem seus direitos humanos respeitados.

Em relação às indagações, constatamos que 94% dos participantes marcaram no questionário saber o que são direitos humanos, apenas 6% mostraram não saber. Desse total de pessoas, 5% acreditam que os direitos humanos servem apenas para defender bandidos. Quando questionados se se interessam pelo tema, 27% disseram que não. Em outro

tópico abordado pelo questionário, 95% dos participantes concordam que é dever de todos lutarem pela garantia dos direitos humanos. O restante afirma que isso é responsabilidade apenas de políticos e ONGs.

Num universo composto por 50% pardos, 29% pretos, 17% brancos e 4% amarelos, 40% afirmaram possivelmente já terem sofrido algum tipo de discriminação racial. Da mesma forma, 35% dos questionados disseram já terem, possivelmente, sofrido discriminação por residirem no bairro onde moram. Sendo esses entrevistados distribuídos em 30% no Santo Inácio, 19% no Vila Telma, 22% no Santa Rafaela, 3% no Santo Amaro, 13% no Maria Cândida, e 13% em outros bairros. Em relação à discriminação por gênero, 75% disseram nunca terem sido desrespeitados, sendo que, dos entrevistados, 64% são do sexo feminino. Quando indagados em relação ao direito à vida, 59% dos participantes disseram conhecer alguém que teve o seu direito à vida violada. 64% são favoráveis a algum tipo de pena de morte, 23% são a favor de algum tipo de tortura. Entretanto, 53% são contrários ao aborto, e 62,9% são favoráveis à eutanásia em algum tipo de situação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das dificuldades em reunir o núcleo de pesquisa, concluímos que os objetivos teóricos e metodológicos foram alcançados. Pudemos, a partir de pesquisa bibliográfica e da pesquisa empírica, corroborar a hipótese do projeto de pesquisa, proporcionando aos alunos também a oportunidade de aprender mais sobre metodologia científica, mesmo aqueles que não faziam parte do núcleo.

A pesquisa, desde sua fase de projeto, levantava a hipótese de que a efetivação da democracia, em seu caráter substancial, só seria possível na medida em que fossem respeitados os direitos humanos. Após o percurso, realizado pelo núcleo de pesquisa, pôde-se constatar que a hipótese é corroborada tanto pelos argumentos filosóficos e históricos apresentados quanto pela pequena pesquisa quantitativa realizada.

Efetivamente a democracia, em seus aspectos básicos, só se realiza de maneira prática na medida em que os direitos humanos são respeitados e preservados. O que se verifica quando partimos para o nosso espaço amostral, caracterizado por integrantes da comunidade escolar, é que o entendimento, o respeito e a luta por direitos humanos ainda encontram uma longa caminhada pela frente. A conclusão é que não é unânime a ideia de que os direitos humanos são para todas as pessoas, uma vez que parte considerável das pessoas nem se interessa pelo tema, e algumas pessoas ainda acreditam que direitos humanos foram criados para beneficiar apenas “bandidos”. O que se infere, então, é que é necessária uma inserção cultural das noções de democracia e de direitos humanos no cotidiano e na vida escolar das pessoas, a fim de desmistificar e dissolver alguns preconceitos.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BELINHO, L. A. Uma Evolução Histórica dos Direitos Humanos. *Faculdades Integradas do Brasil* (Unibrasil), 2017. Disponível em: <https://www.doccity.com/pt/docs/uma-evolucao-historica-dos-direitos-humanos/9170478/>. Acesso em: 17 dez. 2024.

BOBBIO, N. *Estado, governo e sociedade: para uma teoria geral da política*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BOBBIO, N. *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOBBIO, N. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BONAVIDES, P. *Ciência política*. 11. ed. São Paulo: Malheiros, 2000.

CHAUÍ, M. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 2011.

GUASQUE, L. F. O mito da democracia. *Revista do Ministério Público do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 76, 2020.

LAFER, C. *A OMC e a regulamentação do comércio internacional: uma visão brasileira*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1998.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PINTO, R. B. A democracia e seus fundamentos em Norberto Bobbio. *Eidos: Revista de Filosofia de la Universidad del Norte*, n.º 12, 2010, p. 88-118. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=85416266005>. Acesso em: 28 fev. 2025.

SOUZA, M. M. Teoria geracional dos direitos humanos em doutrina, lei e jurisprudência. *Revista de Direito do CAPP*, Ouro Preto, v. 1, n. 1, p. 159-231, set. 2021.

TOSI, G. *10 lições sobre Bobbio*. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2016.

ESTUDO SOBRE ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA INFORMACIONAL E COMBATE A FAKE NEWS COM NATIVOS DIGITAIS

Ana Luiza de Faria Pinto¹, Cleo Azevedo Correa¹, Jennifer Maciel Batista¹, Maria Eduarda Vitória da Silva¹, Pedro Santiago Cardoso¹, Pérola Heloisa Pereira Lourenço¹, Thabata Rayane Costa Leal¹, Vitória Rafael Rennó¹, Heroana Letícia Pereira², Vanessa Soares de Paiva³

1 INTRODUÇÃO

A Escola Estadual Dr. José Marques de Oliveira, localizada em Pouso Alegre, Minas Gerais, funciona pela manhã, à tarde e à noite, com turmas do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental e do primeiro ao terceiro ano do Ensino Médio, regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Fica localizada na área urbana e central da cidade.

A missão da escola, conforme o seu Projeto Político Pedagógico, está resumida em valorizar o ser humano em suas competências e

1 Escola Estadual Doutor José Marques de Oliveira (Pouso Alegre/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Doutor José Marques de Oliveira (Pouso Alegre/MG), heroana.pereira@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Raulino Cotta Pacheco (Rio Novo/MG), vanessa.soares.paiva@educacao.mg.gov.br.

habilidades, além de compreender suas limitações, permitindo uma reflexão sobre sua postura ética, política e social, culminando no conhecimento e aplicabilidade para a resolução de problemas do cotidiano, transformando o aluno em pleno cidadão, responsável pelo seu pensar, ser, agir e conviver.

Um dos problemas recorrentes na escola, reconhecido por professores e alunos, é o mau uso de celulares. Apesar da facilidade de adquirir aparelhos e utilizá-los para redes sociais, o uso é excessivo e falta conhecimento sobre como fazer pesquisas, assegurar a confiabilidade de informações e fontes de pesquisa, bem como prevenir os riscos aos quais se está sujeito. Além disso, existe o fato de que a pressa em compartilhar conteúdos faz com que não se compreenda as consequências do que se compartilha. Embora os jovens não estejam diretamente relacionados com as já conhecidas *Fake News* sobre política, eles estão propensos a outras formas de compartilhamento indevido de conteúdo, como o frequente uso de redes sociais para fazer *bullying* com colegas, espalhar fofocas, organizar brigas, expor situações constrangedoras e imagens sem autorização, além da confecção de memes sem consentimento.

Por isso, por meio de pesquisa e questionários, buscamos analisar a relação de jovens do Ensino Médio com conteúdos midiáticos e sua capacidade de identificar ou não *Fake News*. Pretendemos ainda discutir temas, como *Fake News*, crimes cibernéticos e saúde mental relacionada a redes sociais, e analisar a propensão de nativos digitais para acreditarem em *Fake News*. Por fim, como conclusão, vamos propor iniciativas para fomentar o senso crítico sobre conteúdos midiáticos e alfabetização midiática.

A alfabetização midiática informacional é tema de documento publicado pela Unesco, em 2013 (Wilson *et al.*, 2013), e traz importantes elementos para a sua concretização, como a “compreensão do papel e das funções das mídias em sociedades democráticas e das condições sob as quais elas podem cumprir suas funções” (Unesco, 1982).

2 DESENVOLVIMENTO

Em um primeiro momento, foram realizadas conversas em grupo sobre a relação dos jovens com a internet. As conversas giraram em torno da dependência do uso de aplicativos, da necessidade de sempre saber novas informações e de opinar sobre tudo, bem como dos perigos que esse comportamento envolve, visto que a pressa é aliada da desinformação. Outro tema em destaque foi a proliferação de grupos de *WhatsApp* e perfis no Instagram destinados a fazer fofocas e orquestrar brigas entre alunos da escola e de outras escolas da cidade (tais brigas são filmadas e postadas na internet).

Antes de pensar e propor soluções, é necessário coletar dados para a compreensão da situação. Após as discussões dos alunos-pesquisadores a respeito dos temas abordados, foi realizada uma pesquisa, com a aplicação de questionários respondidos em meios eletrônicos por alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Dr. José Marques de Oliveira. A participação foi voluntária, tendo sido obtidas 119 respostas, todas anônimas.

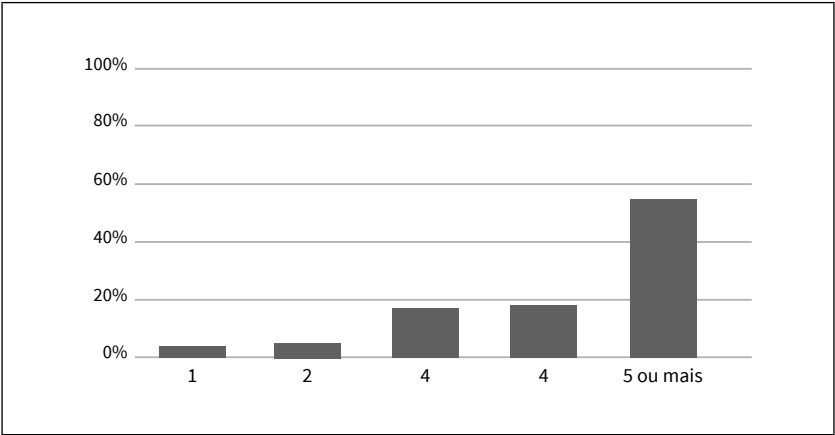
As perguntas, com respostas de múltiplas alternativas, foram: 1. Quantas horas, em média, por dia, você passa na internet? 2. Qual mídia ou quais mídias você acessa com mais frequência? 3. Você costuma compartilhar muitos conteúdos com frequência? 4. Com qual frequência você compartilha conteúdos na internet? 5. Você pesquisa a veracidade de um conteúdo antes de publicar? 6. Você pesquisa a veracidade de um conteúdo publicado por alguém que segue? 7. Você sabe pesquisar a veracidade de um conteúdo publicado? 8. Quando você vê notícias falsas, você denuncia?

Em seguida, foram tabulados e analisados os dados. A devolutiva aos alunos ainda será realizada por meio de apresentações orais, em redes sociais da escola e através de pôsteres a serem afixados no ambiente escolar.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

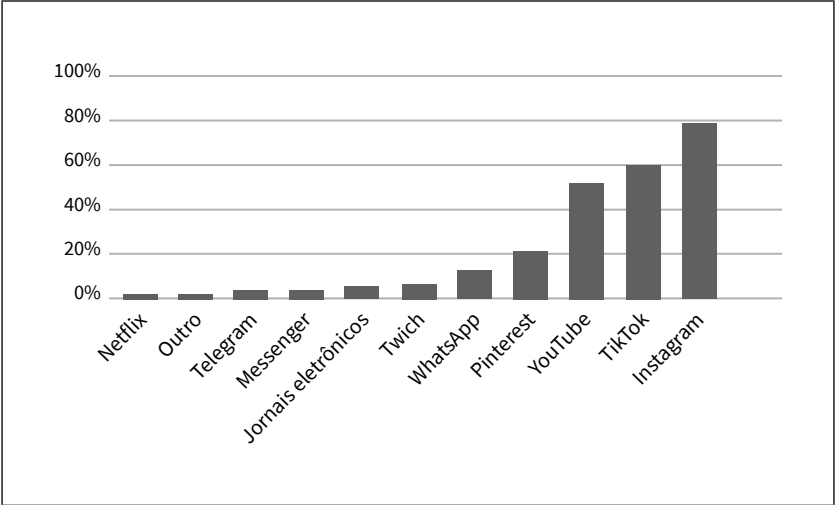
Ao final da aplicação dos questionários, foram obtidos oito gráficos, um para cada pergunta. Os resultados mostram algumas divergências importantes em seu conteúdo, como veremos a seguir:

Gráfico 1: Quantas horas, em média, por dia, você passa na internet?



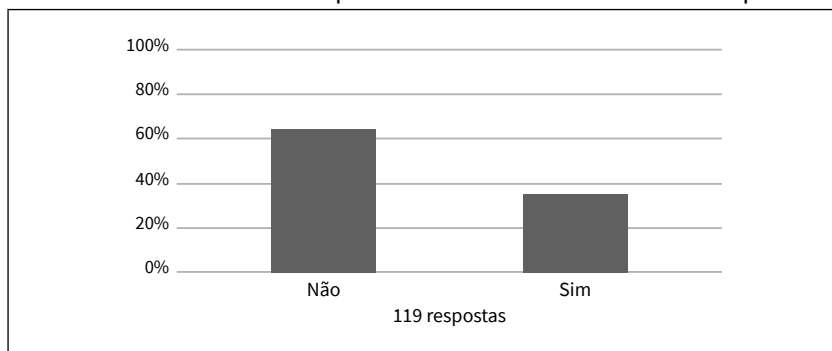
Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 2: Qual mídia ou quais mídias você acessa com mais frequência?



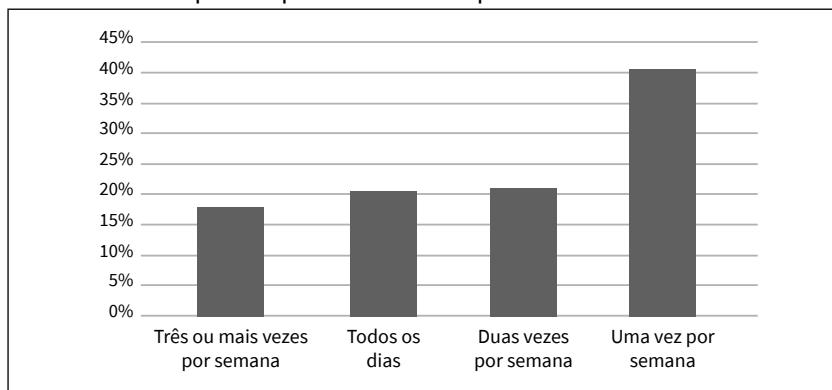
Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 3: Você costuma compartilhar muitos conteúdos com frequência?



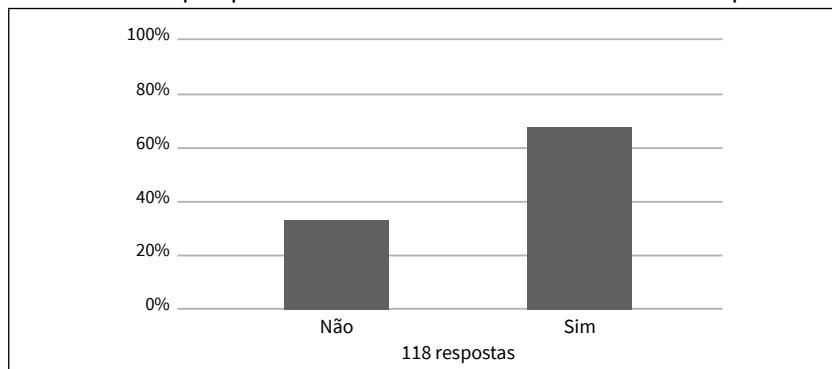
Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 4: Com qual frequência você compartilha conteúdos na internet?



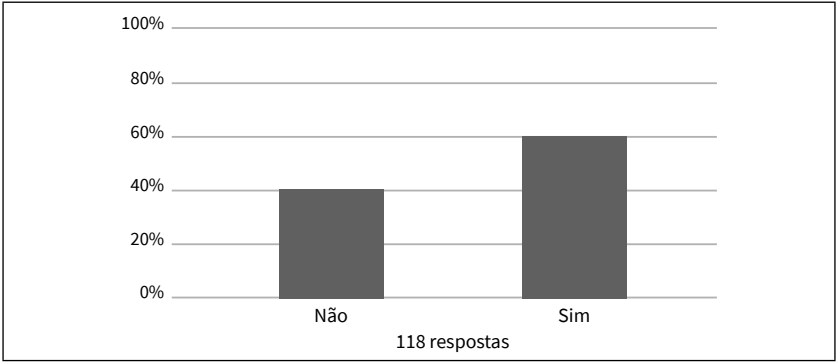
Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 5: Você pesquisa a veracidade de um conteúdo antes de publicar?



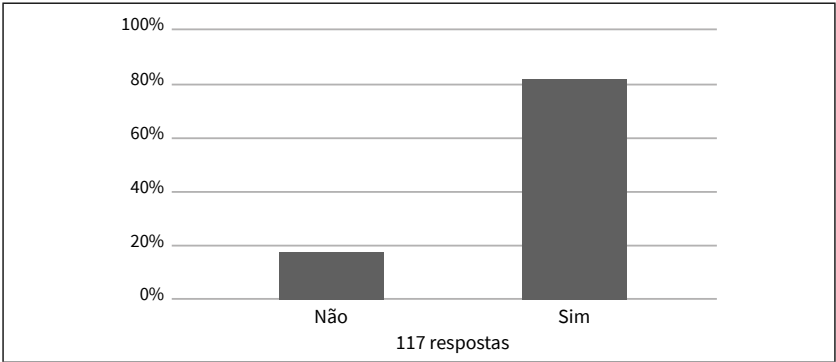
Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 6: Você pesquisa a veracidade de um conteúdo publicado por alguém que segue?



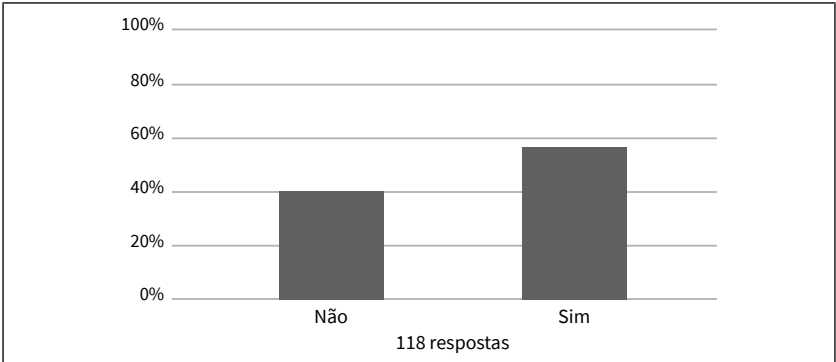
Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 7: Você sabe pesquisar a veracidade de um conteúdo publicado?



Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 8: Quando você vê notícias falsas, você denuncia?



Fonte: Elaborado pelos autores

Ao analisarmos os gráficos, podemos perceber:

- Conforme o Gráfico 1, o uso de redes sociais é muito frequente, chegando a cinco ou mais horas de acessos diários.
- De acordo com o Gráfico 2, a rede social mais utilizada pelos entrevistados é o *Instagram*, seguida do *TikTok*, e, depois, do *YouTube*. Isso sugere que o interesse por imagens predomina entre os entrevistados. Nota-se pouco acesso a conteúdos pagos, como a *Netflix* ou outros serviços de *streaming*. Conteúdos com textos não são os preferidos, como os jornais eletrônicos. Outro ponto interessante é que o *WhatsApp* é menos utilizado do que se imaginava. Este aplicativo é voltado a trocas rápidas de mensagens, sendo que o celular é o meio mais comum de acesso à internet. A preferência é mesmo por imagens, fotos e vídeos.
- Conforme o Gráfico 3, os jovens afirmam não compartilhar tantos conteúdos com frequência.
- O Gráfico 4 demonstra a frequência de compartilhamento de conteúdos na internet como uma única vez por semana como a mais comum entre esses jovens.
- Conforme o Gráfico 7, os jovens afirmam saber como ter cuidado com conteúdos falsos, pois sabem, em sua maioria, como pesquisar sobre isso.

Em linhas gerais, os gráficos trazem informações importantes. A relação dos jovens com a internet é diferente da dos adultos. Aplicativos como *WhatsApp* e *Facebook* são mais usados por jovens-adultos (24 a 29 anos) (Rabelo, 2019). Já as redes mais utilizadas por jovens (14 a 18 anos) são as focadas em imagens, como *Instagram*, *TikTok* e *YouTube*. Entre os jovens, não há o hábito de pesquisar notícias e informações. Então, sugere-se que o que causa mais impacto entre os jovens são as imagens e não os textos.

Nesse sentido, além de importantes, essas informações são preocupantes, pois imagens extremamente editadas podem estar

relacionadas à distorção de autoimagem, enquanto os conteúdos textuais, à desinformação.

Não há dados significativos quanto ao hábito de pesquisar sites de notícias ou conteúdos didáticos, mas é possível que os jovens procurem por esses temas em vídeos. Nesse sentido, é possível que a escola se aproprie dessas formas de conteúdo para complementar o ensino regular, além de realizar oficinas sobre elaboração de pesquisas relevantes para o aprendizado midiático.

Com base nos dados coletados, podemos perceber a necessidade de capacitação dos alunos para se relacionarem de forma mais saudável com as mídias. Conforme os Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio, na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, o estudo deve-se concentrar em: comunicar e representar; investigar e compreender, contextualizar social e historicamente os conhecimentos; além de: dominar diferentes linguagens; compreender processos de natureza social, natural e tecnológica; diagnosticar e enfrentar problemas; construir argumentações; e elaborar proposições solidárias (Siqueira, 2017).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), artigo 19, afirma que:

todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de expressão (ONU, 1948).

Porém, liberdade de expressão e informação não significa dizer e compartilhar tudo o que se quer, já que a liberdade de um não pode ferir a do outro, e o conhecimento é direito de todos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou atingir estudantes, professores e comunidade da Escola Estadual Dr. José Marques de Oliveira (Pouso Alegre/MG).

Algumas situações nos motivaram, como o tema da liberdade de expressão, de imprensa e de informação. E, como proposta de sondagem e análise, os questionamentos: O quanto os nativos digitais são educados para as mídias? Os jovens entre 14 e 18 anos conseguem identificar *Fake News*? Quanto esses jovens estão expostos a informações falsas? Outra motivação foi a criação de perfis de fofocas e brigas na escola, uma situação que demanda atenção e soluções.

Segundo o Projeto Político Pedagógico, a escola deve organizar-se para proporcionar ao estudante uma formação com base unitária, a fim de pensar e compreender as determinações da vida social e produtiva que articulem trabalho, ciência, tecnologia e cultura para a emancipação humana; que também permita o desenvolvimento consciente e crítico em atitudes, comportamentos e sentimentos, concomitante ao desempenho cognitivo. A equipe gestora, com os demais funcionários da escola, refletindo sobre os conceitos de homem, sociedade, educação e conhecimento, entende que a escola está inserida num contexto sociopolítico, econômico e cultural de intensa globalização e acelerado crescimento tecnológico.

A alfabetização midiática informacional é tema da Declaração de Grunwald (Unesco, 1982) e traz importantes elementos, como a “compreensão do papel e das funções das mídias em sociedades democráticas e das condições sob as quais elas podem cumprir suas funções”. A educação para as mídias está vinculada à compreensão de um Estado Democrático de Direito e suas garantias, como a proteção da liberdade de expressão, mas também à dignidade da pessoa humana. Ela possibilita a habilidade de ler de forma crítica um conteúdo; a habilidade de pesquisa, que compreende a capacidade de encontrar informações e apurar sua veracidade. Além disso, possibilita a cidadania ao capacitar as pessoas para a compreensão de seus direitos e deveres, bem como estimula a compreensão e o respeito para com diferentes culturas através de um debate plural de ideias. Por fim, a educação para as mídias é ferramenta indispensável para se diferenciar fato de opinião, notícia falsa de notícia verdadeira. E, portanto, a educação para as mídias é elemento fundamental para o combate às *Fake News*.

O núcleo de pesquisa propõe, para o ano subsequente, incentivar os alunos a denunciarem conteúdos perigosos por meio das redes sociais da escola e das aulas. Além disso, propõe-se a organização de palestras informativas e abertura de canais de comunicação anônimos entre alunos e escola para prevenir riscos. Isso porque, nesse estágio inicial, o objetivo foi realizar uma observação de comportamentos para depois realizar ações pontuais.

REFERÊNCIAS

ONU. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Assembleia Geral da ONU, 1948. Disponível em: <https://declaracao1948.com.br/declaracao-universal/declaracao-direitos-humanos/>. Acesso em: 17 dez. 2024.

RABELO, A. *Rock Content Social Media Trends 2019*. Disponível em: https://cdn2.hubspot.net/hubfs/355484/Social%20Media%20Trends%202019.pdf?utm_medium=email&_hsmi=39460531&_hsenc=p2ANqt-z-8RfckPJ1WTlqVmLTf26Xmz1z39WPE_0Hg_mP42nIONLDChGppa-ZKL0_RDZMa5QyVulUixi_jQP6GSKGiwmeMrUuMMFnA&utm_content=39460531&utm_source=hs_automation. Acesso em: 04 dez. 2024.

SIQUEIRA, A. B. Materiais Didáticos de Mídia-Educação. *Educação e Sociedade*, v. 38, n. 138, 2017, p. 209-227. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302016129351>. Acesso em: 17 dez. 2024.

UNESCO. *Declaração de Grunwald sobre educação midiática de 1982*. Grünwald, República Federal da Alemanha, 22 de janeiro de 1982. Disponível em: <https://milobs.pt/wp-content/uploads/2018/06/Declaracao-de-Grunwald.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2024.

WILSON, C. et al. *Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores*. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013.

A ESCOLA A PARTIR DA PERSPECTIVA DO ALUNO

Amanda Domingos Barcelos¹, Bárbara Gabriela Borges Monteiro¹, Izaac Januário Silva Junior¹, Matheus Henrique Rodrigues de Faria¹, Samuel Kennedy Alves Ribeiro dos Santos¹, Dhulia Alves de Souza Barbosa², Emerson Matos de Oliveira³

1 INTRODUÇÃO

Segundo Libâneo (1991 *apud* Rodrigues, 2004 p. 17), a sociedade e, principalmente, o poder público deve propiciar a todas crianças e jovens o acesso e a permanência na escola básica, promovendo-lhes uma sólida e duradoura formação cultural e científica. Mas nem sempre essa permanência do aluno no ensino, principalmente no Ensino Médio, é alcançada. Dessa forma, questiona-se o porquê da evasão escolar, quais as dificuldades que o aluno encontra a ponto de não conseguir concluir, ou optar por não concluir, essa fase do ensino escolar. Quais questões estão relacionadas à evasão? Serão questões socioeconômicas, culturais, relacionadas à dificuldade no processo de aprendizagem, à

1 Escola Estadual Lourdes de Carvalho (Uberlândia/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Lourdes de Carvalho (Uberlândia/MG), dhulia.souza@educacao.mg.gov.br.

3 Tutor, Escola Estadual Eulália Gomes de Oliveira (Paraisópolis/MG), emerson.matos@educacao.mg.gov.br.

metodologia de ensino ou será sobre a relação com os professores, colegas de sala ou ambiente escolar?

Uma discussão constantemente abordada nas escolas e em diversos estudos é a evasão escolar e o desinteresse dos alunos na sala de aula. Alguns autores debatem o fracasso escolar, Charlot (2000) explica que:

(...) não existe um objeto 'fracasso escolar', analisável como tal. [...] Existem, é claro, alunos que não conseguem acompanhar o ensino que lhes é dispensado, que não adquirem os saberes que supostamente deveriam adquirir, que não constroem certas competências, que não são orientados para a habilitação que desejariam, alunos que naufragam e reagem com condutas de retração, desordem, agressão (Charlot, 2000, p. 16).

Dados disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2022) revelam a taxa de evasão, entre 2014 e 2015, de 12,9% e 12,7% dos alunos matriculados na 1ª e 2ª série do Ensino Médio, respectivamente; e o 9º ano do Ensino Fundamental tem a terceira maior taxa de evasão, 7,7%, seguido pela 3ª série do Ensino Médio, com 6,8%. Considerando todas as séries do Ensino Médio, a evasão chega a 11,2% do total de alunos nessa etapa de ensino.

Vale destacar que a aprendizagem passa a ter sentido para o aluno quando a ela tem significado, ou seja, o conhecimento tem relação com a realidade do aluno. Segundo Daher (2017):

Aprender significativamente implica atribuir significados, e estes têm sempre componentes pessoais. Aprendizagem sem atribuição de significados, sem relação com o conhecimento preexistente, é mecânica, não significativa. Na aprendizagem mecânica, o novo conhecimento é armazenado de maneira arbitrária e literal na mente do indivíduo (Daher, 2017, p. 2).

Além disso, Pérez-Gómez (1998, p. 26 *apud* Rodrigues, 2004, p. 13) salienta que:

É preciso transformar a vida da aula e da escola, de modo que se possa vivenciar práticas sociais e intercâmbios acadêmicos que induzam

à solidariedade, à colaboração, à experimentação compartilhada, assim como a outro tipo de relações com o conhecimento e a cultura que estimulem a busca, a comparação, a crítica, a iniciativa e a criação (Pérez-Gómez, 1998, p. 26 *apud* Rodrigues, 2004, p. 13).

É importante ressaltar, também, a relação com o professor, que pode vir a causar interesse ou desinteresse do aluno dentro da sala de aula com o conteúdo ministrado. Lopes (2011, p. 2) destaca que:

A relação professor/aluno tem sido uma das principais preocupações do contexto escolar. Nas práticas educativas, o que se observa é que, por não se dar a devida atenção à temática em questão, muitas ações desenvolvidas no ambiente escolar acabam por fracassar. Daí a importância de estabelecer uma reflexão aprofundada sobre esse assunto, considerando a relevância de todos os aspectos que caracterizam a escola (Lopes, 2011, p. 2).

Nessa perspectiva, Daher (2017) salienta que “a relação do professor com a aprendizagem mecânica é proveniente de sua formação acadêmica, e a mudança dessa concepção é um importante passo para reeducar a escola na aplicação de um processo de construção de conhecimento significativo”.

Diante disso, nosso trabalho em questão tem por objetivo central compreender o aluno atendido pela Escola Estadual Lourdes de Carvalho e dar voz a esse aluno que, em um contexto geral, muitas vezes é deixado de lado na tomada de decisão frente os rumos da educação pública. Ou seja, pretendemos entender as dificuldades enfrentadas pelos alunos dentro e fora do ambiente escolar que acabam influenciando no seu rendimento; e elucidar os principais motivos da evasão escolar e do desinteresse dos alunos da Escola Estadual Lourdes de Carvalho, a partir de uma pesquisa que dê voz a esses alunos, de forma que eles exponham suas principais queixas, limitações e o que eles desejam de uma escola. Quais mudanças seriam necessárias a ponto de tornar a escola um ambiente prazeroso e que fizesse sentido em suas vidas?

2 DESENVOLVIMENTO

Procedimentos metodológicos

Para atingir o objetivo proposto na pesquisa, foram realizados os seguintes procedimentos:

1. Leitura

1.1 Foram realizadas leituras (artigos, teses, dissertações, entre outros) para embasamento teórico/metodológico.

2. Lugar e tempo

2.1 Caracterização do tempo ou do período dos dados coletados (destacar os principais eventos ou acontecimentos que possam influenciar os dados: 2019, 2020, 2021 e 2022).

2.2 Caracterização do local da pesquisa e entorno (bairros).

3. Levantamento de dados

3.1 Coleta de dados na E. E. Lourdes de Carvalho: elaboração de planilhas e gráficos (idade, sexo, número de alunos, número de desistentes, números de alunos aprovados, reprovados e aprovados com progressão por período e turma).

4. Elaboração de material de pesquisa

4.1 Foi realizada a elaboração e a aplicação de um questionário que abordou as características socioeconômicas, além de informações da realidade do aluno no ambiente escolar de forma a entender o convívio social, conhecimento escolar, função da escola, atuação do professor, inserção social, influências externas que atrapalham o desenvolvimento escolar e influências externas que contribuem para o desenvolvimento escolar.

5. Análise

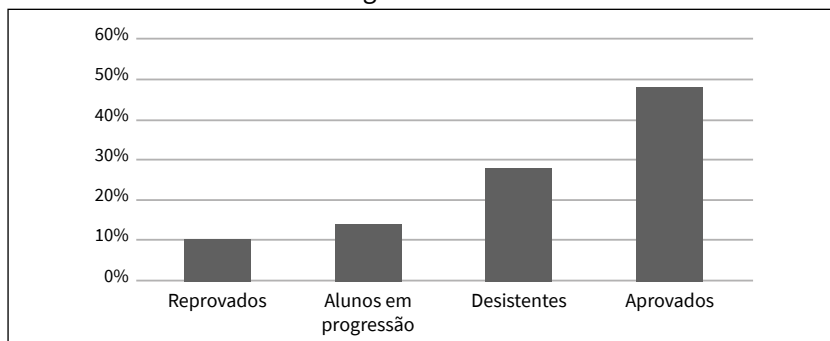
5.1 Análise dos questionários: interpretação de dados quantificados a partir da elaboração de gráficos e tabelas, leitura e interpretação dos relatos expostos nos questionários.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa em questão limitou-se em obter informações/dados dos alunos do Ensino Médio regular, períodos manhã e noite, e do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Estadual Lourdes de Carvalho.

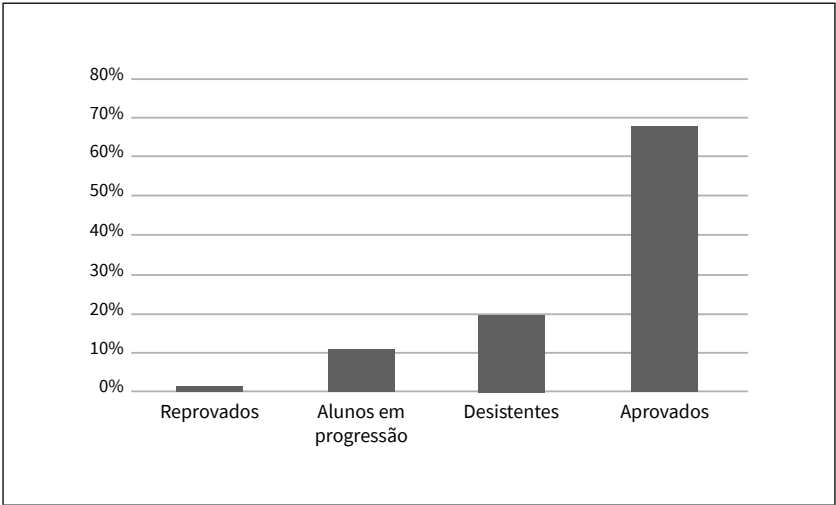
Com relação aos dados fornecidos pela escola Lourdes de Carvalho, observa-se que a aprovação dos alunos do Ensino Médio regular e EJA, entre os anos de 2019 e 2021, saíram de 48% de aprovados, passando para 68% em 2020, e 59% em 2021. Com relação à reprovação, houve uma diminuição considerável entre os anos de 2019 e 2021, oscilando entre 10%, posteriormente 1%, e subindo para 8%, respectivamente. No que diz respeito à desistência, como podemos observar no Gráfico 1, em 2019, ficou em 28% o percentual de desistentes; em 2020, esse valor diminuiu, passando para 20% (Gráfico 2), e, em 2021, esse percentual voltou a subir, ficando em 31% (Gráfico 3).

Gráfico 1: Relação da situação escolar de alunos do Ensino Médio regular e EJA no ano de 2019



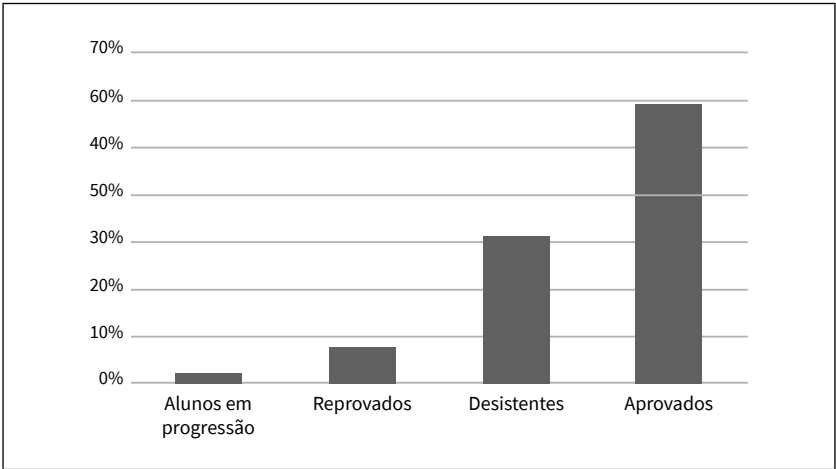
Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 2: Relação da situação escolar de alunos do Ensino Médio regular e EJA no ano de 2020



Fonte: Elaborado pelos autores.

Gráfico 3: Relação da situação escolar de alunos do Ensino Médio regular e EJA no ano de 2021



Fonte: Elaborado pelos autores.

Essa variação deve levar em consideração o período de pandemia, no qual o sistema educacional sofreu alterações. Durante a pandemia, as aulas passaram a ser à distância, e as avaliações se resumiram

na entrega dos Planos de Estudos Tutorados (PET) – de forma online ou física – além disso, as regras para pontuação foram brandas, ou seja, as normas impostas foram que aqueles alunos que entregasse os PETs (independente do preenchimento) deveriam obter nota. Ademais, os problemas acarretados pela pandemia, como o desemprego, fizeram com que muitos alunos optassem por trabalhar e deixassem de dar continuidade aos estudos.

Com relação ao questionário entregue aos alunos do Ensino Médio, foi possível analisar 277 questionários, os quais permitiram obter informações frente a questões socioeconômicas e a visão do aluno sobre a escola. Vale destacar que nem todos os alunos optaram por responder todas as perguntas ou todo o questionário.

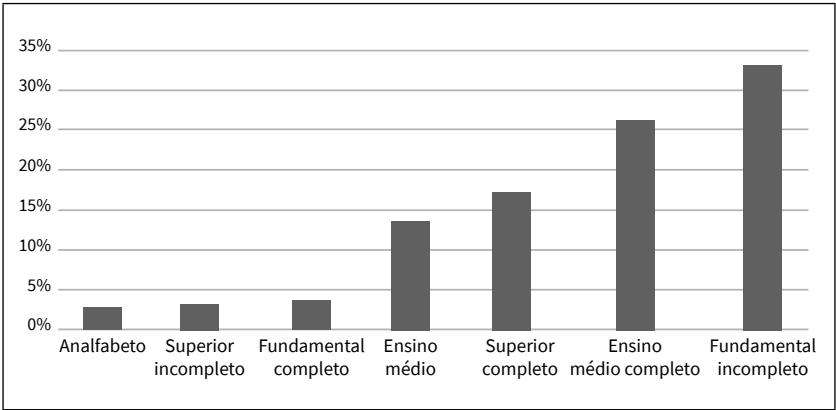
No que diz respeito às questões socioeconômicas e questões familiares dos alunos, pode-se destacar que a maioria dos entrevistados moram com familiares, 198 responderam que residem em moradia própria, 13 em moradia cedida, 65 em moradia alugada. As moradias variam entre uma e duas salas, dois e três quartos, uma cozinha, um e dois banheiros e uma varanda/garagem.

Com relação aos pertences, os alunos que responderam a esse item do questionário assinalaram ter até duas TVs, uma geladeira, entre nenhum e dois computadores, celulares variaram entre quatro e cinco, bicicleta variaram entre uma e duas, nenhum aluno possui TV por assinatura, e todos os que responderam destacaram ter acesso à internet.

Já o transporte utilizado pelos alunos para terem acesso à escola, tem-se que 26,4% dos alunos entrevistados utilizam o transporte coletivo, 20,4% utiliza o transporte escolar, 18,8% utiliza transporte particular, 19,7% vão a pé para a escola, 12,4% utilizam bicicleta e 2,2% vão de carona.

Em referência à escolaridade dos pais e/ou responsáveis, foi observado que 2,7% dos pais são analfabetos, 33,2% não concluíram o Ensino Fundamental, 26,4% concluíram o Ensino Médio e 17,3% possuem algum curso superior (Gráfico 4).

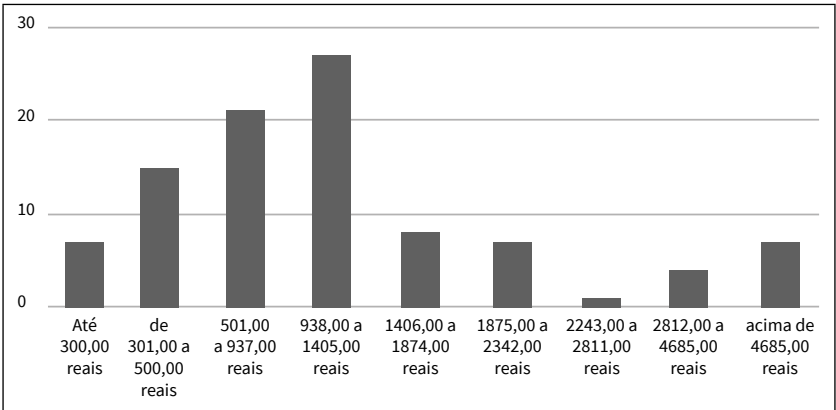
Gráfico 4: Nível de escolaridade dos pais e/responsáveis



Fonte: Elaborado pelos autores

No questionário foi abordado a renda familiar dos alunos, em que o valor variou entre R\$ 300 e R\$ 4.685. Apenas 97 alunos responderam a esse item. No Gráfico 5, observa-se que há um destaque no valor entre R\$ 938 e R\$ 1.405 reais (valores próximos ao correspondente ao salário mínimo). 249 alunos praticam algum tipo de atividade remunerada e quase 5% desses alunos que trabalham são também responsáveis pelo sustento da casa. Além disso, 36 famílias participam de programas sociais do governo.

Gráfico 5: Renda Familiar



Fonte: Elaborado pelos autores

No que tange às relações dos alunos no ambiente escolar, foram realizadas perguntas em um questionário impresso e entregue aos alunos para responderem sem necessidade de identificação. As perguntas eram objetivas e variavam as respostas entre “sim”, “não”, “não sei responder” e “bom”, “parcialmente”, “ruim”, “não sei responder”. Dessa forma, foi possível evidenciar que a maioria dos alunos, ou precisamente 47%, classificam a relação entre professor e aluno como boa, 33% consideram como parcialmente boa, 9% classificaram como ruim e 11% não souberam responder.

Outras perguntas permitiram entender um pouco mais sobre esse aluno do Ensino Médio regular e EJA. Algumas merecem ser destacadas por sua importância e percentual de respostas. Tais perguntas permitiram observar que uma parcela de 36% dos alunos considera a possibilidade de deixar de dar continuidade aos estudos caso conseguisse uma boa oportunidade de emprego.

Com relação ao uso de drogas antes das aulas, 6% dos alunos responderam que utilizam algum tipo de droga antes do início das aulas. Outro ponto importante é que 72% dos alunos frisaram que a educação sexual não é desenvolvida corretamente na escola, e que a relação familiar afeta o rendimento de 29% dos alunos. Outro ponto é que 70% dos alunos respondentes consideram que os estudos contribuem para conseguir a carreira desejada. Vale expor novamente que nem todos os alunos responderam a todo o questionário.

Ademais, além das questões objetivas com respostas fechadas, foram também realizadas questões abertas para dar liberdade ao aluno de se expressar. Portanto, ao analisar tais questões, foi possível apontar 30 depoimentos relevantes, com sugestões, queixas, entre outros. Os depoimentos estão apresentados a seguir na íntegra:

- 1. Espero que os professores sejam mais rígidos, que os professores tenham mais atenção com os alunos que ainda não sabem ler e que se importem igualmente com todos os alunos.*
- 2. Muito material irrelevante ao nosso futuro, que não se relaciona à carreira de todos.*
- 3. O ambiente da escola é um tanto quanto machista, são impostas regras desnecessárias para as meninas. A comida deveria melhorar, e*

as aulas deveriam ser mais práticas (algumas deveriam ser, e não são).

4. Deveria ter uma psicóloga em nossa escola, além de que a carga horária extra está fazendo muitos alunos pensarem em desistir, pois está sendo muito cansativo e quase não temos atividade fora da escola.

5. Deveria ter mais respeito em relação aos alunos com os professores, teriam que melhorar a estrutura da escola e ter mais empenho dos alunos.

6. Aulas mais importantes e necessárias, lanche mais sustentáveis e armários escolares para guardar livros e etc.

7. Espero coisas melhores no Ensino Médio para conseguir me profissionalizar, e que a escola contrate profissionais mais competentes, principalmente para disciplinas mais complexas, como Matemática.

8. Deveriam mudar o modo de ensino para conseguir prender a atenção dos alunos.

9. Acesso à internet e integração nas aulas, menos escrita, menos preconceito, comidas melhores, mais aulas fora do ambiente escolar e mais aulas práticas de Educação Física.

10. Falta apoio e motivação aos professores, melhores salários e mais respeito.

11. O que eu esperava já foi mudado, o novo Ensino Médio.

12. Melhor infraestrutura, gostaria que a escola tivesse mais computadores e que alunos e professores fossem respeitados.

13. Poderia haver semanalmente uma reunião mensal para discutir os costumes, sendo que várias coisas inúteis são proibidas sem clara motivação, como o boné e a quadra que raramente é utilizada. De resto, acho a escola bem liberal e o ensino é bom.

14. Queria que houvesse Educação Física, com o novo Ensino Médio não é possível aprender toda a matéria que é passada.

15. Eu gostaria que a escola trocasse a quadra porque ela dificulta os esportes, pois é mal estruturada, deveria haver ar-condicionado dentro das salas já que são abafadas, deveria haver aulas de computação já que isso é necessário para o nosso futuro.

16. Os professores deveriam ser mais rígidos.

17. Gosto de tudo, mas o que deveria ser mudado é a relação entre professor e aluno, mais disciplina e educação.

18. A escola deveria ser um lugar onde os alunos sentiriam tédio em aprender algo novo (perdão pela expressão), um lugar onde podemos ser quem somos e descobrir o que queremos para o nosso futuro, e não um ambiente de pressão. A infraestrutura deveria ser outra, um cubo sem ventilação no calor e no frio é insuportável, pois todas janelas estão quebradas ou estragadas, e tudo isso causa cansaço (importante ressaltar que quando surge uma melhoria sutil os alunos não fazem bom proveito e acabam danificando) aí entra o tópico de que deveria haver maior imposição para manter a ordem da escola. Os alunos deveriam entender que somos nós quem está formando a escola, a maioria dos professores não estão bem e estão desgastados, tão desgastados que largaram de mão o aluno, deixar os alunos tomar todo o horário que eles têm, que deveria ser para o nosso ensino. Acho que os professores também precisam de assistência psicológica, para ter controle do ambiente de ensino e ter seu reconhecimento tanto dentro quanto fora da sala de aula. Os alunos também estão angustiados, confusos e intolerantes e precisam de ajuda, mas será que eles querem

ser ajudados? Ou estão acomodados com isso? São perguntas que a nossa suposta psicóloga deveria questionar. O próprio profissional deveria correr atrás disso e fazer com que os alunos reconheçam que precisam evoluir, muitos não conseguem reconhecer que precisam de ajuda por isso não vão procurar ajuda. O lanche é uma situação deplorável, excesso de sal, açúcar, má distribuição e preparo, falta de higiene e cuidado, o profissional está lá apenas por estar, porque nem para fazer o básico está saindo bem (coisas do dia a dia simples que aprendemos em casa): pegar o lanche, ver os seios da cantineira entrando dentro da panela é o cúmulo, alimentos que são entregues a mão nua, tendo contato com suor e sujeira, cozinha com ventilação e estrutura ruim para os profissionais que trabalham lá.

19. Onde estão os livros didáticos? Uma das melhores formas de estudo é utilizando um livro sendo ministrado da forma correta. Por enquanto apenas isso...Obrigada!

20. Espero conseguir um emprego, e a escola deveria ser um ambiente mais saudável.

21. Precisam melhorar a escolha dos professores para os alunos.

22. Para começar o lanche, ter mais salas, ter um laboratório de ciências, informática, aumentar o quadro.

23. Os lanches tinham que ser mais adequados, o banheiro deveria ser limpo e arrumado.

24. Melhorar o lanche, empenhar mais na educação.

25. Tive a oportunidade de estar tendo aulas com profissionais incríveis, porém alguns não têm a devida educação para nos dar aula.

26. Alguns professores são excelentes para explicar o conteúdo, já outros se enrolam e não explicam nada.

27. Alguns professores vêm na escola só por obrigação, passam atividade no quadro e deixam os alunos se virarem, outros já são muitos excelentes, sabem dar o melhor de si.

28. O banheiro dos homens não possui um espelho, seria uma melhoria adaptar isso na escola.

29. Deveria haver mais respeito de ambos os lados, mais diálogo.

30. A parte da secretaria e supervisão deveria dar mais suporte aos alunos.

31. Poderiam acrescentar materiais relevantes para o mercado de trabalho ou inteligência emocional.

À vista disso, pode ser destacado, a partir dos relatos, que o ambiente escolar é problemático para alguns alunos, muitos apontam a questão do comportamento não só do professor, mas também do próprio aluno, que muitas vezes não respeita o professor; o outro aluno atrapalha as aulas e danifica os equipamentos da escola. Destacam também a necessidade de um trabalho sério com uma psicóloga dentro da escola para atender o aluno. Constantemente apontam a necessidade de melhorias metodológicas, ou seja, o professor ter mais atenção ao abordar os temas nas suas respectivas disciplinas para melhor compreensão do aluno.

Ressaltam a má estrutura da escola que não dispõe de equipamentos para o desenvolvimento das aulas (laboratórios, visitas de campo), e a necessidade de se trabalhar com tecnologias que contribuam para o acesso desses alunos ao mercado de trabalho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão desenvolveu um tema, dentro da educação de base, pouco trabalhado no meio científico, assim como nos parâmetros políticos. Os principais temas que abordamos foram: desistência escolar, métodos de ensino aplicados aos alunos, relação entre professor e aluno, e infraestrutura escolar. O melhor de participar de uma Iniciação Científica é poder trabalhar com pesquisa e saber o que os alunos pensam, e o que pode ser melhorado dentro da nossa instituição de ensino.

Dentro dessa perspectiva, o projeto possibilitou tabular dados; comparando os anos de 2019, 2020 e 2021; destacando as mudanças na forma de avaliação durante o período de pandemia, que facilitou a provação não condizente com a aprendizagem, devido às diversas dificuldades encontradas, como o acesso à internet, o uso do aplicativo, aparelho eletrônico, para acessar material, entre outros.

Além disso, os relatos se mostram de grande valia por possibilitar entender os pontos que incomodam e que podem ser mudados, melhorando assim a relação dos alunos com a escola. Mas é importante frisar que nem todos os alunos levaram o preenchimento do questionário a sério, não respondendo a todas as questões. Levando em consideração a importância da pesquisa, ela poderia ser repetida anualmente, realizando a conscientização dos alunos para responder corretamente aos questionários, para que assim as possíveis mudanças tenham resultados efetivos.

Vale destacar que colaborar e fazer parte desse movimento é uma honra, sentir que estamos desenvolvendo algo que futuramente amplie os horizontes para as futuras gerações é gratificante. A experiência foi fantástica, reuniões, discussões onde todos exercem a fala e exposição de

opinião, a disponibilização de material para avançar mais ainda no conhecimento também foi um ponto que nos auxiliou e incentivou para o desenvolvimento do projeto.

Nós esperamos que, apresentando esse projeto, seja possível dar mais voz ao estudante e ao professor, conseguir condições melhores de ensino e assim desenvolver uma melhor educação básica, não somente aos alunos da Lourdes de Carvalho, e sim para todo nosso sistema educacional.

Tivemos uma ótima professora, que sempre nos orientou em tudo e sempre esteve disponível quando precisávamos de suporte para terminar algum tópico da pesquisa, ela nos deixou extremamente à vontade para expressar a nossa opinião durante a pesquisa.

Desenvolver o questionário e aplicá-lo foi a parte mais desafiadora, pois muitos alunos não responderam de maneira responsável. Depois disso, veio a melhor parte: a discussão entre os membros da pesquisa. Ter lugar de fala é incrível, pois expressamos várias opiniões que pensamos jamais escutariam. Com o projeto de Iniciação Científica, tivemos a oportunidade de dizer tudo que pensamos sobre a escola, os motivos sobre o desânimo em estudar, entre outros assuntos.

Por fim, destacamos que participar desta pesquisa foi uma experiência muito boa e de muito aprendizado. Foram várias reuniões, nas quais rimos, divertimos e trabalhamos. Temos certeza que o trabalho apresentado vai servir de grande exemplo para que outras escolas realizem diálogos com seus alunos a fim de obter o ponto de vista dos estudantes. Esperamos outras oportunidades para desenvolver mais pesquisas e evoluir em cada uma delas como pesquisadores e escritores.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, B. *Da relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia: elementos para uma teoria*. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DAHER, A. F. B. Aluno e professor: protagonistas do processo de aprendizagem. *SEMED*, Campo Grande, MS, 2017.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Inep divulga dados inéditos sobre fluxo escolar na educação básica*. Inep, 2022. Disponível em: www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/inep-divulga-dados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica. Acesso em: 17 dez. 2024.

LOPES, R. C. S. A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem. *Dia a dia e educação*, v. 9, n. 1, 2011. Disponível em: <http://www.diaa-diaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2024.

RODRIGUES, E. S. P. *A situação escolar na perspectiva do aluno*. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2544/420.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 dez. 2024.

PERSISTIR OU DESISTIR?

O PROBLEMA DA EVASÃO ESCOLAR ENTRE OS JOVENS DA “MENORZINHA DO BRASIL”

Ana Júlia Almeida da Conceição¹, Ana Júlia do D. E. S. Silva¹, Bárbara de Jesus Damásio¹, Halana Eustáquio Resende¹, Nicole da Silveira Pedrosa¹, Rafaela Beatriz Honorato da Fonseca¹, Laila Cristina de Sousa Pires², Márcia Patrícia Barboza de Souza³

1 INTRODUÇÃO

Apesar de a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (Brasil, 1996) defenderem a educação como um direito de todos, ainda hoje, mesmo em meio a tantos avanços, favorecer a permanência dos jovens estudantes no ambiente escolar tem sido um desafio cada vez maior, sobretudo pelo fato de que, muitas vezes e por diversos motivos, até mesmo alheios às suas vontades, os jovens continuam a abandonar os estudos, ainda mais quando chegam ao anos finais do Ensino Médio.

1 Escola Estadual Amélia Passos (Santa Cruz de Minas/MG)

2 Orientadora, Escola Estadual Amélia Passos (Santa Cruz de Minas/MG), laila.sousa@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Francisco Bernardino (Juiz de Fora/MG), marcia.barboza@educacao.mg.gov.br.

De acordo com Figueiredo e Salles (2017, p. 357), “quando se trata de evasão, a literatura apresenta um quadro conceitual bastante diverso, com definições que nem sempre dialogam entre si, gerando ambiguidade e/ou limitação às análises”. Partindo do sentido mais simplista do termo, a evasão pode ser compreendida como o ato de evadir-se, fugir, abandonar; sair, desistir; não permanecer em algum lugar e, quando se trata de evasão escolar, entende-se, pois, como a fuga ou abandono da escola.

Em um documento orientador expedido pelo MEC (Brasil, 2014), o conceito de evasão é definido como sendo a interrupção do ciclo, em que o estudante pode: ter abandonado, não ter realizado a renovação da matrícula ou não ter formalizado o desligamento/desistência do curso. No entanto, de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2004), a definição de evasão deve ser entendida de forma diferente de abandono, sendo, pois, dois conceitos específicos e diferentes entre si. Evasão significa a saída do aluno da escola sem retorno para o sistema de ensino. Já o abandono ocorre quando o aluno deixa a escola em determinado ano, porém retorna no ano seguinte.

Em ambos os casos, são inúmeros os fatores que podem contribuir para que o estudante desista de estudar, resultando assim no que se pode chamar de fracasso escolar, um problema antigo que surgiu a partir do século XIX, com o advento da obrigatoriedade do ensino e que, ainda nos tempos atuais, tem sido causa de preocupação nas instituições escolares.

As causas do fracasso podem se manifestar tanto no ambiente escolar (interescolar) como fora da escola (extraescolar). Para se compreender o fenômeno do fracasso escolar, necessita-se ter uma visão de todas as dificuldades e problemas existentes de forma oculta nesse processo e que só um detalhamento do conjunto é que trará parâmetros que propiciará um bom entendimento do assunto em questão... A escolaridade é o ponto de partida para que o futuro cidadão possa usufruir de todos os seus direitos e deveres, como também ter uma formação consciente de como ser ativo na sociedade, evitando assim a exclusão (Rocha; Santos, 2015, p. 1).

Nesse sentido, levando-se em consideração o aumento no índice de evasão escolar no Ensino Médio da Escola Estadual Amélia Passos,

nos últimos 3 anos (2019-2021), este trabalho tem por objetivo investigar e apontar as características associadas aos desafios vividos pelo público-alvo desta pesquisa, os jovens atualmente matriculados nas turmas do Ensino Médio de 2022. Para isso, a pesquisa analisou os aspectos que transcendem as questões intraescolares, como as questões internas (psicológicas) e dificuldades pessoais enfrentadas pelos alunos para persistirem com os estudos.

2 DESENVOLVIMENTO

A pesquisa aqui apresentada foi desenvolvida por um grupo de alunos-pesquisadores e por uma professora da Escola Estadual Amélia Passos. Fundada em 1922, a instituição possui excelente capacidade espacial e, atualmente, é a única escola de Ensino Médio da cidade de Santa Cruz de Minas. Em seus tempos áureos, a instituição já atendeu cerca de 1.000 alunos matriculados ao longo do ano letivo.

Contudo, mesmo com todo esforço da diretoria, dos professores e dos funcionários, nos últimos 10 anos, a instituição escolar vem sofrendo os reflexos dos antigos problemas sociais que rondam a comunidade santa-cruzense. Em 2007, por exemplo, Santa Cruz de Minas estava na segunda colocação entre as cidades de Minas com maior taxa de homicídio juvenil, perdendo apenas para Betim (Silva, 2013). Há ainda casos extremos de pobreza e vulnerabilidades sociais e econômicas, além de problemas relacionados à saúde mental, como depressão, ansiedade, casos de automutilação e até mesmo suicídio.

Nos últimos 4 anos, a escola tem recebido em média 200 alunos matriculados por ano e, ainda assim, nem todos conseguem finalizar o Ensino Médio. Em 2020, inclusive, além dos problemas sociais já citados, a escola se viu também diante de novos desafios decorrentes da necessidade de instauração do ensino remoto, devido à pandemia mundial do Covid-19, com o aumento dos índices de defasagem de aprendizagem, reprovação e evasão escolar.

Levando em conta as informações até aqui apresentadas, o trabalho proposto optou por seguir a linha de pesquisa quali-quantitativa para investigar os possíveis desafios encontrados pelos jovens para prosseguir nos estudos. Nas palavras de Gatti (2004), ambas as abordagens podem ser consideradas complementares, muito mais do que antagônicas, visto que os métodos:

[...] que se traduzem por números, podem ser muito úteis na compreensão de diversos problemas educacionais. Mais ainda, a combinação deste tipo de dados com dados oriundos de metodologias qualitativas, podem vir a enriquecer a compreensão de eventos, fatos, processos. As duas abordagens demandam, no entanto, o esforço de reflexão do pesquisador para dar sentido ao material levantado e analisado (Gatti, 2004, p. 4).

Nesse sentido, inicialmente, em outubro de 2021, a fim de proporcionar mais familiaridade com o assunto tratado e oportunizar momentos de reflexão sobre a questão tratada, o núcleo de pesquisa realizou uma revisão da literatura por meio do levantamento bibliográfico a respeito do tema “evasão escolar”, sobretudo dos alunos do Ensino Médio.

No mês de dezembro do mesmo ano, para fechar com louvor as atividades referentes aos primeiros três meses de pesquisa, o grupo realizou um Sarau Cultural, denominado “(Re)existência”. Por meio de leitura e escrita de textos autorais, música, dança e desenho, além de rodas de conversas e participação de ex-alunos (evadidos), o evento trouxe para a comunidade escolar a reflexão sobre as situações cotidianas em que é preciso persistir. O tema do sarau permitiu ainda refletir sobre as oportunidades de ressignificar as adversidades encontradas pelo caminho a fim de dar um novo sentido para a própria existência, resistindo não somente no que diz respeito a dar continuidade aos estudos, mas sobretudo à vida.

Nos meses de fevereiro e março de 2022, a pesquisa deveria ter assumido um caráter exploratório. Entretanto, uma vez que o grupo encontrou dificuldades diversas, como a demora em obter acesso aos documentos escolares, não foi possível cumprir o prazo da etapa conforme o cronograma proposto. Além desses entraves, o núcleo de pesquisa foi surpreendido com

a saída/abandono de 6 alunos-pesquisadores. O grupo, que buscou desde o início investigar as causas da evasão escolar, começou também a ser “vítima” desse fenômeno pelos mais diferentes motivos, desde a entrada para exército, mundo do trabalho, mudança de escola/turno de estudo, gravidez, como também problemas de saúde mental (ansiedade e depressão).

No mês de março, os pesquisadores seguiram com os estudos e deram início à busca pelo público-alvo: os alunos evadidos. O núcleo recebeu da supervisão os dados pessoais dos estudantes, contudo, sem dados específicos de contato, tais como endereço e/ou telefone para que eles pudessem ser localizados. Para isso, foi preciso contar com o apoio da secretaria, uma vez que somente esse setor e a gestão teriam acesso aos dados. Ocorre que, devido ao excesso de tarefas já realizadas por eles, também não foi possível obter o necessário em tempo hábil. Um outro agravante foi a greve dos profissionais da educação nesse período que, de certa forma, também interferiu em tais processos.

Em julho, a pesquisa assumiu um caráter descritivo, o que tornou possível a coleta dos dados referentes às taxas de aprovações, reprovações, progressões, transferências e, principalmente, de evasão escolar entre os anos de 2018 a 2021. Para tal, analisou-se a ata de resultados finais, disponibilizada pela secretaria da escola. A base para a análise e definição de sucesso escolar foi a chegada do aluno ao terceiro ano do Ensino Médio em idade apropriada, sem ter sido reprovado e sem ter abandonado a escola durante a trajetória.

Tavares Junior, Feres e Freguglia (2014) pontuam que, em um sistema eficiente ou de bom-rendimento, as crianças completam o nível fundamental em 09 anos. Com relação ao nível médio, espera-se que o jovem o complete em 03 anos. Nesse sentido, para fins desta pesquisa, buscou-se analisar somente a taxa de reprovação e evasão escolar relacionadas ao período de 2019 a 2021, uma vez que, ao tomar por base o tempo básico de três anos para a duração dessa etapa de ensino, seria possível observar e comparar o número de alunos que ingressaram no 1º ano (2018) e o número de alunos que chegaram e concluíram com êxito o 3º ano do Ensino Médio (2021).

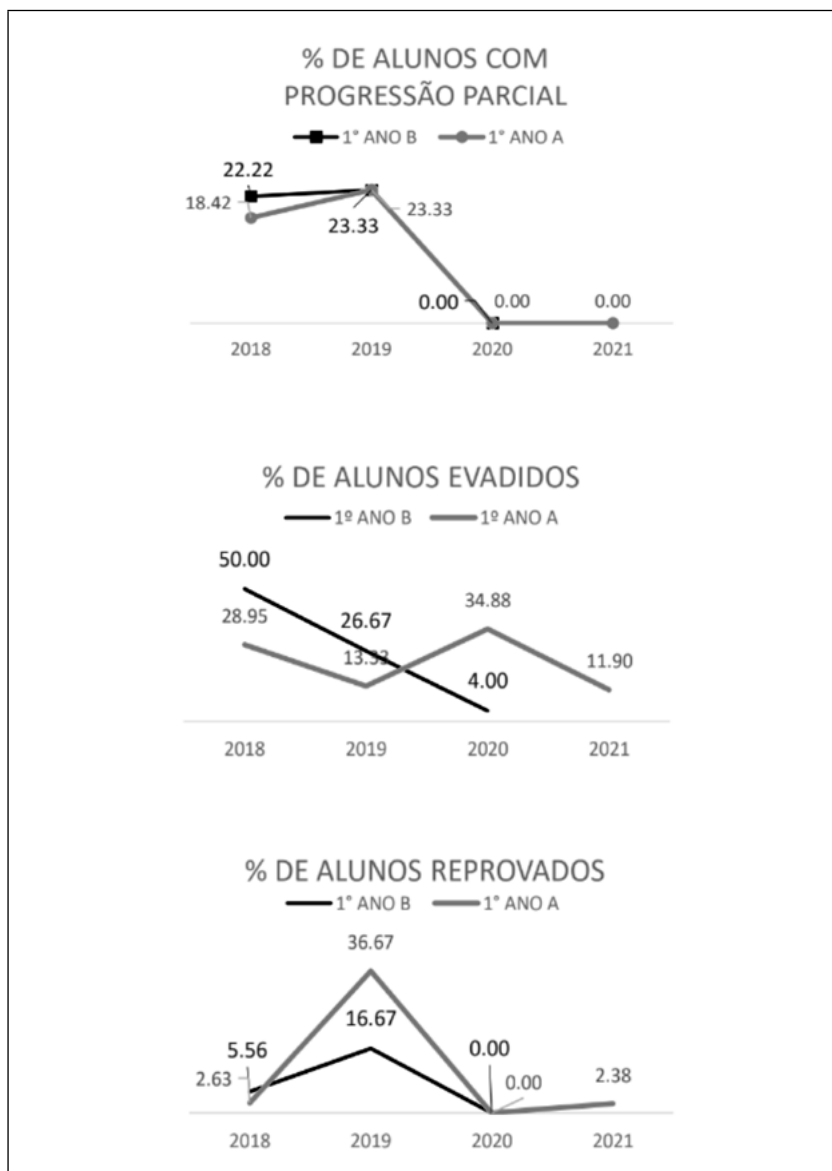
De forma a obter o maior número de informações possíveis concernentes aos desafios encontrados pelos jovens para permanecerem no ambiente escolar, a coleta de dados qualitativos foi então realizada por meio da aplicação de um questionário eletrônico enviado aos 116 alunos matriculados no ano de 2022 nas turmas do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, da própria instituição. No entanto, partindo da disponibilidade e do interesse dos estudantes em contribuir para o desenvolvimento desta pesquisa, contou-se aqui com a participação de apenas 33 alunos. Dando continuidade ao trabalho, passou-se à análise dos resultados obtidos no questionário e reflexão sobre quais os principais desafios encontrados pelos jovens para continuar estudando e concluir com êxito a etapa referente ao Ensino Médio.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da ata de resultados finais dos últimos quatro anos (2018-2021) disponibilizada pela secretaria da escola, os pesquisadores puderam analisar os números referentes a aprovações, reprovações, progressões e, principalmente, o número de alunos evadidos ao longo desse período. Os dados coletados possibilitaram, pois, a construção de gráficos que embasaram a reflexão proposta para esta pesquisa. Contudo, para fins desta análise, somente serão descritos os dados referentes aos anos de 2019, 2020 e 2021, de forma a observar a trajetória de alunos que prosseguiram e concluíram com êxito a formação no Ensino Médio.

Gráfico 1: Turmas de 1º ano do Ensino Médio





Fonte: Elaborado pelos autores

No ano de 2019, a escola contou com duas turmas de 1º ano no Ensino Médio regular. A primeira, denominada como 1º ano A, contou com 30 alunos matriculados. Desse total, 11 alunos foram reprovados, 3

transferidos e 4 evadidos, sendo apenas 12 alunos aprovados (7 foram aprovados por progressão parcial e 1 aprovado por reclassificação). A segunda turma, denominada 1º ano B, também contou com 30 alunos matriculados. Desse total, 5 alunos foram reprovados, 2 transferidos e 8 evadidos, sendo apenas 15 aprovados (7 foram aprovados por progressão parcial).

Somando-se então os alunos do 1º ano A e B, a escola recebeu no ano de 2019 um total de 60 alunos matriculados, mas somente 27 alunos concluíram com êxito essa etapa. Teoricamente, essas duas turmas dariam origem às duas outras próximas turmas de 2º ano no Ensino Médio regular do ano seguinte, no entanto, iniciou-se o ano de 2020 com apenas uma turma de 2º ano no Ensino Médio, com total de 36 alunos. Do total de alunos dessa turma, 7 foram reprovados, 3 foram transferidos e 5 evadidos, sendo apenas 21 alunos aprovados (1 aprovação por reclassificação).

Gráfico 2: Turmas de 2º ano do Ensino Médio



Fonte: Elaborado pelos autores

Ressalta-se que, com relação ao número de aprovados nas turmas de 1º ano, houve um aumento considerável de aprovação na turma do 2º ano de 2020. Há também que se observar uma diferença nos moldes de ensino e avaliação decorrentes da necessidade de instauração do ensino remoto durante a pandemia do Covid-19, que precisam ser levados em consideração nesse contexto e que tornaram possível a continuidade dos estudos para esses alunos, como o REANP (Regime Especial de Aulas Não Presenciais), estruturado a partir de três ferramentas e suportes distintos: (i) Plano de Estudos Tutorados (PET); (ii) Programa de TV “Se Liga na Educação”; (iii) aplicativo Conexão Escola (Minas Gerais, 2020).

Gráfico 3: Turmas de 3º ano Ensino Médio



Fonte: Elaborado pelos autores

Já ocorrendo uma significativa redução do número de alunos matriculados desde 2019, em que se tinha inicialmente 60 alunos nas

turmas de 1º ano, a escola contou, no ano de 2021, com apenas uma única turma de 3º ano no Ensino Médio, com total de 30 alunos. Ainda de forma remota, os alunos continuaram seus estudos seguindo a proposta do Plano de Estudos Tutorados (PET), do Programa de TV “Se Liga na Educação” e do aplicativo Conexão Escola. No entanto, em julho de 2021, a partir da Resolução SEE nº 4.590/2021 (Minas Gerais, 2021a), ficou decidido pelo retorno progressivo às atividades presenciais de forma híbrida nas Escolas da Rede Estadual de Ensino.

Assim, observando-se as diretrizes estabelecidas pela Comitê Extraordinário Covid-19 nº 165, de 1º de julho de 2021 (Minas Gerais, 2021b), conforme o avanço da classificação do município nas ondas estabelecidas pelo Plano Minas Consciente, em agosto de 2021, a Escola Estadual Amélia Passos passa a receber os alunos novamente para dar prosseguimento aos estudos presencialmente. Nesse caso, contrariamente ao ano anterior, o índice de reprovação e evasão aumentaram consideravelmente em relação ao número de alunos matriculados na turma do 2º ano.

Ainda com relação a instauração do ensino remoto, muitos jovens que já conciliavam suas atividades remuneradas ao período de estudos, tiveram então a oportunidade de trabalhar em período integral, pois as aulas podiam ser acompanhadas conforme a disponibilidade de cada aluno, desde que cumprissem as tarefas relativas aos Planos de Ensino Tutorados. Contudo, já no segundo semestre, após a liberação das atividades e concluindo-se o período de isolamento social, a equipe gestora da escola iniciou uma busca ativa para convidar os alunos a retomarem aos estudos de forma presencial, mas muitos optaram por não retornarem. Assim, do total de 30 alunos inicialmente matriculados, 3 alunos foram reprovados, 2 foram transferidos e 10 evadidos, ou seja, apenas 15 alunos foram aprovados.

Além da ata de resultados, analisou-se também as 33 respostas do questionário aplicado aos alunos do Ensino Médio matriculados em 2022. Com vistas a permitir a investigação dos desafios encontrados por eles para

seguirem adiante com os estudos, os dados coletados nesses questionários foram organizados em categorias, das quais os alunos tiveram a possibilidade de escolher mais de uma, conforme verifica-se no gráfico a seguir:

Gráfico 4: Desafios encontrados para permanecer no ambiente escolar



Fonte: Elaborado pelos autores

Diante de todos os desafios apontados pelos participantes, ressalta-se que mais da metade dos participantes afirmaram já terem pensado em desistir dos estudos (56,3%). Quando questionados sobre os possíveis motivos que os levariam ao abandono escolar, representando 46,9% do total das respostas colhidas, uma das maiores dificuldades apontadas

para permanecer no ambiente escolar está ligada aos problemas de aprendizagem e às dificuldades em acompanhar os conteúdos em sala de aula.

A esse respeito, partindo do cruzamento de dados referentes à reprovação e à evasão nas turmas e nas etapas de ensino analisadas, constatou-se que muitos dos alunos evadidos haviam sido reprovados no ano anterior. Nesse sentido, considera-se que a repetência e a reprovação podem atuar como fator propulsor à evasão escolar (Costa; Meneses, 1995).

Em seguida, representando 40,6%, encontra-se a necessidade de trabalhar e gerar renda para a família. No que diz respeito às condições socioeconômicas, é relevante observar que 53,1% dos participantes encontram-se em situação de pobreza e contam, inclusive, com benefícios assistenciais como fonte de renda para prover seu próprio sustento. Além disso, 50% dos participantes afirmaram estarem no ano de 2022 conciliando suas atividades escolares com alguma atividade remunerada.

Representando 34,4% das respostas, outro fator considerável foi a dificuldade relacionada à presença de problemas de saúde, sobretudo as doenças mentais, como ansiedade e depressão. Com 31,1% das respostas, outro desafio apontado diz respeito à necessidade do aluno de ficar em casa cuidando de filhos, irmãos e/ou parentes. Na mesma proporção, surgiram também questões relacionadas às dificuldades financeiras encontradas pelos jovens para adquirir itens, como roupas, calçados e materiais escolares necessários para frequentar o ambiente escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes da realização desta pesquisa, muitos dos alunos e pesquisadores ainda não tinham ideia do que era evasão e sequer tinham consciência da gravidade e da relevância de discutir essa temática no ambiente escolar. Assim, os pesquisadores puderam conhecer o tema para além da questão educacional, sobretudo no que diz respeito às dificuldades que surgem ao longo da vida. Falar de evasão escolar não é só falar sobre quem decide “sair da escola”, mas muitas vezes de quem “escolhe” desistir de si mesmo ao

desperdiçar oportunidades de crescimento pessoal e/ou, até mesmo, em alguns casos, de desistir da própria vida. Contudo, usando também os desafios como material de pesquisa, o núcleo pode aprender na prática como é preciso ser perseverante para atingir os objetivos. De acordo com o Instituto Ayrton Senna, as competências socioemocionais podem ser descritas como:

Capacidade de mobilizar, articular e colocar em prática conhecimentos, valores, atitudes e habilidades para compreender e gerir emoções, estabelecer e atingir objetivos, sentir e demonstrar respeito e cuidado pelos outros, trabalhar em equipe, tomar decisões autônomas e responsáveis, e enfrentar situações adversas de maneira criativa e construtiva (Instituto Ayrton Senna 2015, p. 22).

Nesse sentido, o núcleo constatou a importância das competências socioemocionais como alternativa para prosseguir e não desistir diante das dificuldades encontradas pelo caminho para permanecer no ambiente escolar e concluir com êxito a etapa da educação básica.

Dessa forma, uma vez que a educação vai muito além de notas, aprovação ou reprovação, ficou claro que compreender mais sobre a realidade do aluno é o primeiro passo para buscar uma melhoria no processo de ensino-aprendizagem e possibilitar a permanência do estudando na escola. Faz-se necessário pensar um currículo que ofereça uma formação que contemple não somente as habilidades cognitivas, mas que ofereça condições para o pleno desenvolvimento dos jovens, sobretudo daqueles que se encontram em estados de vulnerabilidades sociais, como é o caso dos alunos da instituição pesquisada.

Percebeu-se que, mesmo diante dos mais diferentes desafios encontrados pelos jovens, a causa pode ser mais profunda que a necessidade de trabalhar ou a gravidez precoce. Tais “motivos” podem ser apenas a ponta de um *iceberg* que esconde, por exemplo, um precário desenvolvimento socioemocional. Por isso, a fim de mitigar os riscos de abandono e evasão, acredita-se que favorecer o desenvolvimento socioemocional dos jovens estudantes parece ser uma alternativa para a melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem na instituição.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 18 dez. 2024.

BRASIL. *Documento orientador para a superação da evasão e retenção na rede federal de educação profissional, científica e tecnológica*. Ministério da Educação, Brasília, DF, 2014. Disponível em: https://avr.ifsp.edu.br/imagens/pdf/Comissoes_Outros/PermanenciaExit/Documento-Orientador-SETEC.pdf. Acesso em: 18 dez. 2024.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 18 dez. 2024.

COSTA, M. V. N.; MENESES, Z. M. *Evasão Escolar: Causas e Repercussão Social*. 1995. Monografia (Curso de Especialização em Planejamento Educacional) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 1995.

FIGUEIREDO, N. G. S.; SALLES, D. M. R. Educação profissional e evasão escolar em contexto: motivos e reflexões. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*, v. 25, n. 95, p. 356-392, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/Bw8WKpzdP3w8qn5zL68C3sq>. Acesso em: 18 dez. 2024.

GATTI, B. A. Estudos quantitativos em educação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 11-30, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/XBpXkMkBSsbBCrCLWjzyWyB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 dez. 2024.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Indicadores da qualidade na educação / Ação Educativa*, Unicef, PNUD, Inep-MEC (coordenadores). – São Paulo: Ação Educativa, 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/ce_indqua.pdf. Acesso em: 28 fev. 2025.

INSTITUTO AYRTON SENNA. *Caderno 2: Modelo Pedagógico: princípios, metodologias integradoras e avaliações de aprendizagem*. Diretrizes para a política de educação integral solução educacional para o ensino médio. Rio de Janeiro: Record, 2015.

MINAS GERAIS. *Documento Orientador: Regime Especial de Atividades Não Presenciais (REANP)*. Minas Gerais: Secretaria de Educação de Minas Gerais, março 2020.

MINAS GERAIS. *Resolução SEE nº 4590/2021*. Secretaria de Estado da Educação, Belo Horizonte, 2021a. Disponível em: https://acervodenoticias.educacao.mg.gov.br/images/documentos/RESOLU%C3%87%C3%83O%20SEE%20N%C2%BA%204.590_2021,%20DE%201%C2%B0%20DE%20JULHO%20DE%202021.pdf#:~:text=Page%201-,RESOLU%C3%87%C3%83O%20SEE%20N%C2%BA%204.590%2F2021%2C%20DE%201%C2%B0%20DE%20JULHO,26%20de%20fevereiro%20de%202021. Acesso em: 18 dez. 2024.

MINAS GERAIS. *Deliberação do Comitê Extraordinário Covid-19 nº 165*, de 1º de julho de 2021. Belo Horizonte, 2021b. Disponível em: <https://acervodenoticias.educacao.mg.gov.br/images/documentos/DELIBERA%C3%87%C3%83O%20DO%20COMIT%C3%8A%20EXTRAORDIN%C3%81RIO%20COVID-19%20N%C2%BA%20165,%20DE%201%C2%BA%20DE%20JULHO%20DE%202021.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2024.

ROCHA, H. L. B.; SANTOS, J. O. Fracasso escolar: Limites à cidadania. *Revista Brasileira de Educação e Saúde*, Pombal, PB, v. 5, n. 4, p. 36-42, 2015.

SILVA, P. H. Menor cidade do país em busca de identidade e mais segurança. *Jornal Hoje em Dia*, de 26 de janeiro de 2013. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/minas/menor-cidade-do-pais-busca-identidade-e-mais-seguranca-1.96207>. Acesso em: 18 dez. 2024.

TAVARES JUNIOR, F.; FERES, CHEIN, F. L.; FREGUGLIA, R. S. A Produção da Exclusão Educacional no Brasil. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 18, n. 3, p. 51-81, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Marcio-Costa-6/publication/278036194_Caminho_Marcado_transicao_entre_escolas_publicas_municipais_na_cidade_do_Rio_de_Janeiro/links/557b01ee08aeea18b7750bfc/Caminho-Marcado-transicao-entre-escolas-publicas-municipais-na-cidade-do-Rio-de-Janeiro.pdf#page=51. Acesso em: 18 dez. 2024.

JUVENTUDE EM CONSTRUÇÃO: REFLETIR PARA CRESCER

Adriel Guilherme Pereira Duarte¹, Carlos Teodoro Silva Normandia¹, Gabriel Azevedo de Sousa¹, Gabriel Lázaro da Costa¹, Giovanna Stefany Lara Marcelino Caldeira¹, Henrique Alves Duarte¹, Izamara Cristina Brito de Oliveira Cardoso¹, Karla Rauane Carvalho Alves¹, Lorena Azevedo de Sousa¹, Mel Batista da Silva¹, Otavio Augusto de Freitas Vital¹, Suzane Porifiro dos Santos¹, Eugênia Pires Flauzino², Sônia Edilma Gomes³, Emerson Matos de Oliveira⁴

1 INTRODUÇÃO

O tema principal do estudo foi a investigação do perfil social dos estudantes, reconhecendo seus anseios, dificuldades e motivações. É importante entender as reflexões ao redor da juventude envolvida, bem como compreender as questões sobre as situações do seu cotidiano. Mas antes de aprofundar nas indagações relacionadas ao tema, é importante entender o principal sujeito da pesquisa: a juventude.

Juventude é a fase entre a infância e a fase adulta onde o indivíduo passa a ter total capacidade de prover sua existência e tem seu

1 Escola Estadual Parque São Jorge (Uberlândia/MG).

2 Orientadora: Escola Estadual Parque São Jorge (Uberlândia/MG), eugenia.flauzino@educacao.mg.gov.br.

3 Coorientadora, Escola Estadual Parque São Jorge (Uberlândia/MG), escola.167797@educacao.mg.gov.br.

4 Tutor, Escola Estadual Eulália Gomes de Oliveira (Paraisópolis/MG), emerson.matos@educacao.mg.gov.br.

desenvolvimento mental, cognitivo e físico completo. Um dos maiores desafios da juventude atual é se adaptar às expectativas da sociedade tradicional, e ao mesmo tempo inovadora, com as suas realidades e seus anseios.

As Nações Unidas definem a juventude como a faixa etária entre os 15 e os 24 anos de idade. Porém a experiência da juventude pode variar de acordo com diversos fatores e localidades, tornando a juventude um momento de muitas modificações, dependendo do local onde vive e aquilo que a rodeia (Unesco, 2020).

Uma das diferenças dos jovens de hoje é a autonomia em relação às gerações anteriores. Entendemos que a juventude possui um espaço diferenciado na expressão das ideias e na busca de conhecimento, e a internet oferece esse espaço diferenciado, porém, com múltiplas ideias e comunidades que devem ser exploradas com cautela e discernimento.

Acreditamos que o mundo contemporâneo oferece grandes desafios, entre eles a expectativa de que os jovens sejam mais eficientes e eficazes, colocando uma sobrecarga que pode levar à crises de ansiedade. Assim, desenvolvendo doenças crônicas, os jovens são desestimulados a estudar, optando pela evasão escolar e agravando os problemas psicológicos (Nogueira, 2005).

Em nosso grupo de estudos, temos desafios semelhantes, alunos com laudo de transtornos e outros com necessidades especiais, perfis que demandam um esforço a mais na luta dos desafios sociais. Por isso, nossa pesquisa direcionou o olhar para a comunidade escolar, trabalhando com mais clareza os seguintes objetivos específicos: investigar o perfil socioeconômico dos alunos; coletar informações de cunho histórico-social relacionado à família e à comunidade; realizar levantamento bibliográfico referente ao tema; investigar os principais desafios e anseios do jovem da periferia; identificar agentes transformadores; e propor espaços de reflexão que auxiliem no desenvolvimento do aluno.

2 METODOLOGIA

Para Ferrarezi Júnior (2013), a construção científica é também um ato coletivo, portanto, torna-se pertinente para esta pesquisa a abordagem histórica-descritiva, pois “partindo do princípio de que as atuais formas de vida social, as instituições e os costumes têm origem no passado é importante pesquisar suas raízes para compreender sua natureza e função” (Marconi; Lakatos, 2008). Assim sendo, a abordagem histórica deste estudo teve como base uma análise teórica e introdutória sobre o pensamento antropológico com Laplantine (1988), a partir de uma investigação referente à evolução histórica da civilização e as respectivas influências ao progresso humano advindas do contexto particular de cada época.

O estudo utilizou também da abordagem comparativa conceituada por Marconi e Lakatos (2008) de “que o estudo das semelhanças e diferenças entre diversos tipos de grupos, sociedades ou povos contribui para uma melhor compreensão do comportamento humano”.

O estudo adotou como base teórica Lakatos e Marconi (2008), Debert (2010), França (2013) e Silva (2009). A pesquisa bibliográfica e de campo tornou-se pertinente, pois representa os primeiros passos para a construção efetiva do processo de investigação. O principal material coletado foram os questionários e os debates entre os membros. Os questionários de natureza investigativa ofereceram subsídios para avaliar o impacto das experiências da vida pessoal, escolar e social do jovem de periferia da comunidade. Eles foram aplicados após a assinatura dos termos de autorização. A aplicação ocorreu na escola, por meio físico, pelos próprios pesquisadores e alunos do Ensino Médio. Após aplicação, os dados foram organizados utilizando o software *Microsoft Excel* e analisados seguindo outros referenciais bibliográficos.

A pesquisa foi realizada seguindo os passos: investigação do perfil socioeconômico dos alunos; coleta das informações de cunho histórico-social relacionado família e comunidade; realização dos

levantamentos bibliográficos referente ao tema; investigação dos principais desafios e anseios do jovem da periferia; e identificação dos agentes transformadores, propondo espaços de reflexão que auxiliem no desenvolvimento do aluno.

Utilizamos o espaço presencial e virtual para realizar as interações com os pesquisadores e demais estudantes, bem como com os orientadores e o tutor.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da pesquisa foram amplos, dessa forma, para a presente análise, optou-se por apresentar os dados mais relevantes, a fim de potencializar os resultados e a escrita.

A sociologia da educação na atualidade debate profundamente a relação entre a escola e a família como pilar na formação efetiva dos jovens e de suas decisões, bem como à responsabilidade de cada uma dessas instituições na formação acadêmica dos adolescentes. A atuação da família vem sendo em sua maioria desmistificada e mostrando que os determinismos estão mais dentro de uma mesma classe social (Nogueira, 1995).

Para superar essas limitações, passamos para uma abordagem mais microscópica do ambiente, preocupada com a percepção de especificidades existentes nas famílias dentro de uma mesma classe social (Nogueira, 1995), e suas dinâmicas e configurações internas, mostrando a real influência das famílias: socialmente, intelectualmente ou financeiramente (Nogueira, 1998). Nesse contexto, distribuímos os dados em três tópicos:

Histórico-social relacionado, sexualidade, idade, família e comunidade

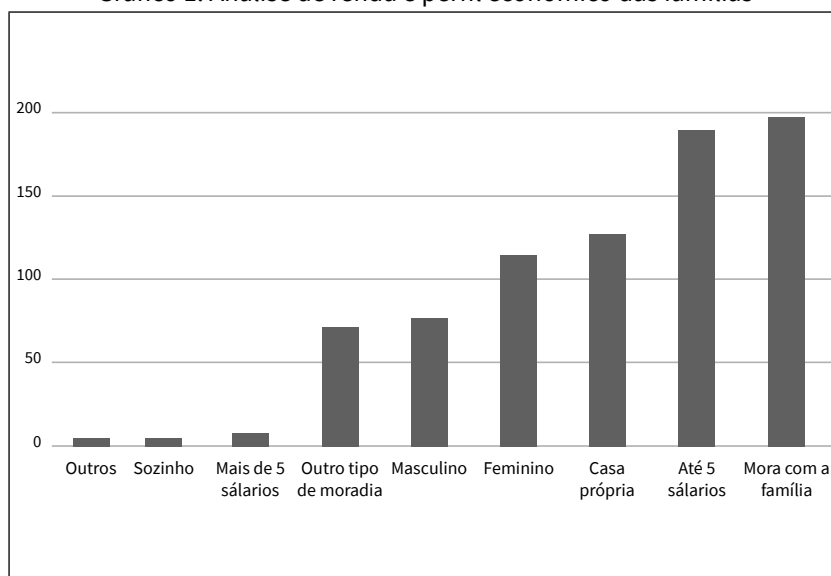
Foram entrevistadas 115 alunas e 78 alunos, outros 5 jovens não se enquadraram em nenhum dos dois gêneros. Entre eles,

51,3% são menores de 17 anos, e outros 17,01% são maiores ou têm 18 anos.

As famílias são estruturadas com até 5 pessoas (71%), o que permite uma base financeira para os filhos. Entre esses alunos, 89% mora com os pais, os quais acompanham o desenvolvimento escolar e pessoal dos filhos e, na sua maioria, possui casa própria (66,3%). Já em questão educacional, 53,3% dos pais estudaram somente até o início do Ensino Médio, e 13,7% não estudou.

Os pais têm expectativa de conclusão de Ensino Médio ou faculdades para seus filhos. Dos 198 entrevistados, somente 26% contribuem nas despesas fixas de casa, ou seja, não trabalham ou não ajudam nas despesas do bem comum, fato que nos leva a entender que o tempo é direcionado somente aos estudos, ou pelo menos deveria ser. Os demais que trabalham utilizam da sua renda para suas necessidades pessoais e/ou não auxiliam na despesa da família. O Gráfico 1 demonstra o perfil geral das famílias em relação a moradia, renda e sexo:

Gráfico 1: Análise de renda e perfil econômico das famílias



Fonte: Elaborado pelos autores

Principais desafios e anseios do jovem de periferia

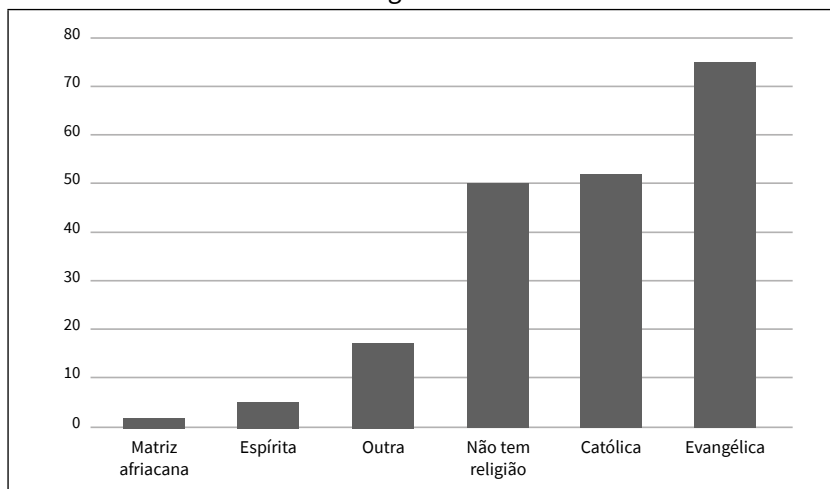
Embora se trate de um bairro considerado periférico, percebe-se pelos dados que a estrutura familiar é fortemente existente: 93,46% dos jovens têm suas decisões baseadas nos pais, e eles influenciam diretamente nas resoluções dos jovens.

Os maiores desafios são a otimização do tempo entre ser menor aprendiz, executar as atividades escolares e domésticas, realização dos cursos de capacitação para o mercado de trabalho, eventos sociais e descansos. E os jovens se sentem sobrecarregados na execução de tantas atividades simultâneas. Sendo assim, percebe-se por meio da pesquisa que os jovens de periferia já possuem grande sobrecarga antes mesmo de entrar no mercado de trabalho, pois precisam conciliar tempo e tarefas cotidianas.

Agentes transformadores e espaços de reflexão que auxiliam o desenvolvimento do aluno

Os pesquisados acreditam que a escola seria um grande centro de oportunidade, comprometida com a transformação social e a melhoria dos anseios e dificuldades da comunidade. Nos dias de hoje, principalmente no Ensino Médio, a escola deveria proporcionar cultura, base teórica adequada para a vida e principalmente preparo para o mercado de trabalho de forma adequada e consistente, quebrando preconceitos e ampliando os espaços de debate para a formação do jovem. Porém, o que percebemos, é que os jovens buscam outros agentes transformadores, a fim de responder às suas dificuldades e anseios. Ou seja, a escola como ambiente transformador não é considerada uma das fontes primárias de transformação do indivíduo.

Partindo desse contexto, um dos agentes transformadores ou apaziguadores do momento de angústia são os relacionamentos amorosos. Que muitas vezes limitam o progresso na escola, levando ao abandono das atividades estudantis e à iniciação precoce da sexualidade.

Gráfico 2: Religião dos estudantes

Fonte: Elaborado pelos autores

Outro agente transformador citado foram os espaços religiosos, onde a investigação mostrou (Gráfico 2) um público mais heterogêneo (51 católicos, 75 evangélicos, 5 espíritas, 1 matriz africana, 16 outra religião e 50 não possuem religião ou crença).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como ponto principal, a pesquisa auxiliou os pesquisadores a utilizar argumentos fundamentados e assertivos, tais como fazer o comparativo das informações levantadas nos questionários, a relação entre número de membros da casa, formação escolar e a renda média baixa. Descobrimos que a influência da família ainda continua forte na comunidade. Ou seja, os pais ainda exercem decisões e direcionamentos aos filhos.

Para a conclusão da pesquisa, os desafios foram muitos: internet com problemas, greve, falta de materiais, mudança de orientadora, reestruturação da pesquisa, algumas resistências dos funcionários na escola. As contribuições mais relevantes foram aprender a superar os obstáculos; foco no resultado e nas metas; e a interação com o tutor, que tem uma

visão diferente por ser de outra região, o que alavancou os resultados e trouxe uma abordagem mais clara e objetiva.

Estamos desenvolvendo um livro sobre a pesquisa, que será levado à biblioteca da escola, reunindo os relatos individuais apresentados. Todos com uma linguagem simples, mas que correspondem aos interesses de nossa pesquisa: a juventude. Afinal, os dados que obtivemos e a relação com a pesquisa não podem se limitar a apenas 9 páginas deste relato de experiência, fez-se necessária a produção de outras fontes que contribuam com a comunidade e possam ampliar os espaços que a nossa pesquisa deixou aos futuros pesquisadores.

No decorrer dos trabalhos, ampliaremos espaços de reflexão aproveitando os resultados relevantes. Auxiliando assim no desenvolvimento pleno da comunidade e da Escola Estadual Parque São Jorge.

REFERÊNCIAS

DEBERT, G. G. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 49-70, 2010.

FRANÇA, M. *Nas (entre)linhas*: interpretando antropologicamente as políticas culturais LGBT. X Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão da UFG, 2013, Goiânia/GO. Anais do X Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão da UFG, 2013. v. 1.

LAPLANTINE, F. Introdução – o campo e a abordagem antropológicos; O Século XVIII: a invenção do conceito de Homem. In: LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MARCONI, M, A; LAKATOS, E, M. *Metodologia do trabalho científico*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008, p. 43-112.

NOGUEIRA, M, A. A Relação Família-Escola na Contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. *Análise Social*, Lisboa, v. 40, n. 176, p. 563-578, 2005.

NOGUEIRA, M, A. A Relação Família-Escola: novo objeto na sociologia da educação. *Cadernos de Educação PAIDÉIA*, Ribeirão Preto, v. 8, n. 14/15, p. 91-103, 1998.

NOGUEIRA, M, A. Famílias de Camadas Médias e a Escola: bases preliminares para um objeto em construção. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 155-169, 1995.

SILVA, M. A. da. Os contrapontos da produção acadêmica na emergência da pesquisa qualitativa. *Educativa*, v. 12, p. 163-170, 2009. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/901/639>. Acesso em: 10 mar. 2025.

VIOLÊNCIA: QUANDO A VÍTIMA É O EDUCANDO

Ana Beatriz Morais Teles de Menezes¹, Ana Julia Silva Pereira¹, Lígia Turenen dos Santos Ramos¹, Lilian Mara Bruno de Souza¹, Rafaela Vitória Silva Gonçalves¹, Richard Lucas Marques Silveira da Cruz¹, Thainá Silva de Oliveira¹, Thais Pamela Cardoso¹, Thales Victor Martins Leite¹, Pablo Guilherme Marcelino Pereira², Josélio Ferreira de Oliveira³

1 INTRODUÇÃO

A violência atualmente é um fenômeno preocupante em muitas escolas que tem, como seu maior público, jovens e adultos. Podemos citar inúmeros acontecimentos que ouvimos e/ou presenciamos, e que nos fizeram refletir sobre a tríade vítima-agressor-vítima.

A partir da definição do tema violência pelo grupo e a aprovação do projeto, optamos por focar nossa pesquisa no segmento estudantil e iniciar nossas atividades. Ao longo dos nossos estudos e pesquisas, desenvolvemos ações que propunham a reflexão da violência na comunidade escolar, entre elas, podemos citar uma mesa redonda com o tema

1 Escola Estadual Maurilo de Jesus Peixoto (Sete Lagoas/MG).

2 Orientador, Escola Estadual Maurilo de Jesus Peixoto (Sete Lagoas/MG), pablo.marcelino@educacao.mg.gov.br.

3 Tutor, Escola Estadual Engenheiro Queiroz Júnior (Itabirito/MG), joselio.oliveira@educacao.mg.gov.br.

“Violência contra a mulher”, com intensa participação de professores, estudantes e comunidade escolar. O nosso objetivo central foi buscar compreender como os estudantes são vítimas de múltiplas violências no âmbito escolar (Schilling, 2004) e/ou como a violência doméstica pode influenciar na trajetória acadêmica (Ristum, 2010).

A Escola Estadual Maurilo de Jesus Peixoto está localizada no centro da cidade de Sete Lagoas/MG e, por isso, recebe um público de várias regiões da cidade. Nos guiamos, para os estudos científicos e entendimento das múltiplas violências que pesquisamos, alguns norteadores da educação, como o art. 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), documento orientador da relação escola-estudante, para a compreensão das formas de violência contra crianças e adolescentes, e suas seguintes tipificações, como: a) violência física: que configura qualquer conduta que ofenda a integridade física e corporal ou que cause sofrimento físico; b) violência psicológica: discriminação, depreciação ou desrespeito à criança ou ao adolescente; c) violência sexual: qualquer conduta que constranja a criança ou o adolescente a praticar ou presenciar conjunção carnal ou qualquer ato libidinoso, incluindo aqui a exposição de foto e/ou vídeo; abuso sexual, exploração sexual e tráfico de pessoas; d) violência institucional: entendida com aquela praticada por instituição pública ou conveniada, podendo gerar vitimização (Brasil, 1990; Brasil, 2017). E ainda, não podendo deixar de referir-se à violência simbólica, frisado por Bourdieu (2020) como aquela que se exerce poder sobre os corpos diretamente e sem a necessidade de coação física.

Quando observamos os dados estatísticos referentes à violência contra crianças e adolescentes, é possível afirmar, conforme a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2019), através dos dados extraídos do Sistema Nacional de Agravos de Notificação (Sinan/MS), que são diariamente notificados uma média de 233 agressões (física, psicológica e tortura) contra crianças e adolescentes (até 19 anos) no Brasil, totalizando 85.293 notificações. Considerando o período de 2009 a 2017, as agressões chegaram a 471.178 registros.

Nesse sentido, comungamos com as afirmações de Ristum (2010) ao mostrar que a violência doméstica contra as crianças apresenta diversas implicações na escola, pois, entre os preceitos legais presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a prática dos diversos profissionais, ainda há um grande abismo. Percebemos, no desenvolvimento das pesquisas, que a escola atualmente é pouco instrumentalizada para reconhecer e desenvolver estratégias para o enfrentamento à violência, apesar de se revelar importantíssima devido ao seu contato diário e constante com as vítimas, apresentando-se ainda, em alguns casos, como a única fonte de proteção às crianças e aos adolescentes que têm na família seus agressores.

Nos estudos e pesquisas que realizamos, pudemos compartilhar das afirmações de Schilling (2004) ao identificar que tratar a violência que ocorre nas famílias é uma forma de prevenir a violência fatal e criminal que repercute nas escolas. Essa violência é ligada a uma estrutura familiar centrada no papel masculino, discriminando e inferiorizando a mulher e, ainda, provocando uma vitimização que terá sua repercussão na vida escolar da criança e do jovem, muitas vezes manifestada através da indisciplina e do descaso.

Conforme Ristum (2010), observa-se que há uma crença de que a escola e os professores não devem intervir em assuntos que dizem respeito às esferas privadas da família, contrariando os avanços da legislação, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), que promove estratégias de denúncia aos órgãos competentes.

Os resultados desta pesquisa foram de grande relevância, pois, a partir dela, foi possível conhecer e realizar ações educativas por meio da divulgação de informações voltadas para o enfrentamento à violência, a partir do ponto de vista educacional, e ainda auxiliar estudantes vítimas por meio do encorajamento e do acesso à informação.

2 DESENVOLVIMENTO

Realizamos a pesquisa por meio de revisão de literatura e aplicação de questionários aos estudantes. A aplicação dos questionários

ocorreu durante o mês de março de 2022. Aplicamos aos estudantes dos primeiros, segundos e terceiros anos do turno matutino. A quantidade total de questionários aplicados foi de 268 respondentes. Após a aplicação dos questionários, realizamos a tabulação dos dados que serviram de base para desenvolvermos nossas análises e reflexões sobre o objeto de nossa pesquisa: violência em âmbito escolar.

A proposta metodológica escolhida para verificar a relação entre a violência de gênero que acomete estudantes do Ensino Médio e as intersecções no processo educacional é a pesquisa-ação, definida por Thiollent (2011) como:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 2011, p. 14).

Essa abordagem metodológica foi escolhida justamente por oferecer um campo de observação e estudo qualitativamente maior do que a pesquisa convencional. Nas palavras de Thiollent (2011): “Por exemplo, podemos captar informações geradas pela mobilização coletiva em torno de ações concretas que não seriam alcançáveis nas circunstâncias da observação passiva” (Thiollent, 2011, p. 24). Nesse sentido, optamos pelo diálogo entre teoria e prática, mesclando e influenciando reciprocamente a elaboração e a execução das atividades.

Para as atividades práticas, realizamos roda de conversa, mesa-redonda e palestras, com o tema violência; canais de denúncia; formas de encorajamento e empoderamento para a realização de denúncias; e redes de proteção.

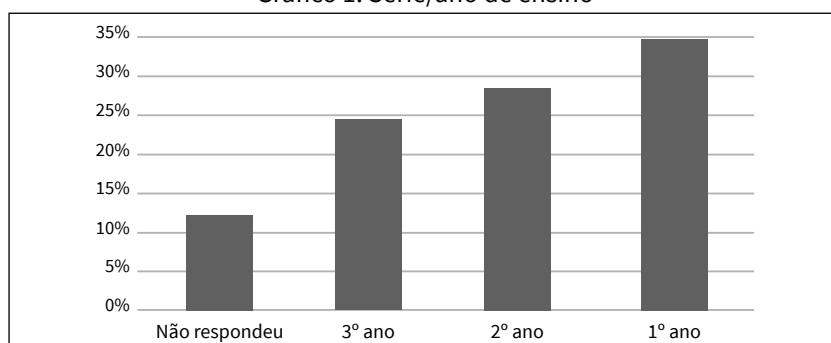
A confiabilidade e a legitimidade de uma pesquisa empírica dependem da capacidade do pesquisador em articular teoria e empiria em torno de um objeto, questão ou problema de pesquisa. Isso demanda esforço, leitura e experiência, e implica incorporar referências teórico-metodológicas que possibilitem apurar o olhar, captar sinais, recolher

indícios, descrever práticas, atribuir sentidos a gestos e palavras, entrelaçando fontes teóricas e materiais empíricos (Duarte, 2002).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O principal contingente de respondentes foram estudantes do primeiro ano do Ensino Médio (Gráfico 1).

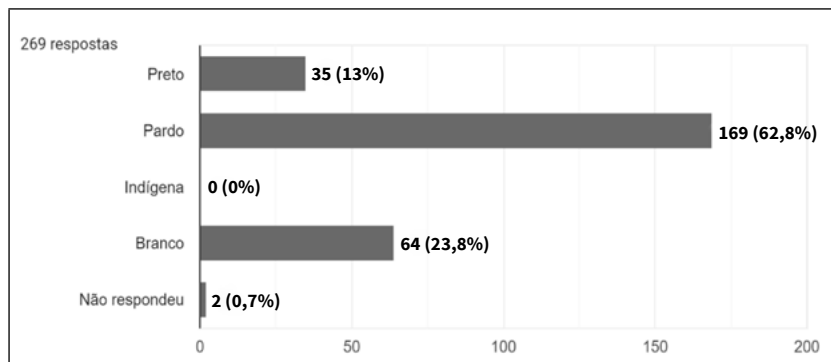
Gráfico 1: Série/ano de ensino



Fonte: Elaborado pelos autores

Outro dado interessante que chamou nossa atenção foi quanto a composição do pertencimento étnico, sendo a grande maioria (62%) pardos, como podemos ver no Gráfico 2.

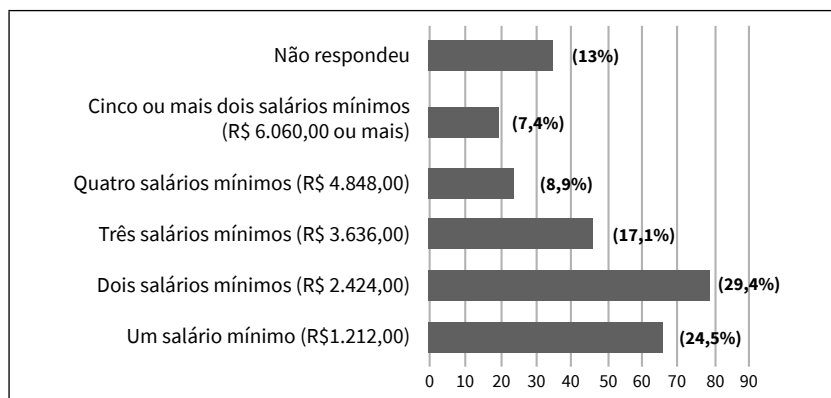
Gráfico 2: Pertencimento étnico declarado



Fonte: Elaborado pelos autores

Essa realidade também foi constatada por Cristiano Pavini (Jornal da USP, 2019), ao analisar os microdados do Censo Escolar 2018, disponibilizados pelo Ministério da Educação (MEC), o autor percebeu o abismo racial que divide a educação brasileira. Na rede particular, a composição étnica é de crianças declaradas brancas. Enquanto que, na rede pública, a maioria é composta por pretos e pardos. Já quanto a renda familiar, como podemos verificar no Gráfico 3, a comunidade escolar é composta por famílias que ganham entre um e dois salários mínimos.

Gráfico 3: Renda familiar



Fonte: Elaborado pelos autores

Segundo dados do Censo Demográfico 2010, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), os brancos ganham em média o dobro do que os negros no país. De acordo com o resultado do levantamento de dados do questionário, mais de 60% dos entrevistados já se sentiram discriminados(as), injustiçados(as) ou foi alvo de piadas por sua raça/etnia. 56% dessas ocorrências se deu na escola; 57% pelo colega; 68% sofreu um tipo de agressão, intimidação ou assédio; 70% sofreu em sala de aula; 69% fora da sala, mas dentro da escola. A pessoa que cometeu a agressão pertencia, em 79% dos casos, ao gênero masculino. Dos entrevistados, 80% não contou para ninguém, a maioria dos estudantes se isolam por conta do ocorrido, e esse isolamento vai se agravando até que a pessoa cometa um ato impulsivo, gerando assim um dos fatores da depressão.

Pelo resultado dos questionários, pudemos avistar que acontecem muitos atos machistas na escola diariamente. Os dados mostram também que grande parte dos atos racistas ocorridos com os estudantes, mais de 90%, são praticadas pelos colegas. Outro fator importante indicado nos resultados foi a agressão verbal e a agressão física, que ocorre predominantemente em sala de aula e fora dela, mas dentro da escola. O gênero masculino foi apontado como o principal agressor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos realizados, dos dados colhidos e das experiências que tivemos com o núcleo de pesquisa, acreditamos que a escola é um fator essencial para mudar o pensamento de adolescentes em relação a todos os tipos de violência, por meio do acesso à informação, ações de conscientização, palestras, rodas de conversa, teatro, dança, poesia etc. Percebemos que essas ações ajudaram a “abrir a mente” tanto dos pesquisadores envolvidos quanto dos estudantes e da comunidade escolar, ampliando suas compreensões e não revitimizando o estado mental e físico das pessoas envolvidas em situações de violência.

Compreendemos que não se deve fechar os olhos para aqueles que precisam, é importante ouvir todos os que apresentam sinais e querem falar sobre seus sofrimentos. Vemos que na escola ensinam regras, mas nem todos exercem o mandato. Acreditamos que na escola deve-se ensinar o necessário, mas em casa também, pois podemos ver na escola a omissão frente aos atos de violência. A escola, a família, o Estado e a sociedade falharam! Falhamos, porém, nunca é tarde para tentar novamente.

Percebemos a importância de realizarmos inúmeras e constantes pesquisas que tenham como foco fenômenos sociais, como a violência, principalmente quando falamos de escola, ensino e aprendizagem. E ainda, sugerimos, a partir de nossa vivência, que a melhor forma de prevenir e combater o *bullying* e a violência na escola é envolver toda a comunidade em projetos de longa duração, voltados para a promoção da segurança e do bem-estar no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BRASIL. *Lei nº 8.906, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 20 dez. 2024.

BRASIL. *Lei nº 13.431, de 4 de abril de 2017*. Estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13431.htm. Acesso em: 20 dez. 2024.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, n. 115, p. 139-152, 2002.

EM Ribeirão Preto, abismo racial no ensino é profundo. *Jornal da USP*, São Paulo, 02 dez. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/em-ribeirao-preto-abismo-racial-no-ensino-e-profundo/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

RISTUM, M. A violência doméstica contra crianças e as implicações da escola. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v.18, n. 1 p. 231-242, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100019&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 dez. 2024.

SBP. Sociedade Brasileira de Pediatria. *233 casos de violência física ou psicológica contra crianças e adolescentes são notificados todos os dias*. 2019. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/233-casos-de-violencia-fisica-ou-psicologica-contra-criancas-e-adolescentes-sao-notificados-todos-os-dias/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SCHILLING, F. *A sociedade da insegurança e a violência na escola*. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

O PERFIL DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO EM ALMENARA/MG: RELATO DE UMA VIVÊNCIA CIENTÍFICA

*Ana Laura Magalhães Laprano Russo¹, Dyandra Alves Oliveira¹, Emanuelle Lopes Ferraz Frois¹,
Ilana Soares Lima¹, João Victor Ferraz Lacerda¹, Kauan Martins Alves¹, Laura Shellen Silva Pinto¹,
Letícia Nunes Dias¹, Letícia Rodrigues Evangelista¹, Lívia da Silva Luz¹, Luise Gomes Pestana¹,
Patrícia Moreira Barros², Samira Xavier Machado³*

1 INTRODUÇÃO

Ainda em meio à tragédia pandêmica causada pela Covid-19, com aulas remotas, absortos em uma insegurança sobre o futuro próximo, e na constante ansiedade para um retorno escolar, fomos provocados pelo lançamento de um projeto de Iniciação Científica na Educação Básica, por meio do edital SEE nº 09/2021 da Secretaria do Estado da Educação de Minas Gerais, complementado pelo edital SEE nº 11/2021, que, por sua vez, teve o objetivo de selecionar tutores para os projetos de Iniciação Científica. Apesar de não ser sua primeira versão, naquele momento, o

1 Escola Estadual Laudelina Dias Lacerda (Almenara/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Laudelina Dias Lacerda (Almenara/MG), patricia.barros@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Doutor Agostinho da Silva Silveira (Minas Novas/MG), samira.xavier@educacao.mg.gov.br.

projeto transfigurou-se com uma nova roupagem, em face ao desafio de um futuro incerto. Como desenvolver uma pesquisa coletiva, com estudantes que estavam inseridos remotamente no contexto escolar? Mesmo diante desse estranho momento, conseguimos nos mobilizar e pensar em um projeto que os representasse. Assim nasceu a ideia do trabalho aqui relatado, que consiste em um estudo sobre o perfil dos estudantes de Ensino Médio do município de Almenara.

Sabemos que o índice de abandono escolar nessa etapa da Educação Básica é significativo e se deve a vários fatores sociais e econômicos, bem como a fatores do próprio sistema educacional, que, muitas vezes, se apresenta pouco atrativo para os jovens, o que ficou ainda mais evidente durante o período pandêmico, como mostram dados de 2020 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresentados por Crelier (2020).⁴ É importante destacar que, para mudar esse panorama de evasão escolar, é necessária uma força tarefa de todos os envolvidos no processo educativo: o poder público, a família, a escola e a comunidade escolar.

Nesse percurso, torna-se importante compreender os sujeitos alvos desse processo (nós, alunos do Ensino Médio), bem como nosso entendimento sobre essa etapa de escolarização e, por fim, nossas perspectivas para o pós-Médio. Em uma tentativa de transformar o ambiente oficial de saber (a escola) em um espaço que cumpra seu papel de formação, mas que ao mesmo tempo se comunique com nossos anseios e desejos, faz-se necessário entender como o perfil dos estudantes do Ensino Médio afeta as escolhas no pós-Médio.

Percebendo melhor o perfil dos estudantes, ampliam-se as possibilidades de propor práticas pedagógicas mais coerentes e mais assertivas nas questões que tangem à aprendizagem, tornando a escola um local mais envolvente e atraente para os alunos. Além disso, ao conhecer quais são as perspectivas futuras desses alunos, a escola é capaz de desenvolver

4 Para verificar os dados detalhadamente, leia o texto de Crelier (2020), publicado na Agência IBGE Notícias.

orientações coesas às escolhas. Por fim, o projeto pode contribuir, também, para que o poder público local conheça melhor os jovens e lance mão de mecanismos que busquem uma melhor inserção dessa parcela da população na sociedade.

Para a construção desta pesquisa, partimos do ponto inicial de conhecer o significado do Ensino Médio e do seu processo de implantação em nosso estado e em nosso município. Para isso, fizemos leituras de artigos e autores que abordam o assunto, como Dallabrida e Souza (2014), Derossi, Hollerbach e Carvalho (2020), Faria Filho e Gonçalves (2004) e Fonseca (2019). Em seguida, construímos um panorama histórico das instituições educacionais de Ensino Médio lócus de nossa pesquisa. Para isso, começamos com estudos dos Projetos Político-Pedagógicos (PPP) de cada instituição e, quando se fizeram necessários, realizamos estudos de legislações e decretos.

Ao realizarmos o estudo de alguns textos para definirmos nossa metodologia, inicialmente, classificamos nossa investigação como sendo de natureza qualitativa, uma vez que trabalharíamos questões mais subjetivas dos estudantes. Porém, no desenvolvimento da pesquisa e na construção de nosso objeto, vimos que se tratava de uma pesquisa quali-quantitativa, visto que, além da subjetividade dos sujeitos, lançaríamos mão de dados objetivos, passíveis de serem analisados estatisticamente. Outro ponto que nos levou a compreender a natureza dupla da pesquisa baseia-se no pouco tempo que dispúnhamos para a coleta e a análise de dados e, ainda, na preocupação de criar um instrumento melhor estruturado, que não tivesse a necessidade de passar por um Comitê de Ética, pois isso minimizaria o tempo disponível para a conclusão do trabalho.

Assim, criamos, de forma coletiva, um questionário estruturado no *Google Forms*. Optamos por essa ferramenta por ela proporcionar agilidade no processo de coleta de dados, tendo em vista seu caráter on-line e possibilidade de conseguirmos aferir os dados sem um prévio contato com os jovens, apenas solicitando aos gestores de cada instituição que disponibilizassem o *link* nos grupos de *WhatsApp* das salas (situação possibilitada pelo contexto pandêmico). No primeiro momento, a pesquisa teria como

produto final um artigo científico, o qual foi substituído por este relato de experiência, no decorrer de 2022.

2 DESENVOLVIMENTO

No ano de 2021, ao retornarmos às nossas atividades escolares na rede estadual de Minas Gerais, ainda no ensino híbrido, foi-nos apresentada a ideia da construção de um projeto de pesquisa para participar do edital SEE nº 09/2021, divulgado pela Secretaria do Estado da Educação. Diante disso, na Escola Estadual Laudelina Dias Lacerda, localizada em Almenara, houve uma reunião entre os alunos interessados e a professora-orientadora para escrever a proposta do projeto, que seria desenvolvido a partir do segundo semestre de 2021 e durante todo o ano de 2022. O projeto foi pensado de forma coletiva, com o intuito de analisar o perfil dos estudantes do Ensino Médio de nosso município.

Assim, após a aprovação do projeto pela Secretaria do Estado da Educação, passamos a ter reuniões semanais de modo presencial e por meio da plataforma *Google Meet*, agilizando, dessa forma, nossos estudos iniciais. No primeiro semestre de 2022, o grupo passou por mudanças, recebendo alguns alunos transferidos de outras escolas, ao passo que outros membros acabaram desistindo devido a outras atividades escolares, sendo substituídos por novos integrantes.

Para adentrarmos nosso percurso investigativo, a professora-orientadora propôs que estudássemos o processo de implantação do Ensino Médio em nosso estado e em nosso município. Para isso, foram sugeridos fichamentos de alguns textos de autores relevantes, bem como de *sites* de jornais locais. Com esses estudos, percebemos que o processo de implantação do ensino secundário está atrelado ao contexto político-social do Brasil no século XX.

Nesse contexto, conforme Dallabrida e Souza (2014) e Faria Filho e Gonçalves (2004), os vários governos que tiveram como pauta o desenvolvimento industrial fizeram com que emergissem programas educacionais

que possibilitassem, no referido século, a ampliação do ensino secundário e de suas várias vertentes, como os Ensinos Técnico, Profissionalizante e Agrícola. Segundo Chaves Junior (2010), durante todo o século XX, percebe-se, também, um monopólio do nível secundário por instituições privadas, diante do menor grau de investimento do poder público.

Contudo, a partir dos anos de 1940, com um desenvolvimento tanto a nível nacional quanto a nível estadual, foi necessária a ampliação de instituições públicas que ofertassem essa formação (Derossi; Hollerbach; Carvalho, 2020; Fonseca, 2019). Assim, a interiorização dessas instituições escolares mineiras deve-se aos arranjos políticos entre os chefes do poder público e a elite econômica rural, que, em um jogo de interesses, pleiteavam tais instituições. Nesse contexto, o município de Almenara se emancipa, em 1938, e, com a ajuda de chefes políticos, surgem suas primeiras escolas.

A etapa seguinte da pesquisa foi um estudo sobre a história de Almenara e a criação das escolas, cujos alunos foram fontes da pesquisa. Seguimos para a divisão do grupo de alunos do núcleo em duplas, trios e quartetos, para a realização da coleta de dados nas instituições. Para responder a nossos questionamentos sobre o perfil dos alunos de Ensino Médio do município, fizemos uma seleção dos locais a serem pesquisados. Ademais, reforçamos que o Núcleo de Iniciação Científica faz parte da Escola Estadual Laudelina Dias Lacerda, situada no município de Almenara, localizado na microrregião do baixo Vale do Jequitinhonha no Nordeste mineiro.

Com codinome de Princesinha do Vale, as belezas do município foram cantadas e encantadas por muitos, como retratam as palavras do poeta Dyego Maltz (2016):

Minha Princesa do Vale
Nesses versos que te dou
Que meu olhar possa falar
A ti grato sempre sou
Como é bom te amar.
Almenara, princesinha
Cidade Maravilhosa
Que inspira a poesia
Terra mais dadivosa (Maltz, 2016).

Cidade que tem sua história enraizada ainda no período do Brasil Colônia, quando foi intensificada a vigilância sobre o transporte, a exploração aurífera e diamantífera no decorrer do rio Jequitinhonha, e assim criados postos de vigia para transportar a riqueza mineral até o além mar. Muitos desses postos de vigia deram origem a cidades, dentre elas a Princesinha do Vale que, em 1938, se emancipa do distrito de São João da Vigia, hoje Jequitinhonha, recebendo o nome de Almenara (Almenara, 2022).

Atualmente o território do município é de 2.294,426km², com uma população estimada em 42.380 habitantes (IBGE, 2021). Almenara é considerada município polo da região devido a seu intenso fluxo de produtos; variedades de serviços na área de saúde, comércio, educação; presença de faculdades privadas (Alfa, Doctum, Unopar, Estácio), públicas (Unimontes, IFNMG) e polos UAB. Além disso, o município possui sete instituições que ofertam o Ensino Médio, sendo uma instituição pública federal, uma de natureza particular e cinco escolas públicas estaduais.

Para nossa pesquisa, focalizamos as análises nas escolas públicas estaduais. Descartamos o Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) por entendermos que os estudantes dessa instituição são oriundos de várias localidades, fugindo, assim, de uma análise municipal. Retiramos, ainda, uma escola estadual de um distrito de Almenara, localizada a 40 km da área urbana, o que dificultaria a logística de deslocamento para realizar a coleta de dados. Finalizamos essa etapa com a seleção de um quantitativo de quatro escolas a serem investigadas.

Ao fazermos a seleção, em grupos, direcionamo-nos para os locais escolhidos, a fim de realizarmos o levantamento da história de cada instituição. Como produto dessa etapa, cada grupo produziu um texto contando a história da escola. Diante desse passo, tivemos a oportunidade de conhecer o processo histórico de criação das escolas e compreender como o Ensino Médio chegou a nossa região. Durante essa fase, aprendemos a importância da cultura histórica da educação, adquirimos conhecimentos acerca do tema e tivemos experiências diversas, além de lidarmos com leituras de difícil compreensão, documentos antigos e

relatos que demonstravam a importância da participação da população para a criação de instituições.

Figura 1: Coleta documental



Fonte: Acervo dos autores, 2022.

Todavia, devemos ressaltar que tivemos diversos obstáculos durante a realização dessa etapa da pesquisa, tais como a dificuldade para ter acesso aos documentos, a ocorrência de uma greve docente, a dificuldade de alinhamento das agendas de algumas instituições, bem como a indisponibilidade dos horários. Além disso, destacamos o processo de reformulação dos PPP, que impossibilitou a consulta em um tempo menor; a falta de receptividade diante de nosso trabalho como pesquisadores; e o próprio deslocamento, empecilhos que atrasaram o andamento e o encaminhamento programado da investigação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como mencionado anteriormente, para a coleta de dados, foram escolhidas quatro escolas da rede pública estadual de Almenara/

MG, concentradas no centro e em bairros estratégicos da cidade. No Quadro 1, mostramos que três dessas escolas ofertam anos finais do Ensino Fundamental (EF), Ensino Médio (EM) e Profissionalizante Técnico, enquanto uma escola oferta apenas a etapa final da educação básica.

Quadro 1: Escolas selecionadas para a realização da pesquisa

Instituição escolar e ano de criação	Oferta de ensino	Turnos ofertados	Quantidade de alunos no EM*
E. E. Tancredo Neves (1960)	EF (Anos Finais), EM regular, EM Integral, EM. Integral Profissionalizante EJA e Profissionalizante Técnico.	Diurno e noturno	380
E. E. Laudelina Dias Lacerda (1969)	EM	Diurno	270 ⁵
E. E. Joviano Naves (1987)	EF (Anos Finais) e EM	Diurno e noturno	158
E. E. Joel Mares (1994)	EF (Anos Finais) e EM	Diurno e noturno	423

* Dados do quantitativo de alunos retirados do SIMADE (2022), que consiste em um sistema de registros de alunos da Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais ao qual apenas as escolas cadastradas têm acesso.

Fonte: Elaborado pelos autores

Depois de muito trabalho, leituras diversas, idas e vindas a escolas, reuniões com as professoras e encontros com o grupo, chegamos ao momento mais relevante de nossa jornada: a verificação, a análise e a sistematização das respostas dos estudantes. Como já explicitado, optamos por realizar essa etapa usando uma ferramenta digital, o formulário do *Google Forms*, por motivos aqui já esclarecidos.

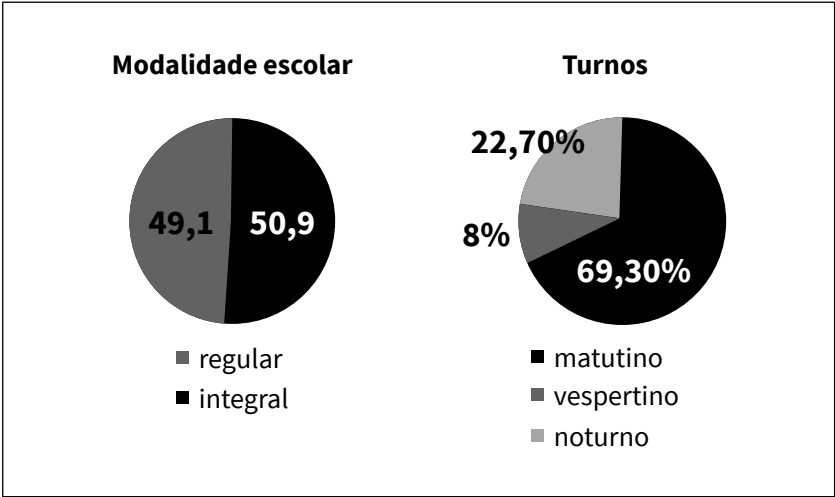
5 Nossa pesquisa também se configura como uma investigação participante, uma vez que os alunos-pesquisadores são oriundos do Ensino Médio da E.E. Laudelina Dias Lacerda, como já mencionado anteriormente, sendo também sujeitos pesquisados e fazendo parte do quantitativo apresentado na tabela.

Desse modo, ao compararmos os dados do SIMADE (2022) de alunos matriculados no Ensino Médio nas instituições observadas (1.231 estudantes), vimos que, até a data da análise dos dados, apenas 346 alunos haviam respondido nosso questionário. Trata-se de um número bem inferior ao previsto, o que contrariou muito nossas expectativas. Ao buscarmos as causas desse desanimador número de contribuições, verificamos que muitos alunos não possuem telefone celular, tampouco têm acesso à internet, o que configura um dado a ser pontuado no perfil dos jovens observados. Ou seja, boa parte desse público é excluído digitalmente. Diante desse fato, podemos levantar a hipótese de que, durante a pandemia, os alunos não tiveram contato com o material digital, como vídeos-aulas, grupos de *WhatsApp* ou páginas digitais criadas pelos docentes, tampouco com os meios digitais desenvolvidos pela própria Secretaria de Estado da Educação, recebendo apenas as apostilas impressas pelas escolas, os chamados Plano de Estudo Tutorados (PET),⁶ o que configurou, nessa situação pandêmica, um atraso educacional. Além disso, podemos refletir que o público observado em nossa investigação não tem sido efetivamente contemplado pelo poder público, uma vez que a não inserção digital apresentou-se como um imperativo na coleta de dados.

Seguindo na análise, de acordo com as respostas mostradas no Gráfico 1, os estudantes estão dispostos de forma quase equitativa nas modalidades regular e integral, sendo 51,7% matriculados no ensino regular e 48,3% no ensino integral. Constatamos, também, que a maioria deles estuda no turno diurno, ficando, assim, difícil exercer qualquer atividade remunerada, uma vez que passam praticamente o dia inteiro nas escolas.

6 Para mais informações, ver página da Secretaria do Estado da Educação. Disponível em: <https://www2.educacao.mg.gov.br/ajuda/story/11194-secretaria-de-educacao-desenvolveu-diferentes-estrategias-para-que-os-planos-de-estudos-tutorados-chegassem-ate-os-alunos-durante-o-ensino-remoto>. Acesso em: 2 out. 2022.

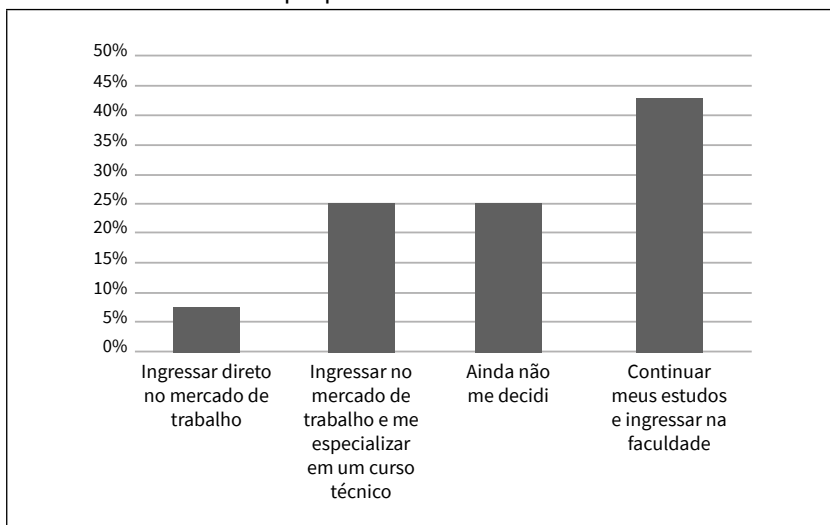
Gráfico 1: Respostas relacionadas à modalidade escolar e ao turno dos estudantes



Fonte: Elaborado pelos autores

Notamos, também, que mais de 80% dos colaboradores residem com seus familiares, sendo que 49% deles residem com pai e mãe, 39% apenas com a mãe, e o restante reside com outros parentes e responsáveis. Independentemente da formação familiar, a maior parte desses estudantes possui uma renda familiar baixa, visto que 66% vivem com uma renda de até dois salários mínimos para todos os componentes da família.

Esse fato compromete muito as perspectivas para o pós-Médio, uma vez que, conforme os dados coletados, 43% dos sujeitos almejam dar continuidade a seus estudos. Entre os cursos citados, os estudantes enfatizaram tanto o Ensino Técnico quanto o Ensino Superior, nas mais variadas áreas (Gráfico 2). Esses dados nos chamaram a atenção, pois muitos deles desejam cursos que não são ofertados em nosso município: Medicina, Arquitetura, Medicina Veterinária, Odontologia, Engenharias, Biomedicina, Design Gráfico, Nutrição, Moda, Jornalismo e Farmácia. Isso mostra a fragilidade e as dificuldades que terão ao concluírem o Ensino Médio, já que o deslocamento para outras localidades gerará custos e gastos que geralmente são pagos pelos familiares.

Gráfico 2: O que pretende fazer ao terminar o EM?

Fonte: Elaborado pelos autores

Em um olhar mais próximo, compreendemos que aqueles que almejam cursos que não são oferecidos em Almenara são fortes candidatos a saírem da cidade ou simplesmente se formarem em outra área que foge de seus interesses, gerando possíveis profissionais e adultos frustrados. Nesse viés, faz-se necessária uma ação de investimento e ampliação nos cursos de Ensino Superior e Ensino Técnico do município, criando mecanismos que promovam novas formações e contemplem os anseios dos estudantes, de modo a facilitar e garantir que mesmo aqueles de baixa renda possam ter uma formação que atenda a seus desejos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando à reta final de nossa pesquisa, é evidente a evolução da equipe, pois interiorizamos as habilidades necessárias de um pesquisador. Entendemos que uma investigação não é algo linear e que pode haver percalços; entretanto, com o trabalho em equipe, conseguimos transpassar essas adversidades e, desse modo, atingimos a conclusão da pesquisa.

Porém, como foi citado em outro momento, a discrepância entre o quantitativo de alunos matriculados nas escolas e o número de questionários respondidos leva-nos a considerar a relevância de uma continuidade na investigação e de aprofundamentos futuros.

Vale ressaltar que consideramos benéfico e proveitoso todo o processo de aprendizagem durante a nossa trajetória como pesquisadores. Durante a execução dos trabalhos, conseguimos desenvolver competências e habilidades que englobam o trabalho em equipe, como a melhora da desenvoltura com leitura e interpretação de textos, artigos e legislações; aprendizado sobre o trato com documentos históricos e como se faz uma busca mais assertiva na internet. Além disso, praticamos a empatia e o senso crítico, principalmente no que diz respeito ao trato e à interação com o outro.

Por fim, concluímos que essa vivência inicial no mundo da pesquisa nos provocou não apenas como atores executores do projeto, mas também como sujeitos integrantes observados, uma vez que comprovamos que nossa inserção na sociedade almenarense ainda é tímida e merece um olhar mais zeloso diante das nossas necessidades, principalmente no que tange ao poder público. São necessárias, portanto, ações mais incisivas, que possibilitem a realização de nossas expectativas futuras, após o término do Ensino Médio, em nossa própria cidade, e que a inclusão digital se torne uma realidade, afinal somos todos sujeitos de direito.

REFERÊNCIAS

ALMENARA. *História do município*. Prefeitura de Almenara, 2022. Disponível em: <https://www.almenara.mg.gov.br/pagina/historia-do-municipio>. Acesso em: 20 dez. 2024.

CHAVES JUNIOR, I. O. *Provocar, auxiliar e fiscalizar: lugar do Estado na produção do ensino secundário em Belo Horizonte (1898-1931)*, 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CRELIER, C. Necessidade de trabalhar e desinteresse são principais motivos para abandono escolar. *Agência IBGE Notícias*, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28286-necessidade-de-trabalhar-e-de-sinteresse-sao-principais-motivos-para-abandono-escolar>. Acesso em: 20 dez. 2024.

DALLABRIDA, N.; SOUZA, R. F. “O todo poderoso império do meio”: transformações no ensino secundário entre a Reforma Francisco Campos e a primeira LDBEN (à guisa de apresentação). In: DALLABRIDA, N.; SOUZA, R. F. (org.). *Entre o ginásio de elite e o colégio popular: estudos sobre o ensino secundário no Brasil (1931-1961)*. Uberlândia: EDUFU, 2014, p. 11-30.

DEROSSI, C. C.; HOLLERBACH, J. D’A. G.; CARVALHO, T. C. O Ensino Secundário em Minas Gerais no Período Republicano: promessas de igualdade, heranças de exclusão. *Revista LABOR*, Fortaleza, v. 2, n. 24, p. 552-569, 2020.

FARIA FILHO, L. M.; GONÇALVES, I. A. Processo de escolarização e obrigatoriedade escolar: o caso de Minas Gerais (1835-1911). In: FARIA FILHO, L. M. (org.). *A infância e sua educação: materiais, práticas e representações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 159-187.

FONSECA, T. N. L. (org.). *História da Educação em Minas Gerais: da Colônia à República*. Colônia. Uberlândia: EDUFU, 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades e Estados. Almenara. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/almenara.html>. Acesso em: 20 dez. 2024.

MALTZ, D. (1001) - Minha Princesa do Vale. *Recanto das Letras*, 26 de outubro de 2016. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/poesias-regionais/5807015>. Acesso em: 20 dez. 2024.

SIMADE. [Belo Horizonte], 2022. <https://www.simadeweb.educacao.mg.gov.br/SimadeWeb/login.faces>. Acesso em: 19 jul. 2022.

ENGAJAMENTO E DIVERSIDADE: UM PROJETO DE PESQUISA E INTERVENÇÃO NA REALIDADE PÓS- PANDÊMICA, NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR SALATIEL DE ALMEIDA

Ana Beatriz Santos Souza¹, Ana Clara de Jesus¹, Eude Ebymael Pereira¹, Evellyn De Cássia Dias¹, Milena Jayne de Almeida¹, Noel Robson Zandomenighi Salomão¹, Paulo Raphael da Silva de Souza¹, Pedro Gustavo da Silva Fernandes de Oliveira¹, Taynara Dias de Moraes Tavares¹, Adriana Aparecida Gonçalves da Silva Maltarolli², Rosana Maria Bueno³, Fernando Venâncio da Costa⁴

1 INTRODUÇÃO

Muzambinho é um município localizado na região Sul de Minas Gerais, cuja população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020) é de 20.545 pessoas. Segundo o mesmo instituto, o salário médio mensal dos trabalhadores formais é de 1,9 salários mínimos,

1 Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida (Muzambinho/MG)

2 Orientadora, Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida (Muzambinho/MG), adriana.goncalves.silva@educacao.mg.gov.br.

3 Coorientadora, Escola Estadual Professora Salatiel de Almeida (Muzambinho/MG), adriana.goncalves.silva@educacao.mg.gov.br.

4 Tutor, Escola Estadual João Ribeiro da Silva (Gonçalves/MG), fernando.venancio@educacao.mg.gov.br.

o que a coloca na posição 164, entre as 853 cidades mineiras. Nesse ponto, convém ressaltar que o trabalho informal se destaca, haja vista a demanda por mão-de-obra da cafeicultura de montanha, atividade econômica predominante no município.

Quanto à educação, dados de 2010 do IBGE⁵, demonstram que a taxa de escolarização das crianças entre 6 e 14 anos de idade é de 97,8%, o que a coloca na posição 395 do estado. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), aferido em 2019⁶, é de 6,3 e 5,1, para os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, respectivamente.

Nesse contexto socioeconômico e educacional, está presente a Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida, fundada em 1902, que atualmente atende aproximadamente 950 alunos no Ensino Fundamental e Médio. A percepção geral dos professores e funcionários, por raízes profundas e históricas, é a de que subsistem barreiras fundadas no preconceito territorial e racial, consciente ou inconsciente, dos alunos da cidade em relação aos alunos provenientes da zona rural, e entre os alunos dos bairros centrais em detrimento dos alunos residentes em bairros periféricos, principalmente Brejo Alegre e Jardim dos Imigrantes. O preconceito, sofrido por alunos da zona rural e dos bairros periféricos citados, ocorre pelas condições socioeconômicas e desencadeiam o aumento do racismo estrutural.

Muitos alunos encontram na alimentação fornecida pela escola sua principal fonte de alimentos e vários são os que necessitam do transporte escolar fornecido pela prefeitura, com recursos oriundos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). A pandemia de SARS-Covid- 19, iniciada em março de 2020, teve impacto imenso no acesso à educação desses alunos. Ora pelo aumento de situações de necessidades específicas que afetam a economia local, outrora pelo precário acesso à internet e aos dispositivos de acesso ao programa emergencial remoto,

5 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/muzambinho/panorama>. Acesso em: 20 ago. 2021.

6 INEP. *Ideb resultados*. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrJoiMGVjMzlwZWQtM2IzZS00NmE0LTkwNjUtZjl1YjMyNTVhZGY0IiwidCI6IjI2ZjczODk3LWM4YWYtNGIxZS05NzhmLWVhNGMwNzc0MzRiZiJ9>. Acesso em: 5 fev. 2025.

oferecido pelo estado no momento correto para tal. Por consequência, ocorreu um distanciamento entre comunidade escolar e a escola, muito além do previsto e de forma repentina, diminuindo o engajamento dos estudantes em permanecer estudando. Além do baixo engajamento e do número excessivo de evasão escolar experimentada nesse período adverso, temos ainda um panorama de possíveis e permanentes efeitos socioemocionais afetando o aprendizado dos alunos.

Nesse intervalo, o presente projeto busca pesquisar, sistematizar, analisar e propor soluções possíveis para a condução de processos e ações que estimulem a participação de todos, de maneira afetiva e instrumental, durante e após a pandemia. Para Bordenave (1983), a base afetiva se constrói através da participação porque sentimos prazer em fazer coisas com os outros. Essa dimensão é fundamental para construir “pontes” e descobrir nossa igualdade mesmo perante as diferenças, a fim de que alunos, professores e funcionários ultrapassem o sentimento de comunidade em prol da superação de suas desigualdades.

Partindo dessas preocupações, as orientadoras e equipe de estudantes-pesquisadores do Ensino Médio da instituição, em consonância com o edital SEE nº 09/2021, elaboraram o projeto “Engajamento e diversidade: um projeto de pesquisa e intervenção na realidade pós-pandêmica na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida”, empreendendo esforços de pesquisa, especificação de alternativas e intervenção na realidade local, com o objetivo de diagnosticar, sistematizar e contribuir para a superação do baixo engajamento e da evasão escolar decorrente, entre outros aspectos relevantes, do cenário pós-pandêmico; através da compreensão da diversidade cultural, étnico-racial e socioeconômica dos alunos matriculados no Ensino Médio, oriundos das áreas rural e urbana (central e periférica).

2 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos do projeto foram elaborados para satisfazer a multiplicidade dos sujeitos e a complexidade da

pesquisa-ação participante, definida por Thiollent (1985) como uma pesquisa com base na observação:

[...] realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 1985, p. 14).

Nosso projeto compreende três etapas sucessivas e interdependentes: pesquisa diagnóstica, especificação de alternativas e ações de intervenção. Na primeira etapa, “pesquisa diagnóstica”, a equipe composta pela orientadora, coorientadora e alunos-pesquisadores se reuniram em 6 de fevereiro de 2022 com o corpo docente da escola para apresentar o projeto aprovado.

Em seguida, nos meses de fevereiro e março de 2022, esforços foram dedicados para a elaboração colaborativa de diversas oficinas presenciais e *online* a partir de três instrumentos diagnósticos preliminares, em formato de questionário, compartilhado por intermédio da interface web Google Formulários, com as seguintes divisões: (1) visão dos discentes; (2) visão dos gestores, supervisores, professores e demais funcionários; e (3) visão dos pais ou representantes legais dos alunos.

Foram obtidas, após o cumprimento da tarefa da busca ativa dos não respondentes no mês de abril de 2022, 372 (trezentas e setenta e duas) respostas dos estudantes, entre 663 (seiscentas e sessenta e três) possíveis. A amostra representou 56% da população elegível para a pesquisa. O segundo grupo recebeu 44 (quarenta e quatro) respostas, entre 71 (setenta e um) possíveis, representando 62% da população. Por fim, o terceiro grupo, como já se imaginava pelas dificuldades inerentes, recebeu 31 (trinta e uma) respostas. Se considerarmos o objetivo inicial de atingir ao menos um pai, mãe ou responsável legal, a amostra representou 4,7% da população.

Após realização de teste semântico para validar o questionário e posterior refinamento realizado pela equipe de pesquisadores, o instrumento diagnóstico dedicado aos grupos assumiu a seguinte composição:

Quadro 1: Descrição dos componentes do questionário por grupo.

Grupo	Componentes
Discentes ⁷	Apresentação do projeto Termo de consentimento livre e esclarecido 1. Identificação: nome, e-mail, ano escolar, idade, renda familiar, beneficiários de programas sociais governamentais, trabalho, local de moradia, uso de transporte escolar, portadores de deficiências. 2. Sobre o ensino remoto (2020-2021): engajamento dos estudantes e identificação das dificuldades. 3. Sobre o ensino presencial (2022): virtudes e deficiências da escola, e percepção dos alunos matriculados sobre as causas da evasão. 4. Engajamento e diversidade: percepções sobre preconceito, <i>bullying</i> e alternativas para superação.
Gestores, supervisores, professores e demais funcionários ⁸	Apresentação do projeto Termo de consentimento livre e esclarecido 1. Identificação: nome, função na escola, e-mail e nível de instrução. 2. Sobre o ensino remoto (2020-2021): engajamento dos estudantes e identificação das dificuldades. 3. Sobre o ensino presencial (2022): virtudes e deficiências da escola, e percepção dos alunos matriculados sobre as causas da evasão. 4. Engajamento e diversidade: percepções sobre preconceito, <i>bullying</i> e alternativas para superação.
Pais ou representantes legais ⁹	Apresentação do projeto Termo de consentimento livre e esclarecido 1. Identificação: nome, nome do filho ou representado e nível de instrução. 2. Sobre o ensino remoto (2020-2021): engajamento dos estudantes e identificação das dificuldades. 3. Sobre o ensino presencial (2022): virtudes e deficiências da escola, e percepção dos alunos matriculados sobre as causas da evasão. 4. Engajamento e diversidade: percepções sobre preconceito, <i>bullying</i> e alternativas para superação.

Fonte: Elaborado pelos autores

7 Disponível em: <https://forms.gle/mVz8zMj2NhsSZEDy5>. Acesso em: 04 dez. 2024.8 Disponível em: <https://forms.gle/whC9zvqtGDTh5WXD6>. Acesso em: 04 dez. 2024.9 Disponível em: <https://forms.gle/VY6YT2R2ZT7f7gr8>. Acesso em: 04 dez. 2024.

Questões pertencentes aos mesmos grupos de assuntos foram adaptadas para cada instrumento diagnóstico para considerar o contexto do observador e sua percepção e semântica.

Na etapa seguinte, “especificação de alternativas”, a equipe verificou a sistematização e a apropriação dos dados, entre os dias 01 e 07 de junho de 2022, e posteriormente os dados foram apresentados à comunidade escolar, incluindo pais e representantes legais dos alunos, em 8 de junho de 2022. Oportunidade em que também foram ouvidos seus testemunhos a respeito. Ainda nessa etapa, os alunos-pesquisadores elaboraram e aplicaram entrevistas semiestruturadas com alguns pais acerca dos resultados apresentados e sobre alternativas de superação.

Algumas ações de validação e proposta de ações de intervenção já foram tomadas pela equipe: (1) participação da 1ª Feira de Educação, Ciências e Tecnologia, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas, Campus Muzambinho, em 28 de junho de 2022, divulgando resultados parciais do projeto; (2) construção de texto dissertativo-argumentativo (artigo de opinião) pelos alunos do Ensino Médio, partindo de textos norteadores sobre preconceito e *bullying*. O melhor texto (em análise) será publicado em formato de folder e distribuído para os alunos da escola; (3) pesquisa dos alunos sobre o tema: “*Bullying*: limites entre brincadeiras e agressão”; (4) debate dos alunos sobre o tema em sala de aula, com réplica e tréplica dos envolvidos; (5) produção de banners para divulgação do projeto; (6) pintura, limpeza e organização de sala de aula (nº 19) e mobiliário, pelos professores e pesquisadores do projeto, com o apoio de outras pessoas da comunidade para as reuniões presenciais da equipe; (7) apresentação do projeto pelos alunos-pesquisadores na Feira de Talentos da Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida, organizada pela equipe.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O questionário aplicado nesta pesquisa e respondido por 372 (trezentas e setenta e dois) discentes; 44 (quarenta e quatro) gestores,

supervisores, docentes e funcionários e 31 (trinta e um) pais e/ou responsáveis legais dos estudantes foi elaborado levando em consideração as dimensões relacionadas ao problema de pesquisa. Os dados obtidos foram analisados pela equipe e permitiram a especificação de alternativas e ações que ainda estão em andamento.

Os resultados apresentados na sequência, com a respectiva discussão oriunda das reflexões do grupo de pesquisadores, seguem a cronologia do questionário, cujas indagações e alternativas foram adaptadas para a compreensão e o papel desempenhado por cada grupo.

Caracterização do público-alvo

Entre os alunos respondentes, 26,5% pertencem a famílias com renda familiar de até um salário mínimo; 28,2% entre um e dois salários mínimos e 24,8% não souberam ou não quiseram responder. Neste público, 18,4% afirmam que suas famílias são beneficiárias de programas sociais e 36,6% precisa trabalhar, além de estudar, para garantir o sustento da família. Quanto ao local de moradia, 30,3% moram na zona rural, 67,7% na zona urbana e 2% não souberam ou não quiseram responder. Destaca-se ainda o fato que 46,7% utilizam transporte escolar para chegarem à escola e 6,9% são portadores de algum tipo de deficiência física ou intelectual.

Os resultados obtidos, nesta amostra representativa de estudantes da Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida, corroboram com os resultados apresentados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) antes da pandemia, no que diz respeito à desigualdade social no Brasil. Os dados mostram que o rendimento mensal dos 1% mais ricos do país é quase 34 vezes maior do que o rendimento da metade mais pobre, cuja população em idade escolar é atendida majoritariamente pela rede pública de ensino. Dos alunos entrevistados, mais de um terço (36,6%) precisam trabalhar para garantir o sustento, o que afeta o desempenho escolar e aumenta os índices de evasão. Permitem ainda sustentar

que, à época da resposta, existia contingente expressivo de famílias elegíveis, porém não atendidas pelos programas sociais.

Entre os pais e/ou responsáveis, 38,7% declararam terem concluído o Ensino Médio, 16,1% possuem Ensino Médio incompleto, 16,1% tem Ensino Fundamental incompleto, 12,9% Ensino Fundamental completo, 9,7% Ensino Superior completo e 6,5% concluíram Pós-graduação. Apesar da intensa busca ativa por respondentes deste grupo, pelos pesquisadores, os resultados expressivos acima da média nacional de escolarização formal, permitem sustentar que a amostra pouco representativa é composta por aqueles que estão mais presentes no cotidiano escolar de seus filhos e representados legais. Entre os 44 (quarenta e quatro) respondentes gestores, supervisores, professores e demais funcionários da escola, 35 (trinta e cinco) são professores, 3 (três) são supervisores, 3 (três) são funcionários, 2 (dois) vice-diretores e 1 (uma) diretora. Deste público, 50% possuem pós-graduação *lato sensu*; 27,3% possuem graduação; 15,9% são mestres; 4,5% concluíram o Ensino Médio e 2,3% têm Ensino Fundamental incompleto.

Sobre o ensino remoto (2020-2021)

Essa dimensão do questionário indagou os grupos de respondentes sobre o engajamento dos estudantes e a identificação das dificuldades no período de ensino remoto durante a pandemia da SARS-Covid-19.

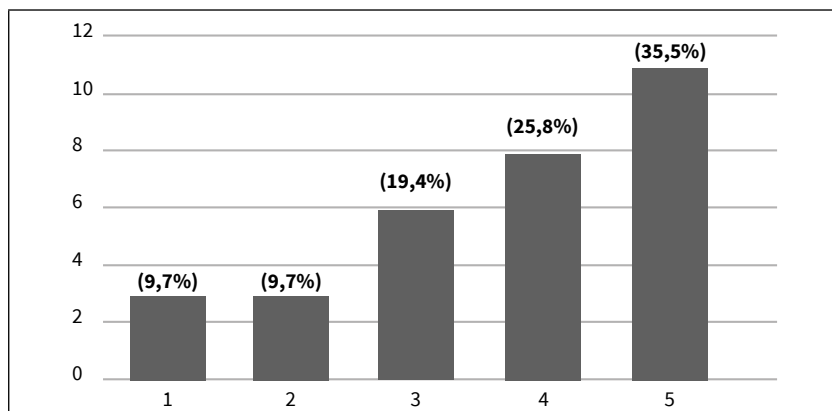
Sobre a frequência de participação nas atividades remotas síncronas, 38% alegam que estavam presentes poucas vezes e 26,2% nunca estavam presentes. Liam os conteúdos e desenvolviam as atividades disponibilizadas no aplicativo Conexão Escola apenas 18,2%. No outro extremo, 32,9% marcaram a opção “poucas vezes” e 15,6% “nunca”.

Quando indagados sobre as dificuldades encontradas para participar das atividades remotas, podendo marcar todas as opções cabíveis, 38,9% alegaram dificuldades com o modelo remoto; 33,1% “falta de interesse”; 25,1% “depressão, ansiedade ou outras questões comportamentais”; 24,8% “trabalhavam o dia todo ou no horário das aulas, 22,5%

reportaram dificuldades no “acesso à internet” e, por fim, 10,4% “ausência de dispositivos para acesso” e 8,1% “compartilhamento de dispositivos com outros membros da residência.

Entre os pais, a percepção sobre a participação dos filhos ou representados nas atividades desenvolvidas pela internet é representada pelo Gráfico 1, em que a nota 1 (um) significa “nunca participava”; nota 2 para “raramente participava”; nota 3 para “ocasionalmente participava”; nota 4 para “frequentemente participava”; e, nota 5 para “sempre participava”. Ainda na amostra dos pais e responsáveis, 54,8% afirmaram que seus filhos e/ou representados desenvolviam todas as atividades disponibilizadas no aplicativo Conexão Escola e 22,6% “quase todas as vezes”. Ninguém marcou a opção “nenhuma vez”. Entretanto, mesmo nesse grupo, 24,8% afirmaram que a principal dificuldade para participar das atividades on-line residia no fato do adolescente trabalhar o dia todo ou no horário das aulas.

Gráfico 1: Percepção dos pais sobre a participação dos filhos nas atividades desenvolvidas na internet



Fonte: Elaborado pelos autores

Entre os gestores, supervisores, professores e funcionários da escola, 45,5% reportaram “participação ocasional” nas atividades remotas e 29,5% “participação rara” dos estudantes. Quanto às atividades

desenvolvidas no aplicativo Conexão Escola, 56,8% do grupo respondeu que os alunos desenvolviam as atividades “poucas vezes”. As principais dificuldades percebidas para a participação correspondem ao “acesso à internet” (86,4%), “falta de interesse” (70,5%), “ausência de dispositivos” (65,9%) e “dificuldades com o modelo remoto” (59,1%). Assim, percebe-se grande diferença entre a percepção dos alunos sobre suas próprias dificuldades, fortemente atribuídas aos aspectos socioeconômicos e socioemocionais, e a percepção de pais e professores.

Sobre o ensino presencial (2022)

Os três grupos também foram questionados sobre as virtudes e as deficiências da escola e sobre as possíveis causas da evasão, evidenciada em maior número durante a pandemia. Entre os alunos, as principais virtudes da escola são: “a escola me dá condições para prosseguir meus estudos” (55%); “corpo docente” (39,8%); “metodologia de ensino” (25,4%); “infraestrutura” (21,9%) e “utilização de recursos didáticos” (17,9%). Quanto às deficiências da escola, 40,3% dos respondentes afirmam a “infraestrutura” como o mais grave problema a ser solucionado, seguido de 37,2% que não percebem deficiências; “metodologia de ensino” (24,5%); “ausência de recursos didáticos” (22,8%) e “corpo docente” (9,2%).

Os alunos do Ensino Médio também foram indagados sobre as possíveis causas da desistência de alguns colegas. Segundo eles, 70,9% compreenderam ser por “falta de interesse do estudante”; 51% pela “necessidade de ter que trabalhar”; 38,9% por “*bullying* e ou preconceitos sofridos na escola” e 38,6% por “depressão, ansiedade ou outras questões comportamentais”. Em todos os casos acima, os alunos puderam marcar todas as alternativas que julgassem válidas, o que justifica o somatório dos percentuais ultrapassarem 100%.

Pais e/ou responsáveis legais consideram virtudes da escola, em ordem de importância: “a escola dá condições para que meu filho ou representado possa prosseguir nos estudos” (48,4%); “corpo docente”

(32,3%); 12,9% indicaram “não saber” e 6,5% reportaram a “metodologia de ensino”. Enquanto maiores deficiências, apontam: “infraestrutura” (35,5%); “metodologia de ensino” (16,1%); “não souberam responder” (16,1%), “não percebem deficiências na escola” (16,1%); “recursos didáticos” (9,7%); “falta de regras” (3,2%) e “corpo docente” (3,2%).

Entre a equipe diretiva, administrativa e pedagógica, a maior virtude corresponde ao “corpo docente” (70,5%), e a maior deficiência é a “infraestrutura” (61,4%).

Alunos e seus responsáveis legais concordam que a maior virtude da escola corresponde à possibilidade da verticalização do itinerário formativo. Por outro lado, os três segmentos concordaram em ser a “infraestrutura” o maior gargalo da instituição. Preocupante, na medida em que nos remete à “teoria das janelas quebradas”, desenvolvida inicialmente em 1969, pelo Professor Philip Zimbardo, da Stanford University, e desenvolvida por muitos outros estudiosos da natureza humana. Em 1982, a teoria das janelas quebradas, como ficou conhecida, foi publicada por dois cientistas sociais da Universidade de Harvard, James Wilson e George Kelling (1982), na revista *The Atlantic Monthly*. O exemplo trabalhado nesta teoria comprovou que a desordem e o desestímulo geram um grande desânimo naqueles que estão no ambiente escolar sem regras e sem estrutura.

Nosso conhecimento sobre esse estudo oportunizou um olhar mais apurado em relação a nossa realidade, levando a uma reflexão bastante significativa e instigante. Os pontos positivos propõem um novo olhar, e uma nova realidade surge como proposta de intervenção e reação frente ao problema da evasão, do preconceito estrutural, da agressão e da intimidação entre discentes e comunidade escolar.

Engajamento e diversidade

Nessa dimensão do questionário, indagamos os participantes da comunidade escolar sobre suas percepções relacionadas a preconceito, *bullying* e alternativas para superação.

Entre os estudantes, 63,4% afirmaram nunca terem sofrido ou percebido; 3,2% sofreram preconceito de gênero; preconceito racial (8,6%); preconceito por orientação sexual (3,5%); preconceito por ser pobre (5,2%) e preconceito por morar na zona rural ou periferia da cidade (6,3%). Como o campo “outros” estava disponível, surgiram relatos de preconceitos por religião, altura, gordofobia etc. Paradoxalmente, 53,6% dos respondentes afirmaram já terem sido vítimas de *bullying*, contra 46,4% que afirmaram o contrário. No questionário, o grupo de pesquisadores se atentou para compartilhar a definição dessa palavra importada (*bullying*) para não deixar dúvidas aos respondentes. Assim, foi definido como sendo o ato de bulir, tocar, bater, socar, zombar, tripudiar, ridicularizar, colocar apelidos humilhantes, no intuito de intimidar, humilhar ou agredir fisicamente a vítima.

Para reduzir os efeitos do preconceito e do *bullying* na escola, 24,6% dos respondentes considerou que a “qualificação dos professores e funcionários para identificar e tomar atitudes” é a medida mais importante, enquanto 23,6% preferem o “acolhimento e a receptividade dos alunos mais vulneráveis”. Quando perguntados sobre o que poderia ser feito para construir uma escola melhor, com menor evasão, em que o preconceito e o *bullying* não tenham vez; 37,2% consideraram a alternativa “envolvimento de toda a comunidade (professores, alunos, pais, gestores etc.) para criar uma cultura voltada à diversidade e aceitação ao próximo” como a mais importante, seguido de “tornar a escola mais atrativa através de novas formas de ensinar e aprender” (25,1%), “qualificar os professores e funcionários para identificar os problemas e tomar atitudes” (15%), “promover campanhas educativas na escola sobre as formas de opressão” (6,6%), “promover a busca ativa dos agressores para que suas práticas sejam coibidas” (6,3%) e, “promover a busca ativa dos alunos mais vulneráveis para apoiá-los individualmente” (5,8%).

Entre os pais, 67,7% relataram que nunca foram avisados por seus filhos sobre manifestações preconceituosas; 38,7% foram avisados sobre *bullying*; 38,7% consideram a “qualificação dos professores e funcionários para identificar e tomar atitudes” como a melhor estratégia de superação

do preconceito e do *bullying*, e 32,3% consideram o “envolvimento de toda comunidade” o mais importante caminho para construir uma escola melhor.

Por fim, entre os trabalhadores da escola, 56,8% não sofreram ou não perceberam manifestações de preconceito na escola; 90,9% relatam manifestações de *bullying*, 29,5% consideram o “cumprimento das regras disciplinares já existentes” como a melhor estratégia e 63,6% consideram o “envolvimento de toda comunidade” fundamental para a construção de um ambiente escolar humanizado e saudável.

A análise dos dados “dentro” e “entre” os segmentos permitiram inferir a não percepção de preconceito e *bullying* pela comunidade, ou ainda, que o segundo pode ser decorrente do primeiro. Apesar de previsível, a menor percepção de *bullying* pelos pais ou responsáveis em relação aos filhos é preocupante, na medida em que os casos podem não ser relatados aos responsáveis por medo de sofrerem consequências dos agressores ou até mesmo em casa. Para superar, ou ao menos aliviar as consequências do *bullying* e do preconceito na escola, as ações protagonizadas pela equipe de pesquisadores, algumas ainda em curso, foram planejadas em consonância com a percepção generalizada da comunidade expressa no questionário, em que o melhor caminho é o envolvimento de toda a comunidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa e das ações de intervenção ainda em curso, o grupo de pesquisadores conseguiu promover um forte envolvimento da comunidade com o projeto. O edital SEE nº 09/2021 proporcionou múltiplos benefícios para os alunos-pesquisadores, a escola e a comunidade.

Aos alunos, possibilitou o despertar da vocação para a pesquisa científica e incentivou talentos em potencial àqueles que não possuíam nenhuma experiência com trabalhos relacionados à pesquisa. Algo que certamente contribuirá para a definição do futuro deles, com novas possibilidades a serem consideradas e para desenvolver o espírito ético e profissional de cada um.

À escola, trouxe recursos significativos ao caixa escolar, com a descentralização de R\$ 86,560,00 de recursos para aquisição de material permanente, consumo e serviços, pactuados pela aprovação no edital, além de R\$ 60,000,00 oriundos de verba de emenda parlamentar para aquisição de mobiliário e equipamentos voltados a construção de uma sala de multimídia.

À comunidade, além dos benefícios já apresentados, trouxe a reflexão sobre nossas iniquidades contemporâneas, muitas vezes escamoteadas do debate público, e a percepção da necessidade do envolvimento de toda a comunidade para superação.

REFERÊNCIAS

BORDENAVE, J. E. D. *O que é participação?* São Paulo: Brasiliense, 1983.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2018*. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101548_notas_tecnicas.pdf. Acesso em: 16 set. 2022.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/muzambinho/panorama>. Acesso em: 20 ago. 2021.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1985.

WILSON, J. Q.; KELLING, G. L. Broken Windows. The police and neighborhood safety. *The Atlantic*, 1982. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1982/03/broken-windows/304465/>. Acesso em: 21 dez. 2024.

AS JUVENTUDES DE ILICÍNEA/ MG: IDENTIDADE, EXPRESSÃO, ESTILO DE VIDA E ACESSO ÀS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E ESPORTIVAS NA COMUNIDADE

Aline Cristina da Costa¹, Amanda Martins¹, André Almeida Silva¹, Felipe Vitor Souza¹, Hérique Paulo Benevides Lopes¹, Julia Pereira Vilela¹, Kaique de Lima Marciano¹, Maria Luiza Alves de Paula¹, Mariana Moscardini Oliveira¹, Mariana Oliveira Costa¹, Patrícia de Fátima Oliveira², Maria Fernanda Silva Alves³

1 INTRODUÇÃO

A sociedade é um conjunto complexo formado por indivíduos ímpares, com costumes, crenças, culturas, identidades, faixas etárias e tantas outras formas de ser e agir distintas. Entre esses indivíduos, observa-se o papel latente da juventude, mas afinal o que é juventude? A resposta a essa pergunta é de difícil compreensão, mas as Ciências Sociais buscam esclarecer o termo.

1 Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida (Ilicínea/MG)

2 Orientadora, Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida (Ilicínea/MG), patricia.oliveira87@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Anísio Esau dos Santos (Baependi/MG), maria.alves64@educacao.mg.gov.br.

A juventude diz respeito a um estado social transitório, geralmente associado ao desenvolvimento biológico, etário e emocional do ser humano. O termo juventude é ligado ao seu contexto histórico e cultural, sendo que o indivíduo é considerado “jovem” de acordo com a sociedade e o tempo nos quais está inserido (Araújo; Bridi; Motim, 2016). Na idade média, era comum o indivíduo passar da infância para a vida adulta através do matrimônio, a partir dos 11 anos. Atualmente, a juventude é ligada a idade biológica, entre 12 e 18 anos, período entre a infância e a vida adulta legal. Há aqueles que defendem que a juventude diz respeito não só a faixa etária, mas sim ao estado de espírito do indivíduo.

Considerando a juventude atrelada a idade biológica, esse corresponde ao momento de preparação para a vida adulta, com tarefas complexas e relações sociais diversificadas. Esse momento de preparação não é homogêneo para todos os jovens, visto que diversos são os fatores que influenciam o desenvolvimento do indivíduo, como o meio no qual ele está inserido, o acesso a educação, cultura, saúde, condição econômica e outros elementos tão determinantes para a formação da identidade do sujeito. Dessa maneira, pode-se então utilizar o termo *juventudes*, e não apenas juventude, pois as diferenças e as desigualdades sociais fazem a condição de jovem ser bastante heterogênea.

As juventudes trazem consigo diversos perfis, identidades, formas de agir, pensar, diferentes manifestações e culturas. Um dos pontos que caracterizam essa diversidade dos jovens é o contexto que o indivíduo vive, o espaço urbano e o espaço rural. De acordo com Pena (2024), geograficamente, é possível definir o espaço rural como “o espaço não urbanizado – ou seja, que não apresenta a formação de cidades e nem as suas práticas em um sentido mais denso – e que não é urbanizável a curto e médio prazo”, e o espaço urbano como “a área constituída pela justaposição de ocupações populacionais que caracteriza a formação das cidades e suas atividades”. Contudo, é difícil concluir com exatidão as diferenças entre espaço urbano e rural, visto que eles estão interligados e impregnados um pelo outro (Bernardo *et al.*, 2017).

A integração entre o campo e cidade é evidente, contudo, ainda é possível observar diferenças entre o espaço urbano e rural no que diz respeito ao acesso, pelos jovens, a atividades esportivas, culturais e de lazer. Nota-se que no espaço urbano existem mais espaços destinados a prática de esportes, realização de eventos culturais e opções de lazer para as juventudes, enquanto que no espaço rural tais atividades ficam restritas ou até mesmo inexistentes. Porém, o advento e desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação expandiu as possibilidades de interação, produzindo novas maneiras dos jovens se relacionarem, ser e estar no mundo (Paixão, 2021). Tal interação influencia diretamente nas formas de identidade e expressão dos jovens que, mesmo não tendo espaços físicos para socializar, o fazem através do ciberespaço.

Este relato de experiência visa apresentar as manifestações culturais dos jovens de Ilícinea nos espaços urbano e rural, suas formas de identidade e expressão através da música, dos esportes e dos estilos de vida na comunidade e também nos ciberespaços; levantar dados sobre o uso de álcool e drogas ilícitas e envolvimento com a violência; buscar a ocorrência de distúrbios mentais; mapear espaços públicos e privados na comunidade que ofereçam condições para a instalação de projetos culturais e esportivos; e ainda propor parcerias para oferecer projetos culturais e esportivos na sociedade.

2 DESENVOLVIMENTO

A cidade de Ilícinea se localiza na região Sul de Minas Gerais e possui população total estimada de 12.511 habitantes, destes sendo 1.049 habitantes na faixa etária de 15 a 19 anos, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Infelizmente a comunidade oferece quase ou nenhuma oportunidade de manifestação cultural diversificada para as juventudes, sendo que a grande maioria dos jovens tem acesso a atividades culturais e esportivas somente no ambiente escolar.

Essa carência de manifestação cultural diversificada é ainda maior ao se comparar os espaços urbano e rural, visto que no espaço urbano a socialização dos jovens acontece em escolas, praças, bares, espaços esportivos, festas municipais e redes sociais no ciberespaço. Já os jovens do espaço rural têm menos oportunidades de socialização devido à distância física entre as várias comunidades rurais e delas até o espaço urbano, bem como a ausência de espaços de socialização. Dessa forma, os jovens da zona rural se socializam essencialmente no ambiente escolar e redes sociais no ciberespaço. Tais fatores caracterizam as assimetrias existentes entre o espaço urbano e rural, dentro do mesmo município, o que influencia diretamente nas expressões culturais dos jovens.

Apesar de estarem na mesma faixa etária, percebe-se que os jovens que têm maior acesso a atividades culturais se expressam com mais liberdade no que diz respeito ao pensamento, fala, modo de agir, se vestir e se comportar, demonstrando maior traquejo social; enquanto que os jovens com menos acesso a atividades culturais se mostram mais retraídos, menos sociáveis; o que é possível perceber na vivência escolar. Já em relação ao ciberespaço, essas assimetrias culturais são minimizadas, pois, esse espaço, acessível a todos, é o único local que jovens urbanos e rurais têm acesso às mesmas atividades e expressões. Vale ressaltar que as assimetrias existentes e a carência de atividades culturais e esportivas impactam negativamente os jovens, uma vez que, ao não terem opções saudáveis de lazer, eles estão suscetíveis a desenvolver distúrbios mentais, como ansiedade e depressão; fazer uso de álcool e drogas ilícitas e, em alguns casos, se infiltrar no mundo do crime e da violência.

É possível, através da parceria entre escolas, comunidade e poder público a disseminação de atividades esportivas, de lazer e culturais, conforme citado por Sposito, Silva e Souza (2006); que afirmam que iniciativas públicas podem e devem ser implementadas, principalmente em âmbito municipal, por atingirem diretamente o público-alvo. Essas ações, se bem desenvolvidas, de forma pontual e contínua, podem propiciar um futuro promissor no desenvolvimento cultural, social, físico e mental da

comunidade jovem. Portanto, trata-se de um tema de grande relevância social, pois causa impactos positivos na ampliação do repertório cultural e na saúde física e mental dos adolescentes e jovens ilicinenses.

3 METODOLOGIA

A metodologia é parte essencial da pesquisa científica, sendo ela aqui entendida como o conhecimento crítico acerca dos passos realizados durante o processo científico. Sendo assim, a metodologia pode ser considerada como uma ferramenta disponível ao investigador, pois ela oferece caminhos para investigação e estudo de algo, sendo que a escolha por um tipo ou outro de metodologia depende muito do tipo do problema a ser analisado e dos objetivos da pesquisa. A partir do momento que se define a metodologia a ser aplicada e suas possibilidades de abordagem e execução, a análise de dados é entendida como um olhar interpretativo do pesquisador, com base na observação realizada por ele.

Neste trabalho, foram adotados o levantamento bibliográfico e a pesquisa de campo qualitativa-quantitativa, devido às necessidades observadas pelos estudantes-pesquisadores. Optamos por esse tipo de pesquisa pelo fato de ela possibilitar a obtenção de novos dados na comunidade, o que poderá trazer grandes benefícios para as juventudes e toda a comunidade, uma vez que o acesso à cultura e a prática esportiva impactam significativamente no desenvolvimento de habilidades socioemocionais e na formação integral do ser humano.

Para a execução deste trabalho, pensamos o ambiente escolar como recorte inicial, pois é nesse ambiente que a maioria dos jovens de Ilicínea se encontram com frequência. O público-alvo foram os estudantes do Ensino Médio (1º e 3º anos), EJA e 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida; estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professor Ismael Silva e jovens da comunidade, na faixa etária de 18 anos a 20 anos. As escolas selecionadas para o trabalho se caracterizam como instituições públicas, com estudantes de todo o município.

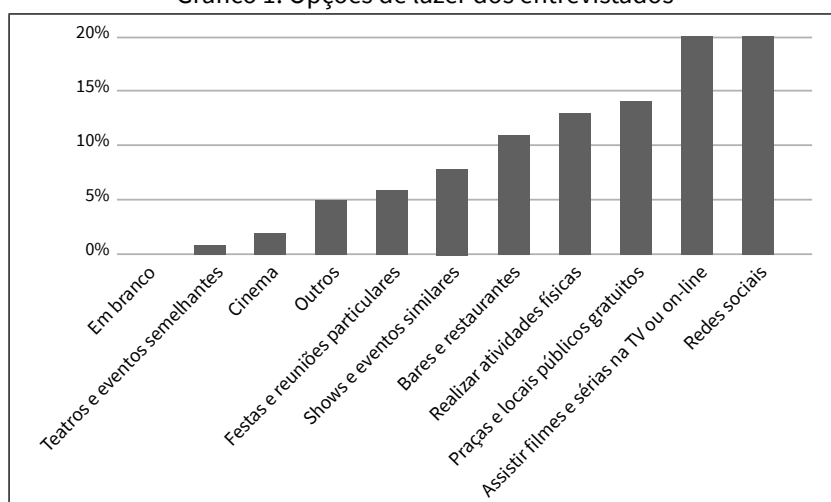
O passo a passo da metodologia consistiu em primeiramente, realizamos o levantamento bibliográfico acerca do tema proposto; em seguida foi elaborado e aplicado o Questionário de Pesquisa 1 para levantamento de dados junto ao público-alvo; posteriormente foi elaborado e aplicado o Questionário de Pesquisa 2 para levantamento de dados junto aos entes públicos. Após a aplicação dos questionários, foi realizado o tratamento dos dados e a construção de gráficos. Em seguida, realizamos o levantamento de eventos culturais e esportivos, urbanos e rurais, durante o período de outubro/2021 e julho/2022, e de espaços públicos e privados da comunidade urbana e rural que já ofereçam projetos culturais e esportivos ou possam oferecer condições para que projetos culturais e esportivos possam ser instalados. Por último, realizamos a proposição de possíveis parcerias públicas e privadas, bem como ações a serem desenvolvidas no ano de 2023 para oferecer projetos que possam ampliar o repertório cultural e promover a saúde física e mental dos adolescentes e jovens da comunidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a realização do levantamento bibliográfico, aplicamos, de forma presencial o Questionário de Pesquisa 1 (sem identificação dos entrevistados) para identificar as manifestações culturais e esportivas mais presentes no cotidiano; os anseios da juventude por possíveis ações culturais e esportivas locais; suas formas de identidade, manifestações de distúrbios mentais; e possíveis envolvimento com álcool, drogas ilícitas e violência. Foram aplicados 480 questionários ao público-alvo, onde foram obtidos os seguintes resultados: dos entrevistados, 38% tem entre 14 e 15 anos e 18% tem entre 16 e 17 anos; 69% moram na zona urbana; 51% são do sexo masculino; 95% dos entrevistados são estudantes; 38% usam a internet para acessar redes sociais e 27% para estudos e pesquisas; 82% dos entrevistados acreditam que no espaço urbano tem mais oferta de atividades culturais/esportivas que o espaço urbano; 50% acreditam que o acesso a eventos culturais e esportivos interfere na sua qualidade de vida social; 54% trabalham; 56% se identificam

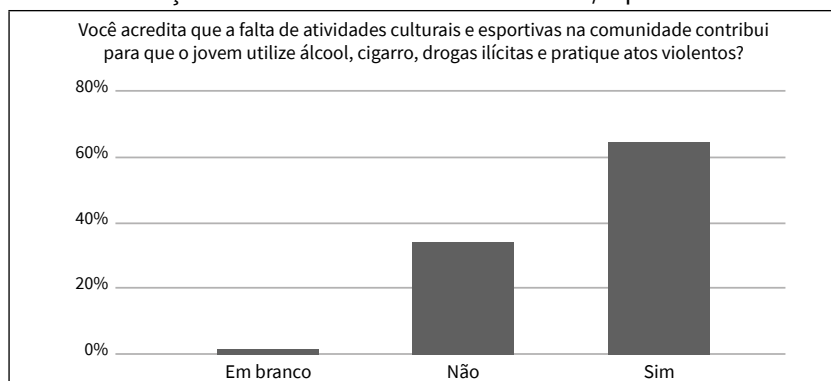
com o sertanejo, cultura predominante na comunidade, Sobre o estilo musical favorito, 22% responderam sertanejo e 21% funk; 39% responderam que tem forma de expressão básica e 13% esportivo; 19% apontaram que gostariam que fossem oferecidos na comunidade shows e atividades culturais; 16% mais espaços públicos ao ar livre e 14% natação; 62% já utilizaram bebida alcoólica e/ou cigarro; 86% não utilizaram drogas ilícitas; 41% já praticaram algum ato violento; 56% já foram vítimas de atos violentos.

Gráfico 1: Opções de lazer dos entrevistados



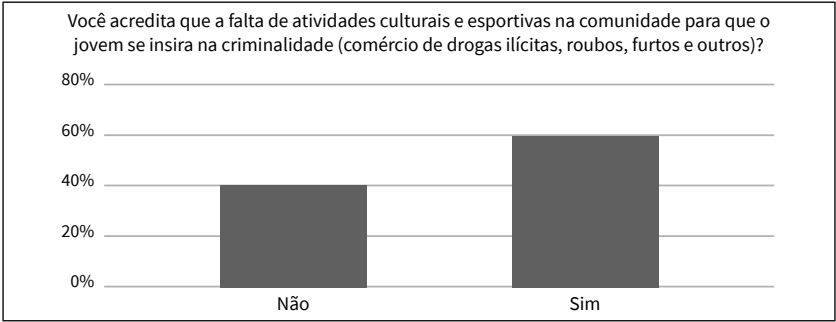
Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 2: Relações entre falta de atividades culturais/esportivas e violência



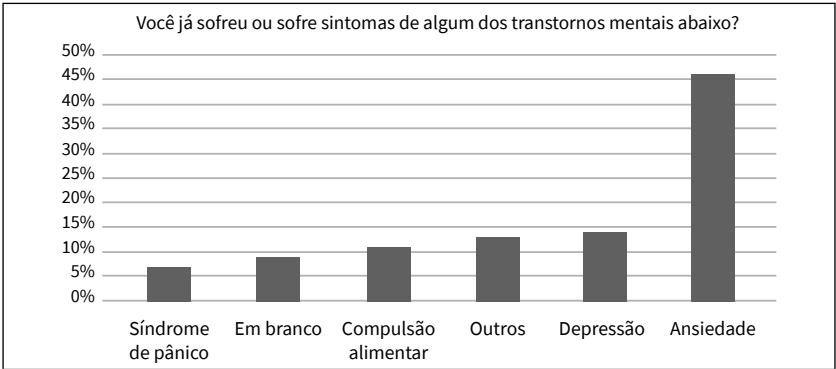
Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 3: Relações entre falta de atividades culturais/esportivas e criminalidade



Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 4: Ocorrência de transtornos mentais



Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 5: Relações entre acesso a atividades culturais/esportivas e saúde mental



Fonte: Elaborado pelos autores

Foram colhidos dados junto ao Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de Ilicínea, informando que no período entre outubro/2021 e julho/2022 foram realizados os seguintes eventos culturais no município: Rachão do Fusca (zona rural), Festa do Congo e Moçambique, Motocando, Festa do Carreiro, Festa do Trabalhador, Festa Junina e Festa do Peão de Boiadeiro (zona urbana). Já os dados levantados no Departamento de Esportes da Prefeitura Municipal de Ilicínea afirmam que no período entre outubro/2021 e julho/2022 foram realizados os seguintes eventos esportivos no município: Copa Alterosa de futsal masculino (14/10/2021); Campeonato das Torcidas (07/11/2021); Copa Alterosa de base masculino (11/12/2021); Jogos Solidários de voleibol masculino e feminino (17/12/2021); Retorno da Escolinha de Futebol da Associação Esportiva Ilcinense (24/01/2022); Campeonato de futsal adulto masculino (06/05/2022); Copinha Sul Mineira de base masculino (16/05/2022); Jogo Amistoso de futsal feminino - Ilicínea x Aguanil (01/07/2022).

Já em relação à saúde mental dos jovens de Ilicínea, entre o período de outubro/2021 e julho/2022, de acordo com dados fornecidos pelo Departamento de Saúde Mental da Prefeitura Municipal de Ilicínea, foram atendidos nesse período 380 jovens com transtornos mentais, sendo que os principais transtornos apresentados foram: depressão, síndrome do pânico e ansiedade. Ainda, de acordo com psicóloga do referido departamento, a prática de atividades culturais e esportivas, além de melhorar o corpo físico, contribui para a diminuição dos riscos de depressão, ansiedade, estresse, e para o aumento da autoestima e capacidade cognitiva do indivíduo. Essas informações são reafirmadas pelo Conselho Tutelar de Ilicínea, órgão de grande relevância nos cuidados e na proteção dos jovens.

De acordo com levantamento realizado durante a execução desta pesquisa, o município possui vários espaços que são utilizados para projetos esportivos e espaços inativados que poderiam ser utilizados para a execução de projetos culturais e/ou esportivos (Tabela 1).

Tabela 1: Espaços públicos e privados no município de Ilicéa que já possuem ou podem abrigar projetos esportivos e/ou culturais para as juventudes

Espaço	Endereço	Natureza da propriedade	Projetos em execução
Campo de Futebol do Cene	Rua Tiradentes. Bairro Rainha da Paz. Zona Urbana.	Pública municipal	Inativo
Campo de Futebol do Rosário	Rua Joaquim Júlio de Faria. Bairro Rosário. Zona Urbana.	Pública municipal	Inativo
Campo de Futebol do Mato Grosso	Comunidade Mato Grosso. Zona Rural.	Pública municipal	Inativo
Casa da Cultura Tomaz Moscardini	Rua Direita, nº 290. Bairro Centro. Zona urbana.	Pública municipal	Ativo
Espaço de atividades diversas		Particular	Ativo. Escolinha particular masculina de futsal.
Estádio Municipal José Felizali	Avenida XV de Novembro. Bairro Centro. Zona Urbana.	Pública Municipal	Ativo. Escolinha pública masculina de futebol.
Quadra José Taquara	Avenida XV de Novembro. Bairro Centro. Zona Urbana.	Pública Municipal	Inativo
Quadra do Rosário ao lado do posto de saúde	Bairro Rosário. Zona Urbana.	Pública Municipal	Inativo
Quadra ao lado da Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida	Bairro Centro. Zona Urbana.	Pública Municipal	Inativo
Quadra – Escola Municipal Professor Ismael Silva	Rua Francisco Augusto Passos Maia, nº 120. Bairro Glória. Zona Urbana.	Pública Municipal	Ativo. Treinos masculino e feminino de vôlei e futsal.
Quadra – Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida	Rua Doze de Outubro, nº 198. Bairro Centro. Zona Urbana.	Pública Estadual	Ativo. Aberta a comunidade nos intervalos entre os turnos vespertino e noturno.
Quadra do Parque de Exposições Rodolfo Bernardes Pereira	Rodovia Presidente Tancredo Neves. Bairro Jeribá. Zona Urbana.	Pública Municipal	Inativo.

Parque da Lagoa Seca	Rua Projetada, 2-314. Zona Urbana.	Pública Municipal	Ativo.
Espaço para prática de natação e salão de eventos		Particular	Ativo. Realiza�o de eventos particulares.
Salão de eventos		Particular	Ativo. Realiza�o de eventos particulares.
Salão de eventos		Particular	Ativo. Realiza�o de eventos particulares.

Fonte: Elaborado pelos autores

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões proporcionadas pelos levantamentos de dados desta pesquisa, conclui-se que as juventudes de Illic nea são variadas, com identidades, expressões e estilos de vida distintos, que precisam ter mais acesso ao esporte e   cultura como forma de socialização e desenvolvimento, a fim de garantir uma sociedade com mais equidade de acesso e qualidade de vida.

Observa-se que a maioria dos jovens de Illic nea tem como lazer assistir a filmes e séries na TV ou online, e acessar as redes sociais. Tal fato demonstra a necessidade da realização de mais eventos culturais e esportivos na comunidade, a fim de inserir o jovem no meio cultural e esportivo. Tal inserção se mostra necessária ao se observar que os jovens entrevistados já sofreram ou sofrem de transtornos mentais e indicam que o acesso a atividades culturais e esportivas pode contribuir para a saúde mental dos indivíduos.

Percebe-se também que o engajamento das juventudes no meio cultural e esportivo pode contribuir para a diminuição do envolvimento dos jovens com a criminalidade e o uso de álcool e drogas, contribuindo para a melhora da sociedade como um todo. Tais afirmações são corroboradas por profissionais da saúde e assistência social, pois ambos alegam a importância do jovem se inserir em atividades culturais e esportivas para o seu pleno desenvolvimento.

É notável que no município existem espaços públicos e privados disponíveis para a ampliação de projetos já existentes e para a prática de novos projetos nas áreas de cultura e esportes, que visem a inserção das juventudes. Para isso, é necessário que sejam firmadas parcerias entre o poder público e o privado. Como proposição, seria viável a parceria entre a Prefeitura Municipal e o Clube Social e Recreativo de Ilícinea, pois nesse clube existem quadras, academia, piscina e salão, que podem ser utilizados para a realização de atividades culturais e esportivas. A maioria dos demais espaços existentes no município são de propriedade pública municipal, o que já facilita a realização de novos projetos para os jovens. Portanto, é primordial a adoção de eventos culturais e esportivos diversificados para o desenvolvimento das juventudes, para sua qualidade de vida, saúde mental e bem-estar social.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S. M.; BRIDI, M. A. MOTIM, B. L. *Sociologia: ensino médio*. 2 ed. São Paulo: Scipione, 2016.

BERNARDO, C. H. C.; BERNARDES, J. C.; VIEIRA, S. C.; LOURENZANI, A. E. B. Espaço rural e espaço urbano: pluralidade conceitual e as tecnologias de informação e comunicação. *Revista RUA*, Campinas, v. 1, n. 23, p. 141-153, 2017. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/rua/artigo/verpdf?publicacao_id=139. Acesso em: 23 dez. 2024.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo*, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ilicinea/pesquisa/23/25888?detalhes=true>. Acesso em: 09 ago. 2022.

PAIXÃO, S. V. Um olhar sobre a produção cultural de jovens e o papel da escola. *Educação em Revista*, Marília, v. 22, p. 145-156, 2021.

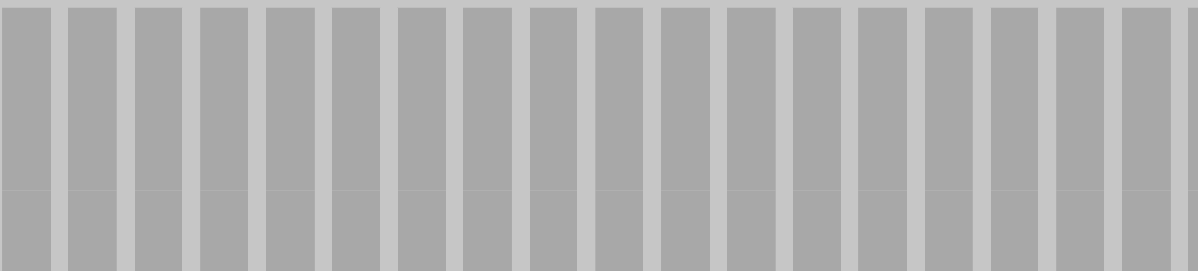
PENA, R. F. A. Relações entre o espaço rural e urbano. *PrePara Enem*, 2024. Disponível em <https://www.preparaenem.com/geografia/relacoes-entre-espaco-rural-urbano.htm>. Acesso em: 23 dez. 2024.

SPOSITO, M. P.; SILVA, H. H. C.; SOUZA, N. A. Juventude e poder local: um balanço de iniciativas públicas voltadas para jovens em municípios de

regiões metropolitanas. *Revista Brasileira de Educação*, [s. l.], v. 11, n. 32, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/7KL9WsYS3tqbMS-54SzQGCyq/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 23 dez. 2024.

PARTE 2

ENGAJAMENTO SOCIAL E PROTAGONISMO JUVENIL



REFLEXÕES SOBRE OS DESAFIOS DO JOVEM EM CONCILIAR TRABALHO E ESTUDOS

Antônio Carlos Teixeira Mendes¹, Denise Tatiane Mendes¹, Dieny Fernandes Cunha¹, Erick Soares Balieiro¹, Jhennifer Gabrielly Gomes de Sá¹, Laila Rafaela Coelho Silveira Martins¹, Nátila Raiane Silva¹, Samuel Oliveira Soares¹, Sarah Cristina Moreira Silva¹, Yasmin Edvirgens Brito Dias¹, Jacqueline de Oliveira Santos², Cátia de Castro Dias³

1 INTRODUÇÃO

Desde o ano de 2018, a Escola Estadual Miguel José da Cunha ampliou o desenvolvimento de ações que buscam investigar, compreender e orientar os alunos do Ensino Médio sobre os maiores desafios enfrentados por eles em sua vida escolar. Para a realização deste relato de experiência, foram examinadas questões relativas à inserção dos estudantes no mercado de trabalho, atuando como funcionários ou por meio do empreendedorismo, e as implicações do trabalho em sua aprendizagem e frequência escolar. Dessa forma, procurou-se entender como

1 Escola Estadual Miguel José da Cunha (Porteirinha/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Miguel José da Cunha (Porteirinha/MG), jaqueline.oliveira.santos@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Ilídio Caixeta de Melo (Patos de Minas/MG), catia.dias@educacao.mg.gov.br.

os jovens lidam com esse desafio, bem como buscou-se alternativas que contribuam para que possam conciliar as atividades laborais e garantir a efetiva aprendizagem.

Nesse cenário, surgem diversos questionamentos, como: Os estudantes trabalharão influência nos índices de aprendizagem? Em que tipo de trabalho ou ação empreendedora eles estão envolvidos? Quais motivos os levaram ao mercado de trabalho? Que alternativas a escola deve construir para que os alunos conciliem estudos e trabalho? Essa situação foi amplificada pela pandemia?

Considerando a pandemia causada pela Covid-19, observa-se que, precisamente nesse período (2020, 2021), a equipe pedagógica conseguiu mensurar melhor os efeitos negativos que a inserção dos alunos no mundo do trabalho provocam em relação à aprendizagem, tal qual notou-se que essa inserção aconteceu, principalmente, pelas dificuldades econômicas do isolamento social das famílias de baixa renda.

Percebe-se que, uma parcela significativa dos estudantes teve seu primeiro contato com o mundo do trabalho devido às circunstâncias econômicas de seu ambiente familiar e, a partir desse momento, se tornou comum deixarem as atividades escolares. A pandemia destacou as injustiças sociais que já estavam presentes no contexto escolar, portanto, para execução deste trabalho, foi necessário compreender o que significa ser jovem, estudante e trabalhador.

Sob esse ponto de vista, ressalta-se que para compreender a juventude é preciso analisar o contexto social em que esses jovens estão inseridos, incluindo suas limitações e restrições ao exercício de seus direitos. Logo, os jovens das camadas mais pobres da sociedade são os mais prejudicados, pois quase sempre são impulsionados, pela condição social a qual pertencem, a ingressarem antecipadamente no mercado de trabalho para suprir necessidades básicas próprias e de seus familiares. Essa tendência faz com que as atividades escolares estejam à margem de suas prioridades. Diante dessa problemática, justifica-se a importância desta pesquisa.

2 DESENVOLVIMENTO

A pesquisa foi realizada no período de outubro de 2021 a agosto de 2022 por onze estudantes-pesquisadores e uma professora-orientadora, com o acompanhamento de uma tutora. Trata-se de um estudo realizado com alunos e ex-alunos da Escola Estadual Miguel José da Cunha, localizada na cidade de Porteirinha, no Norte de Minas Gerais.

A análise foi dividida em etapas e executada através de pesquisa qualitativa, quantitativa, bibliográfica e de campo. Essas metodologias foram escolhidas pelo caráter exploratório, permitindo a análise de dados obtidos por estudos quantitativos e a representação de resultados por meio de gráficos. Tal prática se justifica porque as análises quantitativas e qualitativas não se sobrepõem, ao contrário, trabalham em conjunto, de modo que a realidade da qual participam interagem dinamicamente (Minayo, 2017).

Um dos objetivos deste relato é entender como os estudantes têm lidado com o desafio de estudarem e trabalharem concomitantemente. Para isso, fez-se necessário um levantamento, com a equipe pedagógica, dos alunos que vivenciam essa situação, através de questionário e de entrevistas. Posteriormente, verificou-se nos registros da escola os índices de aprendizagem desses estudantes, analisando o desempenho deles em todos os componentes curriculares nos anos de 2020, 2021 e 2022, a fim de identificar como essa experiência influenciou, ou não, a conduta dos estudantes.

Para estabelecer um levantamento que se debruce sobre a questão da juventude, é necessário reconhecer a polêmica e algumas das ambiguidades que cercam o termo “juventude” (Sposito, 2003). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma pessoa entre 15 e 24 anos é considerada jovem. No Brasil, desde a criação da Secretaria Nacional de Políticas de Juventude e do Conselho Nacional de Juventude em 2005, os jovens foram definidos como aqueles entre 15 e 29 anos. Dessa forma, considerando que esta pesquisa tinha como objetivo analisar realidades

de jovens estudantes, seus sujeitos de pesquisa se encontravam, durante sua realização, numa faixa etária entre 15 e 25 anos.

A coleta dos dados foi realizada utilizando os seguintes instrumentos de pesquisa: aplicação de questionário fechado; entrevistas semiestruturadas; e observação junto aos estudantes da referida escola que estiveram/estão matriculados no Ensino Médio nos anos de 2020, 2021 e 2022, que ingressaram no mercado de trabalho ou realizaram ações empreendedoras nesse período. Utilizou-se dois questionários em uma amostra de 196 estudantes para entender melhor os contextos econômicos, familiares e motivacionais para a entrada desses no mercado de trabalho, bem como o tipo de trabalho e atividades empreendedoras que eles desempenharam e desenvolveram.

Neste estudo, foi utilizada a técnica de observação participativa em entrevistas e discussões, cujo objetivo foi proporcionar a autonomia e a expressão de desafios e experiências desses alunos com a realidade pesquisada. Assim, buscou-se refletir e discutir cientificamente o que significa ser jovem, estudante e trabalhador. Esta pesquisa desenvolveu-se com integridade e baseada nos cuidados éticos. Foi apresentado a todos os participantes os objetivos do estudo por meio de um termo de consentimento, segundo o qual autorizaram a participação.

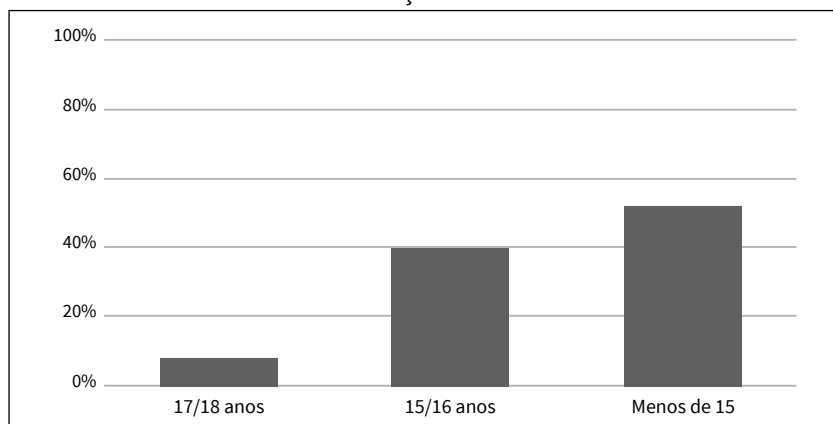
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sobre a faixa etária dos estudantes entrevistados, no Gráfico 1, podemos observar um dado alarmante, pois 52,1% dos estudantes entrevistados declararam que iniciaram no mundo do trabalho com menos de 15 anos, demonstrando que essa parcela de pesquisados ainda estava nos anos finais do Ensino Fundamental quando ingressaram no primeiro emprego.

Esse dado evidencia uma preocupação em relação aos desafios e às inseguranças da vida escolar, uma vez que quase 10% deles relataram que já cogitaram a possibilidade de desistir dos estudos pela necessidade

de trabalhar para complementar a renda familiar e/ou manter as despesas pessoais, já que a família não podia supri-las.

Gráfico 1: Idade de inserção no mercado de trabalho



Fonte: Elaborado pelos autores

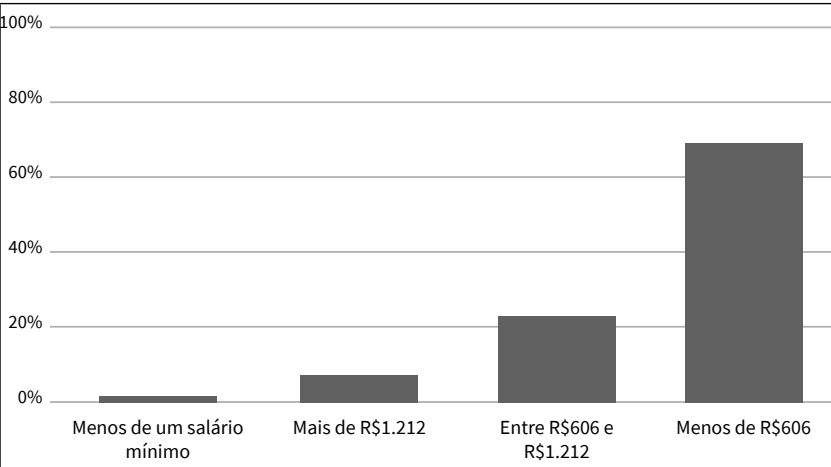
Acerca do espaço ocupado pelos jovens no mundo do trabalho, observa-se que ele está inteiramente ligado ao ambiente familiar, principalmente nas situações em que há poucas oportunidades de emprego produtivo e bem-remunerado, contexto que dificulta para os pais o sustento, a educação e o lazer dos filhos; isso é o que obriga os jovens e as crianças a aceitarem qualquer trabalho para sobreviverem e alcançarem o nível desejado de independência.

Nos gráficos a seguir, é possível inferir que a grande maioria dos estudantes entrevistados trabalham na informalidade, com carga horária muito além da legislação trabalhista vigente, e tem uma remuneração inferior a 50% do salário mínimo. Dos estudantes entrevistados, 68,9% recebem menos de R\$ 606 por mês; e 24% trabalham mais de 8 horas por dia; sendo que 68,5% são empregados em trabalhos informais; e 6,8% se identificam como empreendedores.

Muitos dos entrevistados afirmaram que se tornaram barbeiros, manicures, confeitadores ou varejistas de produtos de beleza, entre outras atividades empresariais. De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às

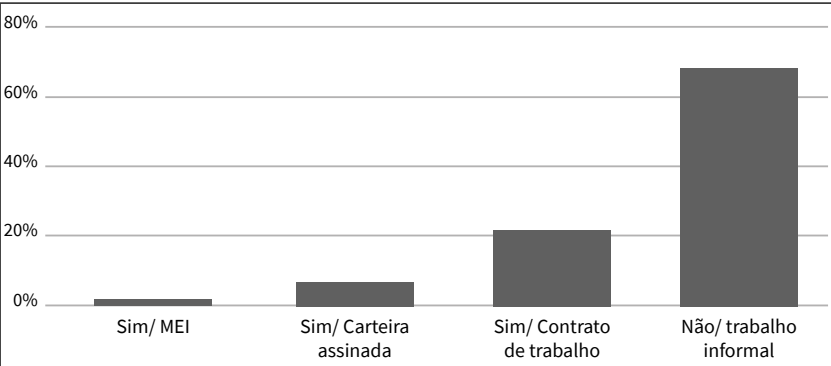
Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), os jovens entre 15 e 24 anos têm um enorme potencial para o empreendedorismo. Esse, por sua vez, é um fator preponderante na promoção do desenvolvimento socioeconômico do Brasil, mas o mercado de trabalho normalmente reflete as hierarquias sociais existentes.

Gráfico 2: Renda mensal



Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 3: Exerce trabalho formal? / Tipo de trabalho



Fonte: Elaborado pelos autores

No intuito de entender a coerência entre estudo e trabalho, os estudantes foram indagados sobre as atividades escolares: se os estudantes

conseguem entregar em dia as atividades propostas, se já haviam deixado de entregar alguma atividade avaliativa por causa do trabalho ou se durante a pandemia essas atividades deixaram de ser feitas. Como resultado, constatou-se que geralmente entregam as atividades escolares com atraso.

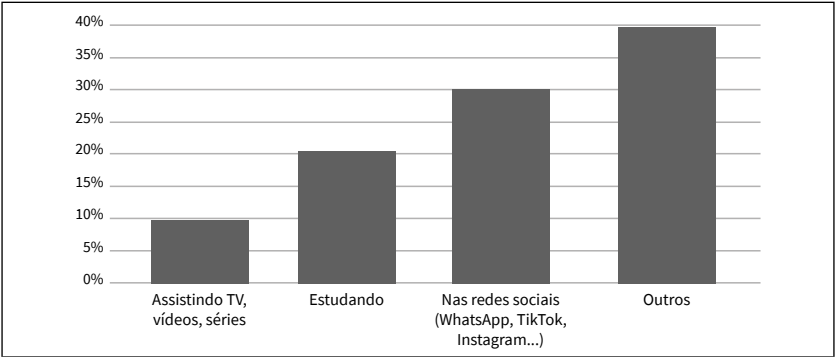
Durante a pandemia da Covid-19, a equipe pedagógica intensificou o trabalho de busca ativa escolar e, através dessa ação, observou-se que os estudantes que trabalhavam eram os que mais entregavam atividades escolares atrasadas e que muitas vezes só eram entregues quando essa ação era executada. A busca ativa escolar consiste em uma metodologia social e uma ferramenta capaz de identificar, registrar e monitorar crianças e adolescentes que estão fora da escola ou em risco de evasão. “Por meio da busca ativa escolar, municípios e estados têm acesso a dados concretos que permitem planejar, desenvolver e colocar em prática políticas públicas que apoiem a proteção dos direitos dos alunos” (Peres; Bauer, 2017, p. 8).

A análise do estudo de Peres e Bauer (2017) ajuda a compreender as dificuldades estabelecidas na construção da aprendizagem escolar em concomitância com a realização de atividades laborais. A pesquisa revelou que quase 40% dos estudantes entrevistados têm dificuldades em conciliar trabalho e estudos, e que em vários momentos pensaram em desistir de um ou do outro na mesma proporção, mas reconhecem que os estudos abrem oportunidades para conseguirem melhores empregos e qualidade de vida. As informações obtidas apontam que a educação é vista como o principal caminho para a abertura de novas opções de trabalho. Nessa perspectiva, a educação ganha limites muito específicos. “Para pais e filhos, a educação é a chance de sucesso na vida, ou seja, de conseguir um bom emprego” (Laranjeiras; Iriart; Rodrigues, 2016, p. 117).

Mesmo com muitas dificuldades, esses estudantes continuaram frequentando as aulas e desenvolvendo as atividades propostas pelos professores. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD, 2019) o trabalho é a razão mais comum para pessoas entre 15 e 29 anos de idade não estudarem ou se qualificarem. Segundo o estudo, um dos principais motivos para a evasão escolar é a necessidade de trabalhar. Quando

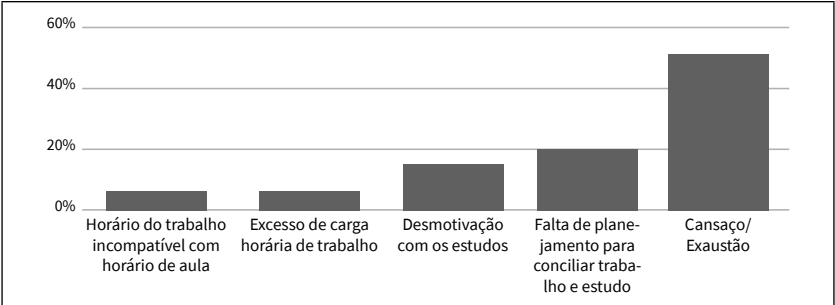
perguntado aos estudantes quais seriam suas maiores dificuldades em conciliar trabalho e estudo, obteve-se dados intrigantes, que deixaram os pesquisadores curiosos e surpresos. Segundo o Gráfico 4, 51,4% dos estudantes entrevistados responderam que o cansaço e a exaustão do trabalho é a maior dificuldade que eles encontram ao chegar no ambiente escolar e se deparar com mais uma atividade semanal. Cerca de 20,3% acreditam que sua maior dificuldade seja a falta de planejamento e que frequentemente, ao chegarem em casa, passam suas horas livres em redes sociais, *streamings* ou assistindo a televisão. Outro dado importante foi que 14,9% dos entrevistados relatam que o excesso de carga horária no trabalho é a sua maior dificuldade, e chegam a imaginar que o trabalho é mais importante do que o estudo naquele momento.

Gráfico 4: Atividades nas horas livres



Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 5: Principais dificuldades

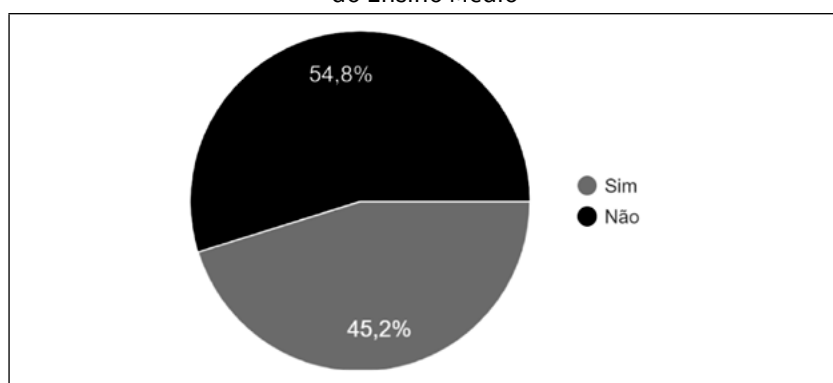


Fonte: Elaborado pelos autores

Foram realizadas entrevistas com perguntas que incentivaram os estudantes a refletir sobre a importância da educação e suas perspectivas para o futuro. Essa estratégia, além da coleta de dados, ajudou a encontrar respostas sobre como a escola poderia colaborar na superação das dificuldades enfrentadas, contribuindo para reduzi-las ou eliminá-las completamente.

Segundo dados analisados, 28,8% responderam que o objetivo em encerrar o Ensino Médio é entrar no mercado de trabalho, os demais buscam e querem continuar estudando para entrar em uma universidade ou tentar um concurso público. Esse dado revela que os estudantes apresentaram percepções satisfatórias em relação à escola, mesmo com as dificuldades relatadas. Na informação ratificada pelo Gráfico 6, nota-se que 54,8% dos estudantes não querem continuar no mesmo emprego após a finalização do Ensino Médio. Isso revela que os estudantes veem o ambiente escolar, apesar das adversidades, como uma oportunidade para melhorar de vida, buscando qualificação e iniciativas que contribuem para seu desempenho acadêmico.

Gráfico 6: Permanência no mesmo emprego após a conclusão do Ensino Médio



Fonte: Elaborado pelos autores

Diante desse levantamento, é possível inferir que os dados obtidos nesta pesquisa, realizada junto aos estudantes e ex-estudantes da Escola Estadual Miguel José da Cunha, demonstrou que uma grande parte dos

pesquisados têm dificuldades em conciliar atividades laborais e estudantis, e que muitas vezes entrar no mundo do trabalho significa ter uma liberdade financeira, ainda que mínima, para suprir necessidades que, constantemente, os pais não dão conta de prover por questões econômicas.

Corroborando esse pensamento, uma pesquisa realizada entre 2004 e 2005 (IBASE) afirma que a educação escolar é a principal inquietação para jovens entre 15 e 24 anos. Em virtude disso, é necessário ouvir os jovens e identificar as questões da educação em contraste com a família, o mercado de trabalho e as questões sociais e econômicas. Os pesquisadores frequentemente observaram que os estudantes esperam do corpo docente uma compreensão mais empática e um olhar diferenciado, permitindo que, juntos, superem as dificuldades. Isso inclui oferecer oportunidades mais flexíveis para a participação em atividades e projetos escolares.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificou-se, através do estudo apresentado, que a Escola Estadual Miguel José da Cunha está inserida em um contexto diverso, em que uma porcentagem significativa de seus estudantes precisa conviver com conflitos diários. Para se entender essa temática, é preciso ouvir os jovens e identificar as questões da educação, em consonância com a compreensão dos aspectos familiares, mercado de trabalho, e questões sociais e econômicas.

A educação é a chave para o desenvolvimento de uma nação e um remédio para as disparidades sociais. Para enfrentar as injustiças sociais e promover o desenvolvimento, é preciso aumentar os investimentos em programas educacionais, com concessão de auxílio financeiro aos estudantes de baixa renda e programas de auxílio e assistência para que os alunos não desistam do ambiente escolar.

O objetivo de todas as pesquisas é melhorar a qualidade de vida do público em geral, e as ações sociais nas escolas públicas têm mostrado ferramentas eficazes nesse sentido, pois melhoram a percepção de

oportunidades e comportamentos dos estudantes, uma vez que notam que o mercado de trabalho exige responsabilidade e aprendizado contínuo.

Ademais, é importante destacar a importância do desenvolvimento da Iniciação Científica na Educação Básica, pois ela contribui para o desenvolvimento da capacidade de pesquisa e do pensamento crítico do estudante, além de fomentar o protagonismo juvenil e o desenvolvimento de competências e habilidades inerentes à pesquisa.

REFERÊNCIAS

IBASE. *Juventude e Integração Sul-Americana: Percepções e perspectivas dos jovens brasileiros*. Disponível em: <https://www.ibase.br>. Acesso em: 22 julho 2022.

LARANJEIRA, D. H. P.; IRIART, M. F. S.; RODRIGUES, M. S. *Problematizando as transições juvenis na saída do ensino médio*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p.117- 33, 2016.

MINAYO, M. C. S. Cientificidade, generalização e divulgação de estudos qualitativos. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 22, n.1, p.16-17, 2017.

PERES, A.; BAUER, M. (coord.). *Busca ativa escolar: entenda a Metodologia Social e a Ferramenta Tecnológica*. Brasília, DF: Unicef; Congemas; Undime, 2017. Disponível em: <https://buscaativaescolar.org.br/downloads/guias-e-manuais/guia-metodologia-social-e-a-ferramenta-tecnologica.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2024.

SPOSITO, M. P. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ação Educativa, v. 1, 2003.

OS CLUBES DE PROTAGONISMO JUVENIL ENQUANTO ESPAÇOS PARA A REAPROXIMAÇÃO DOS ALUNOS ENTRE SI E COM O AMBIENTE ESCOLAR NO PERÍODO DE PANDEMIA E PÓS-PANDEMIA

Eduarda de Oliveira Dias¹, Hilary Lopes da Silva¹, Isabela Freire¹, Laren Marques Onorato¹, Milena Evelyn dos Reis Silva¹, Oséias José da Silva Junior¹, Pedro Henrique Marin de Oliveira¹, Victoria Freitas Ribeiro¹, Vitória Costa Silva¹, Amanda Jardim de Souza Vianna², Juarez Luiz Abrão³

1 INTRODUÇÃO

A Escola Estadual Professor Arlindo Pereira - Centro de Educação Politécnica, localizada em Poços de Caldas, Minas Gerais, atualmente oferta Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI), entre outras modalidades de ensino. As turmas de EMTI iniciaram as suas

1 Escola Estadual Professor Arlindo Pereira (Poços de Caldas/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Professor Arlindo Pereira (Poços de Caldas/MG), amanda.vianna@educacao.mg.gov.br.

3 Tutor, Escola Estadual Professor Franco da Rosa (Varginha/MG), juarez.abrao@educacao.mg.gov.br.

atividades em 10 de fevereiro de 2020, com a metodologia da Escola da Escolha, desenvolvida pelo ICE (Instituto de Corresponsabilidade pela Educação), o que serviu de motivação tanto para alunos ingressantes nessa modalidade quanto para os professores atuantes, gerando boas expectativas, visto ser o cenário propício para que docentes, de forma individual ou coletiva, possam contribuir para um novo modelo de ensino na escola, urgente e necessário em nossa sociedade. Os alunos, em contrapartida, poderão revelar-se mais envolvidos no processo de construção de seu projeto de vida.

O Programa do EMTI de Minas Gerais tem o compromisso de promover a formação integral e a inclusão social de adolescentes e jovens, propiciando-lhes oportunidades de desenvolvimento humano e de exercício efetivo da cidadania. O Modelo Pedagógico da Escola da Escolha, adotado para o EMTI, em Minas Gerais, possui como centralidade o jovem e seu projeto de vida. Isso significa que todo o currículo, todos os processos pedagógicos e todas as ações da escola devem ser movimentados para garantir que o estudante tenha condições de concretizar seu projeto de vida e de se tornar um sujeito autônomo, solidário e competente (Minas Gerais, 2022).

Esse novo modelo de EMTI tem o propósito de trabalhar com a premissa do Protagonismo Juvenil. Diante disso, é importante buscar compreender o que esse termo significa. Costa (2001) comenta que:

Protagonismo Juvenil, enquanto modalidade de ação, é a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolvem-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso. [...] o cerne do protagonismo, portanto, é a participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla (Costa, 2001, p. 179).

Apesar disso, logo após o início das atividades das turmas do EMTI, veio a pandemia e, com ela, o ensino remoto, o que tornou o processo ainda mais desafiador. Como o modelo de ensino adotado nas turmas de EMTI prioriza a pedagogia da presença e o protagonismo juvenil,

assim como a construção do projeto de vida dos alunos, enxergamos na criação e na implementação de clubes de protagonismo juvenil (durante a pandemia e na transição para o ensino presencial, através do modelo híbrido) um excelente caminho para reaproximação e motivação dos alunos e professores, e, conseqüentemente, uma tentativa de sanar possíveis perdas socioemocionais que os alunos enfrentaram e ainda enfrentam nesse momento.

A educação em tempos de pandemia da Covid-19 foi um desafio para todas as pessoas. A privação das relações interpessoais de modo presencial afetou grande parte da população, seja quando falamos dos seus papéis sociais quanto nos âmbitos pessoais. No Brasil, a estrutura escolar enfrenta desde antigamente grandes desafios, sucateamento da estrutura física, do sistema de ensino e da oferta de internet em nosso país, por exemplo, são considerados os pontos principais das dificuldades de atuação, seja do professor, seja do aluno no contexto escolar (Cipriano; Almeida, 2020). Em tempos de pandemia, essas problemáticas se intensificaram, e pudemos observar em nossa escola as dificuldades de oferecer um ensino remoto que fosse significativo para nossos alunos.

A partir disso, ainda durante a pandemia, no ensino remoto, surgiu a ideia de formar um grupo de alunos para liderar atividades protagônicas na escola, entre elas, clubes de protagonismo. De acordo com o Documento do Caderno de Protagonista, do ICE, de 2020:

O Clube de Protagonismo é um espaço destinado ao estudante. É organizado para atender áreas de interesse dos estudantes e, a partir delas, seus integrantes devem desenvolver atividades que proporcionem trocas de informações, de experiências relacionadas ou não à vida escolar. O objetivo relevante é a formação do estudante Protagonista, pois a partir da vivência no Clube, o estudante desenvolverá e exercitará um conjunto de habilidades essenciais para a sua formação nos âmbitos da sua vida pessoal, social e produtiva (ICE, 2020, p. 6).

Sendo assim, o presente trabalho buscou apresentar o relato de experiência dos alunos líderes dos clubes de protagonismo do projeto de Iniciação Científica desenvolvido na Escola Estadual Professor Arlindo

Pereira. A pesquisa teve como objetivo implementar clubes de protagonismo juvenil e analisar se eles podem auxiliar no que concerne à reproximação dos alunos entre si e com o ambiente escolar no período de pandemia e pós-pandemia.

2 DESENVOLVIMENTO

Descrevemos aqui um relato escrito de forma coletiva, entre a professora-orientadora e os alunos participantes do projeto. A experiência vivenciada relatada baseou-se em instrumentos de pesquisa de observação qualitativa, através do qual foi possível coletar informações e dados.

Como foi a ideia do surgimento dos clubes de protagonismo

Em outubro de 2020, ainda durante o ensino remoto, tivemos a ideia de criação dos Jovens Protagonistas por meio do grupo *WhatsApp*, com a intenção de promover atividades para reproximação dos alunos. Sob a supervisão da professora Amanda Jardim e da direção da escola, a primeira atividade desenvolvida foi o “1º Encontro de Protagonistas do Polivalente”, de forma virtual, onde houve participação de três palestrantes que relataram suas trajetórias de vida e seus projetos, a fim de motivarem os alunos a desenvolverem seus próprios projetos de vida. Os alunos criaram meios de divulgação, como *Instagram*, *Facebook*, *Youtube* e e-mail, para que suas ações reverberassem e para que os eventos online acontecessem. Foi interessante que, ao criarem os meios de divulgação, os alunos tiveram a ideia de usar uma logo para representar o Grupo de Jovens Protagonistas, e fizeram isso com as cores da escola, o que mostra que, já no início de tudo, tinham senso de pertencimento e autonomia.

Outras atividades realizadas foram o acolhimento (inicialmente de forma virtual e depois presencial), idealizado e realizado pelos próprios alunos. Com isso, surgiu a oportunidade do projeto de IC (Iniciação Científica), e pudemos colocar em prática o que já havia sido desenvolvido

em mente, os clubes de protagonismo. Como nesse primeiro momento os clubes funcionariam de forma virtual, devido a pandemia, os alunos pensaram nos seguintes clubes: artes, jornalismo, debate, música, livros e botânica. Com a volta às aulas no modelo híbrido, os próprios alunos reformularam os clubes e perceberam que alguns dos clubes que antes eram adequados para o tempo remoto, já não seriam mais no híbrido e no presencial. Abriram então as inscrições e iniciaram as atividades nos seguintes clubes: Artes, Botânica, Fotografia, Jogos, Livros e Debate.

Como os Clubes de Protagonismo se desenvolveram

Em outubro de 2021, o ensino híbrido retornou com os clubes de protagonismo. Os alunos-pesquisadores organizaram uma apresentação em *Powerpoint* sobre o que se tratavam os clubes de protagonismo e descreveram o objetivo e as ações de cada um dos clubes para todos os alunos do EMTI. Nesse mesmo dia, foram abertas as inscrições, e os alunos que desejavam participar se inscreveram. Cada líder dos clubes se reuniu para planejar as ações e deu-se início às atividades, que aconteciam uma vez na semana, no intervalo do almoço. Muitos alunos que antes não se conheciam começaram a ter um contato mais próximo, assim, interagindo e trocando ideias, tanto dentro dos clubes quanto entre os clubes, e isso foi muito enriquecedor.

Os alunos-pesquisadores organizaram ainda o “2º Encontro de Protagonistas do Polivalente”, em novembro de 2021, que aconteceu no auditório da escola, com exibição de filmes e palestras sobre protagonismo. Nesse momento, pudemos perceber que outros professores também se envolveram e ajudaram, e a interação dos alunos foi maior, já que estávamos presencialmente na escola.

No Clube de Debate, que é liderado pelas alunas Eduarda Dias e Victoria Freitas, houve um avanço significativo desde o início do projeto. Foram desenvolvidos debates sobre assuntos atuais, colocado em pauta os interesses dos integrantes e sugestões de temas para a roda de

conversa. Foi debatido o tema aborto e legalização da maconha, entre outros assuntos polêmicos em nossa sociedade. Pudemos perceber que apesar dos temas serem polêmicos, os alunos conseguiram debater, apresentando argumentos válidos, sem desrespeito a nenhum outro colega com a opinião controversa. Os debates foram realizados para compartilhar opiniões sobre diversos assuntos, e vale ressaltar que os próprios integrantes votam, através de um formulário, quais os temas serão propostos. Sendo assim, há total liberdade de escolher sobre o que cada um gostaria de debater/conversar.

No Clube de Fotografia, liderado pelos alunos Laren Marques Onorato e Pedro Marin, houve um bom desempenho desde o primeiro dia de clube, iniciando com a formação de dois grupos de *WhatsApp* a fim de facilitar a comunicação dos integrantes, sendo um grupo geral para discussões das atividades e outro grupo para os registros fotográficos dos demais clubes. Foram desenvolvidas atividades semanais de fotos relacionadas a fenômenos e acontecimentos do dia a dia, com temas diversificados, como natureza, urbanismo e objetos. Além disso, ensinamos os alunos-participantes do clube como fazer enquadramento, dar zoom e aplicar foco/profundidade. Trabalhamos também com Macro, e, futuramente trabalharemos na teoria e na prática o tema de iluminação. Percebemos também que os alunos que não conversavam muito acabaram fazendo amizade, interagindo com o grupo e desenvolvendo suas capacidades para técnicas de fotografia.

No Clube do Livro, liderado pelas alunas Milena Evelyn e Isabela Freire, os encontros se iniciaram com poucos participantes e com poucos indícios de interesse, mas com o passar dos dias, houve troca de conversa sobre recomendações de gênero literário, planejamento do que iríamos desenvolver na exposição dos clubes, e até mesmo sugestões de passeios para fazermos, como ir à Feira do Livro da cidade.

O Clube de Botânica, liderado pelas alunas Isabela Freire e Laren Marques Onorato, começou bem animado por parte das líderes, e houve um desenvolvimento considerável, com muitas ideias práticas e sugestões

de interesse teórico sobre Biodiversidade e Ecossistemas. O clube iniciou com poucos inscritos, o que colaborou para seu posterior fechamento, bem como aconteceu com o clube do livro.

O Clube de Jogos começou como o clube em que mais teve inscritos e participantes, principalmente por causa da proposta de atividades recreativas e divertidas, que visavam integração dos alunos. Tais atividades envolviam jogos de tabuleiros, cartas e tênis de mesa. Além disso, incentivávamos que quem soubesse e tivesse experiência em algum dos jogos trabalhados ensinassem os demais que ali estavam. Após a implementação do clube, alguns imprevistos aconteceram que levaram mais tarde ao fechamento.

O Clube de Artes começou com o intuito de reunir os alunos para poderem se expressar através da arte. Porém, como a arte abrange muitas maneiras de se expressar, a maioria dos alunos que se inscreveram estavam mais interessados na arte como música, então, decidimos adaptar o clube às ideias e aos interesses dos alunos, assim, se tornando o Clube de Música. Atualmente o Clube de Música se reúne duas vezes por semana e tem trabalhado com alunos que querem aprender a tocar algum tipo de instrumento musical, mas também para os que já tocam, se tornou um espaço para ensaiar músicas em conjunto.

O porquê do fechamento de alguns clubes

Como já dito anteriormente, os clubes de protagonismo iniciaram suas atividades em outubro de 2021, quando ainda estávamos no ensino híbrido. Houve uma movimentação grande por parte dos alunos líderes dos clubes e desde o início mostraram autonomia e interesse à frente das atividades. Diante das dificuldades que surgiram, ou de imprevistos, os alunos fizeram ajustes para que as atividades dos clubes não parassem.

Após as férias de janeiro, em fevereiro de 2022, retornamos as aulas presenciais, e antes dos clubes voltarem as atividades semanais, nos reunimos e decidimos apresentar novamente o que são clubes de

protagonismo e quais já estavam em andamento para todos os alunos do EMTI, já que novos alunos entraram na escola, e até mesmo o interesse inicial dos demais participantes de clubes poderia ter mudado. Assim fizemos e abrimos novamente inscrições para os Clubes de Debate, Fotografia, Livro, Botânica e Música.

No Clube do Livro, os líderes perceberam que não teria um rendimento considerável nos encontros por não possuir inscritos o suficiente (apenas quatro integrantes), o que contribuiu para o seu fechamento. Apesar disso, foi uma experiência enriquecedora, pois, em pouco tempo de convivência, houve troca de ideias sobre a importância da leitura, possíveis títulos de livros e passeios, como na Feira do Livro de Poços.

Já o Clube de Botânica não obteve o alcance desejado, com nenhum inscrito interessado, e as atividades anteriormente propostas, como visita ao Jardim Botânico de Poços, montagem de um herbário na escola, entre outras, tornaram-se inviáveis.

No Clube de Jogos, como já dito, apesar de ser um dos clubes que mais inscritos tiveram, teve suas atividades encerradas. Os alunos líderes do clube perceberam que os participantes se envolveram bastante no princípio, porém, ao longo das semanas, muitos deixaram de seguir as regras do clube, pois queriam fazer o que quisessem a todo momento. Isso estava gerando conflito entre os líderes e os participantes por atrapalharem os momentos de aula e, como melhor decisão entre os organizadores, foi decidido que seria melhor fechar o clube momentaneamente até que uma oportunidade melhor surgisse, com os alunos mais maduros e prontos para as propostas. Com o passar do tempo, foi decidido que o clube não seria reaberto, já que ideias de outros clubes que envolviam jogos estavam surgindo na escola.

Participação dos clubes em atividades da escola

Os alunos-pesquisadores, como já visto até aqui, participaram de diversas atividades da escola, sempre mostrando proatividade, interesse,

autonomia e capacidade de liderança. Desde a criação de meios de comunicação e divulgação para a organização de seminários, criação dos clubes de protagonismo e liderança até a inspiração para criação de outros clubes, entre várias tarefas e ocupações.

A atuação dos Clubes de Protagonismo que estão inscritos no Projeto de IC, inspirou e incentivou, recentemente, outros alunos a criarem novos clubes, como de Teatro, Xadrez, *Lettering*, Futebol e Basquete. A pedido da coordenação do EMTI, o Clube de Fotografia registrou a cerimônia de posse dos líderes de turmas, e o orador da sessão solene foi um integrante do Clube de Música. As alunas-pesquisadoras Eduarda e Isabela propuseram uma monitoria sobre o curso de Logística para os 1º e 2º anos do Ensino Médio, visto que elas observaram que os alunos dessas turmas não compreendiam o objetivo do curso. No Sábado Junino, o Clube de Música, após convite da coordenadora do EMTI, Emannelly Gonçalves Carvalho Batista, aceitou fazer uma apresentação musical e cuidar da playlist do evento, e o Clube de Fotografia ficou com o compromisso de registrar os bastidores da organização e o evento.

A organização da Mostra dos Clubes de Protagonismo

Em reunião com os jovens-pesquisadores, foi decidido que a Culminância, parte do Projeto de Iniciação Científica, aconteceria na forma de Mostra dos Trabalhos dos Clubes de Protagonismo. Então, os alunos iniciaram a organização em junho, já que essa mostra aconteceria na escola, no dia 26 de agosto.

As ideias para a exposição do Clube de Fotografia foram principalmente os registros dos encontros semanais dos demais clubes, os eventos como: Sábado Junino, ensaios dos Clubes de Música e Teatro, e a própria apresentação das propostas dos clubes no início do desenvolvimento do projeto de IC, além de fotografias de paisagens. A proposta foi montar um varal com essas imagens no pátio da escola e organizar um lugar para a sessão de fotos. Para isso, nas semanas que antecederam o evento, as

alunas Isabela, Milena e Laren selecionaram as fotografias que iriam ser expostas e mandaram imprimir na gráfica.

O Clube de Música decidiu apresentar quatro canções escolhidas por eles que remetessem ao protagonismo. Para isso, ensaiaram semanalmente nos encontros do clube. Na semana da mostra, aconteceram imprevistos, e os alunos que apresentariam as músicas decidiram não mais apresentar. Em conversa com a professora Amanda, falamos sobre a importância de pensar em algo para apresentar, já que havíamos nos comprometido, e decidimos que mesmo diante dos desafios que surgiram, não desistiríamos e organizamos uma exposição oral sobre o tema “Os Ritmos de cada década no Brasil”, dando ênfase para a MPB e sua influência na música. Essa mudança foi importante, pois, além de ensinar sobre comprometimento, nos levou a estudar e compartilhar sobre a cultura da música brasileira.

Para o Clube de Debate, que já havia definido o júri simulado, prosseguiu convidando o professor de sociologia Hudson Luiz Vilas Boas e a professora de História Ana Paula Gilaverte para serem mediadores do debate e auxiliar na escolha do tema.

Durante o planejamento da mostra foi possível notar que os alunos-pesquisadores se sentiram desestimulados devido à falta de comprometimento dos alunos participantes dos clubes, o que é comum e pode acontecer em trabalhos de equipe. Depois de algumas conversas e realinhamento, foi possível levar os alunos a compreender a importância de não desistirem e seguirem desenvolvendo o projeto de forma integrada.

Um fato que aconteceu durante esse processo da organização da mostra e que se tornou uma ferramenta a mais para os alunos pesquisadores, além de motivá-los, foi a chegada e retirada dos notebooks adquiridos pela escola. Eles foram emprestados aos alunos até o fim do projeto, auxiliando-os na escrita do relato de experiência, além de suas atividades curriculares.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No dia 26 de agosto, na sexta-feira, das 13h30 minutos às 17h, aconteceu a nossa “1ª Mostra de Clubes do Protagonismo”. Toda a comunidade escolar presente foi convidada a participar e pudemos observar que isso mobilizou a escola como um todo.

Iniciamos com a fala da professora Amanda Jardim de Souza Vianna e, em seguida, os jovens-pesquisadores se apresentaram. A diretora da escola, Michele Mara Pires Ramos Betti, falou sobre a importância dos trabalhos desenvolvidos na pesquisa. Os alunos participantes do clube foram homenageados, e a professora Amanda Jardim de Souza Vianna entregou uma caneca como lembrança e forma de gratidão pela parceria que, como ela disse, “começou na pandemia e gerou muitos bons frutos”.

O Clube de Debate iniciou a mostra com a fala da aluna Victoria e da aluna Eduarda contando sua trajetória dentro do projeto de Iniciação Científica. Após isso, foi aberto o debate que tinha como tema “O uso da internet nas escolas”. Também teve a mediação do debate feita pelo professor de sociologia Hudson Luiz Vilas Boas e a professora de história Ana Paula Gilaverte.

Figura 1: Mostra do Clube de Debate



Fonte: Acervo dos autores (2022)

O primeiro lado a tomar fala no debate foi o lado favorável ao tema, que pediu a interação dos outros alunos presentes perguntando a posição deles. Surpreendentemente a maior parte dos alunos era favorável à internet na escola. Já o lado da oposição, que tomou fala logo após os pontos levantados a favor do tema, fez o mesmo esquema de interação com os jovens presentes, e se espantaram com o contraste entre quem era favorável e quem não era. Os professores tomaram a fala, e alguns estudantes interagiram durante a discussão. Vimos bastante empolgação dos alunos, que foram receptivos e respeitosos durante a mostra. Foi uma experiência ótima.

O Clube de Fotografia iniciou a mostra com a fala do aluno Pedro comentando sobre sua experiência como líder do clube no projeto de Iniciação Científica. Depois disso, orientamos os alunos a seguir para o pátio onde encontrariam o varal com as fotografias penduradas e expostas no ambiente aberto da escola. Como a paisagem da escola é muito bonita, a exposição ficou muito atrativa, misturando as fotos de paisagens e outros momentos registrados à natureza. Com a chegada dos alunos, percebemos bastante interação entre eles e principalmente comentários e registros das próprias fotos, além da empolgação por se encontrarem retratados nas fotografias. Foi nítido que não só os alunos, mas os demais funcionários da escola, ao verem as fotos e se encontrarem nelas, parecem ter enxergado o seu lugar na escola e isso gerou um senso de pertencimento. Ver tudo isso foi muito gratificante para nós.

Figura 2: Mostra do Clube de Fotografia



Fonte: Acervo dos autores (2022)

O Clube de Música que na semana teve imprevistos e pensou em desistir da apresentação, surpreendeu com uma apresentação que envolveu os demais alunos. Falaram sobre MPB e sua influência na música brasileira, e ainda puderam compartilhar algumas músicas marcantes da nossa cultura. Encerraram a culminância colocando algumas músicas para a comunidade escolar que estava no auditório.

Figura 3: Mostra do Clube de Música



Fonte: Acervo dos autores (2022)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas pelos Clubes de Protagonismo atingiram seus objetivos de reaproximar os alunos entre si e com o ambiente escolar no período da pandemia e pós-pandemia. Através dos encontros nos clubes, os alunos puderam mostrar-se autônomos, colocaram em prática suas ideias, agregando outros estudantes em torno do mesmo interesse.

Ao longo da implementação dos clubes, foi possível observar que os alunos aprenderam a lidar com compromisso nas atividades que sugeriram ou lhes eram atribuídas, assim como com os imprevistos e as frustrações, replanejando. Tais ações, acreditamos, sugerem estar habilitando-os

para os desafios do seu projeto de vida. Seus afazeres não ficaram restritos aos clubes, tendo participado de outras tarefas da escola, mostrando iniciativa, capacidade de liderança, criatividade e agilidade.

Tudo isso acabou por inspirar e incentivar outros alunos a criarem novos clubes, como de Teatro, Xadrez, *Lettering*, Futebol e Basquete. Dessa forma, foi possível concluir que os Clubes de Protagonismo tiveram um efeito terapêutico, no sentido de fornecer um ambiente estabilizador de emoções no período da pandemia e pós-pandemia.

REFERÊNCIAS

CIPRIANO, J. A.; ALMEIDA, L. C. C. S. Educação em tempos de pandemia: análises e implicações na saúde mental do professor e aluno. *VII Congresso Nacional de Educação* (Conedu), 2020.

COSTA, A. C. G. *A presença da Pedagogia: teoria e prática da ação socioeducativa*. 2. ed. São Paulo: Global; Instituto Ayrton Sena, 2001.

ICE – Instituto de Corresponsabilidade pela Educação. *Caderno do Protagonista: Clubes de Protagonismo Ensino Médio*. Pernambuco, 2020.

MINAS Gerais. *Documento Orientador: Ensino Médio em Tempo Integral*. Belo Horizonte: SEE/MG, 2022.

COLETIVO RAÍZES: AÇÃO SOCIAL E (RE)CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS E IDENTIDADES

Edilson Guarnieri Teixeira Gonçalves¹, Elen Silva da Rocha¹, Glória Hiolanda Santos Nascimento¹, Iara Rodrigues Carvalho¹, Júlia Gonçalves Ribeiro Sá¹, Lohanny Júlia Soares do Nascimento¹, Raiane Alves da Silva¹, Raissa Samara Fonseca¹, Rian Augusto da Silva¹, Sara Andrade Fernandes¹, Márcia Elisa Fernandes Gonçalves² Samira Xavier Machado³

1 INTRODUÇÃO

Piedade do Rio Grande é um município brasileiro do estado de Minas Gerais. Segundo dados do IBGE ([s.d.]), possui uma população de aproximadamente 4.709 habitantes. Localizada na mesorregião do Campo das Vertentes, atrai turistas que vêm atrás de suas belezas naturais e culturais. Como exemplo temos a Gruta da Biquinha, local onde, segundo nossa história, nasceu a cidade. Merecem destaque a famosa Cachoeira do Azeite e a Cachoeira dos Bambuzais, também localizada no bairro Biquinha, muito visitada nos dias quentes de verão.

1 Escola Estadual Dr. Antônio Batista do Nascimento (Piedade do Rio Grande/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Dr. Antônio Batista do Nascimento (Piedade do Rio Grande/MG), marcia.elisa@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Doutor Agostinho da Silva Silveira (Minas Novas/MG), samira.xavier@educacao.mg.gov.br.

Além disso, a cidade chama atenção pelas atividades de cultura popular, demonstradas em suas tradicionais festas, como o Carnaval, a Rural Fest e a Festa de Maio, festa essa onde a Associação de Congada e Moçambique Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Mercês realiza seus rituais de luta e resistência, legados do período escravista do Brasil colonial.

Em relação às estruturas socioeconômicas, sofremos com mínimas oportunidades de empregos e poucas chances de empreendimentos e qualificação profissional, uma vez que cursos profissionalizantes são restritos, oferecidos esporadicamente pela Secretaria Estadual de Educação através da única escola de anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio da cidade. A Escola Estadual Dr. Antônio Batista do Nascimento, está profundamente inserida na comunidade escolar do município, visto que recebe todos os adolescentes, da zona urbana, rural ou dos diversos bairros e distritos. É da escola que saem pais, mães, profissionais, cidadãos e cidadãs piedadenses.

Para conseguirem cursar a Educação Superior e Técnica, os jovens, muitos sem condições, necessitam migrar para outros municípios ou se submeterem a viagens diárias à cidade mais próxima, São João del-Rei, localizada à 73 km de distância.

Como principal fonte de emprego da rede privada, contamos apenas com a fábrica de calçados Marluvas, Calçados e Equipamentos Profissionais, e a WM Metalurgia, onde são proporcionadas oportunidades de emprego e renda, fazendo a pequena economia local girar. Outras oportunidades de emprego também são conseguidas no setor público da administração local. Entretanto, percebe-se que a sobrevivência da maioria da população é conseguida através das atividades primárias de agricultura e pecuária. Inúmeras famílias estão, ao longo de suas histórias de vida, totalmente ligadas a essas atividades profissionais.

O cenário geral da cidade é então percebido sempre com muitas deficiências e carências devido à sua tímida circulação econômica, sendo vários os pontos de atenção em todos os cantinhos da cidade. Entre seus pequenos bairros, o bairro Biquinha historicamente sofre com situações de alta

vulnerabilidade e fragilidades sociais, tornando os moradores, principalmente adolescentes, expostos a riscos significativos de desagregação social (Caniato, 2008). Local bastante carente, sempre passou por muitas dificuldades, reforçadas por características estereotipadas de segregação e preconceito.

O bairro Biquinha caracteriza-se por uma população em sua maioria negra, sendo alvo de discriminação e preconceito. Destaca-se, no entanto, como local de nascimento da cidade Piedade do Rio Grande (historicamente, a Gruta da Biquinha constituiu ponto de descanso dos desbravadores da região). Diante desse panorama, um grupo de jovens resolveu se articular, organizando movimentos, propostas e ações de revitalização, principalmente da Gruta da Biquinha e da Cachoeira dos Bambuzais, trabalhando questões ambientais e sociais.

2 DESENVOLVIMENTO

Na grande oportunidade de trazer para a Escola Estadual Dr. Antônio Batista do Nascimento um projeto de Iniciação Científica, através do qual nos possibilitasse o desenvolvimento de habilidades inerentes à essa metodologia, conseguimos nos mobilizar, mesmo no contexto da pandemia da Covid-19 e de todos os seus desdobramentos, para a implantação do projeto de pesquisa. Assim, apesar de estarmos vivendo em tempos difíceis e exigentes de novos caminhos, novas oportunidades de aprendizagem foram chegando.

Diante desse contexto, nasce a ideia do trabalho aqui relatado, que consiste em apresentar o Coletivo Raízes,⁴ seus ideais de criação, percurso histórico e iniciativas desenvolvidas. O grupo de forma voluntária organizou mutirões de limpeza destinados a ajudar na melhoria de Piedade do Rio Grande, principalmente no bairro Biquinha. Agindo de maneira consciente em relação ao meio ambiente e atentos à inclusão

4 Coletivo Raízes. Instagram, 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/cltvraizes/>. Acesso em: 21 dez. 2024.

social, promovendo ações que contribuem significativamente para melhorias da qualidade de vida dos moradores de seu território, bem como no fortalecimento da identidade negra.

A atuação do Coletivo Raízes compreende um mecanismo de conscientização, autoconhecimento, fortalecimento e valorização das identidades negras, assim como busca a solução e a melhoria das condições sociais, possibilitando transformação positiva em seu território. O grupo é composto por jovens negros, ex-alunos da Escola Estadual Dr. Antônio Batista do Nascimento e moradores de bairros periféricos.

A metodologia do presente trabalho foi realizada através de leitura bibliográfica, entrevistas semiestruturadas, aplicação de questionários, aulas de campo com ações teóricas e práticas de preservação ambiental, sustentabilidade e inclusão social principalmente voltadas à identidade negra dos moradores do bairro Biquinha.

Como suporte de base teórica, direcionando a compreensão do tema trabalhado, foi feita uma revisão de literatura no livro de Diana Klinger (2019), *Entre o lugar de fala e o ponto de vista, a conquista de novos modos de existência*. O preenchimento do diário de bordo, com o registro detalhado de datas e locais de todos os fatos, passos, investigações, descobertas, entrevistas e observações, bem como as reflexões surgidas durante toda a pesquisa, facilitou a apreensão das informações. Além dos encontros presenciais, o desenvolvimento da pesquisa foi facilitado pelo uso de tecnologias digitais, tais como *WhatsApp* e *Google Classroom*.

Desde os primeiros encontros, fomos estimulados a observar de forma mais crítica os problemas da cidade, principalmente do bairro Biquinha, suas carências, deficiências e características estereotipadas, que infelizmente o rotulam negativamente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Situado nesse contexto de vulnerabilidades, nasce o Coletivo Raízes, organização sem fins lucrativos, criada em 2017 e administrada por

jovens negros e periféricos, ex-alunos da Escola Estadual Doutor Antônio Batista do Nascimento. Para apresentar o Coletivo Raízes, realizamos entrevistas semiestruturadas com os membros fundadores e organizadores.

O Coletivo Raízes tem como objetivo cuidar do bairro Biquinha e preservar o meio ambiente, além de incentivar outras pessoas a cuidarem e amarem a nossa comunidade. O local, infelizmente, é alvo de discriminação, considerado perigoso, de brigas e confrontos, demonstrando um triste e comum quadro de preconceito. Agentes ativos, instrumentos hábeis na tutela e na proposição de soluções, os integrantes do Coletivo Raízes assumem um caráter social de grande relevância, atuando na preservação e na valorização de importantes espaços históricos.

O grupo conta com a participação de aproximadamente 25 pessoas e atuam na preservação ambiental e na inclusão social, não somente para o bairro Biquinha, como também para outros locais. A escolha do nome é significativa. Depois de muito pensar, decidiram por “Coletivo Raízes”, nome que expressa os propósitos do grupo de fortalecer nossas “raízes” e reconstruir territórios e identidades. O primeiro mutirão aconteceu no dia 2 de dezembro de 2017, realizando a coleta de lixo, capina e plantio de mudas na Cachoeira dos Bambuzais. A partir dos mutirões, mais pessoas se sentiram sensibilizadas em ajudar e pouco a pouco foram surgindo novas ideias.

Os membros do Coletivo Raízes têm como princípio transformar lugares esquecidos pelo poder público, realizando ações de proteção ambiental e social aos finais de semana ou dias de folga. Outra iniciativa do coletivo, foi a instalação de placas no caminho da Cachoeira dos Bambuzais. De materiais simples, doados e reaproveitados, trazendo através da comunicação visual informações indicativas de localização e conscientização, conduzindo moradores e visitantes a atitudes educativas.

A preocupação do Coletivo Raízes perpassa as questões ambientais, sendo também estendidas às ações sociais. Ao longo desses 5 anos, o grupo realiza atividades culturais, como incentivo à leitura e doações de brinquedos para crianças carentes. O Natal Cultural, projeto realizado

pela primeira vez em dezembro de 2020, arrecada e distribui brinquedos e doces para as crianças da cidade.

Dando significado a essas iniciativas, percebemos as ações práticas do Coletivo Raízes além da preocupação com a recuperação de áreas degradadas tão importantes ao bairro e à cidade, pois o grupo também não mede esforços para a atuação de integração social, evitando conflitos e problemas consequentes de exclusão e segregação. Desenvolvem ações de solidariedade, instigando o abandono de comportamentos preconceituosos em suas várias dimensões, atuando na contramão da discriminação.

O Coletivo Raízes caracteriza-se como importante e necessário devido a ausência das instituições públicas na realização de melhorias na qualidade de vida da comunidade. O grupo demonstra capacidade de análise e atuação crítica, protagonista e cidadã, e contribui com a valorização do território, possibilitando o desenvolvimento de autoestima e empoderamento de sujeitos. Passando também por momentos teóricos e reflexivos, fomos convencidos sobre o papel transformador do bairro Biquinha. A região antes era marginalizada e esquecida pelas autoridades públicas, que não davam a devida importância, sem valorizar efetivamente as belezas naturais, a herança histórica e seus moradores.

Aos poucos, e com ajuda de voluntários, com ações simples desenvolvidas pelo Coletivo Raízes, o bairro Biquinha vai se tornando o lugar que deveria ter sido desde o começo, se não tivesse sofrido negligências, insuficiência de políticas direcionadas, marginalização e preconceitos. As iniciativas coletivas desenvolvidas abrangem um ideal de cuidado, cidadania e solidariedade. Além disso, o grupo também revela sua identidade através de músicas, de estilo rap, em que as letras falam das dificuldades e de problemas dos habitantes dos bairros pobres das cidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento da pesquisa, os participantes tiveram a oportunidade de colaborar com o Coletivo Raízes, no bairro Biquinha,

em diversas iniciativas comunitárias, como mutirões de limpeza e plantio de mudas na Cachoeira dos Bambuzais. Essa parceria envolveu diferentes segmentos da sociedade, como o Secretário Municipal de Cultura, a Direção e a Vice-Direção da escola, moradores e lideranças locais. A experiência proporcionou uma valorização da identidade do bairro e seus pontos turísticos, como praças e cachoeiras, que antes estavam sendo negligenciados. A pesquisa também aproximou a escola da sociedade, permitindo uma formação cidadã, crítica e atuante, ao mesmo tempo em que incentivou o protagonismo e o cuidado com o meio ambiente.

O projeto, além de promover o conhecimento e a integração entre teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem, envolveu ações colaborativas em Brumadinho, em parceria com o grupo “Amigos de Brumadinho”, focado em cuidados comunitários e solidariedade. A experiência culminou com uma viagem ao Rio de Janeiro, onde os participantes visitaram o Cais do Valongo e o Museu do Amanhã, ampliando sua compreensão sobre história e sustentabilidade. Ao longo do projeto, os estudantes desenvolveram habilidades de pensamento crítico, pesquisa e análise de problemas sociais, o que não só despertou vocações, mas também estimulou a reflexão sobre os direitos e os deveres de cada indivíduo na sociedade.

REFERÊNCIAS

CANIATO, A. M. P. A violência do preconceito: a desagregação dos vínculos coletivos e das subjetividades. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 60, n. 2, p. 20-31, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672008000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 dez. 2024.

COLETIVO Raízes, *Instagram* 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/cltvraizes/>. Acesso em: 21 dez. 2024.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades*. Piedade do Rio Grande, [s.d.]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/piedade-do-rio-grande/panorama>. Acesso em: 21 dez. 2024.

KLINGER, D. “Entre o lugar de fala e o ponto de vista, a conquista de novos modos de existência”. In: LIMA, R.; CUNHA, B. (org.). *Circulação, tramas e sentidos na literatura*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bonecker Editora, 2019.

PROTAGONISMO JUVENIL: UM ESTUDO DA PERSPECTIVA DO JOVEM SOBRE A SUA CONDIÇÃO DE AGENTE

Amanda Victória de Jesus Teixeira¹, Ana Cecília Reis de Oliveira¹, Anna Laura Santos Caldeira¹, Gabriela Bethânia Santos Rosa¹, Izadora Gomes Oliveira¹, Kamille Rafaela Silva Vieira¹, Maria Beatriz Silva Ferreira¹, Maria Cecília Oliveira Borges¹, Maria Júlia Alves de Almeida¹, Pedro Henrique Pinheiro Queiroga¹, Vitória Maria Alves De Melo¹, Carlos Roberto Pereira Dias², Sandra Siqueira Silva³

1 INTRODUÇÃO

De imediato, julgamos relevante esta proposta de pesquisa por tratar da temática do protagonismo juvenil numa perspectiva do jovem, do ponto de vista deles em relação a sua própria atuação. Faz-se mister a quem se diz “adulto” ter um olhar sensível e abrangente sobre a juventude, para que melhor possa compreender os resultados da pesquisa de campo. Como já dito, trata-se da visão dos jovens. “Ah, mas eles são imaturos, não sabem o que falam”. A proposta deste trabalho vai na contramão

1 Escola Estadual Professor Gastão Valle (Bocaiuva/MG).

2 Orientador, Escola Estadual Professor Gastão Valle (Bocaiuva/MG), carlos.pereira.dias@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Maria da Conceição Rodrigues Avelar (Montes Claros/MG), sandra.siqueira.silva@educacao.mg.gov.br.

de pensamentos como esse. A você, jovem, que está no início da leitura deste trabalho, fique à vontade, a casa é sua!

Segundo Abramo (1997), as reflexões sobre a juventude geralmente são feitas não pelos jovens, mas pelos adultos, muitas vezes negligenciando o modo como eles vivem e pensam. “Só recentemente tem ganhado certo volume o número de estudos voltados para a consideração dos próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação” (Abramo, 1997, p. 25).

O objetivo geral deste trabalho consiste em entender como os jovens, estudantes do último ano do Ensino Médio regular (3º ano) das escolas estaduais localizadas na sede urbana da cidade de Bocaiuva/MG, percebem e entendem a sua condição de agente, de protagonismo, de propor soluções e atuar junto a sua comunidade escolar e a sociedade de forma geral.

A literatura que aborda sobre o assunto define juventude sobre dois aspectos: uma visão homogênea e outra heterogênea. Na primeira, o jovem é um cidadão que se encontra dentro de uma faixa de idade (15 a 24, ou 12 a 29 anos, dependendo do órgão que a estabelece). Na visão heterogênea, encontram-se os que remetem ao conceito de juventude como uma construção social. “Embora tais visões impliquem diferentes estratégias de abordagem, elas não se anulam. Isso porque, dependendo do enfoque, a juventude pode se apresentar tanto como um grupo aparentemente homogêneo quanto heterogêneo” (Esteves; Abramovay, 2007, p. 22).

Segundo Esteves e Abramovay (2007), juventude remete, para muitos, a situações de problema, nunca de solução. Quase sempre são definidos, quase nunca são ouvidos. Mesmo os que tentam entendê-los, na maioria das vezes, partem de uma visão adulta do ser jovem, não conseguem deixá-los escreverem sua própria história. Como se fossem todos baderneiros, ávidos por prazeres inconsequentes, merecedores de acompanhamento, pois por si sós transgredirão regras e condutas socialmente aceitas. Se atuam de forma não problemática, é como se a todo tempo tivessem espectadores torcendo pelo seu deslize, pela sua condição “natural” de causador de problemas.

Segundo Twenge (2018 *apud* Santos, 2022, p. 872), no florescer da terceira década do século XXI, são comuns nas definições de juventude as nomenclaturas: *Pós-millennials*, *Centennials*, *Geração i*, *iGen* ou *Geração Z*.⁴ Esta última geração é marcada por nascerem já imersos na internet. “Nessa geração, a maior parte dos encontros, das amizades e das paqueras é criada e mantida por meio de uma tela de vidro brilhante. Para essa geração, o smartphone é praticamente um apêndice do corpo” (Santos, 2022, p. 873).

Vivemos uma “modernidade líquida” (Bauman, 2001), onde o que vigora são as incertezas, as mudanças e as adaptações. Instituições sociais, outrora produtoras de regras e normas indiscutíveis, se reinventam, se adaptam para sobreviverem a este mundo frenético e virtual. Os significados e os valores que os jovens carregam podem e são diversos dos adultos de hoje. Em 2022, “um jovem urbano sem redes sociais é um jovem silenciado, morto socialmente” (Santos, 2022, p. 874).

Se temos jovens diferentes, se o mundo que nos cerca, o contexto social, está diferente, a escola também não deveria ser diferente? Acreditar que as instituições escolares são as únicas fontes de informação e conhecimento é uma visão destoante da realidade do século XXI. Conforme Santos (2022, p. 876) “a escola, que durante centenas de anos foi a principal provedora de informação, já que os professores tinham acesso a mais conteúdos, não é mais a única detentora de informação”.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394/1996) ao tratar dos princípios e fins da educação nacional, traz em seu artigo 2º que: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1996). Já em seu artigo 35º, inciso III, o legislador

4 Os estudiosos das gerações às classificam assim: Baby Boomers – nascidos no pós-Segunda Guerra Mundial até 1964; Geração X – 1965 até 1984; Geração Y (Millennial) – 1985 até 1994; Geração Z - 1995 até 2009; e Geração Alpha – 2010 até atual.

diz que é finalidade do Ensino Médio “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. (Brasil, 1996). Percebe-se, nesta lei basilar da educação nacional, que a formação humana, cidadã, autônoma e crítica, são finalidades incontestas das instituições escolares. Bem mais do que apenas transmitir conteúdos (informações), a escola deve oportunizar o desenvolvimento pleno dos seus alunos, possibilitar que eles sejam “protagonistas”. Nesse sentido, ter um ambiente escolar democrático e dialógico não é apenas uma opção das instituições escolares, é uma obrigação.

Diante de tal cenário, Paulo Freire (1997), colabora de forma muito significativa para a educação, ao entender que as instituições escolares devem criar condições adequadas para que o aluno tenha sua autonomia e liberdade respeitadas. O aluno não deve ser tratado como um ser que apenas recebe, pois ele é capaz de produzir, pensar, questionar o mundo a sua volta. Bem mais do que seres inertes e apáticos, a escola deve primar pela construção de cidadãos.

Nessa mesma direção, Bordenave e Pereira (1982), discorrendo sobre os tipos de educação, evidenciam duas perspectivas: a primeira tida como bancária, convergente, cujo foco está no conteúdo, na passividade dos alunos que no processo de ensino-aprendizagem são meros repetidores, excelentes memorizadores. E a segunda tida como problematizadora ou libertadora, que busca na educação a formação crítica e ativa dos seus alunos. Nesta, ressalta-se o perfil do aluno questionador, do aluno autônomo freiriano, do desenvolvimento da autonomia intelectual e crítica tal qual postulado na LDB. Educar é, antes de tudo, criar possibilidades para a atuação crítica, humana, participativa e protagonista dos alunos.

Partindo da premissa de que política é um ato de poder, nela tem-se a capacidade de canalizar interesses para que sejam definidas determinadas decisões (Ribeiro, 1998). A Constituição Federal de 1988, em seu artigo primeiro, destaca que “Todo poder emana do povo”. Através da

participação popular, por meio da política, são construídas pautas de reivindicações dos mais variados atores e representatividades da sociedade civil. Sendo assim, a participação é uma necessidade humana fundamental (Bordenave, 1982, p. 76)

Segundo Costa (2000), a expressão “protagonismo jovem”, pressupõe a “criação de espaços e mecanismos de escuta e participação dos jovens em situações reais na escola, na comunidade e na vida social, tendo em vista tanto a transformação social como sua formação integral” (Costa, 2000 *apud* Boghossian; Minayo, 2009, p. 416).

Bem mais do que apenas ser uma temática presente nas agendas políticas, faz-se necessário que de fato seja dada voz e vez aos nossos jovens. Querer que sejam protagonistas tirando-lhes o poder de ação torna-se contraditório, não passando de uma mera propaganda de ilusão do politicamente correto.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa, fez-se uso da metodologia quantitativa e qualitativa, com a aplicação de questionários semiestruturados (questões fechadas e abertas). Foram entrevistados 306 alunos regularmente matriculados nos 3º anos do Ensino Médio das escolas estaduais da área urbana da cidade de Bocaiuva/MG: Professor Gastão Valle, Odilon Loures, Gilberto Caldeira Brant, Zinha Meira e Américo Caldeira Brant.⁵ Trata-se de uma pesquisa tipo censo. A aplicação do questionário foi realizada no mês de junho de 2022 através do Google Formulários. Fez-se uso dos *softwares IBM SPSS Statistics e Microsoft Excel* para tabulação e análise dos dados. Foram criados indicadores na tentativa de sintetizar em números as percepções dos entrevistados quanto ao objeto de pesquisa pretendido.

5 Foram entrevistados 306 alunos, distribuídos num total de 15 turmas (Gastão Valle 5 turmas = 42,5% da amostra; Odilon Loures 4 turmas = 28,4% da amostra; Zinha Meira 3 turmas = 12,4% da amostra; Gilberto Caldeira Brant 2 turmas = 13,1% da amostra e Américo Caldeira Brant 1 turma = 3,6% da amostra). Quanto ao turno de matrícula, 73,5% estudam no matutino; 18,6% no vespertino e 7,8% no turno noturno.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em relação à faixa etária dos entrevistados, 2,9% têm 16 anos; 88,9% 17 anos; 7,5% 18 anos e 0,7% 19 anos. A idade média é de 17,06 anos. 90,5% residem na área urbana de Bocaiuva. 48% dizem ser do sexo masculino e 52% feminino. Quanto à orientação sexual, 85,9% dizem ser heterossexuais; 1,3% homossexuais; 10,5% bissexuais e 2,3% pansexuais.⁶ Quanto a autoidentificação da raça/cor, 20,9% dizem ser branca; 19,3% preta; 55,9% parda; 3,3% amarela e 0,7% indígena. Ao serem indagados se possuem religião, 58,8% dizem ser católicos; 23,5% evangélicos; 1,3% espíritas; 2% afros (umbanda/candomblé); 10,8% não tem religião e 3,6% dizem ter outras religiões. Dos entrevistados, 67,6% apenas estudam e 32,4% estudam e trabalham. Dos que trabalham, em média, dizem receber cerca de R\$ 612,12. Quanto a renda familiar média dos entrevistados, em reais, é de R\$ 2.208,14.

Dos entrevistados, 57,2% já fizeram ou estão fazendo algum curso técnico ou profissionalizante, (52,9% técnico e 4,2% profissionalizante). Indagados sobre se pretendem fazer algum curso superior, 80,7% responderam que sim. Desses, os 05 cursos que mais despertam o interesse deles é: Direito 15%; Administração 11,7%; Enfermagem 10,1%; Medicina 8,9% e Engenharia Mecânica 5,7%⁷.

Dos entrevistados, 89,5% já pararam para pensar sobre o que fará quando sair da escola, sendo que 64,7% se sentem motivados e 24,8% não se sentem motivados. Dos entrevistados, numa escala de 01 a 10, obteve-se a média de 7,59 (boa)⁸ em relação a motivação deles quanto ao futuro fora da escola.

6 Pan é mais amplo do que o bi, já que há um interesse por pessoas de todos os gêneros.

7 Demais cursos: Educação Física 5,3%; Agropecuária 4,9%; Odontologia 4%; Engenharia Civil 3,6%; Psicologia 3,6%; Ciências Biológicas 2,4%; Farmácia 2%; Física 2%; Engenharia Mecatrônica 1,6%; Marketing 1,6%; Artes 1,6%; Engenharia de Sistemas 1,2%; Letras (Inglês) 1,2%; Gastronomia 0,8%; Matemática 0,8%; Nutrição 0,8%; Pedagogia 0,8%; Zootecnia 0,8%; Ciências Contábeis 0,8%; Engenharia de Produção 0,4%; Fisioterapia 0,4%; Arquitetura e Urbanismo 0,4%; Gestão de Recursos Humanos 0,4%; Química 0,4%; Biblioteconomia 0,4%; Ciências da Religião 0,4%.

8 Para interpretação do resultado desse tipo de questão, que mede as notas de 1 a 10, propõem-se a seguinte analogia: as notas 0,1 até 2 equivalem a péssimo; 2,1 até 4 a ruim; 4,1 até 5 regular negativo (-); 5,1 até 6 regular positivo (+); 6,1 até 8 a bom; e 8,1 até 10 a uma avaliação ótima.

Sobre o que é ser um jovem protagonista, os entrevistados disseram:

Quadro 1: No seu pensamento o que é ser um “jovem protagonista”?*

A1	Se interessar pelas formas de mudança no contexto geral, não abrir mão de ter uma voz ativa e fazer questão de ser ouvido e atuar em prol da mudança positiva.
A2	Ser um jovem que participa nas tomadas de decisões e se interessar por assuntos relacionados a política e economia do seu país, estando sempre antenado às notícias, podendo assim formar e declarar sua opinião a respeito.
A3	Um jovem protagonista é aquele que participa ou tenta participar ativamente nas tomadas de decisões na sociedade, que está antenado nos problemas atuais e que sente necessidade de mudá-los. Um jovem protagonista é aquele que não fica parado esperando por mudanças, ele mesmo toma iniciativa para mudar as coisas.
A4	Jovem protagonista para mim significa fazer parte da sociedade e participar ativamente das decisões tomadas a sua volta, mas também dar o seu melhor para fazer com que as coisas fluam no seu meio social.
A5	Ser um jovem protagonista hoje dentro da sociedade é ter poder de voz, participar de atividades onde não só adultos ou superiores podem participar, é estar e fazer parte das decisões tomadas para uma sociedade melhor. É ser ouvidos pelos demais e se sentir importante e valorizado a respeito de suas ideias e opiniões.

* 294 alunos responderam a esta questão. Mantem-se a transcrição literal. A escolha das 5 respostas foi feita por votação do núcleo de pesquisa.

Fonte: Elaborado pelos autores

Com o objetivo de melhor elucidar a questão norteadora deste trabalho, foi criado o Indicador Sintético Geral de Protagonismo Jovem (ISGPJ) que é composto pelo agrupamento de 18 questões divididas em 2 dimensões: Protagonismo Escolar (10 questões), e Protagonismo Político e Social (8 questões). Os resultados estão disponibilizados na Tabela 1.

Tabela 1: Indicador Sintético Geral de Protagonismo Jovem (ISGPJ)

DIMENSÃO 01 - Protagonismo Escolar	X-MEDIA
Q1 - Na sua opinião, os conteúdos apreendidos na escola são necessários para a sua vida?	87,9
Q2 - Muitas vezes os jovens não são muito ouvidos nem são percebidos, tanto nas suas habilidades escolares quanto pelos seus sentimentos e situações. Isso já ocorreu com você?	26,5
Q3 - A sua opinião é levada em consideração para as tomadas de decisões dos assuntos referentes a escola?	46,4
Q4 - Na sua vida escolar, você considera que a escola lhe oferece condição de ser protagonista, um jovem atuante e participativo?	53,9
Q5 - Hoje, levando em consideração as normas e as regras da escola, você concorda com elas?	49,3
Q6 - Na sua escola existe uma política de incentivo à sua participação na gestão e nas tomadas de decisão dos assuntos de seu interesse?	37,3
Q7 - Você conhece o Projeto Político Pedagógico da sua escola?	15,0
Q8 - Existe algum canal dentro da sua escola para você fazer solicitações, reivindicar algo, propor alguma sugestão etc.?	26,1
Q9 - Analisando a situação atual da escola, você se sente à vontade para propor sugestões e mudanças?	54,2
Q10 - Já no último ano do Ensino Médio, você sente que a escola está te tornando um(a) cidadão(ã) melhor?	65,0
Indicador Sintético de Protagonismo Escolar (ISPE)*	46,2

DIMENSÃO 02 - Protagonismo Político e Social	
Q11 - Você se considera um(a) jovem conhecedor(a) de seus direitos e deveres?	80,1
Q12 - Quando falamos em política, você a considera importante?	70,9
Q13 - Você se interessa por assuntos ligados à política?	40,2
Q14 - Você tem o título de eleitor?	59,2
Q15 - Neste ano de 2022 teremos eleições, você pretende votar?	92,8
Q16 - Você se considera útil, importante para as pessoas que te cercam?	76,8
Q17 - Na sua opinião, os jovens, assim como você, estão cumprindo bem o papel de protagonistas na sociedade?	34,6
Q18 - Você se acha capaz de mudar o mundo, ou pelo menos o contexto social que te cerca?	57,8
Indicador Sintético de Protagonismo Político e Social (ISPPS)**	64,1

PROTAGONISMO JOVEM (DIMENSÃO 01 + 02)	
Indicador Sintético de Protagonismo Escolar - ISPE	46,2
Indicador Sintético de Protagonismo Político e Social - ISPPS	64,1
Indicador Sintético Geral de Protagonismo Jovem (ISGPJ)***	55,1

* O Indicador Sintético de Protagonismo Escolar (ISPE) é o resultado do cálculo da média das respostas positivas (sim) dos entrevistados. A questão Q2, teve que ser invertida, uma vez que a resposta (sim) equivale a uma situação negativa.

** O Indicador Sintético de Protagonismo Político e Social (ISPPS) é o resultado do cálculo da média das respostas positivas (sim) dos entrevistados.

*** O Indicador Sintético Geral de Protagonismo Jovem (ISGPJ) é o resultado do cálculo da média aritmética do Indicador Sintético de Protagonismo Escolar com o Indicador de Protagonismo Político e Social. Esse indicador leva em consideração todas as 18 questões que compõem a tabela.

Fonte: Elaborado pelos autores

Verifica-se que o Indicador Sintético da Dimensão Protagonismo Escolar da média geral de todas as escolas (X-Média) foi de 46,2 (regular -).⁹ Chama a atenção os resultados das questões Q2 (26,5 = ruim), Q6 (37,3 = ruim), Q7 (15 = péssimo) e Q8 (26,1 = ruim), todas abaixo da média do Protagonismo Escolar. Essas questões sinalizam para a fragilidade das instituições escolares em relação a escuta e a valorização dos sentimentos dos seus alunos, bem como de propor políticas de incentivo à participação na gestão e nas tomadas de decisões no âmbito escolar.

Verificam-se com o X-Média na faixa de regular (-), as questões Q3 (46,4) e Q5 (49,3). Tais indicadores revelam que as instituições escolares, segundo os entrevistados, deixam a desejar quando se trata de levar em consideração a opinião deles para as tomadas de decisões dos assuntos referentes à escola.

Ainda nessa perspectiva analítica, foi feita a seguinte pergunta aos entrevistados: Como você provavelmente agiria se participasse da elaboração das normas e das regras da sua escola? 49,3% dizem que as cumpririam com maior respeito; 2% não as cumpriria; 9,8% dizem que não

9 Para interpretação dos dados, propõem-se o seguinte padrão escalar de análise: na escala de 01 a 100, as notas de 01 a 20 equivalem a péssimo; de 21 a 40 a ruim; de 41 até 50 regular negativo (-); de 51 até 60 regular positivo (+); de 61 até 80 bom; e entre 81 e 100 a uma avaliação ótima.

faz diferença participar ou não da elaboração de regras e normas; e 38,9% dizem já cumprir todas as normas e as regras com respeito. Ao acrescentar a possibilidade de participação da elaboração de normas e regras, o grau de cumprimento das mesmas sobe de 49,3 (Q5) para 88,2% (49,3% que cumpriria com maior respeito + 38,9% que já cumprem todas as normas).

Ainda na análise da dimensão do protagonismo escolar, encontram-se dentro da faixa regular (+) as questões Q4 (53,9) e Q9 (54,2). Essas questões mostram que na percepção dos jovens entrevistados ainda há muito o que se fazer para se chegar a uma situação mais favorável no que tange às condições ofertadas pelas instituições escolares para que eles sejam protagonistas, jovens atuantes e participativos. Mostram também que uma quantidade muito significativa não se sente à vontade para propor sugestões e mudanças.

Na dimensão do protagonismo escolar, apenas duas das 10 questões apontam resultados bom e ótimo Q1 (87,9 = ótimo) e Q10 (65,0 = bom). Tais resultados externam as percepções dos entrevistados acerca dos conteúdos ofertados e o impacto da escola na formação cidadã deles. Percebe-se que eles, ao contrário do que muitos pensam, são conscientes da importância da escola para a vida deles. Isso demonstra que apesar dos jovens entrevistados possuírem um olhar crítico em relação às situações ofertadas pelas instituições escolares, no que tange às condições que possibilitem uma maior participação nas decisões que lhes dizem respeito, eles não negam a importância da escola e do que é trabalhado nela. Corroborar com essa afirmativa a resposta positiva a seguinte questão: De 01 a 10 (onde 01 é pior situação e 10 é a melhor situação), qual nota você dá para a importância da escola para a sua formação crítica e humana? A resposta média foi de 7,35 (boa).

Entrando nas considerações acerca da Dimensão Protagonismo Político e Social, verifica-se que o Indicador Sintético de Protagonismo Político e Social (ISPPS), foi de 64,1 (bom). De imediato, constata-se que essa dimensão teve resultado superior à dimensão do Protagonismo Escolar.

A questão Q13 (40,2 = ruim) aponta para um baixo/ruim interesse dos entrevistados pela política. Infelizmente, em nosso país, vigora uma

cultura de aversão à política. Para muitos, a palavra já vem sobrecarregada de conceitos pejorativos, negativos (corrupção, desonestidade, mentiras, enganação etc.). O desinteresse dos entrevistados para a política pode ser uma consequência dessa visão deturpada de política que permeia o senso comum da sociedade brasileira. Por outro lado, chama-nos a atenção o fato de que na Questão Q12 (70,9 = bom) a maioria diz considerar a política importante. Ou seja, consideram importante, mas expressam desinteresse pela política. E esse desinteresse pode ser atrelado ao resultado da questão Q17 (34,6 = ruim), que traz uma avaliação ruim em relação a percepção deles sobre se os jovens, incluindo eles, cumprem bem o papel de protagonistas na sociedade. O resultado da questão Q11 (80,1 = bom) mostra que a maioria deles se dizem conhecedores dos seus direitos e deveres, todavia, reconhecem que não estão cumprindo bem o papel de protagonistas.

Segundo a Constituição Federal de 1988, no Brasil, o voto é obrigatório a partir dos 18 anos, sendo facultativo aos jovens a partir dos 16 anos. Quando indagados sobre se possuem o título de eleitor, o resultado da questão Q14 (59,2 = regular +) mostra que muitos alunos não possuíam o título no momento da entrevista. Dos que possuem o título, conforme resultado da questão Q15 (92,8 = ótimo), a maioria pretendia votar nas eleições deste ano (2022). Isso revela uma regular adesão dos jovens ao direito/dever de votar, de poder escolher seus governantes, todavia, dentro dos que estão habilitados ao voto, mais de 92% pretendem exercer sua cidadania.

As questões Q16 (76,8 = bom) e Q18 (57,8 = regular +) manifestam sucessivamente o sentimento dos entrevistados em relação ao sentir-se útil e a percepção acerca da capacidade deles de mudar o mundo ou pelo menos o contexto social que eles estão inseridos. Ao apontarem uma nota de 1 a 10 sobre a capacidade deles de proporem mudanças, a média foi de 5,93 (dentro da faixa regular +).

Por fim, levando-se em consideração todas as 18 questões supra analisadas, chega-se ao Indicador Sintético Geral de Protagonismo Jovem (ISGPJ) que, como já dito, leva em consideração todos os resultados das dimensões Protagonismo Escolar (46,2 = regular -) e Protagonismo Político

e Social (64,1 = bom). O X-Média do ISGPJ tem como resultado o indicador 55,1 (= regular +). Pode-se refletir, através desse indicador sintético de protagonismo jovem, que há uma percepção um tanto quanto negativa dos jovens pesquisados sobre a perspectiva do ser protagonista.

Ao serem indagados sobre as possíveis causas para o pouco interesse dos jovens, incluindo eles, nos assuntos referentes à política e outras formas de participação da vida em sociedade, 25,2% dizem que o motivo é a desvalorização da opinião dos jovens; 20,9% dizem ser pela falta de interesse dos próprios jovens; 19,2% dizem ser por falta de incentivo por parte dos nossos governantes; 16% dizem ser por falta de informação/conhecimento; 11,4% por falta de conscientização da escola e demais instituições que lidam diretamente com os jovens; e 7,3% dizem ser por falta de incentivo por parte da família.

Os entrevistados puderam simular o envio de um recado para os adultos e para as pessoas que estão no poder. Veja algumas das respostas no quadro a seguir:

Quadro 2: Analisando a situação em que você e os jovens de forma geral se encontram, se pudesse dar um recado para os adultos e para as pessoas que estão no poder, o que diria a elas?*

R1	Dê um voto de confiança para os jovens, escutem o que eles falam, as vezes os jovens só precisam que sejam ouvidos, que deem uma oportunidade para eles, apoie.
R2	Diria para eles que nossas opiniões têm valor para o futuro do Brasil, que deveriam ser levadas mais em consideração, tendo em vista que em um futuro próximo seremos a parte adulta da sociedade também, podemos também ser os governantes e não estamos recebendo o apoio necessário. A maioria dos jovens se sentem desmotivados quanto a seu futuro, principalmente por não acharem que serão úteis, levando em conta a visão que temos do nosso país.
R3	Parem de desvalorizar os jovens por acharem que idade define maturidade e inteligência quando o assunto se trata da SOCIEDADE. O jovem hoje tem condição suficiente para fazer a diferença entre as pessoas e melhorar a cidadania. Somos capazes e responsáveis para participar de tomadas de decisões que são tomadas á nosso respeito, pois infelizmente ainda existe um estereótipo superficial formado por adultos em relação aos mais novos.

R4	Acredito que deviam dar mais oportunidades aos jovens, pois estamos com pouca voz. Os adultos não dão emprego para iniciantes nem o poder de opinião sobre as coisas. Também acho que deviam dar mais chances de estudo, pois está deixando a desejar.
R5	Mesmo sendo jovens, não somos completamente inocentes ou sonhadores, somos pessoas assim como vocês, mas nosso diferencial é que lutamos por mudanças, vivemos em uma época diferente e por isso temos problemas diferentes, mas isso não torna nossa causa inferior as outras. Nossa voz tem valor e devem ser ouvidas e respeitadas, devíamos participar ativamente na tomada de decisões no ambiente escolar para assim podermos nos preparar para o futuro, onde seremos nós os responsáveis por tomar decisões muito importantes. Devemos ser ensinados a lutar por nossos direitos e não sermos calados.

* 284 alunos responderam a essa questão. Mantem-se a transcrição literal. A escolha das 5 respostas foi feita por votação do núcleo de pesquisa.

Fonte: Elaborado pelos autores

O quadro supra exposto faz-se analítico em si. Aconselha-se ler cada resposta e, mais do que ler, levá-las à sério. Afinal, são apontamentos dignos de devida atenção. Permita-nos destacar as palavras “confiança”, “valorização”, “dar mais voz”, “ouvir os jovens”, “respeito” etc. São bem sugestivas, não?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que, no que tange às condições para a prática protagonista dos jovens estudantes, muitos são os desafios, tanto na dimensão escolar quanto política e social. O Indicador Sintético de Protagonismo Escolar (46,2 = regular -) mostra-nos que a escola deve repensar muitas de suas práticas em relação às ações/não ações em prol das condições oportunas de construção de uma juventude protagonista. O Indicador Sintético de Protagonismo Político e Social (64,1 = bom), apesar de trazer uma melhor avaliação em relação ao anterior, revela que também há muito o que refletir e melhorar para que as condições sejam as mais favoráveis possíveis para que nossa juventude se veja dotada de poder de ação, de se sentirem também responsáveis pela construção do coletivo, do bem-comum.

Este trabalho pode e deve ser problematizado, questionado e gerar mais perguntas. Se o conteúdo deste servir para a reflexão e a melhoria do diálogo entre alunos, professores e equipe gestora das instituições escolares, pensamos já ter valido muito a pena.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5-6, p. 25-36, 1997. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413=24781997000200004-&script=sci_abstract. Acesso em: 21 dez. 2024.

BOGHOSSIAN, C. O.; MINAYO, M. C. S. Revisão Sistemática Sobre Juventude e Participação nos Últimos 10 anos. *Saúde Soc.*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 411-423, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/Srx45XZG3Fr8MNMBDJ6BVnM/?format=pdf&lang=pt>, Acesso em: 21 dez. 2024.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. *Estratégias de ensino aprendizagem*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 1996.

COSTA, A. C. G. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

ESTEVES, L. C. G.; ABRAMOVAY, M. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. (org.) *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação; Unesco, 2007. Disponível em: https://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume27_juventude_outros_olhares_sobre_a_diversidade.pdf. Acesso em: 21 dez. 2024.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. 144p.

RIBEIRO, J. U. *Política: quem manda, por que manda, como manda*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 8-19.

SANTOS, R. O. A relação público/privada na juventude mediada pelas plataformas de redes sociais digitais. *Cad. Metrop.*, São Paulo, v. 24, n. 55, p. 871-889, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/G8mCjY4mSNZ96Pxyz3D7dJw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 dez. 2024.

O PROTAGONISMO JUVENIL EM DIFERENTES HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS E DISCURSIVAS NOS GÊNEROS TEXTUAIS

Bianca Coelho Maia Gaseta¹, Ester Aparecida da Cruz¹, Gabriela Rainara de Souza Oliveira¹, Gustavo Carneiro Oliveira Soares¹, Isadora Passos Ferreira¹, Janiele Tábata Teixeira de Almeida¹, Maria Eduarda Batista França¹, Maria Eduarda Silva Moreira¹, Pedro Henrique Castor Ferreira¹, Viviane Neves Cristiano¹, Adriana Longo de Oliveira², Márcia Patrícia Barboza de Souza³

1 INTRODUÇÃO

De acordo com os estudiosos do tema, através das análises discursivas, compreendemos como o ser humano tem acesso às informações, partilha visões de mundo, produz conhecimento, interage em diversas situações.

Por considerar o estudo de gêneros textuais a maneira, por excelência, de permitir ao aluno a conscientização de todos os processos interacionais que envolvem a produção, a distribuição e o consumo de textos,

1 Escola Estadual Francisco Bernardino (Juiz de Fora/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Francisco Bernardino (Juiz de Fora/MG), adriana.longo@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Francisco Bernardino (Juiz de Fora/MG), marcia.barboza@educacao.mg.gov.br.

é que se procurou mostrar os resultados do trabalho desenvolvido a partir da aplicação deste nosso projeto, que previa atividades de análise e produção de gêneros textuais.

Vale ressaltar que o ponto de partida da Análise de Conteúdo (Franco, 2021) é a mensagem, e essa mensagem expressa as representações sociais na qualidade de elaborações mentais constituídas socialmente, a partir da dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto de conhecimento. Nesse sentido, vem a noção “de que os diferentes modos pelos quais o sujeito se inscreve no texto correspondem a diferentes representações que tem de si mesmo como sujeito e do controle que tem dos processos discursivos textuais com que está lidando quando fala ou escreve” (Franco, 2021, p. 21). Dessa forma, não é possível analisar o discurso sem considerar a situação na qual ele está inserido, uma vez que todo discurso está sempre vinculado a um contexto socioideológico e marcado pelos discursos exteriores ao sujeito.

A nossa pesquisa foi realizada como um processo de interação com a realidade, que só se viabiliza por intermédio do relacionamento humano em que os protagonistas envolvidos se sintam engajados tomando por base a sua realidade. O campo da Análise do Discurso trata especificamente do discurso, palavra que “etimologicamente tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (Orlandi, 2002, p. 15 *apud* Quadros; Jovino; Muniz, 2020, p. 21).

2 DESENVOLVIMENTO

Este trabalho tem como objetivo apresentar resultados de uma pesquisa que foi desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa, com 137 alunos do 1º ano do Ensino Médio, na Escola Estadual Francisco Bernardino. Para o desenvolvimento desta pesquisa propôs-se uma investigação qualitativa, tendo como foco as competências socioemocionais

desenvolvidas em sala de aula, através da produção e da análise do discurso dos seguintes gêneros textuais: Crônica, Poesia, Artigo de Opinião.

Os gêneros textuais, portanto, desempenham um papel relevante na interação social. Bakhtin (1922, p. 302) afirma que:

se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez, no processo de fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível (Bakhtin, 1992, p. 302 *apud* Koche; Marinello, 2015, p. 10).

Apropriar-se dos gêneros, segundo Bronckart (1999 *apud* Koche; Marinello, 2015, p. 10), é fundamental para a socialização e a inserção prática do indivíduo nas atividades comunicativas humanas.

Além dessas produções, realizamos, como instrumentos de coleta de dados, dois questionários que contribuíram para o desenvolvimento das competências do autoconhecimento e do autocuidado. Um foi desenvolvido pelos psicólogos norte-americanos Arnold Buss e Ann Durkee, no qual foi estudado os diferentes tipos de reações tensas. O outro sobre estresse e qualidade de vida, desenvolvido pelo psiquiatra Geraldo Ballone como oportunidade para o aluno refletir sobre os prejuízos que o estresse causa à saúde, ambos necessários para captar as percepções/emoções do público-alvo.

A cultura e a educação formam um binômio indissociável. Nessa perspectiva, para que os pesquisadores vivenciassem experiências que possibilitassem a conexão, realizamos a visita ao Instituto Inhotim, com a finalidade de engrandecer a análise discursiva, coletar dados, proferir informações de conteúdo insuscetível de apropriação, favorecendo a formação integral do pesquisador, tornando-o agente do próprio processo.

O segundo passo da pesquisa foi a realização de uma palestra que tratava sobre os sentimentos na adolescência, maturidade e equilíbrio emocional. A psicóloga Rosane Morgado Bilher foi convidada para conversar com os pesquisadores sobre os sentimentos primários e secundários, mostrando a importância de identificá-los nas produções textuais, manter

o sigilo e o não julgamento nas análises discursivas. Como complemento, assistimos aos filmes *A Corrente do Bem* (2000) e *Divertida Mente* (2015).

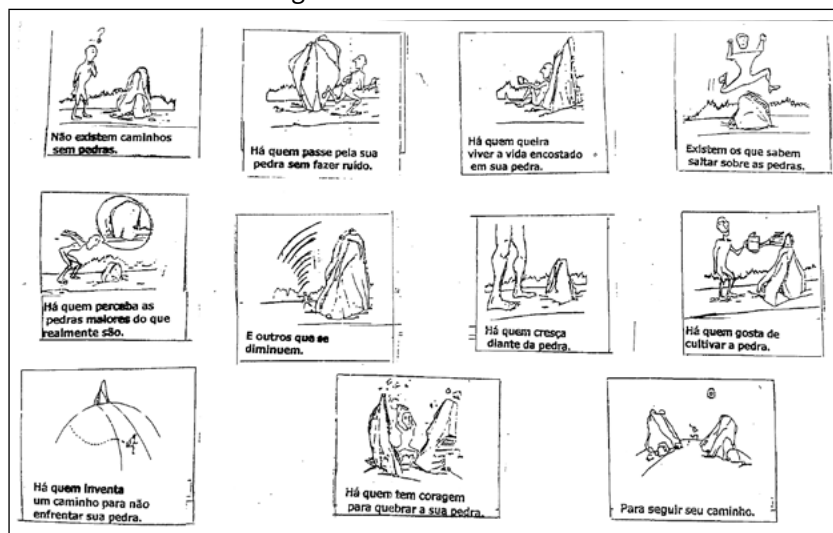
O filme *A corrente do bem* traz a questão de enxergarmos o mundo de formas diferentes. A questão da autorresponsabilidade foi importante para entender a própria responsabilidade diante dos fatos que acontecem em nossas vidas. O filme *Divertida Mente* aborda como as emoções básicas (raiva, tristeza, medo, desgosto e alegria) enxergam as situações no decorrer da história.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

História em Quadrinhos: análise dos sentimentos despertados

Com a intenção de compreender o universo discursivo dos discentes à luz de suas práticas em sala de aula, a abordagem inicial assumida para este estudo foi analisar uma história em quadrinhos. No texto, a “pedra” metaforiza, de acordo com a vivência, para cada aluno, significa algo diferente.

Figura 1: Metáfora da Pedra



Fonte: Coronha. Acervo dos autores.

Nesse contexto, dez por cento dos alunos fizeram uma análise negativa das pedras, como se fossem problemas “sem solução”, ou não demonstraram nenhum interesse em torná-la positiva. Os sentimentos demonstrados foram categorizados de forma decrescente em negativismo 55,6%; frustração 33,3%; desconfiança 11,1%. Transcrevemos a escrita de um grupo de alunos:

1. *Nem tudo no caminho tem como se resolver, sendo, infelizmente, a realidade de muitos, assim como a minha (Aluno A).*
2. *Eu me diminuo diante dos meus problemas (Aluno B).*
3. *Cada um tem seu jeito de enfrentar as pedras, existem pessoas que preferem ignorá-las, enquanto outros preferem enfrentá-las ou passar por cima delas (Aluno C).*
4. *Traz um machado e quebra a pedra ao meio (Aluno D).*

Ao analisarmos a fala do Aluno D, percebemos que o aluno pode buscar a resolução de maneira rápida, sem pensar, de forma impulsiva, com a qual a análise seria positiva, onde a pedra é um obstáculo na vida do homem, e o machado, a solução para o problema. Pensando na análise negativa, a fala pode transmitir uma certa agressividade, raiva, desconforto com a resolução, pois, ao quebrá-la ao meio, ele apenas divide seu “problema” sem, necessariamente, resolvê-lo.

Conforme Clément (1973), nessa transgressão, articula-se o discurso com o seu avesso, o seu reverso, na medida em que “se tenta fazer aparecer ao sujeito, em sua fala, o que se diz, à sua revelia, à revelia de seu desejo”. O discurso não se reduz, portanto, a um dizer explícito, pois ele é permanentemente atravessado pelo seu avesso: “o avesso é a pontuação do inconsciente; não é um outro discurso, mas o discurso do outro: isto é, o mesmo tomado ao avesso, em seu avesso” (Clément, 1973, p. 159 *apud* Brandão, 2019, p. 66).

Outro grupo de alunos fez a leitura de forma mais positiva, demonstrando que esses “problemas” poderiam ser enfrentados ao nos depararmos com eles, ao longo da vida. Os sentimentos evidenciados foram confiança 52%; empatia 26%; otimismo 12%; esperança 7% e alegria 3%, conforme pode ser observado nas falas:

5. *O melhor que temos a fazer é enfrentar esta jornada com coragem e crescendo diante do desafio (Aluno E).*

- 6. *Aprender a conviver com elas para vivermos melhor* (Aluno F).
- 7. *Fazer o melhor até nas coisas ruins* (Aluno G).
- 8. *Adaptar às pessoas que conhecemos para sermos capazes de conviver com opiniões, personalidades e pensamentos diferentes* (Aluno H).

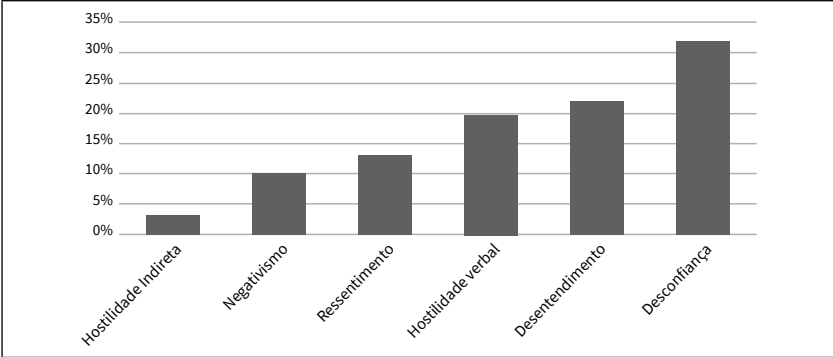
Diante do exposto, percebemos que a maioria das análises de discurso refletiram de forma positiva sobre os desafios diários da vida, identificando caminhos e estratégias para superarem as dificuldades, ou seja, pensar em soluções para seus problemas já é um passo para a busca da realização de forma positiva, assim como esclarece Pêcheux:

Se uma palavra, expressão, proposição podem receber sentidos diferentes, [...] conforme refiram a tal ou tal formação discursiva, é porque [...] elas não têm um sentido que lhes seria “próprio” enquanto ligado à sua literalidade, mas seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que entretêm com outras palavras, expressões, proposições da mesma formação discursiva (Pêcheux, 1975, p. 145 *apud* Brandão, 2019, p. 81).

Questionários

A atividade permitiu a reflexão sobre os modos de agir em uma mesma situação, com reações distintas. Com o resultado do questionário que avaliou os diferentes tipos de reações tensas, ressaltaram-se os seguintes traços de comportamento, em escala descendente: desconfiança 32%, desentendimento 22%, hostilidade verbal 20%, ressentimento 13%, negativismo 10% e hostilidade indireta 3%. Tais aspectos podem ser observados no Gráfico 1.

Gráfico 1: Traços de comportamento negativo mais encontrados na pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores

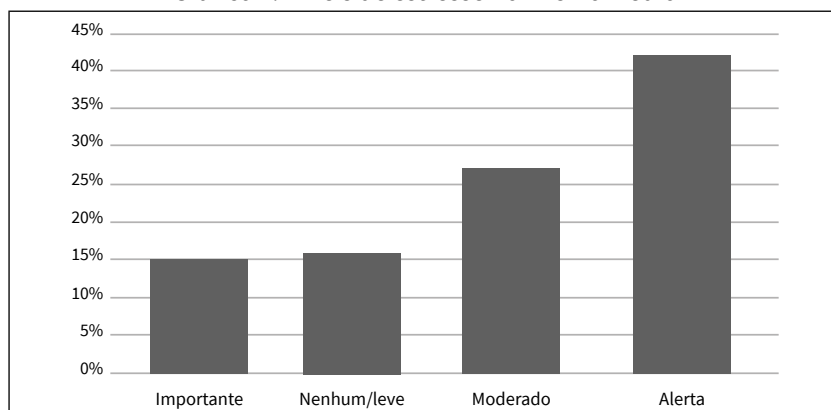
De acordo com Otta e Bussab:

Pontuações elevadas indicam que você tem reservas em relação a outras pessoas. Um certo grau de cautela é recomendável, no entanto, há pessoas que se sentem inferiorizadas e não se aproximam porque pensam que os outros tramam o tempo todo. Se esse for o seu caso, cuidado! Você talvez esteja projetando hostilidade de dentro de você sobre os outros, e pode estar perdendo excelentes oportunidades para fazer novos amigos (Otta; Bussab, *apud* Cericato, 2021, p. 41).

O segundo questionário, que trata sobre estresse e qualidade de vida, contém oito perguntas, cada qual seguida de um conjunto de itens que são respostas possíveis. Depois de respondê-lo, o aluno somou os pontos das alternativas selecionadas e conferiu a avaliação de seu nível de estresse.

Somados os pontos e identificado o nível de estresse, o nível alerta ficou em evidência com 42,2%; o nível moderado com 27,5%; o nível leve com 15,6% e o nível importante com 14,7%, conforme se confirma no Gráfico 2.

Gráfico 2: Níveis de estresse no Ensino Médio



Fonte: Elaborado pelos autores

A atividade proporcionou para os estudantes a reflexão sobre os prejuízos que o estresse causa à saúde e a necessidade de mantê-lo sob controle, pois o estresse (nível alerta) é uma reação do organismo que tem componentes psicológicos, físicos, mentais e hormonais, podendo ser negativo ou positivo.

Análise dos gêneros: crônica, poema e artigo de opinião

A noção de gênero permite articular a finalidade geral de aprender a comunicar usando os meios linguísticos próprios às situações que tornam a comunicação praticável. Para tornar possível a análise discursiva através das produções textuais, selecionamos alguns gêneros. A respeito desse assunto, Marcuschi (2008, p. 155), pautando-se no raciocínio de Bakhtin, ensina:

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos, enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (Marcuschi, 2008, p. 155 *apud* Quadros; Jovino; Muniz, 2020, p. 185)

Crônica: análise dos sentimentos despertados

Baseando-se na coletânea das crônicas, cujo tema livre deveria se relacionar com a própria vida do público-alvo, relatando um acontecimento que trouxesse alguma lembrança positiva ou negativa, percebemos que o sentimento de felicidade 64,06% foi evidente em decorrência da gratidão 3,13%; da esperança 20,30%; do otimismo 1,56%; da empatia 3,13%; da confiança 4,69% e do amor 3,13%. As escritas dos alunos a seguir ilustram esse resultado:

9. *Farei de tudo para conquistar meus sonhos* (Aluno I).

10. *O vazio que sinto está sendo preenchido devido às descobertas que faço sobre mim e as mudanças que estão ocorrendo em minha vida* (Aluno J).

11. *Resumindo: me acho bonita, meu corpo não me incomoda, sou sorridente, gosto de muitas coisas, sou feliz...* (Aluno K).

Em relação aos sentimentos negativos, foram evidenciados, na análise discursiva, pela frustração 58,62%; tristeza 34,48%; negativismo 3,45%; e desconfiança 3,45%. Reproduzimos algumas escritas de um grupo de alunos:

12. *Eu não me sinto bem e odeio falar de mim, pois tenho baixa autoestima* (Aluno L).

13. *Sou ansiosa e tenho depressão, já sofri bullying, sou insegura e eu ligo para o que os outros falam* (Aluno M).

14. *Minha vida inteira foi como se fosse o mesmo episódio sempre...* (Aluno N).

Por sua vez, percebemos que o afeto e o conhecimento são complementares; nesse sentido Cunha (2007) nos auxilia quando expressa a importância do componente pessoal:

[...] pois só a sensibilidade humana pode intervir interpretativa e interativamente no conhecimento. Essa função é ser ponte entre o conhecimento disponível de todas as maneiras e as estruturas cognitivas, culturais e afetivas dos educandos (Cunha, 2007, p. 48).

Poema: análise dos sentimentos despertados

Pela análise dos poemas, cujo tema foi relacionado ao medo e à felicidade, identificamos que o “maior medo” consiste no futuro com 59%; solidão com 22%; morte com 12%; arrependimento, escuro, passado, aprisionamento, amor e desconfiança com 7%. Através dos poemas analisados, reproduzimos a fala de um grupo de alunos:

15. *Tenho medo de não conquistar o que eu desejo, não deposito fé em meu potencial* (Aluno O).

16. *Sinto medo de não alcançar minhas metas e sonhos* (Aluno P).

17. *Tenho vários medos, me sinto assim por não achar que sou capaz* (Aluno Q).

18. *Tenho medo de mim, não sei meus limites e tenho medo de descobrir* (Aluno R).

Não obstante, em relação aos poemas que expressaram sentimentos positivos, ou seja, tudo que traz paz, leveza, alegria; constatamos que a grande maioria associou felicidade ao sentimento de simplicidade com 69%; momentos com 18%; vida com 7%; instantes com 6%. Cabe registrar a escrita de um grupo de alunos:

19. *É não ter nada e mesmo assim sonhar* (Aluno S).

20. *É algo tão simples dentro de cada um* (Aluno T).

21. *É reconhecer que vale a pena viver* (Aluno U).

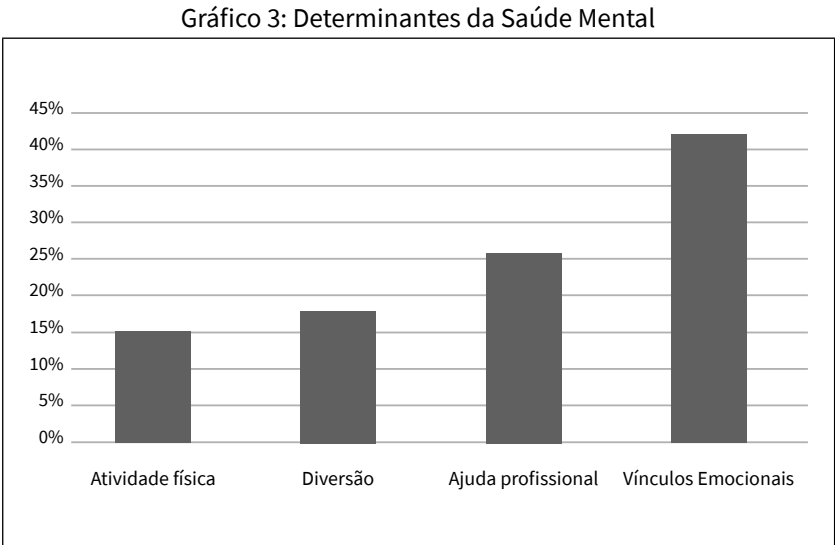
22. *Está em cada coisa pequena, no verso lido de um lindo poema...* (Aluno V).

Após a análise do discurso, percebemos que a livre interpretação para o significado da palavra “medo” e “felicidade” foram singulares e, cada aluno, de acordo com o que vive e sente, demonstrou seus sentimentos. Em meio a esse quadro, ganha prestígio a fala de Orlandi (2012), ao afirmar que:

Será necessário ainda tratarmos de leitura com ênfase nos sentidos de interpretação e compreensão, uma vez que esses dois elementos estão ligados um ao outro, pois a ponte que conecta informações externas ao sujeito à compreensão por intermédio da leitura é a interpretação. Portanto, é possível concluir que a leitura, além de ser uma questão linguística, também é “pedagógica e social ao mesmo tempo” (Orlandi, 2012, p. 45 *apud* Quadros; Jovino; Muniz, 2020, p. 170).

Artigo de opinião: análise dos sentimentos despertados

Ao analisar as produções textuais, percebemos que um dos determinantes da saúde mental mais citados foi o vínculo afetivo com 41,5%, depois a ajuda profissional com 25,6%, a diversão com 18,3% e a atividade física com 14,6%; como pode ser evidenciado no Gráfico 3.



Fonte: Elaborado pelos autores

Vejamos algumas escritas dos alunos:

23. *Na medida do possível, manter rotina e hábitos saudáveis* (Aluno X).
 24. *Praticar atividades físicas, conhecer a si mesmo, a ajuda de um terapeuta para sua saúde mental* (Aluno Z).
 25. *Tentar ser mais otimista, conversar com familiares, olhar para si mesmo* (Aluno 01).
 26. *Procurar fazer coisas que te deixe mais feliz* (Aluno 02).
 27. *Reelaborar os vínculos, conversar e interagir com outras pessoas* (Aluno 03).

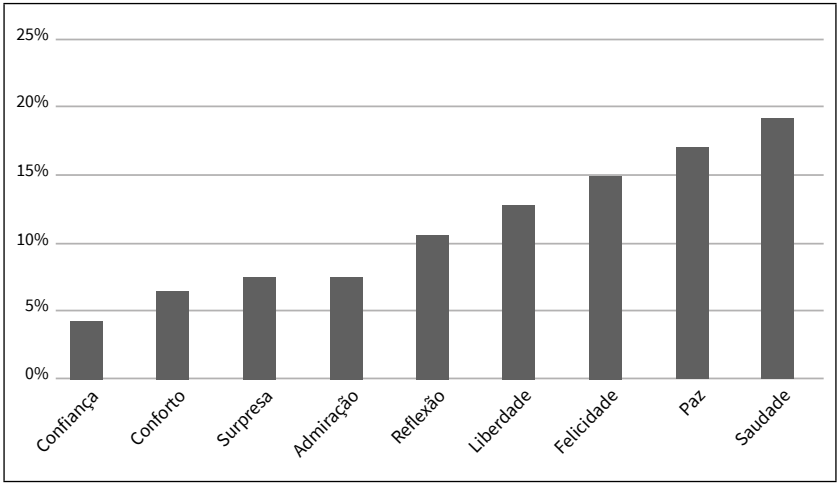
Análise das obras de Inhotim

A análise se estruturou em quatro momentos: um tempo destinado ao encontro com a obra;⁴ um momento de atenção prolongada à obra escolhida; um momento de registro individual daquilo que se percebeu nessa relação; e, por fim, o compartilhamento da experiência de cada um.

O público-alvo foi estimulado a registrar o sentimento despertado e relatar para onde os pensamentos o levaram durante a experiência. O sentimento em evidência foi relacionado à palavra saudade, com 19,1%, e, em ordem decrescente, à paz, com 17%; à felicidade, com 14,9%; à liberdade, com 12,8%; à reflexão, com 10,6%; à admiração, com 7,5%; à surpresa, com 7,4%; ao conforto, com 6,4%, e à confiança, com 4,3%, como está demonstrado no Gráfico 4.

4 Nome das obras e autores: 3. Garden - Carroll Dunham (Nova York); 5. Bisected Triangle - Dan Graham (Nova York); 6. Desert Park - Dominique Gonzales (França); 7. Piscina - Jorge Macchi (Argentina); 10. Ahora Juguemos a Desaparecer - Carlos Garaicoa (Cuba); 12. Jardim de todos os Sentidos-Foto: Igor Marotti, Rossana Magri (foto retirada do próprio local); 13. Vegetation Room - Cristina Iglesias (Espanha); 14. Troca Troca - Jarbas Lopes (Rio de Janeiro); 15. A Origem da Obra de Arte - Marilá Dardot (Belo Horizonte); 16. Sem Título - Edgard de Souza (São Paulo); 17. Foty Part Motet - Janet Cardiff (Canada); 18. Sonic Pavilion - Doug Aitken (California); 19. Escultura para todos os materiais não transparentes - Waltercio Caudas (Rio de Janeiro); 25. Elevazione - Giuseppe Penone (Itália); 26. Desvio para o Vermelho: Impregnação, Entorno, Desvio - Cildo Meirelis (Rio de Janeiro); 27. Narcissus Garden Inhotim (2009)-Yayoi Kusama; 32. Vandário-Foto: William Gomes, Rossana Magri (foto retirada do próprio local); 33. Palíndromo Incesto - Tunga (Pernambuco); 34. Viveiro Educador-Foto: William Gomes (foto retirada do próprio local); 36. Sem Título, da Série Catrimani - Cláudia Andujar (Transilvânia) Ttéia - Lygia Pape (Rio de Janeiro); 28. Nome de Inhotim-Autor desconhecido; 30. Abre a Porta - John Ahearn (EUA); Rigoberto Torres (Porto Rico).

Gráfico 4: Sentimentos despertados com as obras



Fonte: Elaborado pelos autores

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sentimentos e as emoções apenas são perceptíveis quando externados pelo ser humano, daí a importância de entendermos como tais manifestações emotivas ocorrem. Esta pesquisa buscou fortalecer os canais de interlocução entre os diferentes integrantes da escola, ampliou a participação dos estudantes produzindo novas estratégias educativas e novas relações interpessoais, que podem ser baseadas na fala de Vygotsky (1989):

Para compreender a fala de outrem não basta entender as suas palavras, temos que compreender o seu pensamento. Mas nem mesmo isso é suficiente, também é preciso que conheçamos a sua motivação. Nenhuma análise psicológica de um enunciado estará completa antes de ter atingido esse plano (Vygotsky, 1989, p. 130 *apud* Taille; Oliveira; Dantas, 2021, p. 127).

Trabalhar a Análise de Conteúdo nos diversos gêneros textuais, em suas variadas formas, foi gratificante, pois, além de proporcionar ao público-alvo a compreensão de suas relações interpessoais, foi possível desenvolver uma visão social e cultural mais ampla, como identificado nas produções textuais, por meio da análise discursiva. Trabalhar emoções é

criar oportunidade para novas experiências, como podemos perceber na declaração de um pesquisador do núcleo:

Me trouxe experiências únicas, como compreender qual sentimento o aluno está transmitindo na produção. O projeto foi desenvolvido no momento certo, pois poder expressar em uma folha é uma ótima forma para melhorar a compreensão dos seus sentimentos (Pesquisador 1).

Cabe acrescentar-se, por fim, que a aprendizagem e o comportamento socioemocional deveriam ser tratados de forma complementar para que o ensino-aprendizagem promovesse o desenvolvimento integral do indivíduo, propiciando um processo mais rico de afetuosidade e construção de sentido e de conhecimento através do protagonismo juvenil.

REFERÊNCIAS

A CORRENTE do bem. Direção: Mimi Leder. Produção de Robert Levy, Peter Abrams e Steven Reuther. Estados Unidos, 2000. 1 DVD.

BALLONE, G. J. Calcule seu nível de estresse e confira dicas de psiquiatra. *Globo*, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/teste-calcule-seu-nivel-de-estresse-e-confira-dicas-de-psiquiatra.ghml>. Acesso em: 21 dez. 2024.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Unicamp, 2019.

CERICATO, I. *Desenvolver e Transformar*. São Paulo: Ática, 2021.

CUNHA, M. I. *O lugar da formação do professor universitário: a condição profissional em questão*. Campinas: Papirus, 2007.

DIVERTIDA Mente. Direção: Pete Docter. Produção de Pixar Animation Studios. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2015. 1 DVD.

TAILLE, Y. L.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. *Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 2021.

FRANCO, M. L. P. B. *Análise de Conteúdo*. Campinas: Autores Associados, 2021.

QUADROS, D. F. M.; JOVINO, I. S.; MUNIZ, K. S. *Introdução à Análise do discurso: perspectivas teórico-práticas*. São Paulo: Intersaberes, 2020.

KOCHE, V. S.; MARINELLO, A. F. *Gêneros Textuais: Práticas de Leitura e Escrita e Análise Linguística*. Petrópolis: Vozes, 2015.

OTTA, E.; BUSSAB, V. S. R. *Vai encarar? Lidando com a agressividade*. São Paulo: Moderna, 1998.

VARLOTTA, Y. M. C. *Representação social de ciência constituída por alunos do ensino médio: porto de passagem da ação pedagógica*. 2002. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SLAM NA ESCOLA: PROTAGONISMO E REPRESENTATIVIDADE

Ana Elisa de Castro Carneiro¹, Alessandro dos Santos Paschoal¹, Ana Alice Silva Ferreira¹, Daniella Christina Lúcio Borges¹, João Pedro De Oliveira Martins¹, Karine Millene de Assis¹, Letícia Aparecida Ubaldo¹, Letícia Leoncio Liberato¹, Rainara de Paula Ferreira¹, Renata Maria Gomes¹, Thalyta Isabelle Guicciardi Ferreira¹, Vitória Paula da Silva¹, Aline Cristiana Ferreira², Márcia Patrícia Barboza de Souza³

1 INTRODUÇÃO

A Escola Estadual Cônego Braga fica localizada no distrito Monsenhor Horta, na cidade de Mariana, e conta com um segundo endereço no distrito Águas Claras, ambos pertencentes à zona rural, sendo assim denominada como Escola do Campo. A instituição atende 500 alunos dos seguintes segmentos: Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio, Ensino Técnico e EJA Fundamental e Médio. As turmas de 9º ano do Ensino Fundamental e 3º anos do Ensino Médio vêm sendo avaliadas pelo PROEB (Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica), que visa, através de avaliação externa e censitária, diagnosticar a educação pública de Minas Gerais.

1 Escola Estadual Cônego Braga (Mariana/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Cônego Braga (Mariana/MG), aline.cristiana@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Francisco Bernardino (Juiz de Fora/MG), marcia.barboza@educacao.mg.gov.br.

O programa tem como objetivo fornecer subsídios ao governo, para a tomada de decisões relativas às políticas públicas educacionais, e às escolas dados que gerem a reflexão quanto ao direcionamento de suas práticas pedagógicas. Com base nos resultados de 2019, percebe-se o baixo desempenho de nossa escola, em anos consecutivos, contando com 33,3% dos alunos de 9º ano no nível de proficiência baixo; 70,3% dos alunos do 3º ano do Ensino Médio e 16,7 % dos alunos do 9º ano no nível intermediário na proficiência de leitura (Minas Gerais, 2019, p. 1). No estudo de Teixeira e Gomes (2015), as autoras afirmam:

Os testes oficiais, como o PROEB, têm como foco a leitura e como objeto de estudo o texto, apresentando o objetivo de verificar se os alunos são capazes de apreendê-lo como construção de conhecimento em diferentes níveis de compreensão, análise e interpretação. Para complementar a concepção de leitor autônomo, as orientações para o professor, presentes na Revista Pedagógica de Língua Portuguesa do PROEB destacam que o sujeito competente é capaz de compreender textos orais e escritos, posicionando-se criticamente diante do que lê e ouve, ou seja, de ler produzindo sentidos (Teixeira; Gomes, 2015, p. 374).

Diante do supracitado, evidenciou-se a necessidade de um projeto que vise desenvolver e ampliar as habilidades leitoras dos alunos, uma vez que, de acordo com Cafiero (2010, p. 86) “ler é atribuir sentidos. E ao compreender um texto como um todo coerente, o leitor pode ser capaz de refletir, de criticá-lo, de saber como usá-lo em sua vida”. Contudo, ainda temos o desafio de proporcionar aos jovens a leitura de textos com os quais eles se identifiquem e sintam-se representados. Desse modo, os alunos-pesquisadores do projeto escolheram o “*Slam Poetry*”, o *slam*, gênero que os alunos mais se identificam. Segundo Costa (2021, p. 1)

Slam Poetry – traduzido literalmente por batalha de poesia – são competições de poesia falada, onde qualquer pessoa pode participar. O *slammer* – como são chamados os poetas competidores nas batalhas – defende sua composição através de performances que contemplam corpo e voz como instrumento no ato de recitar. No que diz respeito ao texto, não há regras sobre o formato da poesia, e ela pode ser escrita previamente e lida na hora, assim como também podem haver improvisações. As apresentações dos poetas são avaliadas por júri, formado por cinco pessoas escolhidas aleatoriamente

na plateia, com notas de zero a dez que levam em consideração além do conteúdo do poema, a performance do poeta. Metaforicamente falando, o *slam* pode ser considerado como o esporte da poesia falada (Costa, 2021, p. 1).

De acordo com Costa (2021, p. 1), os *slammers* brasileiros constituíram-se de característica responsiva às questões do seu tempo e localidade; abordam temas contemporâneos presentes ou mascarados na sociedade com propriedade permeada pelas vivências dos poetas. Temas, como mazelas sociais, questão da mulher negra na sociedade, questões de gênero, feminismo, racismo, preconceito, denúncias, política e militância, entre outros, são abordados de forma profunda através de composições que expressam situações muitas vezes de cunho pessoal e criam vínculo imediato com o público.

Segundo Neves (2017, p. 102):

É fundamental o papel da escola na disseminação dos “*slams*”, pois, por meio deles, os alunos expressam “seus modos de existir” e suas reivindicações por “uma cultura jovem, popular, negra e pobre, de moradores da periferia, bem diferentes do gosto canônico, branco e de classe média”. Ao recriarem a cultura oficialmente escolar letrada, esses alunos se tornam “agentes de letramentos de reexistência”, e os *slams*, dessa maneira, são seus porta-vozes, pelos quais demonstram sua revolta, sua identidade e resistência (Neves, 2017, p. 102).

A autora afirma ainda que “é preciso resistir para existir. Poesia é reexistência” (Neves, 2017, p. 1), enfatizando o desafio com que se deparam as escolas diante dessa nova poesia contemporânea. Para Garcia ([s.d.], p. 1)

Nos últimos anos, o *slam* tem sido implantado em escolas como uma ferramenta pedagógica, sobretudo na aprendizagem da literatura, no exercício da escrita e na articulação oral. No entanto, quando inserido no contexto escolar, ele desencadeia uma série de transformações que transcendem a educação formal (Garcia, [s.d.], p. 1).

Destarte, o projeto foi desenvolvido na Escola Estadual Cônego Braga em virtude da necessidade de despertar a representatividade e a

identidade desses jovens, tendo por objetivo analisar o desenvolvimento de um projeto que estimule o hábito de leitura nos alunos, visando o protagonismo e o engajamento dos jovens no mundo literário através do trabalho com poesias de *slammers* brasileiros, além de fomentar a leitura de textos literários que comunguem com os temas tratados nos *slams*, propiciando um ambiente escolar no qual o jovem possa se colocar de forma autônoma, expondo suas ideias e pensamentos.

2 DESENVOLVIMENTO

O projeto foi desenvolvido no segundo endereço da Escola Estadual Cônego Braga, situada no distrito de Águas Claras na zona rural de Mariana. A escola se localiza a 40 km da cidade de Mariana, com aproximadamente 1.160 habitantes, que vivem da retirada do leite e da produção de carvão. O distrito é um lugar pacato e com pouquíssimas atividades culturais, fato que faz da escola o ponto de encontro dos alunos, e os professores são considerados referência por eles, o que faz com que o relacionamento entre docentes e discentes seja muito próximo, amistoso e respeitoso.

A escola funciona no turno noturno e não possui prédio próprio, utilizando assim o imóvel da instituição municipal. Os alunos trabalham nas propriedades das famílias durante o dia, roçando pasto, fazendo carvão, tirando leite, fazendo queijo e outros derivados, para aumentar a renda familiar e gerar ganhos para si próprios.

O público-alvo desta pesquisa foram os 46 alunos do Ensino Médio, com participação voluntária. Informação registrada no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) assinados pelos alunos, e no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinados pelas famílias. Dessa forma, todas as etapas que compõem esta pesquisa foram realizadas de acordo com os princípios éticos de pesquisas científicas.

Este trabalho é de natureza qualitativa, “cuja abordagem de pesquisa estuda aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano. Os objetos de uma pesquisa qualitativa são fenômenos

que ocorrem em determinado tempo, local e cultura” (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 23). Segundo a autora:

O objetivo da pesquisa qualitativa em sala de aula, em especial a etnográfica, é o desvelamento do que está dentro da “caixa preta” no dia a dia dos ambientes escolares, identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se invisíveis para os atores que deles participam (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 23).

Desse modo, o trabalho em questão se enquadra nos critérios desse tipo de pesquisa, pois o ambiente é a sala de aula, os pesquisadores são participantes, observadores e atores do processo, e estão imersos na situação, assim poderão analisar e redefinir sua problematização.

Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados duas enquetes com o público-alvo: a primeira com o objetivo de verificar o conhecimento dos participantes em relação ao gênero norteador do projeto; a segunda enquete para levantamento dos dados finais, após a realização das oficinas. Também foi utilizada a observação-participante nas oficinas de *slam*, com o objetivo de compreender como os alunos reagiram ao conhecer o gênero e interagiram a partir das atividades propostas.

Consideramos a observação um importante instrumento investigativo, no qual o observador pode utilizar de seus conhecimentos e experiências pessoais para ajudar na compreensão e na interpretação no estudo de um determinado fenômeno. De acordo com Lüdke e André (1986):

Na medida que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão do mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações (Lüdke; André, 1986, p. 26).

A professora e os alunos-pesquisadores mantiveram um diário de campo que é, segundo Bortoni-Ricardo (2008), um método investigativo que pode ser desenvolvido sem prejuízo para o trabalho de pesquisa; é uma maneira de conciliar as atividades escolares com atividades de investigação. “Escrever um diário é uma prática muito familiar aos professores e

é possível fazer anotações entre uma atividade e outra, sem que isso tome muito tempo” (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 47).

Oficinas

As oficinas foram realizadas em dois dias, por trêsicineiros e *slammers* do Teatro Espanca, de Belo Horizonte. Inicialmente apresentaram uma batalha de *slam*, e os alunos participaram dando notas aos poemas declamados em três rodadas. Assim foram se inteirando a respeito do gênero e da dinâmica da batalha. A partir da observação dos pesquisadores, notou-se que alguns alunos se mostraram desinteressados de participar das atividades propostas pelosicineiros, porém a maioria interagiu e participou ativamente do momento. Após a batalha, os alunos foram divididos em três grupos e se encaminharam para as salas.

Osicineiros abordaram temas, como a história do *slam*, a diferença entre poema e poesia, poesia marginal, tipos de rimas e um suporte textual chamado “zine”, revistinhas independentes e não profissionais com diversos fins. O termo “zine” veio de *fanzine*, aglutinação de *fan magazine* – literalmente “revista de fãs” – inicialmente popularizada como um meio de divulgação de trabalhos artísticos, literários, musicais ou de qualquer cultura particular, de fãs para fãs. Osicineiros falaram ainda sobre a importância do *slam* na vida de cada um.

De acordo com a observação dos pesquisadores, no primeiro dia de oficinas, houve resistência de muitos alunos, principalmente dos meninos, que se recusaram a escrever o *slam*, pois se sentiram intimidados pelas risadas dos colegas. Os demais mostraram-se bem animados, escrevendo inclusive sobre sentimentos pessoais e dolorosos.

Já no segundo dia, não se percebeu tanta recusa, a animação dos alunos foi crescente, as críticas diminuíram e foram menos ofensivas, como destaca uma das pesquisadoras, em seu caderno de bordo: “Cada um escreveu seu *slam*, contando sua história e respeitando o outro” (Ana Elisa, aluna-pesquisadora). As oficinas foram finalizadas

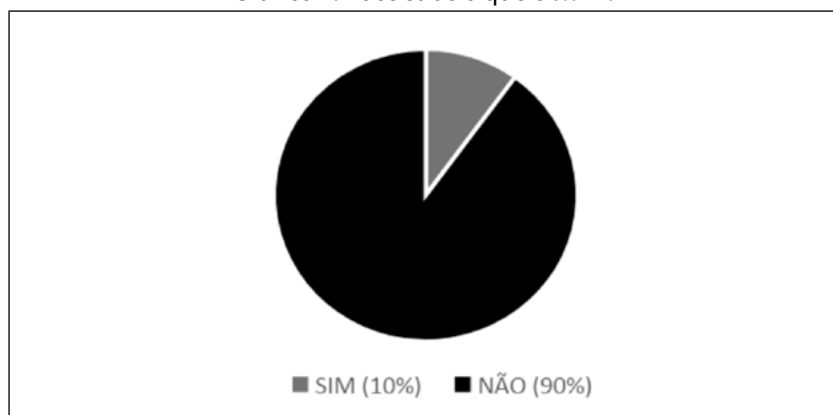
com uma batalha entre os alunos, muitos fizeram poemas para participarem do momento.

A batalha final mobilizou toda a escola, alunos e professores se emocionaram com as apresentações durante o evento. A cada novo poema, lágrimas e mais lágrimas corriam pelos rostos. Alguns alunos participaram do aquecimento, pois havia escrito apenas um poema e não poderiam participar da batalha. Isso não deixou o momento menos interessante e emocionante. A empolgação de todos foi muito grande e não se ouvia comentários depreciativos ou críticas destrutivas, mesmo em temas que representavam grande tabu, como a homossexualidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente foi apresentado o resultado de duas enquetes realizadas com o público-alvo. Anteriormente às oficinas realizadas na escola, os alunos responderam à pergunta: “*Você sabe o que é slam?*” (Gráfico 1). Após a execução das oficinas, o público-alvo respondeu às perguntas: “*Depois das oficinas realizadas na escola, você sentiu vontade de escrever e/ou declamar?*” (Gráfico 2) e “*Qual dos temas apresentados nos poemas foi mais significativo para você?*” (Gráfico 3).

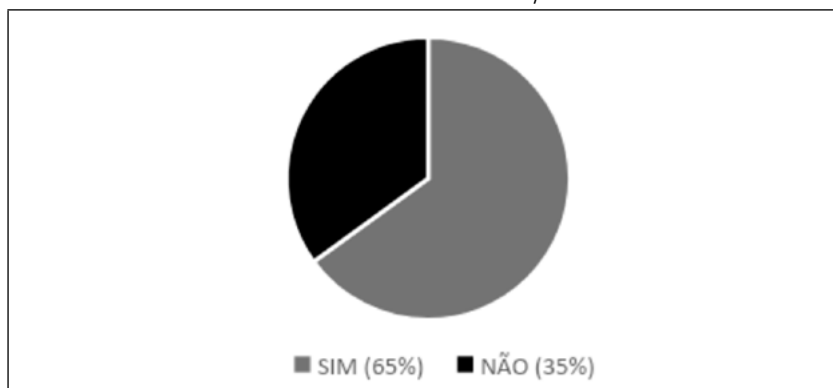
Gráfico 1: Você sabe o que é *slam*?



Fonte: Elaborado pelos autores

A partir da leitura do Gráfico 1, percebeu-se que 90% deles não conheciam o *slam*, levando a constatação que esse gênero ainda não fazia parte do ambiente escolar.

Gráfico 2: Depois das oficinas realizadas na escola, você sentiu vontade de escrever e/ou declamar?



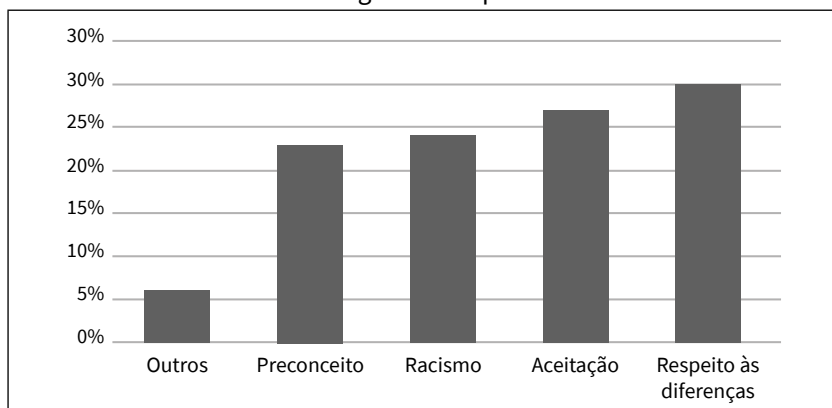
Fonte: Elaborado pelos autores

O Gráfico 2 apresenta os números da enquête respondida pelos alunos após a realização das oficinas de *slam* na escola. Nele pode-se perceber que as oficinas despertaram em 65% dos alunos o desejo de escrever e/ou declamar poemas autorais. Esse dado demonstra que o protagonismo dos estudantes foi incentivado e despertado, como pode ser comprovado, também, através do trecho do poema de um aluno do 1º ano, identificado aqui pelo nome de Hugo:

*“Quando ouvi falar em slam
mano não acreditei,
bagulho muito doido
do nada me impressionei,
são lindas poesias,
muito loucas essas rimas”
(Hugo, aluno pesquisador).*

Tais resultados também permitem verificar que foi alcançado o objetivo de propiciar um ambiente escolar no qual o jovem possa se colocar de forma autônoma, expondo suas ideias e pensamentos.

Gráfico 3: Qual dos temas presentes nos poemas foi mais significativo para você?



Fonte: Elaborado pelos autores

O Gráfico 3 apresenta dados indicativos de que os temas apresentados pelos poemas foram significativos para os jovens, sendo que 23% deles reconheceram o tema preconceito como o mais importante; 24% o racismo; 17% a aceitação; e 30% identificaram como mais significativo o tema respeito às diferenças. O que demonstra que o *slam* na escola leva os alunos a pensarem, discutirem e exporem suas ideias sobre tais assuntos abertamente e sem julgamentos. De acordo com Garcia ([s.d.]

Para além de um instrumento pedagógico, o *slam* nas escolas desenvolve o diálogo entre os jovens, professores e pais. Ele é capaz de estimular o senso de empatia. Entender a si e ao outro, num compartilhamento de realidades tão invisibilizadas (Garcia, [s.d.], p. 1).

Cita-se aqui mais um trecho de poema feito por um aluno do 1º ano, com a finalidade de ilustrar os resultados das análises:

*"eu vi o JP falando da quebrada,
isso me atingiu assim do nada,
onde acontecem mortes fatais,
isso sim são fatos reais,
várias mortes por bala de fuzil
isso não é brincadeira infantil,
depois ouvi a Isa falar de luta e preconceito,
Só ali você já ganhou o meu respeito,*

*falando da periferia como se fosse uma melodia,
agora não sei porque tanto preconceito,
queria tanto uma vida de respeito,
então eu digo, cor da pele não é piada,
não fica achando que isso não vale nada,
acaba com esse bagulho de preconceito
então isso não é vida meu irmão”*

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Língua Portuguesa ainda privilegia antigas práticas pedagógicas que deixam muitos alunos desmotivados e desinteressados. É necessário repensar a concepção do que seja ensinar português. A presença do *slam* na escola motiva os alunos e torna as práticas pedagógicas mais atraentes e estimulantes, uma vez que trata temas relevantes aos alunos e utiliza uma linguagem própria dos jovens. Apesar da resistência inicial de alguns estudantes, as ações desenvolvidas acerca do *slam* alcançaram seus objetivos, pois tal resistência foi vencida pelos temas pertinentes e instigantes para os discentes.

O projeto de Iniciação Científica na escola proporcionou aos alunos pesquisadores a oportunidade de participar ativamente no processo de uma pesquisa, observando, coletando e analisando dados, escrevendo. O principal desafio para realizar esta pesquisa foi conseguir reunir o núcleo para desenvolver as atividades; as reuniões on-line eram inviáveis, pois todos moram em locais afastados onde o acesso à internet é precário. Tal obstáculo foi vencido através de encontros presenciais realizados no contraturno, na escola.

A presente pesquisa estimulou a participação ativa dos alunos-pesquisadores e do público-alvo, visto que ambos os grupos desenvolveram o protagonismo e o interesse pela escrita. Dessa forma, o “*slam* na escola” deve ser uma constante para que o interesse e a motivação não se percam e continuem incentivando a leitura, bem como o engajamento dos estudantes na produção de poemas e declamações em batalhas. Porém, faz-se necessário a realização de mais estudos sobre o tema, pois há poucas referências literárias sobre o gênero *slam* e sua relevância no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CAFIERO, D. Letramento e leitura: formando leitores críticos. In: RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. (coord). *Língua Portuguesa: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2011-pdf/7840-2011-lingua-portuguesa-capa-pdf/file>. Acesso em: 09 dez. 2024.

COSTA, V. Slam Poetry – Batalhas de Poesia. Sesc, 23 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.sescrrio.org.br/noticias/cultura/slam-poetry-batalhas-de-poesia/>. Acesso em: 08 dez. 2021

GARCIA, C. L. O slam nas escolas: Para além da manifestação urbana. *Fala! Universidades*, [s.d.]. Disponível em: <https://falauniversidades.com.br/slam-nas-escolas-manifestacao-urbana/>. Acesso em: 12 ago. 2021.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MINAS Gerais. *Resultados por escola-proficiência*. SIMAVE/PROEB – 2019. Secretaria de Estado de Educação, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <https://simave.educacao.mg.gov.br/resources/arquivos/colecoes/2019/SIMAVE%202019%20RG%20WEB.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2024.

NEVES, C. A. B. Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, 2017. Disponível em: <https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615>. Acesso em: 09 dez. 2024.

TEIXEIRA, A; GOMES, S. S. Ensino Médio em foco: um estudo da compreensão leitora em programas de avaliação externa. *Anais*. VI Congresso Internacional em Avaliação Educacional, Fortaleza, 2015, p. 951- 969.

A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO NA GESTÃO DE CONFLITOS DENTRO DO CONTEXTO ESCOLAR

Daniara Silva Oliveira¹, Giovanna Paula Isabela de Jesus Batista¹, Jeferson Marques Pereira¹, João Pedro Sérgio da Silva¹, João Victor Rocha de Lima¹, Lorryne de Oliveira Silva¹, Marcela Cristina Nascimento de Carvalho¹, Maxwell Ramos de Oliveira¹, Scarlet Rocha da Silva¹, Wendel Venâncio Felipe das Neves¹, Jordânia de Cássia Oliveira Silva², Márcia Patrícia Barboza de Souza³

1 INTRODUÇÃO

A Escola Estadual Cristiano de Souza (EECS) está situada na zona urbana do município de Lavras/MG. Atualmente, a escola iniciou o plano de atendimento para ensino de tempo integral, que tem por objetivo integralizar todos os anos de escolaridade ofertados pela escola até o ano de 2023. A Educação Integral, prevista na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), pressupõe o desenvolvimento pleno do/a estudante em sua dimensão acadêmica, física, social, emocional e cultural.

1 Escola Estadual Cristiano de Souza (Campo Belo/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Cristiano de Souza (Campo Belo/MG), jordania.oliveira@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Cristiano de Souza (Juiz de Fora/MG), marcia.barboza@educacao.mg.gov.br.

No tocante à pesquisa e ao contexto do Regime Especial de Atividades Não Presenciais - REANP (Minas Gerais, 2020), a complexidade que envolve o retorno gradual das aulas presenciais, somada a outros fatores, torna evidente que nossos(as) jovens estão se sentindo cada vez mais conturbados(as) para lidar com as adversidades que surgem, as quais requerem não somente uma formação cognitiva, mas também uma inteligência emocional. O que, a saber, de acordo com a BNCC (Brasil, 2018), diferentemente de habilidades cognitivas, as habilidades socioemocionais, que compõem o conceito de inteligência emocional, referem-se às emoções, ao reconhecimento próprio e às relações interpessoais.

Questões como essas estão diretamente relacionadas ao aprender a administrar as próprias emoções. Nesse sentido, percebe-se que a educação escolar do século XXI tem um olhar voltado para a formação de seres humanos preparados não apenas cognitivamente, mas também proativos e emocionalmente inteligentes. À vista disso, e partindo da necessidade de desenvolver plenamente o protagonismo juvenil, a BNCC traz a Competência Socioemocional como um de seus pilares, visando “o desenvolvimento integral do ser humano objetivando o pleno desenvolvimento do estudante, seu crescimento como cidadão e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 2018, p. 9).

Dessa forma, a presente pesquisa torna-se relevante por se tratar de uma temática necessária dentro do nosso contexto escolar, pois temos enfrentado diversos conflitos envolvendo docentes, discentes e demais funcionários, acarretando o acionamento das autoridades, mas não na resolução dos problemas.

Para nortear nosso trabalho, embasamo-nos em autores, como Daniel Goleman, psicólogo, escritor e jornalista que traz uma abordagem acerca da ciência comportamental em seu *best-seller* “Inteligência Emocional” (2012 [1995]), e sua relevância no gerenciamento dos sentimentos. Pautamo-nos também nos estudos e reflexões feitos por Marshall Rosenberg (2021 [1999]), psicólogo que implementou técnicas de Comunicação Não Violenta (CNV), que busca a resolução de conflitos por meio de diversas práticas que estimulam a compaixão e a empatia.

2 DESENVOLVIMENTO

A presente pesquisa pauta-se na pesquisa-formação, do tipo qualitativa, a qual trata-se de uma metodologia que contempla a possibilidade de mudança das práticas, bem como dos sujeitos em formação. Dessa forma, a pessoa é ao mesmo tempo objeto e sujeito da formação (Nóvoa, 2004). Tal proposta sugere que a partir de situações-problemas, os sujeitos da pesquisa se tornem protagonistas, reflitam sobre as possibilidades de resolução e discorram sobre possíveis soluções. O professor-orientador é um mediador, incentivador nesse processo da aprendizagem, auxiliando os estudantes a ressignificarem atitudes e comportamento diante das situações-problemas por eles identificadas.

Para tanto, o aprofundamento em estudos teóricos se fez necessário, pois fundamentou as ações que foram desenvolvidas dentro do ambiente escolar. Fizemos um grupo de estudos e em todas nossas reuniões discutimos os pontos relevantes das bibliografias basílicas de nossa pesquisa, como Goleman (2012) e Rosenberg (2021). Após esses estudos, os pesquisadores foram organizados em subgrupos para discutirem temas específicos relacionados aos conflitos observados na escola e colocados em pauta em nossas reuniões.

Com base nessas observações, investigamos como a escola gerencia a solução desses conflitos a partir do ponto de vista dos alunos do Ensino Médio. Essa investigação inicial ocorreu por meio da elaboração de perguntas compiladas no Google Formulários e direcionadas ao público-alvo desta pesquisa. Os dados foram coletados através de formulários estruturados por tipos de conflitos, como já mencionado. Inicialmente, nas perguntas do formulário, buscamos traçar um perfil dos participantes a partir de 9 perguntas básicas sobre idade, gênero, cor/raça, questões socioeconômicas. Na sequência, organizamos 12 perguntas por seção, de acordo com cada categoria de conflitos, as quais foram: conflitos entre gestão e alunos, alunos e seus pares, e professores e alunos.

Os dados obtidos em formato de gráficos foram analisados e, por questões de limites de páginas neste relato, optamos por selecionar 7 perguntas de cada categoria e apresentá-las de forma descritiva. Cada subgrupo de pesquisadores analisou uma categoria. Na sequência, analisamos as respostas como um todo, para que fôssemos capazes de responder ao nosso problema de pesquisa: *Como a escola pode promover o protagonismo juvenil e contribuir para o desenvolvimento de competências socioemocionais?*

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Perfil dos investigados

A Escola Estadual Cristiano de Souza tem um total de 105 alunos matriculados no Ensino Médio e apenas 35 alunos se propuseram a colaborar com a pesquisa de investigação dos pesquisadores da Iniciação Científica da escola. A partir das respostas dos alunos do Ensino Médio que participaram da investigação, pôde-se traçar um perfil dos participantes. Sua maioria, 54,3% (19 alunos) estão entre as idades de 16 e 18 anos; 34,3% (12 alunos) estão entre 14 e 16; e 11,4% (4 alunos) têm 18 anos ou mais. Os participantes do sexo feminino representam 62,9% (22 alunas) e 37,1% (13 alunos) são do sexo masculino. No que se refere à cor, 54,3% (19 alunos) se declararam pardos; 31,4% (11) se declararam brancos; 11,4% (4) se declararam pretos e apenas 2,9% (1 aluno) se declararam amarelos.

No que se refere às crenças religiosas, 54,3% (19) se declararam católicos; 22,9% (8) evangélicos; 17,1% (6) disseram não terem religião; enquanto 5,7% (2) responderam outros. No que se refere à orientação sexual, 80% (28) disseram ser heterossexuais e 20% (7) serem LGBTQIAP+.

A pesquisa buscou também investigar um pouco sobre o ambiente em que vivem e com quem moram: 82,9% (29) moram com os pais; 8,6% (3) com familiares; 2,9% (1) diz morar sozinho; 2,9% (1) mora com avós; e 2,9% (1) respondeu morar com outros. Sobre a quantidade de pessoas

residentes na mesma casa, 60% (21) disseram ser de três a cinco pessoas; outros 25,7% (9) responderam que somente duas; enquanto 14,3% (5) revelaram morar com cinco ou mais pessoas. Ainda sobre o ambiente em que moram, no que se refere a quantos cômodos há na casa, 80% (28) disseram ter cinco ou mais; outros 17,1% (6) responderam ter entre três e cinco; e 2,9% (1) responderam de dois a três.

Para finalizar a primeira etapa, a respeito da renda familiar mensal bruta, 48,6% (17 alunos) declararam que a família recebe R\$ 1.212,00 reais; 25,7% (9 alunos) que recebem entre R\$ 1.212,00 e R\$ 3.636,00; enquanto 17,1% (6 alunos) R\$ 5.000,00 ou mais; 8,6% (3 alunos) disseram que a família recebe entre R\$ 3.636,00 e R\$ 4.848,00.

Conflitos entre alunos e professores

De acordo com a proposta de investigação, no que se refere à gestão de conflitos, a presente pesquisa se propôs a analisar como os alunos e os professores são capazes de lidar com as questões conflituosas que surgem dentro do ambiente escolar. Em uma das questões analisadas, percebemos que a maioria (45,7% dos investigados) disse ser capaz de manter o autocontrole em caso de um conflito com os professores. Visto que essa é uma habilidade emocional essencial para a resolução dos conflitos que geralmente ocorrem na sala de aula. Já a outra parcela, 42,9% dos estudantes, disseram que não fariam nada em relação a isso, mas ficariam com o assunto na cabeça. Contudo, essa ação inibe o desenvolvimento da habilidade de articulação e resolução de problemas dos alunos. É nesse sentido que a cultura do diálogo e do respeito precisam ser nutridas (Catão, 2019).

Outro dado interessante foi que 74,3% dos alunos acreditam que o motivo de não estarem entendendo a matéria, o que, consequentemente, gera o conflito, ocorre por falta de diálogo entre eles e seus professores. Isso mostra a necessidade de ações que desenvolvam a inteligência emocional de ambas as partes para conseguirem dialogar entre si e resolverem essas questões mais pontuais. É evidente que, por se tratar de uma escola

em tempo integral, é necessária uma formação docente voltada para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, para que professores(as) possam ser capazes de lidar com as demandas que surgem no contexto da escola. Nesse sentido, é crucial que os alunos tenham pessoas que façam parte do seu dia a dia na escola e entendam o que estão sentindo.

Um resultado preocupante em outra questão abordada e geradora de conflito foi o fato de que 6 alunos responderam terem sofrido abuso sexual dentro do ambiente escolar. Não sabemos ao certo se eles realmente entenderam a pergunta e se foram sinceros ao responder. Todavia, em momentos como esse, faz-se necessário o apoio profissional de um psicólogo dentro da escola que saiba orientar a comunidade escolar sobre como proceder nessas situações. Concordamos com o autor Rosenberg ao afirmar que: “a cura se dá quando falamos sobre o que está acontecendo no momento do agora” (Rosenberg, 2019 p. 83), visto que reprimir sentimentos e emoções resultantes de fatores pode levar à depressão e até ao suicídio. Isso não é algo que deve ser ignorado.

Também em nossa investigação, notamos que dos 35 alunos participantes da pesquisa, cerca de 24 (68,6%) dependem do professor para resolverem um determinado conflito, e cerca de 10 alunos (28,6%) disseram não conseguir resolver seus conflitos por si mesmos. Segundo Rosenberg, em seu livro *Comunicação não Violenta*, “quando se cria o vínculo, o problema geralmente se resolve” (Rosenberg, 2019, p. 195). E quando esse vínculo, essa confiança mútua, não acontece, é mais difícil resolver o conflito.

Um dado que também merece atenção é o seguinte: dos 35 participantes, 9 (25,7%) responderam que já sofreram assédio moral no ambiente escolar, um dado alarmante por se tratar de um contexto escolar.

Por fim, a respeito do isolamento social durante a pandemia, 29 alunos (82,9%) responderam que acreditam que o isolamento prejudicou suas relações pessoais dentro da escola, e outros 6 participantes (17,1%) responderam que não tiveram suas relações afetadas. Conclui-se que a pandemia teve um grande impacto na vida emocional dos estudantes,

pois também é no ambiente escolar onde são desenvolvidas as relações pessoais entre os alunos.

A vista disso, concluímos que, no que diz respeito às relações entre professores e alunos, a falta de diálogo é o ponto que merece destaque. Isso nos remete ao nosso problema de pesquisa, que questiona como a escola pode desenvolver o protagonismo juvenil e ainda contribuir para o desenvolvimento das competências socioemocionais. Dessa forma, verificamos que no ambiente escolar, em geral, é necessária a presença de um mediador para as questões socioemocionais da própria escola, que seja capaz de promover um diálogo assertivo entre os discentes e os docentes.

Conflitos entre alunos e seus pares

A investigação acerca da gestão de conflitos se propôs a analisar como os alunos e seus pares são capazes de lidar com as questões divergentes que surgem no ambiente escolar. De acordo com a pesquisa, 40% (14 alunos) creem que os conflitos são resolvidos acionando a direção da escola; 31,4% (11 alunos) apontam que são resolvidos por meio de diálogos e pedidos de desculpas; e 28,6% (10 alunos) concluíram que os mal-entendidos não são resolvidos. Nesse sentido, pode-se analisar que, em sua maioria, os alunos não são capazes de resolver suas questões de maneira dialogada e acabam buscando auxílio da direção escolar.

Outro ponto investigado que vale ressaltar foi que os alunos disseram não ser capazes de dialogar entre si e encontrarem uma solução para o desentendimento. Os discentes disseram sentir falta de algum servidor que seja capaz de mediar os conflitos. Como mostram os resultados, 68,6% (24 alunos) destacam essa necessidade, enquanto apenas 31,4% (11 alunos) disseram não ser necessário.

Sobre os motivos geradores de mal-entendidos entre os alunos, 42,9% (15 alunos) responderam que são as opiniões dadas desnecessariamente um dos aspectos que contribui para essa situação. Já 34,3% (12 alunos) dos respondentes concluíram que é a fofoca. Outros 22,9% (8 alunos)

responderam que o fator é a grosseria dos colegas. Isso reflete o quanto trabalhar com a inteligência emocional no ambiente escolar é importante, pois opiniões desnecessárias foram o agravante na geração de conflitos, segundo a maioria dos alunos. Segundo Rosenberg (2019, p. 40), “somos perigosos quando não temos consciência da responsabilidade pelos próprios comportamentos, pensamentos e sentimentos.”

O assédio sexual é um assunto muito delicado e pouco discutido na escola. É considerado até um tabu em muitos contextos e, quando se trata desse ocorrido dentro da escola, torna-se ainda mais preocupante, visto que 11 dos 35 alunos disseram já terem sofrido abuso sexual em relação aos seus pares. Contudo, vale ressaltar que essa situação não foi levada ao conhecimento da direção e dos professores até a presente investigação. Dessa forma, isso nos faz pensar em como a escola pode propor ações que conscientizem e coíbam tais situações, pois os alunos são menores de idade, e a escola deve ser um ambiente acolhedor e protetor.

O assédio moral também é um assunto que deveria ser mais abordado no ambiente escolar, pois 37,1% (13 alunos) não sabem como agir, enquanto 51,4% (18 alunos) disseram já ter sofrido assédio moral e 48,6% (17 alunos) afirmaram não o ter vivenciado. Nesse sentido, percebemos a importância de dar mais visibilidade para esse assunto, pensando principalmente no grupo de alunos que afirmaram não saber como agir diante desse tipo de situação.

O tema *bullying* não é recente, e entre alunos e seus pares é algo que ocorre com bastante frequência nas salas de aula. De acordo com a pesquisa, 57,1% (20 alunos) dos respondentes afirmaram que o *bullying* ocorre com grande frequência. Enquanto 42,9% (15 alunos) responderam que não. Diante desse resultado, percebe-se a necessidade de proposições mais afirmativas para lidar com tais questões.

Nesse sentido, e pensando no problema da pesquisa em questão, sobre como a escola pode contribuir com o desenvolvimento das competências socioemocionais e ainda promover o protagonismo juvenil, chegamos a uma possível constatação: envolver os adolescentes em

situações que possibilitem o desenvolvimento da capacidade de dialogar e resolver suas próprias questões se faz necessário para o próprio amadurecimento emocional.

Conflitos entre alunos e gestão

Nossa pesquisa se propôs a investigar também como os alunos e a gestão escolar são capazes de lidar com as questões conflituosas que surgem dentro do ambiente escolar. Dessa forma, a partir da pergunta de pesquisa no que se refere aos motivos pelos quais os estudantes procuram a supervisão da escola, pôde-se perceber que 31,4% (11 alunos) a procuram quando estão passando mal e 11,4% (4 alunos) quando há briga na sala. Enquanto 28,6% (10) disseram procurar a supervisão quando necessitam de algo (materiais escolares entre outros), 28,6% (10 alunos) disseram procurar em todas as circunstâncias.

Outro ponto investigado foi a proibição do uso dos espaços da escola como fator gerador de conflitos entre alunos e gestão escolar. Dos 35 participantes, 91,4% (32 pessoas) disseram que sim, gera conflitos. Entretanto, 8,6% (3 participantes) disseram que essa proibição não traz nenhum tipo de tormento. No tocante à questão da proibição sem que haja um diálogo entre as partes, foi constatado que, quando tal ato tem apenas um objetivo punitivo, não traz aprendizagem e nenhuma reflexão aos alunos, mas se torna mais um gatilho para conflitos.

No que se refere à pergunta sobre constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual (assédio sexual), dos 35 participantes, 82,9% (29 respondentes) disseram que nunca foram constrangidos pelos gestores. Enquanto 17,1% (6 pessoas) disseram que sim, já se sentiram constrangidas. Dado preocupante, pois a escola deveria ser um espaço para acolher e cuidar dos jovens, principalmente dos mais vulneráveis.

Outra questão importante foi sobre assédio moral (quando há a exposição de alguém a situações humilhantes e constrangedoras,

repetitivas e prolongadas). Dos 35 participantes, 9 (25,7%) responderam que “sim”, que já foram humilhados pela gestão escolar. Esse também é um ponto importantíssimo, visto que a gestão deveria ser acolhedora e ajudar os alunos e alunas a se sentirem confortáveis e a falarem sobre qualquer tipo de assunto relacionado à escola.

Um ponto também investigado foi sobre a gestão acionar a polícia em muitas questões de conflitos que surgem. Dos 35 participantes, 54,3% (19 alunos) responderam que concordam, enquanto 45,7% (16 pessoas) disseram não apoiar essa atitude de acionar a polícia, considerando que, em sua maioria, os estudantes envolvidos nos conflitos são menores de idade.

Por fim, quando questionados sobre as situações conflituosas dentro do ambiente escolar e se poderiam ser resolvidas com diálogos, 94,3% (33 alunos) disseram que sim, enquanto 5,7% (2 alunos) responderam que não. Saber ouvir o que de fato está sendo dito pelo outro e expressar o que de fato queremos dizer, embora pareça tarefa simples, é uma das mais difíceis. Desenvolver essa habilidade de dialogar se faz necessário para a formação integral do jovem.

Rosenberg (2019) apresenta habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem nossa capacidade de manter a humanidade, mesmo em condições adversas. A cada interação, conversa e pensamento, vemo-nos diante de uma escolha: promover a paz ou perpetuar a violência. Para ele, a linguagem que usamos é a chave para tornar a vida mais plena.

Nesse sentido, concluímos que, a partir do nosso problema de investigação sobre como a escola pode promover o protagonismo juvenil e ainda contribuir para o desenvolvimento das competências socioemocionais dos estudantes, no que se refere à gestão escolar e à relação com os alunos, percebemos a necessidade de um diálogo mais eficiente entre os envolvidos, para que a maioria dos conflitos seja resolvida de maneira pacífica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a investigação realizada e o estudo sobre a inteligência emocional, foi possível vermos o mundo com outros olhos. Começamos a entender e a compreender as nossas emoções e as dos outros, coisa que nunca tínhamos parado para pensar. Sentimos dificuldade ao tentar sistematizar os resultados obtidos e articulá-los à literatura base da pesquisa, e ainda nos atentarmos à quantidade de páginas limite. No entanto, concluímos que, a partir dos resultados apresentados, podemos traçar possíveis estratégias que minimizem os problemas relacionados à gestão de conflitos na escola, e desenvolvam a inteligência emocional e a habilidade de diálogo dos alunos, como uma estratégia eficaz para uma comunicação não violenta.

É importante ressaltar que as questões que envolviam as temáticas de assédio até a data da investigação não foram levadas a conhecimento da direção escolar tão pouco aos professores. Diante disso, após tomarmos conhecimento desses fatos, será possível a proposição de ações mais efetivas de conscientização e inibição de tais questões.

Percebemos igualmente o quanto é importante o desenvolvimento da capacidade de dialogar com clareza, a responsabilização pelas nossas ações e o reconhecimento dos nossos próprios sentimentos para a resolução dos conflitos dentro da escola, pois, como pontua Rosenberg (2021, p. 40), “somos perigosos quando não temos consciência da responsabilidade pelos próprios comportamentos, pensamentos e sentimentos”.

Nesse sentido, é importante a elaboração de propostas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento da inteligência emocional dentro do ambiente escolar que incluam toda a comunidade escolar, visto que os conflitos são inerentes aos seres humanos e podem ser resolvidos de maneira mais dialogada, sem que envolva o acionamento de autoridades policiais em assuntos que podem ser resolvidos, de maneira pacífica, com os atores da escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

CATÃO, A. L. P. *Mediação de Conflitos: Educação em Direitos Humanos*. São Paulo: Vlado Educação, 2019. Disponível em: <https://respeitarepreciso.org.br/wp-content/uploads/2019/10/mediacao-de-conflitos.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2025.

GOLEMAN, D. *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MINAS Gerais. *Documento Orientador*. Regime Especial de Atividades não Presenciais. Versão 2, Governo do Estado de Minas Gerais, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1KYPDnsFqVKHnmYYgLg-VGHWMKkyeMrNak/view>. Acesso em: 21 dez. 2024.

NÓVOA, A. Prefácio. In: JOSSO, M. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez Editora, 2004, p. 11-34.

ROSENBERG, M. B. *A Linguagem da Paz em um Mundo de Conflitos*. São Paulo: Palas Athena, 2019.

ROSENBERG, M. B. *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Agora, 2021.

REDESCOBRINDO O ALUNO COMO SUJEITO DE SUA HISTÓRIA NA COMUNIDADE ESCOLAR

Clarice Barbosa Sampaio¹, Daniel Berg Donadio Creton¹, Danielly Mendes Lopes¹, Erica Cosme Lemes de Oliveira¹, Erika Ribeiro de Souza¹, Glenda Simões De Souza¹, Isabella Nogueira Brum¹, Karina Batista Teixeira¹, Leticia Aparecida Ferreira Silva¹, Lucas Nogueira do Carmo¹, Tássia Barbosa Machado¹, Vanessa de Souza Marquete¹, Mariana Vitorino da Silva², Mayara Amanda Januário³

1 INTRODUÇÃO

O protagonismo dentro do ambiente escolar

O protagonismo é a base para o melhor desenvolvimento dos estudantes-pesquisadores. É uma forma casual de dizermos que os alunos devem estar preparados para o futuro. A criação do futuro vem desde já, e sua base depende do protagonismo no presente. Percebe-se que além de usar o aprendizado teórico, o conhecimento deve estar ancorado na

1 Escola Estadual Pedro Inácio Nogueira (Espera Feliz/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Pedro Inácio Nogueira (Espera Feliz/MG), mariana.amorim@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Galdino Ananias de Santana (Ressaquinha/MG), mayara.januario@educacao.mg.gov.br.

realidade vivenciada pelo estudante. Afinal, será o protagonismo dos alunos uma realidade experimentada nas salas de aula?

É verdade que muitos professores se adaptam melhor no ensino teórico, mas também muitos professores estão estimulando o protagonismo dentro das salas de aula como uma forma de interação entre professores e alunos, mostrando a eles uma nova forma de buscarem conhecimento.

Nos dias atuais, constata-se que o protagonismo está cada vez mais presente na vida dos alunos, buscando conhecimentos, fazendo pesquisas, conhecendo monumentos, produzindo entrevistas, analisando arquivos e documentos da escola, aprimorando o uso das tecnologias.

Levando em conta que o aprendizado ocorre em fatores diversos, essa nova proposta de pesquisa teve, num primeiro momento, um estranhamento entre alunos e professores. Assim foi no exercício de Iniciação Científica. O estímulo ao protagonismo trouxe novas experiências e oportunidades de compreender o funcionamento do novo ensino e ressignificou o papel de cada um nesse processo. Ademais, a abordagem mostrou-se proveitosa ao problematizar o envolvimento discente enquanto sujeito histórico, no resgate e na reconstrução de suas identidades. Buscando novos interesses e conhecimentos; mesmo com dificuldades, nota-se que todos estão dispostos a se descobrirem como protagonistas.

Abordaremos neste relato algumas reflexões sobre a construção desse protagonismo e, de modo principal, mostraremos formas de se descobrir como sujeito e protagonista da própria história. Dentro desse processo, identificar quais são os pontos positivos e negativos, considerando um conjunto de mudanças no âmbito curricular.

Como protagonistas no modelo do novo Ensino Médio, perceberemos que ainda estamos nos adaptando. Buscamos uma verdadeira reconstrução de nosso passado, um recontar de nossas origens, famílias e comunidade escolar. Entendemos que o protagonismo parte da identificação de quem somos nós, em uma perspectiva histórica. Para isso, trabalhamos com diversas fontes: entrevistas, relatos de memória, fotos antigas e atuais da escola, e documentos como o PPP (Projeto Político Pedagógico).

Entendemos que a cultura precisa ser valorizada e um dos objetivos deste relato é resgatar nossa cultura local, os hábitos, as comidas, as religiões, as festas, as músicas, as danças. A valorização da história local oportuniza a construção do sujeito histórico, numa definição aproximada de protagonismo que se espera enquanto prática escolar.

2 DESENVOLVIMENTO

O aluno se identificando como sujeito da história local

O presente trabalho proporcionou o melhor conhecimento do município de Espera Feliz, que está situado na mesorregião da Zona da Mata mineira. Com área de 317, 638km², limitando-se ao Norte pelos municípios de Alto Caparaó e Caparaó, ao Sul pelos de Carangola e Caiana, a Leste pelo de Dolores do Rio Preto, no Espírito Santo, e a Oeste pelo de Divino. É parte integrante do maciço do Caparaó.

Nesse município, em 1964, nascia uma escola denominada “Lar Escola São Gonçalo”. Em um terreno doado pelo idealista senhor Pedro Inácio Nogueira, que não mediu esforços para construir em sua comunidade uma nova história, criar raízes e planejar um futuro melhor para todos. Desde o início, a escola buscou formar pessoas capazes de realizarem seus projetos de vida, considerando suas ideias, sonhos e histórias.

A conexão entre os ideais de Pedro Inácio e a possibilidade de um futuro melhor para os filhos dessa terra fez surgir a primeira escola no povoado São Gonçalo, que passou depois de alguns anos a receber também o nome do padroeiro da comunidade, denominada então de Escola Estadual São Gonçalo.

Em sua trajetória, encontram-se histórias pessoais vividas pelos alunos. Gente que se realizou profissionalmente nos mais diferentes campos de interesse, gente que conseguiu concretizar os sonhos pessoais, fazendo da história da escola um sonho coletivo, uma realidade.

Em 2009, em homenagem ao benfeitor Pedro Inácio Nogueira, através da Lei nº 18.569, a escola passou a denominar-se “Escola Estadual

Pedro Inácio Nogueira”. Hoje, essa história continua, em um mundo cada vez mais conectado, complexo, competitivo, protagonista.

A escola investe na formação de cidadãos comprometidos em construir um mundo melhor, não só para eles mesmos, mas para os outros e para as futuras gerações. Pessoas capazes de fazer escolhas, inseridas numa educação humanista, pautada nos princípios da educação democrática para a construção coletiva e comunitária.

Incentivando a busca constante por conhecimento, curiosidade, criatividade, inovação, disciplina e perseverança, num ambiente que acolhe o novo, a escola abraça as diferenças e valoriza o passado para a construção do presente e do futuro. Acima de tudo, buscando alimentar e desafiar as mentes e os corações de nossas crianças e jovens para que possam usufruir plenamente de seus potenciais e encontrar seus caminhos, transformando desejos em realizações, conseguindo formar protagonistas, agentes de transformação.

Combinação perfeita entre o antigo e o moderno

Os pilares que sustentam a estrutura da escola são os familiares responsáveis pelos alunos atuantes e participativos, que moram há mais tempo na localidade. Tendo laços familiares enraizados, são pessoas que detêm o poder econômico da região, moradores fixos, antigos, donos das propriedades rurais, que movimentam a economia local, proporcionam oportunidade de trabalho temporário, prezam pelas suas famílias, pelas suas raízes, mantendo seus valores religiosos, morais, gastronômicos e outros.

O olhar investigativo buscou valorizar e identificar esses indivíduos e seus modos de vida marcantes e característicos da região. Eles participam ativamente da organização da Comunidade Escolar, tornando a Escola um Patrimônio Cultural Local, que produz e reproduz valores que movem a sociedade circundante, composta por estudantes que são descendentes dessas famílias. Assim, a escola é um lugar onde os estudantes são protegidos, estimulados ao processo de aprendizagem, tratados com

respeito, com igualdade, atendendo a sua individualidade. A escola é a segunda casa do aluno.

A identidade local pode ser definida como a construção do “eu” e do “outro” e a construção do “eu” e do “nós”, que têm lugar nos diferentes contextos da vida humana e nos diferentes espaços de convívio social. Essa construção baseia-se no reconhecimento de semelhanças e diferenças; de mudanças e permanências. Sobre o assunto:

A identidade nacional (...) é uma das identidades a ser constituídas pela História escolar, mas, por outro lado, enfrenta ainda o desafio de ser entendida em suas relações com o local e o mundial. A constituição de identidades associa-se à formação da cidadania, problema essencial na atualidade, ao se levar em conta as finalidades educacionais mais amplas e o papel da escola em particular (Bittencourt, 2009, p. 121).

Nossa discussão teórica versou sobre o conceito ampliado de cultura. Por cultura, entende-se todas as ações por meio das quais os povos expressam suas “formas de criar, fazer e viver”, conforme consta na Constituição Federal de 1988, artigo 216 (Brasil, 1988).

A cultura engloba tanto a linguagem com que as pessoas se comunicam, contam suas histórias, fazem seus poemas; quanto a forma como constroem suas casas, preparam seus alimentos, rezam, fazem festas. Enfim, suas crenças, suas visões de mundo, seus saberes e fazeres. Trata-se, portanto, de um processo dinâmico de transmissão, de geração a geração, de práticas, sentidos e valores, que se criam e recriam (ou são criados e recriados) no presente, na busca de soluções para os pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrenta ao longo da existência.

Entendendo o aluno também como produtor de cultura, ao passo que ele é proveniente de uma realidade cultural que o cerca, reconstruir esse diálogo no âmbito escolar se mostrou bastante proveitoso na valorização de nossas identidades. O novo ensino, o novo perfil do professor, o novo aluno, a nova estrutura metodológica, já estão presentes dentro do mesmo espaço escolar do passado e do presente.

Apesar das reformas nas construções, a localidade, com suas raízes culturais, permanece a mesma; porém o antigo se mistura com o moderno. Ou, numa metáfora que alude à vocação econômica do município, da mesma forma que o café se mistura com o leite, produzindo uma combinação perfeita, assim constata-se a cultura local absorve, adapta e reacomoda aquilo que é novo.

Sobre esse conceito, o professor Holien Gonçalves Bezerra afirma:

Cultura não é apenas o conjunto de manifestações artísticas. Envolve as formas de organização do trabalho, da casa, da família, do cotidiano das pessoas, dos ritos, das religiões, das festas etc. Assim, o estudo das identidades sociais, no âmbito das representações culturais, adquire significado e importância para a caracterização de grupos sociais e de povos (Bezerra 2003, p. 46).

A cultura vai sendo transferida de geração a geração, num processo de transição, de junção de valores culturais, em meio às transformações do processo de aprendizagem que estão ocorrendo na escola. A solução para os problemas educacionais no momento é aprender a conviver com respeito às diversas gerações, utilizando o que deu certo no passado, mas com uma nova roupagem do uso das inovações tecnológicas.

Assim tudo vai se misturando e se encaixando, produzindo uma combinação perfeita entre antigo e o moderno em meio ao processo de aprendizagem, tornando cada vez mais o aluno um cidadão protagonista. Em meio à transição, identificamos a escola como um ambiente para a incorporação de inovações protagonistas e de produção cultural. Ou melhor, definindo nossa realidade e objeto de pesquisa, em meio à comunidade escolar, passamos a compreender o patrimônio da cultura local pertencendo à história da comunidade escolar.

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial:[...] nos quais se incluem: I- as formas de expressão; II- os modos de criar, fazer e viver; III- as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV- as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (Bittencourt, 2009, p. 134).

Nesse sentido, elegemos duas ações que compunham o conjunto de nossa metodologia de trabalho para sustentar o que foi discutido em nossa etapa teórica. Nós, estudantes-pesquisadores, realizamos, nos meses de maio e junho, entrevistas com funcionários e moradores mais antigos da comunidade escolar que foram motivados a construir seu próprio relato pessoal, sobre sua história e relação com a comunidade. Feito isso, nos meses de julho e agosto, foram levantados dados relativos à experiência adquirida no novo Ensino Médio, em relação às bibliografias estudadas, análise dos documentos e arquivos da escola.

Nós vivenciamos um grande desafio para conseguirmos executar as tarefas, do cronograma do projeto. No primeiro momento de interação com as atividades, apresentamos uma desconfiança em trabalhar com pesquisa em um ambiente em que já éramos acostumados com as pessoas, com a rotina da comunidade escolar. O objetivo era pesquisar sobre algo que era de conhecimento de todos, porém constatamos que não seria um trabalho fácil, mas sim cheio de obstáculos, tendo um estranhamento por parte do grupo pesquisador, fato que atravessou a questão fundamental da pesquisa: o ideal do reconhecer-se como protagonista e admitir a própria realidade como objeto de investigação.

Além disso, tivemos por obstáculo os alunos matriculados no Ensino Médio noturno, pois estavam agindo com distanciamento, tendo dificuldades em cumprir a carga horária em contraturno. Houve a substituição dos alunos do noturno pelos alunos matriculados no novo Ensino Médio Diurno, dessa forma, o trabalho começou a ser desenvolvido com uma maior interação dos alunos-pesquisadores.

As atividades envolveram entrevistas com funcionários e moradores da comunidade escolar que contribuíram para a construção da história da Escola Estadual Pedro Inácio Nogueira, identificando os valores culturais da região, a gastronomia, as atividades econômicas e sociais.

Em alguns momentos, o grupo questionou a importância desse tipo de trabalho, mas quando conduzido de modo investigativo reflexivo, demonstrou-se o quanto é valioso resgatar os costumes locais. Assim,

passamos a entender e enxergar nossa região com outra visão, valorizando o exercício de reflexão sobre os pontos positivos e negativos da história local. Ou seja, reconhecendo o que a História e as Ciências Sociais são capazes de fazer.

O trabalho foi tomando forma, os pesquisadores se identificando com os dados recolhidos e fazendo uma viagem ao passado das famílias tradicionais, analisando as fotos antigas, os projetos que já foram executados pela escola e documentos. Essa experiência transformou a mentalidade de todos, tanto os envolvidos diretamente quanto indiretamente com o projeto, mostrando como é necessário ter uma identidade histórica, se reconhecendo pertencente a um contexto histórico local.

O trabalho sobre História Local da Escola Estadual Pedro Inácio Nogueira partiu do pressuposto que a educação se faz a partir de múltiplos saberes e múltiplos espaços, conhecendo melhor as conexões entre a escola e a comunidade. A memória de seus moradores, recriada e recontada através da pesquisa, tornou-se uma forma de envolver os estudantes-pesquisadores em uma construção de saberes culturais sobre a escola e sobre sua comunidade escolar. Com este projeto, foi possível criar atividades sobre educação patrimonial, educação, e inclusão e direitos humanos, a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

Fomentou-se a identificação individual como parte de um coletivo, de um determinado grupo social, incluindo língua, comidas típicas, religiões, músicas locais, artes locais, vestimentas, entre inúmeros outros aspectos da comunidade escolar, admitindo a escola como agente cultural. Conseguimos nos tornar mais fortes: a comunidade escolar, construindo laços interdisciplinares do saber, motivamos na busca por um diálogo mais intenso e produtivo com a comunidade. Atendemos assim a uma das principais demandas e desafios da escola na atualidade que é promover a integração com a comunidade escolar.

Seguindo a metodologia de pesquisa aqui relatada e dialogando com os saberes educativos, culturais e históricos, fomos descobrindo a identidade da comunidade escolar. Nos questionamos como seria

possível a busca e a valorização dessa identidade histórica que traçamos. Ao partir do pressuposto de que os saberes da experiência são constituídos no exercício da prática cotidiana, na vivência da realidade local, entendemos que desenvolvemos uma verdadeira troca de saberes. Por essa razão, o trabalho priorizou fotos antigas, coleta de fontes e entrevistas na comunidade escolar.

Foi através dos relatos de pessoas mais idosas, documentos e arquivos da escola, que conseguimos realizar uma “reconstrução” da história cultural e local, baseada nas experiências de vida e narrativas orais de seus moradores mais antigos. A história oral é, portanto, a principal via de acesso às memórias dos moradores da comunidade escolar. Por meio dela, conseguimos entender a região local, quais eram suas formas, seus movimentos, suas imagens. Essa é uma metodologia que visou o diálogo com a memória, entendida como a faculdade de aprender, selecionar e lembrar, pois a memória é algo inquieto. Em nossa perspectiva de trabalho, a opção pela oralidade mostrou-se bastante reveladora e escondedora de lembranças, numa abordagem que revelou o sujeito histórico como protagonista de sua trajetória.

Com essa proposta de investigação, tivemos a concretização de alguns objetivos que juntos proporcionaram um trabalho bastante interessante sobre a história, a cultura e a identidade local, bem como a construção de um material rico, resultado da pesquisa.

O diálogo com a história local ainda suscitou um debate sobre memória e preservação do patrimônio, além de uma abordagem dialógica, constituindo uma interação entre as diferentes gerações. Alcançamos o reconhecimento de todas as contribuições dos antepassados para a constituição do presente, na escolha metodológica que fizemos.

É preciso ter em vista que esse é um tema que precisa fazer parte de nossas aulas cotidianas, é uma questão de interação de gerações que necessita de uma abordagem séria e comprometida. Geralmente o estudo da história local, pelas suas raízes, não é atrativo. Por vezes, prioriza-se um conhecimento que escamoteia as especificidades regionais e locais,

partindo de uma realidade completamente diferente. Deparando-se com um conhecimento ao qual não se tem nenhum vínculo, é comum se distanciar, criar barreiras para aprender História. Afinal, só temos afinidade com aquilo que conhecemos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões apresentadas neste trabalho, pode-se observar que o objetivo do estudo sobre a história da escola, a história local, idealizada pela comunidade escolar nos princípios de igualdade e equidade, foi alcançado em parte.

O trabalho ajudou nos debates sobre a função da escola e a democratização da cultura protagonista e digital nas sociedades das comunidades escolares de área rural. Nesse sentido, o tema central das discussões foi a atuação do aluno diante da escolarização protagonista que sofre oscilações devido a diferentes interesses ideológicos, sociais, políticos, religiosos, econômicos e culturais, que envolvem a localidade em que está inserida.

A partir do trabalho realizado pelos alunos protagonistas, sobretudo nossas vivências construídas e experimentadas, a abordagem aqui utilizada transcendeu os conteúdos escolares, que visam o aprimoramento do ensino por investigação. Espera-se, por fim, que essas discussões tenham contribuído com o objetivo do trabalho, que foi o resgate do aluno como sujeito histórico, nas concepções de uma educação protagonista, que ambiciona a conquista de uma escola mais democrática.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Agradecemos a todo o corpo docente e discente, a gestão escolar, aos profissionais da supervisão, secretários, bibliotecários, aos ASBs e a todas as famílias da comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, V. L. Ensino de História Local: Redescobrimdo Sentidos. *Saeculum* - Revista de História, João Pessoa, n. 15, 2006.

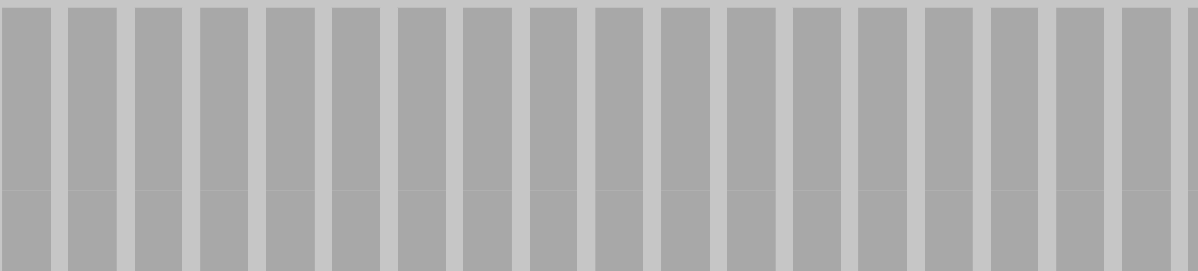
BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

BEZERRA, H. G. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2003.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 18 dez. 2024.

PARTE 3

IMPACTOS SOCIAIS DA PANDEMIA NOS CONTEXTOS EDUCATIVOS



MENSURANDO PARA TRANSFORMAR: PRODUÇÃO DE DADOS SOBRE O AGRAVAMENTO DA CRISE SANITÁRIA NO CONTEXTO SOCIAL DOS JOVENS DO 9º, 1º E 2º ANO DA E. E. PADRE JOÃOZINHO

Isabela de Oliveira¹, Letícia Pereira da Motta Cunha¹, Nicole Fernandes Coutinho¹, Paulo Sérgio Brunhara de Barros Filho¹, Ranielly Badaró Bernardo¹, Amanda Romero Faulhaber², Juarez Luiz Abrão³

1 INTRODUÇÃO

De forma geral, a concepção atual de juventude diferencia-se de concepções de outras épocas e outras culturas. Diferentes sociedades concebem momentos básicos do ciclo de vida, tais como: nascimento, inserção na sociedade e maturidade. Nesse sentido, devemos,

1 Escola Estadual Padre Joãozinho (Ubá/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Padre Joãozinho (Ubá/MG), amanda.faulhaber@educacao.mg.gov.br.

3 Tutor, Escola Estadual Professor Franco da Rosa (Varginha/MG), juarez.abrao@educacao.mg.gov.br.

contemporaneamente, compreender as juventudes a partir de recortes diversos, como cultura, identidade, religião, gênero, local de residência, classe social etc. Em especial, consideramos a escola como um espaço privilegiado para a realização de um projeto de pesquisa para entender a juventude e seus projetos para o futuro.

Nesse sentido, a presente pesquisa está voltada aos estudantes da Escola Estadual Padre Joãozinho e versa sobre as condições da juventude no contexto da pandemia de Covid-19. Os efeitos da pandemia reverberaram na vida de todos os cidadãos brasileiros, e todas as faixas etárias sofreram consequências. Tendo isso em vista, o interesse do núcleo de pesquisa foi mapear, analisar e criar soluções sistêmicas para as juventudes em questão diante da crise sanitária global.

Com o retorno das aulas presenciais e a flexibilização no Regime Especial de Atividades Não Presenciais (REANP), evidenciou-se profundas mazelas consequentes da pandemia na realidade dos jovens estudantes, sobretudo educacionais, sociais, econômicas e socioemocionais. Essas consequências afetam diretamente a vida dos jovens, seu presente e futuro. A crise sanitária mostrou também a face da crise econômica, social e política no contexto brasileiro.

Assim sendo, a importância deste relato de experiência consiste em identificar quais as principais áreas da vida dos estudantes que foram afetadas mediante o contexto pandêmico. O tema se prova relevante por produzir dados, a partir da percepção dos jovens em suas realidades sociais, sobre os efeitos da pandemia em suas vidas e, assim, promover o protagonismo entre os estudantes através da formulação de respostas sobre saúde, trabalho, educação e sociabilidade.

Ademais, com o desenrolar do projeto, por meio de um processo constante de diálogo e articulação entre os atores envolvidos, apresentamos à comunidade escolar os resultados da investigação, possibilitando o conhecimento capaz de fomentar transformações de um cenário de consequências do agravamento da crise sanitária, econômica, social e política, vivenciadas no presente pela juventude.

A produção científica deste projeto, por fim, desdobra-se no fortalecimento da autonomia e na articulação dos estudantes-pesquisadores, promovendo uma produção coletiva de conhecimento sobre seus contextos e situações sociais, além da realização de ações de transformação de tais contextos.

2 DESENVOLVIMENTO

Nossa pesquisa foi realizada na Escola Estadual Padre Joãozinho, localizada no bairro Antonina Coelho, conhecido como COHAB, na cidade de Ubá/MG. A escola atende estudantes de áreas de risco, situadas nos bairros do entorno da COAHB, tais como: Pires da Luz, Cibraci, Fazendinha, Miragaia, Chiquito Gazola, entre outros.

Os alunos participantes da pesquisa foram selecionados mediante alguns critérios, entre eles: o interesse em aprimorar seus conhecimentos sobre pesquisas científicas, apresentarem boa participação e rendimento em sala de aula e bom desempenho no relacionamento com colegas e professores. Ao longo dos primeiros meses do projeto, alguns alunos precisaram deixar a pesquisa por motivos particulares. Foi feito um novo convite aos demais estudantes e, por fim, permaneceram cinco alunos-pesquisadores até a finalização da investigação.

Realizamos as atividades de pesquisa a partir de fevereiro de 2022, e os procedimentos metodológicos, especificamente, de maio a agosto, durante cinco horas por semana de modo híbrido (presencial/online). Primeiro, introduzimos a leitura e a pesquisa científica, estudando as etapas e os procedimentos metodológicos de como fazer uma pesquisa, estudando e aprofundando pesquisas na área temática “Pandemia e Juventude”, aprimorando o nosso desenvolvimento teórico.

Após consolidarmos a bagagem teórica necessária, definimos três eixos norteadores, sendo eles: saúde/bem-estar, trabalho e renda, educação e aprendizagem. Seguindo os três eixos, iniciamos a produção do questionário, totalizando 25 perguntas aplicadas ao nosso público de ação

interventiva para coleta de dados. Cabe ressaltar que, além de detectarmos as questões relacionadas aos três eixos norteadores, consideramos importante traçar o perfil dos estudantes que responderam à pesquisa.

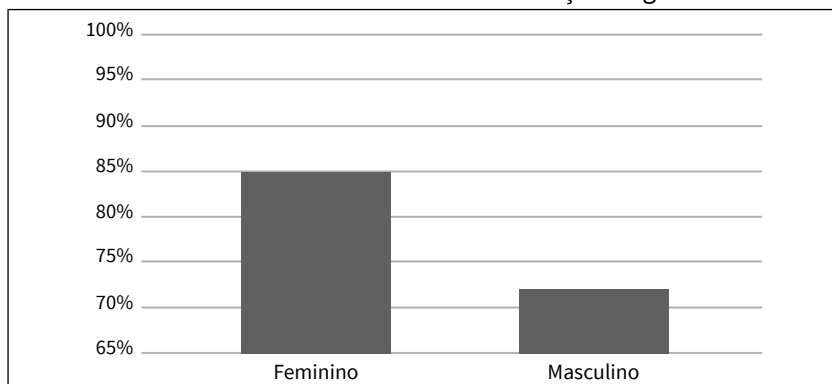
O perfil dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e dos estudantes do 1º e 2º ano do Ensino Médio foi traçado a partir de marcadores sociais de diferença e das seguintes categorias: idade, gênero, raça, distribuição geográfica e configuração domiciliar. Consolidamos os questionários de 162 alunos das turmas em questão, quantidade próxima ao total de estudantes ativos nessas séries.

Cada estudante-pesquisador ficou responsável por aplicar o questionário em duas salas, contamos com o total apoio da direção e da supervisão para a aplicação ser efetiva e correta. Além da aplicação, cada estudante-pesquisador do projeto ficou encarregado de tabular o conjunto de dados de um dos quatro eixos norteadores das perguntas contidas no questionário. Após o trato dos dados, nos juntamos e realizamos uma análise crítica sobre os resultados obtidos. Todo o percurso aqui relatado foi realizado com os estudantes-pesquisadores e os alunos que responderam ao questionário – tendo eles preenchido o termo de aceite e termo de assentimento, conforme solicitado pelo conselho de ética do ICEB, arquivado na escola em pasta própria do núcleo de pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

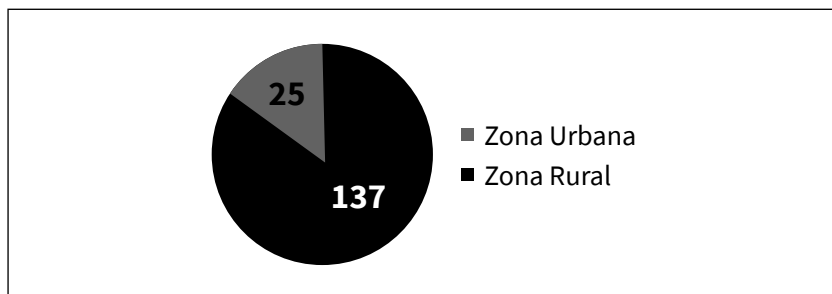
O questionário foi aplicado de forma não nominal, a fim de proteger a privacidade dos alunos, uma vez que entendemos que algumas perguntas tinham cunho muito pessoal, e a identificação dos entrevistados poderia afetar as respostas e, consequentemente, os resultados da pesquisa. Nosso questionamento inicial foi: “quem são os estudantes e suas identidades”; por isso começamos com o perfil dos jovens que responderam ao questionário. No geral, os respondentes são moradores de área urbana, habitando as casas com sua(s) mãe(s)/madrastra(s) e/ou pai(s)/padrasto(s). Dos 162 estudantes, 87 foram do sexo feminino, 74 do sexo masculino e um não binário.

Gráfico 1: Dados referentes à identificação de gênero



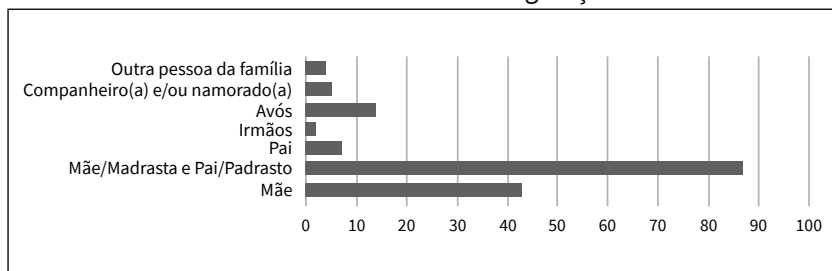
Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 2: Dados referentes à moradia



Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 3: Dados referentes à configuração familiar



Fonte: Elaborado pelos autores

Logo, 40 estudantes moram apenas com a mãe, 87 com casal de mãe(s)/madrasta(s) e/ou pai(s)/padrasto(s), 14 com os avós, 7 apenas com o pai, 5 com o namorado(a), 2 apenas com irmãos e 4 com outros parentes.

Saúde e bem-estar

A temática da saúde e bem-estar nos chamou bastante a atenção nos resultados. Embora esperássemos que os efeitos da pandemia na vida dos adolescentes tivessem sido realmente prejudiciais, fomos surpreendidos, principalmente pelos resultados referentes à gravidade na saúde mental. Podemos observar que as condições de saúde emocional foi um tema predominante para esses jovens, sendo que 54,9% desenvolveram ou agravaram a ansiedade durante a pandemia, 32% relataram insônia, 27% apontaram ganho ou perda exagerada de peso, 24,6% apresentaram bipolaridade, 12,9% depressão e 11,7% TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade). Em taxas menores, mas não menos importante, 8% relataram pânico; 8,6% transtornos de personalidade; 8% tiveram anemia; 6,7% TOC; 4,3% automutilação; 3,7% anorexia; e 2,4% bulimia.

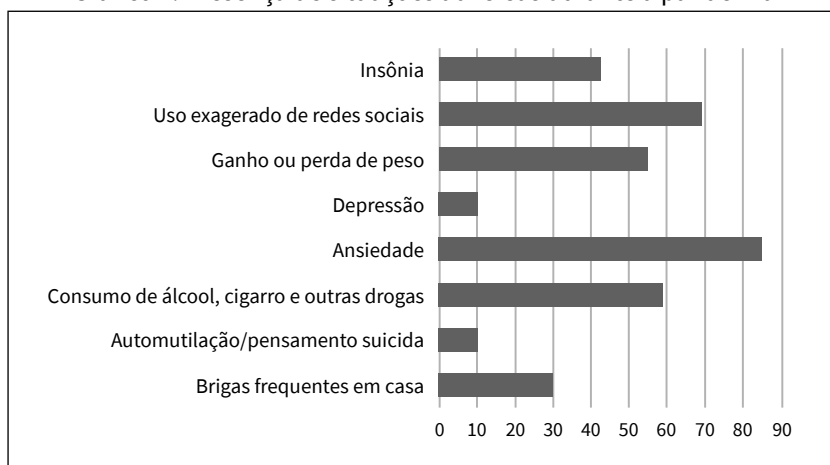
As respostas para essas perguntas foram de marcação múltipla. Os dados apontam, em média, duas ou mais situações de saúde emocional, em virtude da pandemia. O aumento de pensamentos negativos, sentimentos de impotência, solidão, tédio, tristeza e/ou exaustão, também ficaram evidentes durante o desenvolvimento da pesquisa. 100 jovens relataram sentir-se entediados(as), 95 impacientes, 87 exaustos(as), 84 tristes, 77 sobrecarregados(as), 73 solitários(as), 69 impotentes, diante do contexto pandêmico, e 49 assustados(as).

O isolamento social e o distanciamento físico contribuíram para que esses sentimentos aflorassem nos adolescentes. O fato de não poder se encontrar com amigos, ir à escola, a grupos da igreja ou mesmo a encontros em espaços de lazer, comprometeu a socialização para além do ambiente familiar. Nesse sentido, os relacionamentos dentro de casa ficaram desgastados, e os conflitos mais evidentes, enquanto os relacionamentos externos ficaram prejudicados, e o uso exagerado de redes sociais obteve aumento considerável, segundo os dados. Nesse esteio, 69 jovens admitiram acessar as redes sociais de forma inadequada, ou

seja, houve o acesso com maior frequência que antes da pandemia, e mais da metade dos jovens desenvolveram ansiedade excessiva.

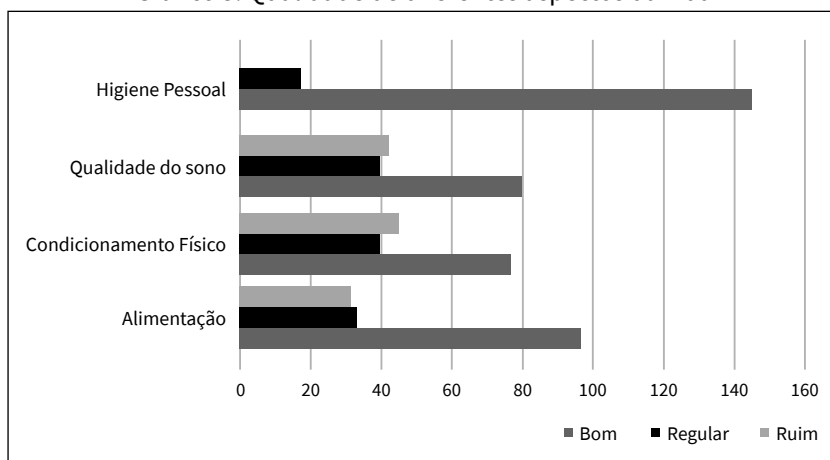
Ao serem questionados sobre situações, como brigas frequentes no ambiente familiar, automutilação ou pensamento suicida, aumento do consumo de álcool cigarros ou outras drogas ilícitas, ganho ou perda de peso, entre outros, obtivemos os resultados apresentados a seguir:

Gráfico 4: Presença de situações adversas durante a pandemia



Fonte: Elaborado pelos autores

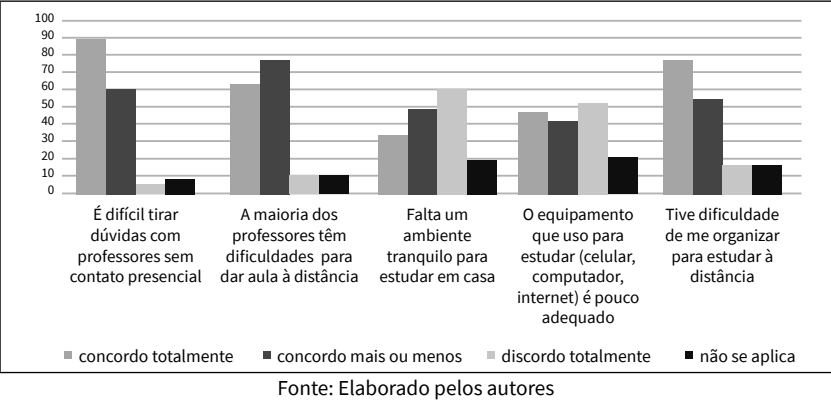
Gráfico 5: Qualidade de diferentes aspectos da vida



Fonte: Elaborado pelos autores

Educação e aprendizagem

Gráfico 6: Educação e ensino remoto



Sobre a educação e os processos de aprendizagem, a maioria dos jovens concorda totalmente acerca da dificuldade de acessar os professores sem o contato presencial; concorda em parte ou totalmente que os professores têm dificuldade para ministrar aulas à distância e que tiveram dificuldade de se organizar para estudar à distância. A metade dos estudantes considera que as dificuldades do ensino não foram efeito da causa do ambiente familiar não ser tranquilo para estudar, e quase a metade deles consideram o uso da internet pouco adequado ao processo de ensino e aprendizagem. Entre os 162 alunos ativos entrevistados, 57 responderam que pensaram em parar os estudos durante a pandemia, somando um total de 35% dos entrevistados.

Trabalho e renda

Gráfico 7: Renda e Pandemia

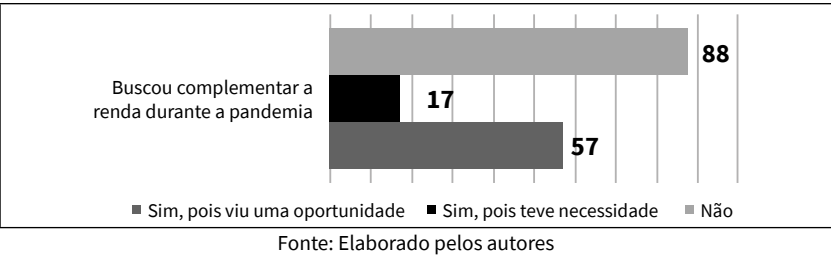
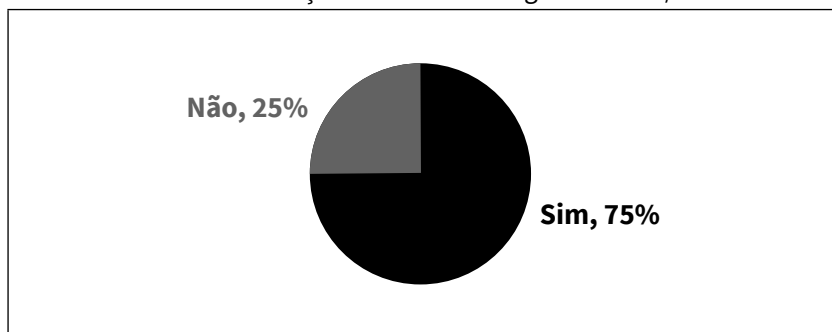


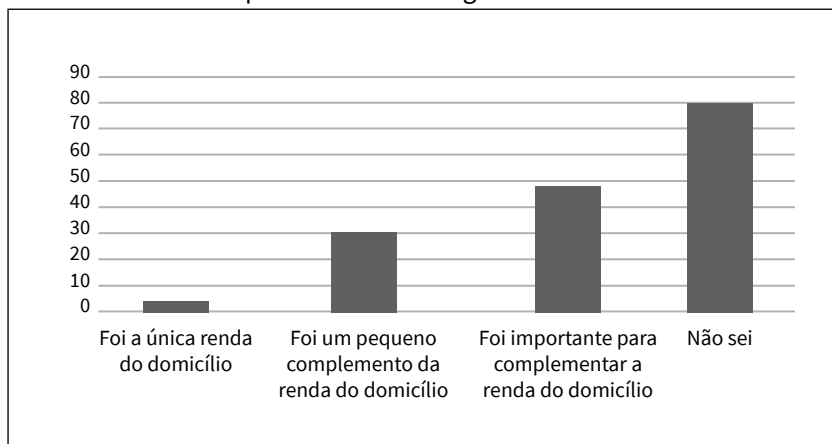
Gráfico 8: Utilização do auxílio emergencial 2020/2021



Fonte: Elaborado pelos autores

Em relação às famílias, dos 162 estudantes, 121 receberam o auxílio emergencial durante a pandemia e apenas 41 não receberam auxílio. Questionados sobre o papel do auxílio emergencial em seu domicílio, mais da metade dos estudantes respondeu que foi utilizado na renda.

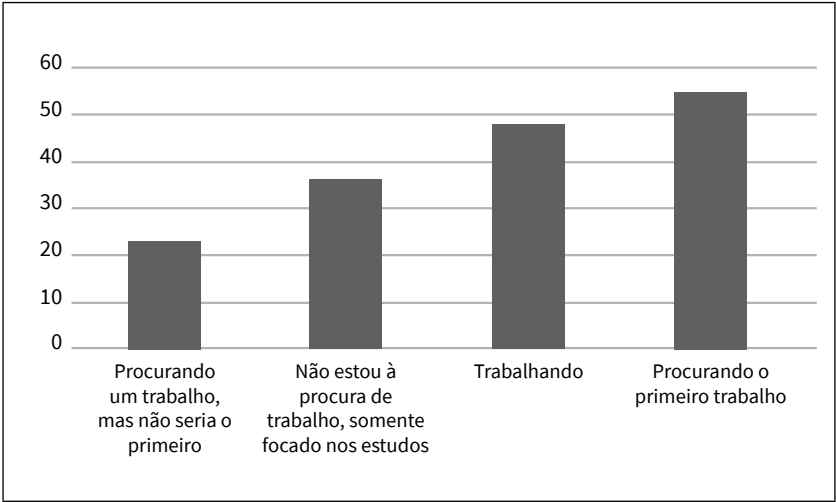
Gráfico 9: Papel do Auxílio Emergencial em seu domicílio



Fonte: Elaborado pelos autores

Sobre o risco para a continuidade dos estudos, apenas 36 estudantes estão totalmente focados nos estudos, e ao menos 35% consideraram parar seus estudos, mas o que os mantém na escola, de modo geral, é a preocupação com o futuro e o ingresso no mercado de trabalho.

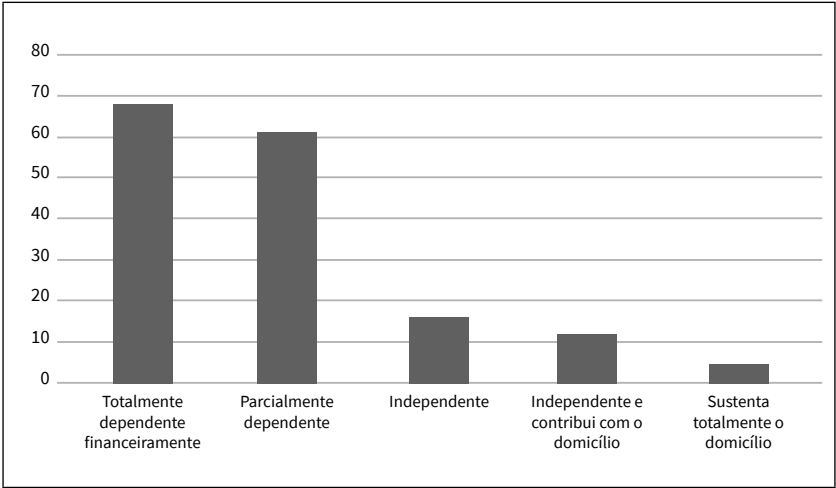
Gráfico 10: Trabalho e pandemia



Fonte: Elaborado pelos autores

A situação econômica atual dos estudantes demonstra que a busca por emprego e complementação de renda cresceu desde a pandemia. 58% dos entrevistados, atualmente, participam da vida econômica de seu domicílio de modo parcial ou total.

Gráfico 11: Situação econômica atual



Fonte: Elaborado pelos autores

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de Covid-19 desenhou um cenário favorável à precarização do trabalho, o que contribuiu para o aumento considerável do trabalho informal e as condições insalubres. Com as medidas de isolamento social, distanciamento físico para conter os avanços nos casos de transmissão do vírus Covid-19, o trabalho precário ficou ainda mais evidente, e as pessoas das classes sociais mais baixas foram as mais afetadas com a questão da renda.

A juventude, por isso, precisou se reinventar, e muitos jovens tiveram que procurar o primeiro emprego ou um trabalho informal para complementar a renda familiar e ajudar financeiramente em casa, uma vez que a alta nos preços, principalmente dos itens alimentícios, cresceu exponencialmente. Outros, perderam o emprego, pois a economia ficou bastante afetada com o *lockdown*. Ademais, desde o início da pandemia até os dias de hoje, a inflação se manteve em alta, e produtos e mercadorias básicas e essenciais acabaram por se tornar cada vez mais dispensáveis. Foi e é preciso, portanto, priorizar determinados produtos em detrimento de outros, pois o acesso ficou restrito, e as mercadorias dobraram de preço, por exemplo: o arroz, o leite, a carne, o ovo, a gasolina etc.

Segundo a estudante e pesquisadora Isabela de Oliveira, em reunião do Núcleo de Pesquisa: “O projeto não é algo que só vai nos ajudar na escola, mas pode nos ajudar na faculdade, no trabalho, vai ser uma experiência para o nosso futuro”. Ainda, segundo Paulo Sérgio Brunhara de Barros Filho, outro jovem pesquisador:

Conseguimos aplicar com sucesso o questionário feito com os computadores da escola, onde abordamos o tema “Saúde mental durante a pandemia” com os alunos, pela grande alta nos problemas psicológicos nos jovens que veio junto à pandemia. O projeto me proporcionou grandes emoções, ajudando a ficar mais próximo dos meus colegas de ensino e professores, estou sempre dando meu melhor para realização do trabalho, que pode me ajudar, nos ajudar, no futuro, para entrar em uma faculdade, conseguir um emprego etc. (Aluno pesquisador).

Assim sendo, os dados alcançados por nossa pesquisa podem contribuir para o debate público por meio de diálogo e articulação social, além

de auxiliar instituições públicas e privadas a ajudarem os jovens ao estimular novos trabalhos, política de renda e ampliação de empregos formais.

O contexto da pandemia, por conseguinte, impôs um novo modelo educacional baseado nas tecnologias digitais e em uma metodologia online. Houve o fechamento de muitas escolas, evasão escolar e atraso na aprendizagem de muitos adolescentes, principalmente daqueles com acesso restrito à internet e carência de recursos tecnológicos, como celular e computador, além de condições desfavoráveis do ambiente familiar para os estudos. Nesse sentido, a crise sanitária serviu para aprofundar ainda mais as desigualdades educacionais e diminuir a motivação dos jovens em continuar os estudos durante e após a pandemia. Um exemplo disso é o retorno das aulas presenciais e as lacunas deixadas pelo REANP nos adolescentes, principalmente daqueles pertencentes a classes sociais mais baixas.

O aprofundamento dos problemas sociais e seus efeitos sobre a saúde mental, o processo educativo, e a vida econômica e profissional dos jovens tornou urgente produzir dados atualizados, revelando evidências através de mecanismos que permitiram ampliar a voz dos jovens, seus anseios, e que permitam transformar a realidade, ao apoiar a formulação e a concretização de respostas.

Dados relevantes demonstram que os jovens aumentaram ou desenvolveram, principalmente, ansiedade, impaciência, fizeram o uso exagerado de redes sociais e ainda de álcool, cigarro e outras drogas ilícitas, além de adquirirem variados pensamentos prejudiciais durante a pandemia. Diante desses fatos, deve-se buscar garantir o atendimento psicológico na escola, através de iniciativas da saúde pública.

Por fim, trazendo evidências que orientem decisões de políticas públicas e ações da sociedade civil, próximas pesquisas relacionadas a esta poderão comparar os dados e detectar aumento ou diminuição de questões relevantes na vida dos estudantes, criando e ampliando espaços de diálogo e mensuração, a fim de definir caminhos e prioridades, pautar e influenciar decisões públicas ou privadas, subsidiar políticas e programas para as juventudes.

OS IMPACTOS CAUSADOS NA VIDA ESCOLAR DOS(AS) ALUNOS(AS) DO ENSINO MÉDIO DURANTE O PERÍODO DA PANDEMIA PELA COVID-19

Amanda Martins Honorato⁴, Ana Vitória Lopes de Paula¹, Débora de Sousa Soares¹, Êmilly Cristini Rodrigues Castro¹, João Pedro Batista dos Reis¹, Maria Eduarda Rodrigues Castro¹, Mariana de Oliveira Grampes¹, Marielly Christina Pereira da Silva¹, Nilson Gonçalves da Silva Júnior¹, Pedro Henrique Oliveira Costa¹, Yasmin Aparecida Silveira Rosa¹, Aline Aparecida de Oliveira⁵, Cátia de Castro Dias⁶

1 INTRODUÇÃO

Concluir o Ensino Médio e ter um futuro acadêmico são objetivos acessíveis e desejados por todos os estudantes da Escola Estadual “Deiró Eunápio Borges”. Porém, será que esses objetivos estavam ao alcance de todos durante a pandemia da Covid-19? Os impactos da pandemia foram evidentes e afetaram diversas esferas da sociedade, e o setor educacional

4 Escola Estadual Deiró Eunápio Borges (Patos de Minas/MG).

5 Orientadora, Escola Estadual Deiró Eunápio Borges (Patos de Minas/MG), aline.oliveira55@educacao.mg.gov.br.

6 Tutora, Escola Estadual Ilídio Caixeta de Melo (Patos de Minas/MG), catia.dias@educacao.mg.gov.br.

não foi exceção. Um dos principais efeitos foi a evasão escolar, especialmente entre os alunos que cursaram o Ensino Médio durante o período do REANP (Regime Especial de Aulas Não Presenciais) da instituição. Quais foram as causas dessa evasão escolar e a omissão na realização e na entrega das atividades dos PETs (Planos de Estudos Tutorados)? Como a escola pode refletir sobre os impactos na vida escolar dos estudantes durante a pandemia da Covid-19?

Este relato de experiência visa compreender as motivações que tornaram a vida escolar secundária para muitos alunos, associadas a condições econômicas adversas durante o período de afastamento social. A pandemia gerou transtornos globais, e, no contexto educacional, foi possível observar um aumento significativo da falta de entrega e/ou atraso de atividades propostas durante o REANP. Nosso objetivo é entender as razões das desistências, dos atrasos e das faltas nas entregas das atividades, analisando cientificamente as realidades dos alunos matriculados nos anos de 2020 e 2021, em especial na nossa escola. Buscamos identificar as dificuldades enfrentadas e propor soluções que a instituição pode adotar para minimizar os impactos educacionais causados pela pandemia. Entre as principais razões para a desistência e a desmotivação, destacamos problemas financeiros, inserção no mercado de trabalho, desemprego dos responsáveis, perda de entes queridos, falta de apoio da rede educacional, procrastinação e falta de interesse dos estudantes. Este estudo também reflete sobre possíveis falhas no sistema de ensino de Minas Gerais durante o período do REANP, alertando para os obstáculos enfrentados pelos alunos do Ensino Médio.

2 DESENVOLVIMENTO

O projeto teve como finalidade uma pesquisa quali-quantitativa, realizada por um cuidadoso levantamento bibliográfico e construção do relato de experiência. A coleta de dados foi realizada utilizando instrumentos de pesquisa, como visitas a faculdades e bibliotecas do município de

Patos de Minas/MG; leitura e levantamento bibliográfico; e reuniões, para debates, leitura de artigos científicos e aplicação de questionário fechado para os(as) estudantes voluntários que estavam matriculados no Ensino Médio durante o período pandêmico de Covid-19, 2020/2021.

Todo o processo envolveu 12 estudantes-pesquisadores e a professora-orientadora, com acompanhamento de uma tutora. Um dos objetivos da pesquisa foi entender como os estudantes têm lidado com o desafio de estudar e trabalhar, muitas vezes tornando os estudos como atividade secundária.

Foi verificado junto à documentação da escola os registros dos índices de entrega de PETs (Plano de Estudos Tutorados) em datas estabelecidas, com atraso ou omissão nas entregas. Averiguamos também os contextos econômico e familiar, e as motivações de inserção desses estudantes no mundo do trabalho. Realizamos ainda palestras com ex-alunos(as) da escola (em parceria com o pedagógico, equipe diretiva e os profissionais da área de humanas) durante a Feira do Empreendedorismo. Os ex-alunos mostraram aos estudantes a importância de conciliarem seus trabalhos, ocupações e ações empreendedoras com a aprendizagem significativa, motivando assim a permanência dos alunos no Ensino Médio.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na Constituição Federal de 1988, se assegura o direito à educação previsto em seu art. 205, em que se lê: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988 *apud* Barreto; Amorim; Cunha, 2020, p. 796).

No período em que ocorreu a pandemia da Covid-19 e que ocasionou a necessidade de um distanciamento na prevenção contra a doença já mencionada acima, sofremos grandes mudanças e impactos, com destaque para a área educacional. Barreto, Amorim e Cunha dizem

que a “Covid-19 causou um enorme choque no campo educacional, trazendo mudanças drásticas na realidade das escolas públicas e privadas” (Barreto; Amorim; Cunha, 2020, p. 795).

Em 17 março de 2020, a Portaria número 343, que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus, foi publicada, garantindo que as instituições de ensino poderiam substituir as aulas presenciais por aulas em meios digitais durante o período pandêmico e como medida protetiva de contenção do vírus (Barreto; Amorim; Cunha, 2020, p. 796).

Mediante a realidade de contágio e óbitos, a estratégia utilizada para continuar ofertando ensino e aprendizagem em Minas Gerais foi o REANP (Regime Especial de Aulas Não Presenciais), através de aulas televisionadas, plataformas digitais (*Google Classroom*, *Google Meet* etc.) e realização e entrega das atividades dos PETs (Planos de Estudos Tutorados).

O desenvolvimento do nosso estudo contou com a palestra realizada no dia 24 de setembro de 2020 durante a Mostra de profissões da nossa escola, ministrada pelo ex-aluno e hoje profissional em fotografia C. O ex-aluno relatou a importância de permanecer estudando concomitantemente ao trabalho/ocupação e/ou ações empreendedoras. Entre os tópicos abordados pelo palestrante, foi evidenciado o fato de não ter concluído seus estudos, o que lhe fez falta em atividades rotineiras de sua profissão, como ler, redigir e interpretar um contrato, administrar sua empresa de prestação de serviço, entre outros. O palestrante ainda fez algumas observações sobre os impactos e as dificuldades enfrentadas mediante a pandemia pela Covid-19 em sua área de atuação profissional, mostrando aos(as) estudantes da escola que os estudos são imprescindíveis. O palestrante comentou ainda como o fato de não ter concluído o Ensino Médio pesou na hora de buscar outras áreas de atuação econômica para suprir suas necessidades de sobrevivência em meio a pandemia de Covid-19.

Pautados(as) nas respostas dos(as) estudantes pesquisados(as), discutimos nossa análise a partir da construção de tabelas e gráficos para uma melhor visualização e entendimento de todas as pessoas que terão acesso a esse relato de experiência. As respostas nos permitiram também

uma análise de identificação do nível de dificuldade de acesso às atividades, da quantidade de alunos(as) inseridos ao mercado de trabalho/ocupação e ações empreendedoras durante a pandemia e se esse trabalho/ocupação interferiu em suas vidas escolares.

Tabela 1: Nível de aprendizado dos(as) estudantes pesquisados(as) durante o período REANP (Regime Especial de Aulas Não Presenciais)

Fraco – 22,51%
Regular – 20,47%
Bom – 1,2%
Excelente – 0%

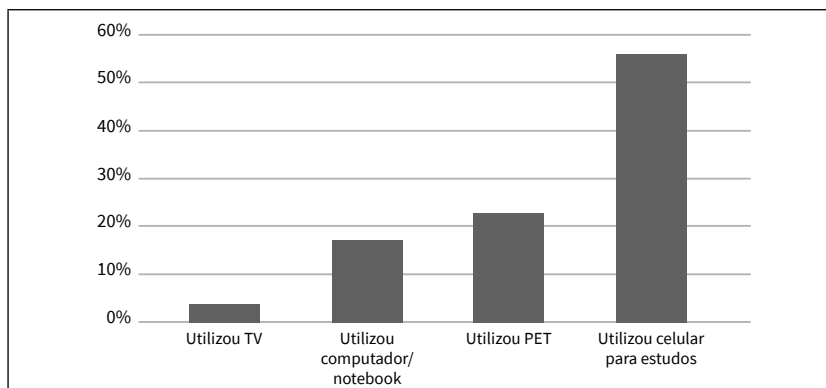
Fonte: Elaborado pelos autores

Tabela 2: Nível de aprendizado dos(as) estudantes pesquisados(as), em porcentagem

Nível de Dificuldade no acesso às atividades ministradas no período REANP (Regime Especial de Aulas Não Presenciais)	Maior dificuldade encontrada em relação aos estudos, durante o período REANP (Regime Especial de Aulas Não Presenciais)
Sem dificuldades - 3%	Sem dificuldades – 0%
Pouco - 57%	Aprendizado – 77%
Médio - 32%	Comunicação- 19%
Muito - 8%	Conciliar estudos/trabalho/ocupação – 4%

Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 1: Meios de acesso aos conteúdos das aulas ministradas

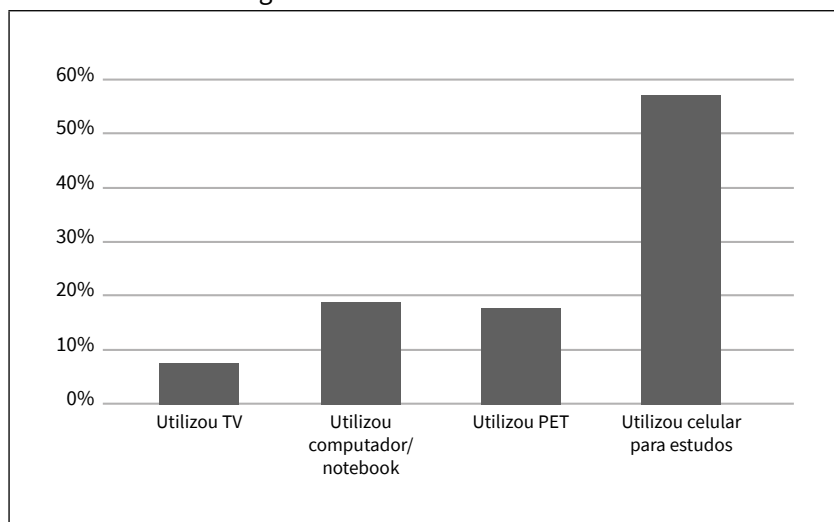


Fonte: Elaborado pelos autores

Analisando as Tabelas 1 e 2, percebe-se que a maior porcentagem dos(as) alunos(as) tiveram algum nível de dificuldade no acesso às atividades ministradas, porém a aprendizagem aparece como a maior dificuldade encontrada durante o REANP (Regime Especial de Aulas Não Presenciais), e o nível de aprendizagem revela um baixo desempenho dos(as) estudantes pesquisados(as).

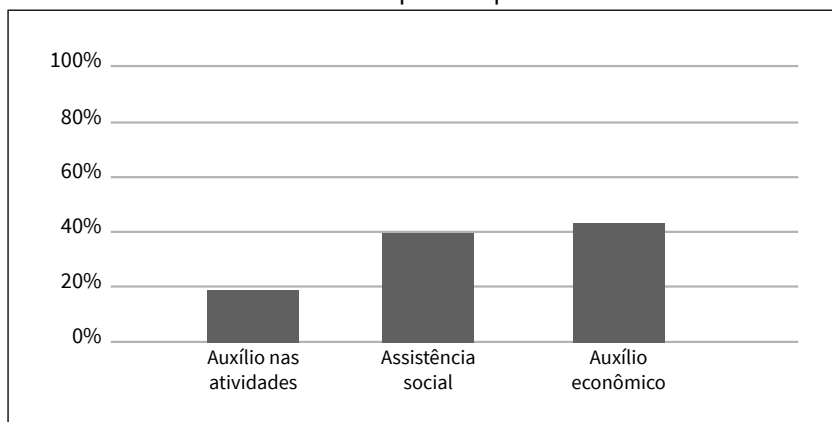
Os gráficos de setores representam quais foram os meios de acesso às atividades mais utilizados pelos(as) alunos(as), obtendo cerca de 56% de acesso através do uso do celular e cerca de 17% de acesso pelas apostilas PETs (Planos de Estudos Tutorados). Os gráficos mostram também que a assistência mais necessária no período da pandemia foi relacionada às condições financeiras, com 41% das respostas, e 40% para a assistência social. Reforçando assim o quanto muitas famílias se encontravam economicamente e/ou emocionalmente desestruturadas, refletindo na escolha do(a) jovem na vida escolar. A escola/educação consegue/conseguiria atuar de alguma maneira mediante tais urgências? Em especial entre os(as) estudantes cursando o Ensino Médio?

Gráfico 2: Porcentagem dos meios de acesso ao conteúdo das aulas



Fonte: Elaborado pelos autores

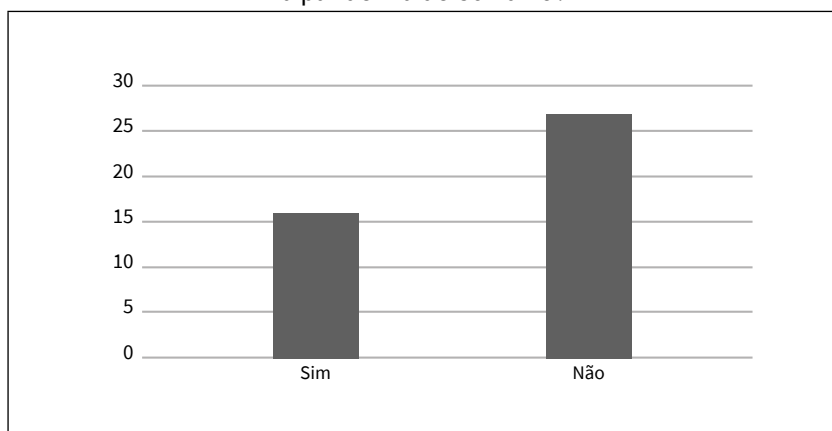
Gráfico 3: Porcentagem da assistência que os(as) estudantes julgaram necessárias no período pandêmico



Fonte: Elaborado pelos autores

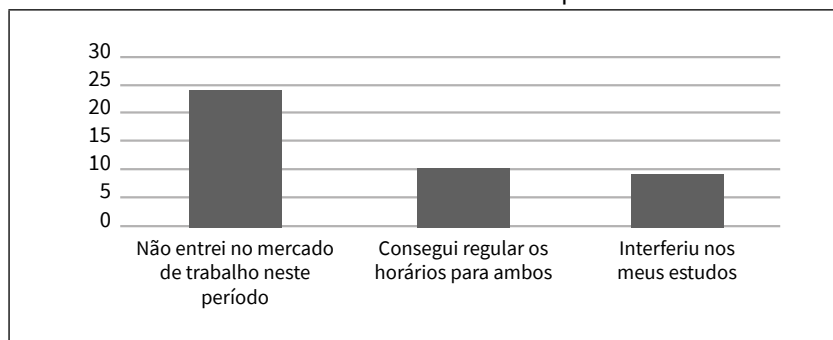
No Gráfico 4, observa-se que não houve grande incidência do ingresso dos(as) estudantes pesquisados(as) no mercado de trabalho durante o período pandêmico (Covid-19). Das 43 respostas, apenas 16 foram positivas para inserção ao mercado de trabalho e atividades empreendedoras.

Gráfico 4: Você se inseriu no mercado de trabalho durante a pandemia de Covid-19?



Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 5: Caso tenha se inserido no mercado de trabalho nesse período, você considera que esse fator interferiu em seus estudos? Você conseguiu realizar todas as atividades no prazo?



Fonte: Elaborado pelos autores

Outro ponto de destaque observado no Gráfico 5 é que apenas nove dos(as) estudantes pesquisados(as), ou seja, a minoria que ingressou ao mercado de trabalho e ações empreendedoras, não conseguiram regular as atividades de trabalho/ocupação/ações empreendedoras e os estudos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo teve o objetivo de refletir sobre os impactos causados na vida escolar dos(as) estudantes do Ensino Médio da Escola Estadual “Deiró Eunápio Borges” no período pandêmico de Covid-19, durante os anos de 2020 e 2021.

Através da análise de como os(as) estudantes conseguiram ou não participar dos estudos propostos pelo REANP (Regime Especial de Aulas Não Presenciais), as respostas nos mostram que não houve um alto índice de ingresso desses jovens no mercado de trabalho, e os que o fizeram não se teve decorrente interferência direta na vida escolar, por parte do trabalho.

Identificando assim que muitos(as) dos(as) alunos(as) desistiram dos seus estudos, atrasaram ou omitiram as entregas de suas

atividades, motivados por suas esferas familiares, econômicas e sociais, mas que os impactos educacionais dentro da nossa área de estudo não tem relação direta com a inserção no mercado de trabalho ou em ações empreendedoras.

REFERÊNCIAS

BARRETO, J. S.; AMORIM, M. R. O. R. M.; CUNHA, C. A Pandemia da Covid-19 e os impactos na educação. *Revista JRG de estudos acadêmicos*, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 792-806, 2020. Disponível em: <http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/150>. Acesso em: 21 dez. 2024.

ISOLAMENTO SOCIAL E JUVENTUDE: CONSEQUÊNCIAS E SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À ESCOLA

Ana Cecília de Cássia Cunha¹, Bianca Figueiredo Flor¹, Bruna Barone Luiz da Silva¹, Bruna Santos Borges¹, Gabriel Fernandes Pereira¹, Letícia Conde Amorim¹, Luiz Guilherme Alves¹, Maria Paula de Souza¹, Rafael Christian de Paula¹, Matheus de Campos Nucci², Emerson Matos de Oliveira³

1 INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa teve o intuito de investigar os efeitos e os desdobramentos do período de isolamento social, durante os anos de 2020 e 2021, dentro do ambiente escolar, e a forma como o estudante enxerga a escola. Nosso foco foram os estudantes da E. E. Pedro de Alcântara, localizada no município de Varginha. O objetivo foi o de apurar as mudanças e as consequências sentidas e sofridas pelos estudantes depois de quase dois anos de ensino remoto. Por meio da aplicação de questionários, buscamos compreender qual é a percepção do estudante sobre os efeitos do período afastado da escola, dos amigos e dos professores.

1 Escola Estadual Pedro de Alcântara (Varginha/MG).

2 Orientador, Escola Estadual Pedro de Alcântara (Varginha/MG), matheus.nucci@educacao.mg.gov.br.

3 Tutor, Escola Estadual Eulália Gomes de Oliveira (Itajubá/MG), emerson.matos@educacao.mg.gov.br.

Algumas das questões abordadas tratam de assuntos como: Qual foi o sentimento de estudar no método de ensino remoto? Como foi o cuidado com a saúde? O estudante considera estar preparado para o Enem e vestibulares? Como foi a utilização dos Planos de Estudo Tutorados (PETS) e a participação nas aulas online?

A pesquisa se mostra relevante na medida em que é necessário termos uma melhor compreensão sobre os desdobramentos ocasionados pelas transformações recentes vividas na vida dos jovens estudantes, que passaram a ocupar o local central na relação de ensino aprendizagem, tendo que trabalhar de forma mais autônoma e independente. Para isso, nos questionamos: o que eles sentiram? Quais foram as suas vontades e pensamentos? Foi possível manter uma rotina de estudos diário? Houve vontade de abandonar os estudos? Qual a autoavaliação sobre a saúde física e mental? Foi possível manter a motivação?

Entendemos que esses tipos de questões, além de outras, são fundamentais e importantes para primeiramente compreender a realidade que estamos inseridos e, posteriormente, traçar planos e projetos para a escola, baseando-se nos dados concretos obtidos pela pesquisa.

2 DESENVOLVIMENTO

O grupo contou com nove estudantes-pesquisadores que tiveram participação efetiva, além de três que tiveram que se desligar do projeto por motivos diversos. Os encontros aconteceram de maneira online por meio do *Google Meet*, e de forma presencial, no prédio escolar. Utilizamos frequentemente um grupo no *WhatsApp* para troca de informações, solicitações e debates. Além disso, também utilizamos uma sala de aula no *Google Classroom*.

A pesquisa iniciou com a leitura e o fichamento dos textos selecionados na bibliografia, trabalho que foi acompanhado também por momentos de debate e discussões sobre aquilo que os membros consideraram mais importante nas leituras para o andamento da pesquisa. Com

os fichamentos prontos, e o tema já mais familiar para os pesquisadores, iniciamos a fase de produção do instrumento de pesquisa, um questionário estruturado de entrevista.

Nossa pesquisa tem característica descritiva e de abordagem quali-quantitativa, na qual foram utilizados dados numéricos e perguntas abertas. A entrevista contou com 47 questões no total e focou quatro eixos principais: Saúde (física e mental), Educação, Família e Futuro (trabalho e estudo). Nosso objetivo foi compreender o impacto sentido pelo estudante nesses aspectos de sua vida. No total, obtivemos quase 13 mil inserções de respostas individuais, direcionados aos alunos do Ensino Médio.

Após o preenchimento do termo de consentimento e os demais documentos, o questionário foi aplicado de forma presencial, dentro da sala de aula, com a colaboração e a participação de todos os professores da escola, ajuda importante para conseguirmos coletar um número maior de respostas, possibilitando compreender a questão de maneira mais ampla.

Com os dados em mãos, o grupo passou os questionários para o formato digital, no Google formulário, possibilitando o trabalho de análise dos resultados de maneira mais prática e eficiente, pois o sistema possibilitou a organização dos dados. Todas as etapas do trabalho foram divididas e executadas pelos membros do grupo, respeitando os prazos e as orientações do professor responsável. Houve durante todo o momento apoio e colaboração da direção escolar e de todo o corpo docente.

Com os resultados da pesquisa, o grupo se reuniu frequentemente para discutir os resultados evidenciados. Os dados foram organizados utilizando o *Microsoft Excel* e analisados por meio de artigos relacionados ao tema. Foi criado um documento compartilhado onde todos colocaram suas percepções e análises sobre os resultados encontrados, sempre considerando a bibliografia estudada.

Foi elaborado um “Mural ICEB” na escola, com informações e resultados do nosso projeto, buscando divulgar e incentivar a participação científica na comunidade escolar. Realizamos durante a “Semana de

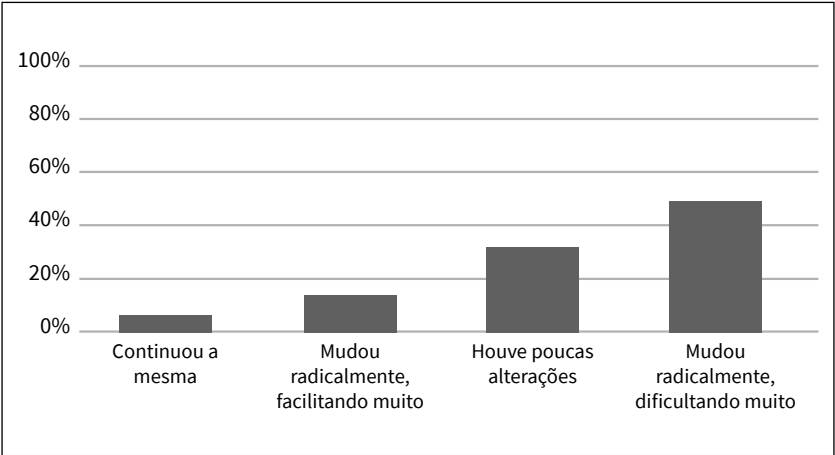
Educação para a Vida” a apresentação do projeto para toda a comunidade escolar, incentivando e estimulando os estudantes a participarem de edições futuras, deste e de outros projetos acadêmicos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Consideramos ter encontrado dados extremamente relevantes para entender o contexto vivido pelos alunos da nossa unidade escolar. Com a aplicação de 268 questionários, contendo 47 perguntas em cada, totalizamos 12.596 inserções, conseguindo ter uma visão bem ampla do nosso público.

Entre os resultados coletados, podemos apontar alguns dados: Apenas 1.9% dos estudantes não tomaram cuidados e precauções contra a Covid-19, o que significa que houve conscientização adequada, seguida de mudanças de comportamento, buscando se proteger do contágio. 40% não praticaram nenhum tipo de esportes ou atividades físicas, apontando um cenário de sedentarismo por grande parte dos estudantes. Outro resultado importante é que 49% sentiram uma mudança drástica em suas rotinas diárias.

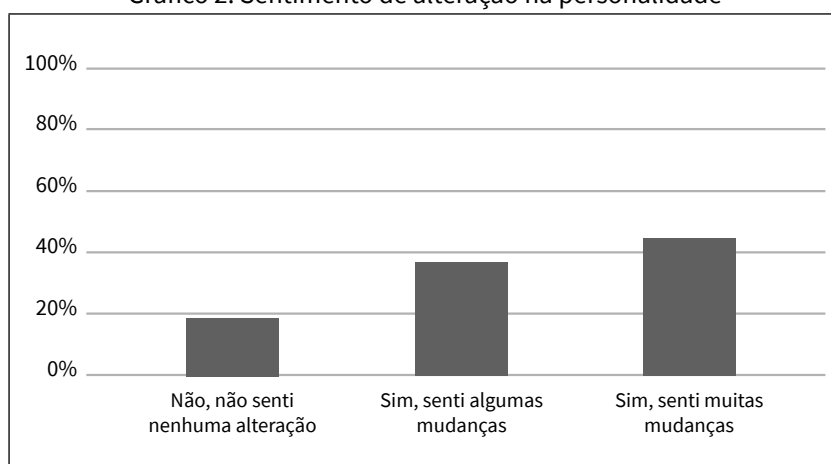
Gráfico 1: Sobre a percepção pessoal de mudança na própria rotina



Fonte: Elaborado pelos autores

Em relação a crises de ansiedade, 50% dos entrevistados afirmaram ter sofrido com esse problema, e 75% não tiveram nenhum tipo de atendimento psicológico, sequer uma vez, deixando evidente que, por mais que os problemas psicológicos estejam acontecendo de maneira recorrente, não tem ocorrido uma procura por atendimento especializado, por parte das famílias. Outro dado relevante é que 82% consideram ter sofrido mudanças na personalidade.

Gráfico 2: Sentimento de alteração na personalidade



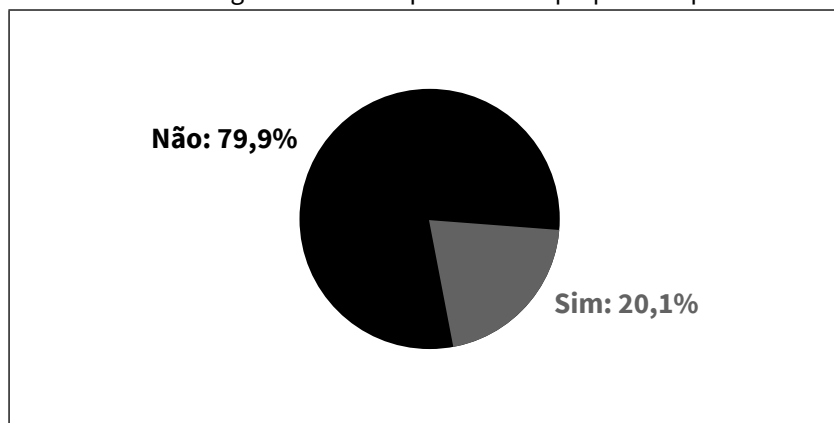
Fonte: Elaborado pelos autores

Apenas 28% dos estudantes utilizaram frequentemente o aplicativo Conexão Escola. Isso infelizmente revela que a alternativa adotada pela Secretaria de Educação não teve a eficiência esperada, nem a adesão necessária. Ainda em relação as ferramentas utilizadas pela Secretaria de Educação, 47% consideram os PETs (Planos de Estudos Tutorados) como ruins/péssimos para o aprendizado. O que nos ajuda a compreender porque grande parte dos alunos considera não ter tido um bom aprendizado durante o período de aulas remotas. Diferentemente de dados das escolas particulares, que tiveram uma resposta mais rápida e efetiva em encontrar ferramentas para a continuidade das aulas, criando uma diferença ainda maior entre os níveis de ensino: público e privado (Valle; Marcom, 2020).

Outros dados permitiram observar que 69% se consideram com maior dificuldade de concentração, o que está ficando evidenciado durante as aulas, tanto por parte dos estudantes como dos professores. Somente 10% não consideram estar sentindo dificuldade em acompanhar as matérias. Isso deixa claro que a grande maioria dos estudantes precisa de uma atenção especial, buscando sanar as dificuldades, na medida do possível. E, talvez um dos dados mais alarmantes: somente 20% dizem se sentir preparados para Enem e vestibular.

Os dados citados acima corroboram com o que foi apontado no Relatório Conjuve (2021). A visão sobre o Enem também revela desafios para a continuidade dos estudos, aumenta o número de indecisos em relação à realização da prova e cresce a proporção de jovens que já pensaram em desistir do exame (Conjuve, 2021).

Gráfico 3: Porcentagem de alunos que se dizem preparados para o ENEM



Fonte: Elaborado pelos autores

Analisando os dados, percebemos que existe uma grande vontade por parte dos estudantes de seguirem na carreira acadêmica, por meio do Enem e de vestibulares, porém o número de alunos que se sentem aptos e capacitados para isso se mostrou extremamente baixo, o que revela a necessidade da recuperação da autoestima e da capacidade de acreditar em seu próprio potencial e habilidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando todo o contexto, percebemos a necessidade de compreender melhor o momento tão difícil que foi vivido por nós durante o período de aulas remotas. Isso fez com que nós pesquisadores tivéssemos um grande envolvimento e estímulo em participar de todas as etapas do projeto, sempre com sugestões e ideias novas.

A percepção dos estudantes avaliados é que o retorno presencial foi um desafio muito grande, repleto de dificuldades e novidades, e que entender esse contexto é fundamental para a escola elaborar intervenções e mudanças na rotina escolar, buscando resolver problemas que surgiram graças ao tempo excessivo em que o aluno permaneceu longe fisicamente da sala de aula e do ambiente escolar.

Entre os principais resultados, destacamos a baixa percepção sobre o preparo dos estudantes na participação do Enem, deixando uma grande lacuna no desenvolvimento profissional e acadêmico; e os relatos e as dificuldades psicológicas que diminuem ainda mais a motivação para superar os desafios impostos pela sociedade.

O trabalho em grupo foi uma oportunidade excelente de crescimento individual, além do desenvolvimento de diversas habilidades coletivas, como participar de debates, construir fichamentos, elaborar um formulário de pesquisa, ler em público e interagir com estudantes de outras turmas. As reuniões nos possibilitaram refletir sobre o nosso trabalho, buscando soluções e alternativas para cada etapa da pesquisa.

O maior desafio foi certamente conseguir encontrar horários compatíveis para reunir o grupo, visto que muitos estudantes estão trabalhando ou fazendo cursos no contraturno escolar. Porém, nesse ponto, o grupo de *WhatsApp* e a sala do Classroom colaboraram bastante, possibilitando a participação efetiva de todos.

Todos os membros fizeram um texto com a sua versão pessoal da “experiência no ICEB” por orientação do professor. Foi um trabalho de redação, feito na biblioteca da escola, onde os estudantes puderam

ler para os outros e fazer a exposição das suas opiniões e sentimentos sobre o projeto.

REFERÊNCIAS

CONJUVE – Conselho Nacional de Juventude. *Relatório Nacional: juventudes e a pandemia do Coronavírus*. 2. ed. Conjuve, 2021. Disponível em: https://atlasdasjuventudes.com.br/wp-content/uploads/2021/08/JuventudesEPandemia2_Relatorio_Nacional_20210702.pdf. Acesso em: 09 dez. 2024.

VALLE, P, D.; MARCOM, J, R. Desafios da prática pedagógica e as competências para ensinar em tempos de pandemia. *In*: PALU, J.

*Este volume integra a Coleção ICEB lançada em 2025 pela Editora da
Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).*

*O texto foi composto em Source Sans Pro, de Paul D. Hunt, e as aberturas de capítulo
em Leitura Sans, de Dino dos Santos. O projeto gráfico se inspira no universo escolar,
utilizando linhas pautadas, verticais, horizontais e quadriculadas, que foram
combinadas e transformadas em diversas padronagens, aplicadas a cada volume.*

*Para mais informações sobre outros títulos da Editora Unimontes,
visite www.editora.unimontes.br.*